

2023



REAP Revista de Estudos
Anglo-Portugueses

JAPPS

Journal of Anglo-Portuguese Studies

Centre for English, Translation
and Anglo-Portuguese Studies



2023



REAP Revista de Estudos
Anglo-Portugueses

JAPPS

2023



REAP Revista de Estudos
Anglo-Portugueses

JAPS

Journal of Anglo-Portuguese Studies

Centre for English, Translation
and Anglo-Portuguese Studies



TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses / Journal of Anglo-Portuguese Studies

Número 32 2023

ISSN: 0871-6820

SCOPUS / LATINDEX / RUN / MIAR / DOCBWEB

URL: <http://japs.fcsh.unl.pt>

DOI: <https://doi.org/10.34619/1bwr-bzoq>

DIRECTORA

Gabriela Gândara Terenas, CETAPS/NOVA FCSH, Professora Catedrática
gandaraterenas@gmail.com

APOIO EDITORIAL E À DIRECÇÃO

Cristina Carinhas

COMISSÃO REDACTORIAL DA NOVA FCSH

Maria Teresa Pinto Coelho, IHC, Professora Catedrática e *Honorary Research Fellow* na Universidade de Oxford

Rogério Miguel Puga, CETAPS, Professor Associado

João Paulo Ascenso Pereira da Silva, CETAPS, Professor Auxiliar

Maria da Conceição Castel-Branco, CETAPS, Professora Auxiliar

Maria Zulmira Castanheira, CETAPS, Professora Auxiliar

COMISSÃO REDACTORIAL EXTERNA

Malyn Newitt, King's College, University of London (Professor Emeritus)

Hilary Owen, University of Manchester (Professor Emerita) & University of Oxford (Senior Research Fellow)

Paulo de Medeiros, University of Warwick (Full Professor)

Rui Miranda, University of Nottingham (Associate Professor)

Claudia Pazos Alonso, University of Oxford (Full Professor)

Paul de Melo e Castro, University of Glasgow (Lecturer)

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26 - C - 1069-061 Lisboa

<http://www.cetaps.com>

DESIGN

Nuno Pacheco Silva

PAGINAÇÃO

Margarida Baldaia

EDIÇÃO

Tiragem: 100 exemplares

Financiada por fundos nacionais através da
FCT - Fundação para a Ciência e A Tecnologia, I.P.,
no âmbito do projecto UIDB/04097/2020

Edições Húmus, Lda., 2023

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão - V. N. Famalicão

Telef.: 926 375 305

humus@humus.com.pt | <https://edicoeshumus.pt/>

DISTRIBUIÇÃO

Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies

Depósito Legal n.º 93441/95

ÍNDICE TABLE OF CONTENTS

EDITORIAL	7
EDITORIAL	13
PROJECTOS PROJECTS	
1. Miguel Alarcão, “Chaucer e Camões”	17
ESTUDOS ESSAYS	
1. Luís Henrique Menezes Fernandes, “Os Efeitos da Cooperação Britânica na Tradução, Edição e Popularização da Bíblia Almeida: Do Século XVII ao Século XIX”	29
2. Jorge Bastos da Silva, “Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)”	55
3. Rui Moura, “Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness”	73
4. Rogério Miguel Puga, “Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: A Guerra do Ópio e a Presença Britânica na China no (Guia do) Panorama <i>Description of a View of Macao</i> (1840), de Robert Burford”	109
5. Teresa Pereira, “A ‘grande republica fundada por Washington’: Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em <i>O Panorama</i> ”	165
6. Miguel Ribeiro Pedras, “The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict	203
7. David Evans, “The Influence of Contemporary Social and Political Factors on Portuguese Translations of Kipling’s Poem ‘If’: A Tentative Chronology (1910-1960)”	227

8. Gabriela Gândara Terenas, "Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20th Century (1913)" 287

9. Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva, "The Portuguese Mr. Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*" 307

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

1. Iolanda Freitas Ramos, "Isabel Machado. *Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português*. Lisboa: Manuscrito, 2022" 329

2. João Paulo Ascenso Pereira da Silva, "Neill Lochery. *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*. New York: Public Affairs, 2012 (2011)" 337

ABSTRACTS 351

BIOGRAPHICAL NOTES 357

PUBLICATION ETHICS AND PUBLICATION MALPRACTICE 363

EDITORIAL

O estudo da Escrita de Viagens, que, em grande medida, consolidou a área dos Estudos Anglo-Portugueses na NOVA FCSH, continua a atrair investigadores, ao mesmo tempo que tem vindo a adquirir novos corolários e perspectivas de análise. Na senda dos primeiros trabalhos produzidos neste âmbito, Rui Moura, em “Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness”, apresenta uma investigação corrigida da obra de um militar britânico que participou nos acontecimentos relatados, mas que, havia sido, até agora, erradamente atribuída a Andrew Halliday. Embora possa ser facilmente integrada na Escrita de Viagens, a obra não constitui apenas um relato subjectivo das vivências pessoais de uma testemunha ocular, mas trata-se, antes, de um volume de grande envergadura, de cariz quase historiográfico – à semelhança das obras de Hew Dalrymple, de Charles William Vane ou de William Granville Eliot –, que ultrapassa em muito o simples registo de impressões decorrentes da observação individual. Em idêntico contexto, na recensão crítica à obra de Neill Lochery, *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*, João Paulo Ascenso Pereira da Silva considera-a, justamente, uma “narrativa de viagem” a um passado recente, mas com indiscutível valor historiográfico, sobretudo de cariz sociocultural.

Por outro lado, a Escrita de Viagens tem recebido contributos importantes de outras áreas disciplinares como, por exemplo, os Estudos (Pós-)Coloniais, a Literatura Infanto-Juvenil ou os Estudos das Migrações, entre muitas outras. O presente número da *REAP/JAPS* inclui três casos paradigmáticos, na relação que os artigos estabelecem respectivamente com a Cultura Visual, o Orientalismo e o Jornalismo de Viagens. Assim, em “Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: A Guerra do Ópio e a Presença Britânica na China no (Guia do) Panorama *Description of a View of Macao* (1840), de Robert Burford”, Rogério Miguel Puga alia as viagens virtuais à cultura visual vitoriana, a partir do guia do panorama de Macau, entendido simultaneamente enquanto representação histórica, instrumento ideológico ao serviço do império e produto cultural de cariz popular. Por seu turno, Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva, em “The Portuguese Mr.

Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*" analisa comparativamente duas viagens ficcionais, reequacionando os conceitos de realidade e identidade, a partir dos pressupostos teóricos inerentes à definição de orientalismo, tal como preconizada por Edward Said. Por último, Gabriela Gândara Terenas, em "Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20th Century (1913)", estuda a viagem a Portugal empreendida em 1913 por um grupo de jornalistas anglófonos, a convite da Sociedade Propaganda, enquanto um caso de jornalismo de viagens, tal como viria a ser concebido, mais tarde, por teóricos da segunda metade do século XX.

Os jornais têm sido, aliás, preciosas fontes primárias para diversos trabalhos sobre a imagem da Grã-Bretanha na imprensa lusa dos séculos XIX e XX, levados a cabo por diferentes especialistas em Estudos Anglo-Portugueses. Continua, todavia, por realizar uma pesquisa aturada sobre a representação dos Estados Unidos da América no periodismo com vista a obter uma visão mais ampla da presença da(s) cultura(s) anglófona(s) nesses jornais e revistas, nomeadamente no âmbito do projecto em curso, sediado no CETAPS e intitulado "Cross-Cultural Anglo-Portuguese Discourses and the Press". Neste contexto, o artigo de Teresa Pereira, "A 'grande republica fundada por Washington': Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em *O Panorama*" constitui um contributo de relevo para o desenvolvimento do referido projecto.

A relação intrínseca, porque natural, entre os Estudos de Tradução, os Estudos Anglo-Portugueses e os Estudos de Recepção afigura-se, neste número, por demais evidente em quatro dos artigos aqui publicados. Desde logo, na secção de "Projectos", Miguel Alarcão, em "Chaucer e Camões", evoca a relação entre o poeta português e a Literatura Inglesa, sugerindo uma possibilidade de trabalho a desenvolver no futuro, tendo como ponto de partida a proximidade existente entre um episódio de um dos *Canterbury Tales* e outro de *Os Lusíadas*, indicativa, porventura, da influência do primeiro autor no segundo. Neste contexto, afigura-se oportuno recordar que já em 1992 se havia publicado, sob a coordenação da Professora Maria

Leonor Machado de Sousa, um volume colectivo intitulado *Camões em Inglaterra*, resultante da investigação desenvolvida no âmbito do segundo Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses da NOVA FCSH. Tendo em vista o estudo da projecção da figura e da obra de Camões em Inglaterra, a obra inclui vários textos, na sua maioria dedicados à análise das traduções e dos tradutores de *Os Lusíadas* e da lírica de Camões para inglês, pelo que a proposta do autor parece dar, de algum modo, continuidade a esta iniciativa. Por outro lado, a algo paradoxal contribuição britânica no processo de tradução e edição da *Bíblia Almeida* constitui objecto de análise no artigo “Os Efeitos da Cooperação Britânica na Tradução, Edição e Popularização da *Bíblia Almeida*: Do Século XVII ao Século XIX” da autoria de Luís Henrique Menezes Fernandes. A discussão centenária que tem marcado a história e as teorias da tradução, sobretudo a partir das primeiras traduções da Bíblia para as línguas vernáculas, adquire, neste estudo, curiosos contornos anglo-portugueses, pois a secular oposição entre a tradução à letra e a tradução livre constituiu motivo de polémica, a propósito da versão de Almeida, tanto em Inglaterra como nas comunidades britânicas da cidade do Porto e da ilha da Madeira. Por seu turno, Jorge Bastos da Silva, num primeiro de uma série de artigos que prevê publicar em futuros números da Revista, propõe-se levar a cabo a tarefa de estudar a recepção da poesia miltoniana em Portugal, sobretudo através das traduções. Sob o título “Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)”, o autor centra-se em vários aspectos muito caros aos Estudos de Tradução como sejam a tradução (in)directa, o discurso crítico sobre a tradução ou as opções estilísticas e técnico-formais dos tradutores. Finalmente, David Evans, em “The Influence of Contemporary Social and Political Factors in the Translation of Kipling’s Poem ‘If’ into Portuguese: A Tentative Chronology (1910-1960)”, apresenta um levantamento crítico, contextualizado e inédito das traduções em língua portuguesa (de Portugal e do Brasil) do célebre poema, emblemático do mito vitoriano do império, de Rudyard Kipling. Espera-se, para breve, a análise das múltiplas versões aqui apresentadas (nomeadamente em apêndice) sob o ponto de vista dos Estudos de Tradução.

Curiosamente, o episódio histórico que esteve na origem da elaboração de “If”, o *Jameson raid* contra os bóeres do Transval, constitui o principal assunto estudado por Miguel Ribeiro Pedras, em “The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict”, da perspectiva da intervenção do Marquês de Soveral. Após o *Ultimatum* de 1890 – acontecimento marcante no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses –, Luís Maria Pinto de Soveral desempenhou um papel decisivo nas relações diplomáticas luso-britânicas. Trilhando o seu caminho com mestria, Soveral conseguiu, em grande medida, normalizar as relações anglo-lusas, perturbadas pela crise desencadeada em 11 de Janeiro, e consolidar a secular Aliança. Já foram estudadas várias das suas acções nesse sentido, como, por exemplo, o reforço das relações entre os dois Governos com vista a manter o império português em África; o seu empenho na elaboração da “Declaração Secreta Anglo-Portuguesa”, assinada em 1898; o planeamento da visita oficial de D. Carlos a Londres, em 1902, bem como a de Edward VII a Lisboa, no ano seguinte; a elaboração do texto do Tratado de Windsor de 1904; e, após a implantação da República, o apoio dado a D. Manuel durante o seu exílio na capital inglesa. Neste artigo, o autor dá a conhecer uma outra acção do diplomata português em Londres, no âmbito das complexas ligações existentes entre o Reino Unido e a Alemanha, mais uma vez a propósito da rivalidade entre estes países em África, nomeadamente em territórios onde Portugal também tinha interesses coloniais.

Os contornos da secular Aliança Luso-Britânica são retomados na recensão crítica da autoria de Iolanda Ramos ao romance histórico *Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português* (2022), de Isabel Machado. Sublinhando a importância da Aliança numa época em que a Inglaterra e Portugal tinham um inimigo comum, a poderosa Espanha de Filipe II, a recensão sublinha vários aspectos relevantes para os Estudos Anglo-Portugueses, de entre os quais se destacam o exílio de D. António, Prior do Crato, em Inglaterra e a presença de uma forte comunidade portuguesa sediada em Londres, ao tempo do áureo reinado de Elizabeth I.

EDITORIAL

Em Abril de 2024, o Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da NOVA FCSH, com o apoio do CETAPS, do IHC e da Embaixada Britânica em Lisboa, organizará um congresso internacional sobre o longo reinado de Elizabeth II. Esperam-se contributos no âmbito das relações luso-britânicas entre 1952 e 2022, os quais serão (a par de outros) considerados para publicação no próximo número da *REAP/JAPS*, dedicado justamente às relações anglo-portuguesas durante a segunda era isabelina.

Setembro de 2023
Gabriela Gândara Terenas

EDITORIAL

The study of Travel Writing, which played a major role at NOVA FCSH in consolidating the area of Anglo-Portuguese Studies, continues to attract researchers and reveal new corollaries and analytical perspectives. In the article entitled “Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness”, which is reminiscent of some of the first works in this area, Rui Moura presents corrective research into the account of a British soldier who was present at the events, which was formerly erroneously attributed to Andrew Halliday. Although it could certainly be included within the scope of Travel Writing, the account is not merely a subjective description of the author’s experiences, but an ambitious volume – historiographical in character – like those of Hew Dalrymple, Charles William Vane or William Granville Eliot, which far exceeds a straightforward account of personal observations. In an identical context, João Paulo Ascenso Pereira da Silva, in his review of Neill Lochery’s *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*, rightly considers it to be a “a narrative of a journey” to the recent past, albeit of unquestionable historiographical value, particularly from the social and cultural viewpoints.

On the other hand, Travel Writing has, itself, received important contributions from disciplinary areas such as (Post) Colonial Studies, Children’s Literature or Migration Studies, as well as many others. This issue of *REAP/JAPS* includes three paradigmatic cases in which the articles establish a relationship with Visual Culture, Orientalism and Travel Journalism. Firstly, in “Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: A Guerra do Ópio e a Presença Britânica na China no (Guia do) Panorama *Description of a View of Macao* (1840), de Robert Burford”, Rogério Miguel Puga links virtual travel to Victorian visual culture in his study of a panoramic guide to Macao, which he defines simultaneously as a historical portrayal, an ideological tool at the service of the Empire and a popular cultural product. In “The Portuguese Mr. Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*”, Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva undertakes a comparative analysis of two fictional journeys, re-equating the concepts of reality and identity according to the theoretical premises behind the notion of Orientalism

as Edward Said defined it. Finally, in her article “Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20th Century (1913)”, Gabriela Gândara Terenas analyses the journey to Portugal made in 1913 by a group of English-speaking journalists at the invitation of the Sociedade Propaganda, as a case of travel journalism, as it would be defined by theorists in the second half of the 20th century.

Periodicals have, in fact, served as a precious primary source for works by specialists in Anglo-Portuguese Studies on the image of Britain as it was portrayed in the Portuguese 19th and 20th century press. However, to ensure a more comprehensive view of the presence of Anglophone cultures in such magazines and newspapers, further sustained research into the portrayal of the United States remains to be carried out, not least within the scope of the ongoing project at CETAPS entitled “Cross-Cultural Anglo-Portuguese Discourses and the Press”. Hence Teresa Pereira’s article “A ‘grande republica fundada por Washington’: Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em *O Panorama*” offers a significant contribution to the advancement of the project.

The close natural relationship between Translation Studies, Anglo-Portuguese Studies and Reception Studies is clearly evident in four of the articles in this issue. Firstly, in the “Projects” section, Miguel Alarcão evokes the relationship between Camões and English Literature in his article entitled “Chaucer and Camões” and suggests future research on the proximity between an episode from *Canterbury Tales* and another from *Os Lusíadas*, which raises the possibility of the influence of the former author on the latter. It is worth remembering, in this context, that a collective volume edited by Professor Maria Leonor Machado de Sousa under the heading *Camões em Inglaterra*, appeared in 1991 as the result of work carried out in the second Masters Degree Course in Anglo-Portuguese Studies at NOVA FCSH. Published with the aim of studying the projection of Camões’ figure and work in Britain, the collection includes several texts which are devoted to the analysis of the translations into English of his *Os Lusíadas* and lyric poems and their respective translators, so that the present author’s article would appear to pick up the threads of this initiative. In contrast, the

somewhat paradoxical British contribution to the process of translation and publication of the *Bíblia Almeida* provides the theme for “Os Efeitos da Cooperação Britânica na Tradução, Edição e Popularização da *Bíblia Almeida*: Do Século XVII ao Século XIX” by Luís Henrique Menezes Fernandes. The centuries-old discussion which has left its mark on the history and the theories of translation – especially since the first translations of the Bible into the vernacular – takes on a curious Anglo-Portuguese flavour in this study, as it was the old argument between “word-for-word” and free translations which was at the heart of the debate surrounding the Almeida version, both in Britain and in the British communities of Oporto and Madeira. On a different note, Jorge Bastos da Silva has set himself the challenge of studying the reception of Milton’s poetry in Portugal, especially as far as translations are concerned. In the first of a series of articles which he proposes to publish in this journal, entitled “Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)”, the author focusses on certain aspects which are a constant feature in the study of translations such as (in)direct translation, critical discourse concerning translation, or the stylistic, technical or formal options of the respective translators. Finally, in “The Influence of Contemporary Social and Political Factors in the Translation of Kipling’s Poem ‘If’ into Portuguese: A Tentative Chronology (1910-1960)”, David Evans presents a contextualised and critical survey of translations into Portuguese (in Portugal and Brazil) of Rudyard Kipling’s famous poem, an emblem of the Victorian myth of Empire. In the near future the Journal will offer an analysis, from the viewpoint of Translation Studies, of the numerous versions to be found in the appendix.

Curiously, the episode which was at the origin of “If”, the Jameson Raid against the Transvaal Boers, is one of the principal events focussed in Miguel Ribeiro Pedras’ article “The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict”, which deals with the Marquês de Soveral’s part in the affair. After the *Ultimatum* of 1890, a major landmark in Anglo-Portuguese Studies, Luís Maria Pinto de Soveral played a decisive role in Anglo-Portuguese diplomatic relations. Playing his hand with masterly skill, Soveral

succeeded in normalising the relationship shaken by the crisis of January 11th and consolidating the centuries-old alliance between the two countries. Most of his interventions have already been studied including the reinforcement of the relationship between the two countries to preserve the Portuguese Empire in Africa; his role in the drawing up of the “Secret Anglo-Portuguese Declaration” which was signed in 1898; the planning of the Official Visits of D. Carlos to London in 1902 and that of Edward VII to Lisbon, the following year; the drawing up of the Treaty of Windsor in 1904 and, after the instauration of the Republic, his support to D. Manuel during his exile in England. In this article the author reveals a different aspect of the Portuguese diplomat’s activities in London – his intervention in the complex links between Britain and Germany, against the backdrop of rivalry between the two nations in Africa, particularly in territories where Portugal also had colonial interests.

Iolanda Ramos’ review of Isabel Machado’s historical novel *Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português* (2022) recalls the prominence of the centuries-old Anglo-Portuguese Alliance. Emphasising the importance of the Alliance at a time when England and Portugal shared a common enemy, the powerful Spain of Philip II, the review underlines certain aspects which are relevant to Anglo-Portuguese Studies, such the exile in England of D. António, the Prior of Crato, and the presence of a substantial Portuguese community resident in London during the golden reign of Elizabeth I.

In April 2024, the Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da NOVA FCSH, with the support of CETAPS, IHC and the British Embassy in Lisbon, will organise an international congress on the long reign of Elizabeth II. Contributions related to Anglo-Portuguese relations between 1952 and 2022 are requested and will be considered for publication in the upcoming issue of *REAP/JAPS* which will be devoted to Anglo-Portuguese relations during the second Elizabethan era.

September 2023
Gabriela Gândara Terenas

PROJECTOS PROJECTS

Chaucer e Camões

Miguel Alarcão
(NOVA FCSH/CETAPS)

Às Professoras Doutoradas Leonor Santa Bárbara (NOVA FCSH)
e Maria Helena Trindade Lopes (NOVA FCSH)

Em três artigos publicados nesta mesma revista (Alarcão, 1997, 2010 e 2013), tivemos oportunidade de aludir a uma questão de indiscutível relevância para os Estudos Comparatistas, incluindo, naturalmente, os Estudos Anglo-Portugueses: a de definir se o comparatismo – literário-cultural ou qualquer outro – implica e pressupõe sempre e necessariamente (um)a existência (com)provada de relações causais de influência entre as fontes em apreço. Como então escrevemos:

A nossa reflexão teórica colectiva sobre este campo não tem sido muito abundante, mas estamos de acordo com Carlos Ceia, quando [...] advoga (ou, pelo menos, admite) uma não absoluta imprescindibilidade de influências comprováveis(adas), unívocas e/ou biunívocas, directas e/ou mediadas, entre diferentes *corpora* (autores, temas, textos, géneros, correntes, movimentos...) para a prossecução de pesquisas no terreno das

intertextualidades, interliterariedades e/ou interculturalidades anglo-portuguesas ou, se se preferir, luso-anglófonas.¹ (2013, 70-71)

Tendo em conta esta conveniência, senão necessidade, de uma maior reflexão teórico-conceitual e científica, começaremos por abordar “The Knight’s Tale”, texto que integra *The Canterbury Tales* (c.1386-), a obra-prima, embora incompleta, de Geoffrey Chaucer (1342?-1400).

Em jeito de apresentação sumária, “The Knight’s Tale” – a narrativa inaugural e a mais extensa de quantas integram *The Canterbury Tales*² – é uma novela de cavalaria em verso (*metrical romance*), narrando as aventuras e desventuras amorosas de dois jovens príncipes tebanos (Palamon e Arcite, ou Arcita), após a sua captura por Teseu, Duque de Atenas, na sequência da conquista grega de Tebas.³ Como refere, a propósito, S. S. Hussey, “It [the poem] is set in Ancient Greece, but, with the usual medievalisation of the classics, Theseus becomes a duke and Palamon and Arcite young knights, rivals for the love of Emily, Theseus’ sister in law, who has all the charm of a romance heroine.” (129)

Com efeito, durante o seu cativo ateniense, ambos os prisioneiros se apaixonam por Emily, facto que não só coloca em risco a fraternal amizade que os une como irá inspirar, anos mais tarde, um anacrónico torneio entre ambos e respectivos apoiantes, sendo

1. “Na prática, [...] não se parte de uma circunstância documental ou historicamente relevante, identificada à partida entre dois textos literários pertencentes a duas culturas e línguas diferentes, mas [...] de um tema que [...] é tratado de forma semelhante nesses textos. [...] uma leitura comparada temática pode levar-nos de um texto ao outro, [...] sem decidir um texto de partida e um texto de chegada. Uma leitura amplificada do próprio conceito de comparatismo literário pode beneficiar os estudos nesta área, porque deixarão de estar circunscritos a problemas de influências ou ansiedades de influências, [...]” (Ceia 101) e, linhas adiante, “Parece-nos tão legítimo optar por um programa de banda estreita [...] (investigação dos intertextos culturais e/ou literários) como por um programa de banda larga [...] (investigação de temáticas comuns a textos de literaturas nacionais diferentes, mas que partilham o mesmo espaço institucional, como é o caso dos estudos anglo-portugueses).” (102)
2. Segundo Charles Muscatine, “Despite the fact that the interpretive literature on Chaucer’s *Knight’s Tale* is extensive, the poem has remained one of the most baffling of the *Canterbury Tales*.” (60)
3. Na sua obra *Chaucer’s Knight. The Portrait of a Medieval Mercenary*, Terry Jones propõe uma leitura alternativa e heterodoxa do cavaleiro e do seu conto como uma representação e um reflexo da degradação ética, moral e comportamental da cavalaria e dos seus ideais mais nobres; veja-se sobretudo o cap. 4, 141-216.

o vencedor premiado com a mão de Emily. O faustoso recinto onde esse torneio tem lugar dispõe de três templos pagãos ricamente decorados e minuciosamente descritos pelo narrador chauceriano. Cada templo é visitado por uma das personagens no sentido de obter o favor dos deuses, sendo de destacar que enquanto Emily reza no templo de Diana, numa tentativa de manter a sua castidade/virgindade, Arcite/Arcita dirige-se ao templo de Marte e Palamon ao de Vénus. Tudo indica, pois, que Arcite tem uma visão mais ‘belicista’ e ‘aquisitiva’ do amor (como conquista, por assim dizer) enquanto Palamon privilegia a componente sentimental ou ‘romântica’; e, na verdade, a vitória final sorrirá a Palamon (o primeiro a vislumbrar Emily do alto da torre onde haviam estado encarcerados),⁴ mas não sem algumas voltas da caprichosa e volúvel Roda da Fortuna, um conceito estrutural(ante) da cosmovisão medieval, renascentista e não só,⁵ omnipresente *pari passu* na obra chauceriana e ainda glosado implicitamente por Luís de Camões (c.1523-1580) no célebre soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.

Para os presentes efeitos, o episódio que nos interessa prende-se com a forma como a evolução deste conflito terreno é seguida pelos deuses lá no “assento etéreo”, deuses esses que intervêm no desenrolar e no desenlace da luta, corporizando e exercendo *ex machina* as funções actanciais de “adjuvantes” e “opponentes” propostas por Greimas.⁶ A primeira transcrição reporta-se à supremacia inicial de Arcite/Arcita sobre Palamon:

Immediately an uproar was begun
Over this granted boon in Heaven above
As between Venus, fairest Queen of Love,
And the armipotent Mars; it did not cease,

4. O apuramento da natureza e anterioridade/prioridade da paixão por Emily – de Palamon por uma deusa ou de Arcite por uma mulher? – pode ser lido como uma paródia de Chaucer (48-50 *passim*) aos debates escolásticos e amorosos do ideal cavaleiresco e da cultura cortês.

5. Lembremos aqui rapidamente a popularidade e relevância de *De Consolatione Philosophiae*, de Boécio, obra que o próprio Chaucer traduziu (c.1380-1385).

6. Veja-se, sobre este ponto, Borregana 24.

Though Jupiter was busy making peace,
 Until their father Saturn, pale and cold,
 Who knew so many stratagems of old,
 Searched his experience and found an art
 To please the disputants on either part.
 [...]
 'My dearest daughter Venus,' said old Saturn,
 'My heavenly orbit marks so wide a pattern
 It has more power than anyone can know;
 [...]
 Then weep no more, for by my diligence
 This Palamon, your dedicated knight,
 Shall have his lady, as you swore he might.
 Though Mars should help his champion, none the less
 Peace must be made between you soon, I guess,
 [...]
 I am your grandfather and, as before,
 I'll do my best to please you; weep no more.' (Chaucer 84-85)

A segunda transcrição relata o ponto de viragem, antecipando a vitória de Palamon/Vénus sobre Arcita/Marte:

What now can lovely Venus do above?
 What is she saying, hapless Queen of Love?
 Wanting her will her eyes were filled with mists
 And shining tears fell down upon the lists.
 She cried, ' I am disgraced and put to shame!'
 But Saturn said, 'Peace, daughter, watch the game.
 Mars has his will, his knight has had his boon,
 But, by my head, it shall be your turn soon.'
 The trumpeteers with loudest minstrelsy
 And the shrill heralds shouting frenziedly
 Were in high joy for honour of Arcite.
 But listen quietly and keep your seat,
 See what a miracle happened thereupon!

The fierce Arcita, with no helmet on,
Riding his courser round to show his face
Cantered the whole length of the jousting-place,
Fixing his eyes on Emily aloft;
And her returning gaze was sweet and soft,
[...]
Out of the ground behold a fury start,
By Pluto sent at the request of Saturn.
Arcita's horse in terror danced a pattern
And leapt aside and foundered as he leapt,
And ere he was aware Arcite was swept
Out of the saddle and pitched upon his head
Onto the ground, and there he lay for dead;
His breast was shattered by the saddle-bow.
As black he lay as any coal or crow
For all the blood had run into his face. (Chaucer 90-91)

Numa interpretação astrológica, sem dúvida sugestiva, do conto de Chaucer, Jill Mann defende que “[...] the planets appear not as agents of an independently exercised ‘goddess wil’, but as emblems (as well as representatives) of the natural forces through which the ‘goddess wil’ – the pattern of destiny – realizes itself”, (86) desenvolvendo esta tese algumas páginas adiante:

[...] the course of events is not dictated merely by chance, but by the will of higher powers. [...] For Palamon and Arcite, Venus, Mars, Saturn, and the rest are ‘gods’: when we look closer, however, we can see that it is not as deities but as planets that they exert power. [...]

It is because Saturn's sphere is the outermost in the planetary order (his course thus being widest of all) that his influence dominates the planets beneath him. His overruling influence means that the lesser influences exerted by Mars and Venus will resolve themselves into a malevolent pattern: his sending of a ‘furie infernal’ to startle Arcite's horse is an anthropomorphic representation of a cosmological phenomenon. It is *because* Mars and Venues are planets, and not independent pagan deities, that Palamon

and Arcite win their favour; both knights take care to make their pleas at the astrologically correct hour, when the planet's power is at its height, and response to human prayers follows according to a quasi-physical law of cause and effect. The importance of this is [...] that the planets act according to their nature, not according to their whims. (88-89 *passim*)⁷

Outros ilustres chaucerianos argumentam que “the pagan surface of the story is supported [...] by the inner structure of scientific truth (as it then appeared) according to which the gods are really the planets, who [...] influence people’s lives.” (Brewer 110) e que “since some of the classical gods had become identified with the medieval planets, they could [...] be said to govern the destiny of humans.” (Hussey 133)

Independentemente de abordagens e perspectivas, os excertos citados de “The Knight’s Tale” trazem-nos à memória um episódio semelhante de *Os Lusíadas* (1572), não obstante a natural existência de algumas diferenças. Assim, também a empresa marítima dos portugueses comandados por Vasco da Gama vai ser acompanhada pelos deuses no Olimpo⁸ e debatida no célebre concílio logo no Canto inaugural (estrofes 30-41); ao contrário, porém, do conto de Chaucer, Marte e Vénus não se acham em campos opostos na epopeia camoniana, antes funcionando ambos como “adjuvantes” dos argonautas

7. Sobre os conhecimentos e interesses astrológicos e astronômicos de Chaucer, ele próprio autor de um tratado sobre o astrolábio (1391), veja-se, por exemplo, Chauncey Wood in Rowland (ed.), 202-220. Muriel Bowden propõe, por sua vez, uma leitura astrológica das horas de visita aos templos em “The Knight’s Tale” (97); cf. também Winny in Hussey, Spearing e Winny (eds.), 163-164 e 173-174.

8. No seu tríptico ensaístico “*Os Lusíadas* e o Ideal Renascentista da Epopeia”, António José Saraiva defende que “[Camões] inventou um drama de personagens mitológicas a condicionar os acontecimentos do mundo sublunar: [...]”, (84) drama esse que, páginas adiante, definirá como (um)a “comédia dos deuses”, (109ss) concluindo: “Se comparamos n’*Os Lusíadas* a acção dos deuses com a dos homens, encontraremos uma coisa interessante: os deuses são dotados das paixões, ódios, simpatias, enternecimentos e cóleras que [...] geralmente atribuímos aos homens de carne e osso, o que torna possível entre eles um enredo dramático e um desenlace, ao passo que os homens são, ao contrário [...], hirtos vultos, agarrados ao leme da sua missão histórica, sem respiração humana, impassíveis, inproveitáveis para uma intriga.” (112-113)

Maria Vitalina Leal de Matos adopta uma posição similar, ao escrever: “É grave, do ponto de vista narrativo, que a resolução dos obstáculos acabe por decidir-se no plano mitológico com a vitória de Vénus sobre Baco em relação à qual o êxito de Vasco da Gama apenas parece ser a consequência. Tudo se passa como se a acção humana não tivesse a capacidade de decidir, como se os homens fossem apenas o juguete das lutas entre os deuses.” (31)

portugueses, cujo “opponente” é agora Baco, responsável por maqui-nações, disfarces e ciladas,⁹ que, embora superados por Vénus e os seus aliados (além de Marte, Mercúrio e as Ninfas ou Nereidas), fazem girar a inconstante Roda da Fortuna. Em dado momento, tal como em “The Knight’s Tale”, também uma Vénus lacrimosa irá buscar a intercessão e ajuda de Júpiter (Canto II, estrofes 33ss):

E, *co* seu apertando o rosto amado.
 Que os *saluços* e lágrimas aumenta,
 Como *minino* da ama castigado,
 Que quem no afago o choro lhe *acrecenta*,
 Por lhe pôr em sossego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta,
 Dos Fados as entranhas revolvendo.
 Desta maneira, enfim, lhe está dizendo:

Fermosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguém comigo possa mais
 Que esses chorosos olhos soberanos;
 Que eu vos prometo, filha, que vejais
 Esquecerem-se Gregos e Romanos,
 Pelos ilustres feitos que esta gente
 Há-de fazer nas partes do Oriente. (91-92, estrofes 43-44)

A inserção camonianiana de deuses e de uma mitologia pagãos num poema cuja cosmovisão é globalmente cristã viria a inspirar, como se sabe, algumas críticas por parte de teorizadores mais puristas (entre os quais Voltaire),¹⁰ alinhados com regras e princípios prescritivos ou normativos no tocante à teoria dos géneros literários e à chamada

9. Cf. sobretudo os Cantos I, VI e VIII, incluindo, no Canto VI, o encontro com Neptuno e o Concílio subaquático dos Deuses, simetricamente oposto ao seu homólogo no Olimpo.
 10. *An Essay upon the Civil Wars of France, extracted from various manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European Nations from Homer down to Milton* (1727). A tradução francesa, da autoria do Abade Des Fontaines, só foi publicada em 1733, sob o título de *Essai sur la poésie épique*.

“dicção poética”. Tendo em mente este sincretismo, valerá a pena recuperar as palavras de William Frost sobre “The Knight’s Tale”:

Destiny proper is represented first by the three divinities to whom the rivals, and Emelye, appeal; then by Saturn, who settles the issue among the divinities; and ultimately by a Divinity [...] beyond all particular divinities. This ultimate godhead [...] is identified by Theseus with ‘Juppiter’; but the conception [...] given by Theseus’s speech [...] sets him significantly apart from those other representatives of the classical pantheon who figure in the Knight’s Tale. These – Mars, Diana, and the rest – are as much stars as gods; and being stars they are the particular manifestations of Fortune, or Destiny, which is the agent, ultimately, of Providence. In *Paradise Lost* the pagan deities are assimilated to Christian story by their banishment to hell as rebel angels; in the Knight’s Tale they still reign in the physical heavens, [...] as deputies of a transcendent sovereign. (131-132)

A hipótese de Chaucer (séc. XIV) ter conhecido a obra de Camões (séc. XVI) é, manifestamente, uma impossibilidade cronológica; já o contrário não o é, embora não disponhamos – há que reconhecê-lo – de quaisquer elementos comprovativos ou abonatórios. Curiosamente, o mesmo E. M. W. Tillyard que sustenta “[...] the *Knight’s Tale* [...] never attempts to leave the [...] area of romance for the [...] one of epic. It is perfect, but its emotional scope is strictly confined” (149-150) viria a dedicar todo um capítulo à epopeia camoniana (Parte III, cap. VII, 238-250), notando em dada altura:

He [Camões] follows Virgil in making Venus the protectress of his hero, but differs from him in making Bacchus not Juno the hostile divinity. [...] He had read Homer in a Latin translation and may have owed some details to him. Anyhow he gloried in being in debt to the Classics and uses that debt persistently and without stint to enrich his narrative. (245)¹¹

11. C. M. Bowra, no capítulo intitulado “Camões and the Epic of Portugal”, salienta igualmente que “his aim was to write for his own country a poem which should rival the *Aeneid* in artistic perfection and in national aim. He understood what he was doing; for he was an accomplished Latinist, who knew the Latin poets with a lover’s intimate knowledge, and hardly a page of *Os Lusíadas* fails to awake some echo

Considerando, por último, a famosa “troika” tardo-medieval associada aos primórdios florentinos da (história da) literatura italiana, é usual realçar-se a influência de Francesco Petrarca (1304-1374) na obra poética de Camões e de Giovanni Boccaccio (1313-1375) na de Chaucer;¹² como é sabido, o próprio “The Knight’s Tale” foi inspirado em *Teseida Delle Nozze d’Emilia*, o longo poema épico de Boccaccio, composto c.1340-1341.¹³ Para Derek Brewer,

Teseida is the first ‘modern’ epic, that is, one that copies Virgil’s *Aeneid*. It is a work of genuine Humanism, [...] going back to the Latin classics and imitating them closely, though in the vernacular. [...] But its essential plot is a [...] medieval romance. Boccaccio was still medieval under the Humanist cloak. Chaucer was, from this point of view, fully medieval. He threw away the cloak, ruthlessly cutting out excess material. (107)

Ainda nesta linha comparatista, sublinha Mark Miller:

Like Boccaccio, Chaucer parallels the conflict between Palamon and Arcite with a conflict between the gods whose support they seek, namely Venus and Mars. But unlike Boccaccio, whose gods are happy to cooperate in giving Arcite military victory and then killing him off so that Palamon can win in love, the gods of *The Knight’s Tale* remain irreconcilable. Even Jupiter is powerless to force their reconciliation. (61-62)

Ora, a *Teseida*, tal como *Os Lusíadas*, recorre à *ottava rima*; aliás, “não esqueçamos [...] que Camões tinha presentes os intentos realizados no mundo românico, desde a *Teseida* de Boccaccio, para igualar ou superar a *Eneida*. De Boccaccio vinha a consagração da oitava como estrofe da nova épica [...]”, (Valverde 206) podendo ler-se na

of them” (88) e ainda que “to simplify his theological machinery Camões uses only a small number of divinities, and all who really matter are Jupiter, Venus and Bacchus. The first two owe something to Virgil; the third is Camões’ own choice and almost his own creation.” (*Ibidem*, 111)

12. Sobre essa influência, detectável precisamente na relação intertextual entre *Teseida* e “The Knight’s Tale”, veja-se o estudo rigoroso e bem documentado de Piero Boitani.

13. Disponível em https://ia800100.us.archive.org/11/items/185BoccaccioTeseidaSi055/185_Boccaccio_Teseida_si055.pdf. Sobre este ponto, vejam-se, por exemplo, Boitani e Cooper 61-91.

respectiva nota: “Camões deve a Boccacio [sic] não pouco da copiosa informação clássica sobre nomes de lugar, e mitologia de que faz gala nas suas obras [...]” (*Ibidem*, n.24)

Um rastreio específico deste possível ramal italiano, ‘triangulando’, por assim dizer, um projecto de investigação que se pretende e assume anglo-português, não terá talvez lugar nem fará sequer sentido numa revista como a presente; contudo, a verdade é que, ao abrigo da sua formação classicista e humanista, Camões poderá(ia) ter colhido a ideia do episódio do Concílio dos Deuses directamente em Boccaccio ou nos autores épicos greco-latinos, em vez de Chaucer, não descurando, evidentemente, a própria dívida de Chaucer para com os clássicos, atestada, entre outros, por Richard L. Hoffman.¹⁴ Fica o desafio.

Obras Citadas

- Alarcão, Miguel. “Amor para além da Morte ou as ‘Cruzes de Leonor’”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 19 (2010): 43-60.
- . “Dedicated Followers of Fashion: Do Toucador de Belinda ao Quarto de Carlos”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, n° 6 (1997): 7-33.
- . “‘Essa Palavra Saudade’: Para uma Poética Anglo-Portuguesa”. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, n° 22 (2013): 57-75.

14. “Chaucer’s knowledge of Statius, especially the *Thebaid*, was well authenticated [...] by B. A. Wise [*The Influence of Statius upon Chaucer*. New York: Phaeton Press, 1967; ed. orig: 1911]” (186); sobre Estácio, cf. também *ibidem*, 192, incluindo duas citações de Paul M. Clogon: “Chaucer may have been influenced by the *Thebaid* glosses in [...] *Anelida and Arcite* [...] and the *Knight’s Tale* [...]” and that he may be even more generally and extensively indebted to ‘the rich font of classical and mythological lore in the glosses and commentaries on Statius’”. (*Ibidem*)

- Boitani, Piero. *Chaucer and Boccaccio*. Oxford: Published by the Society for the Study of Medieval Languages and Literatures. "Medium Aevum Monographs". New Series, VIII, 1977.
- Borregana, António Afonso. *Análise de 'Os Lusíadas'. Episódios Fundamentais*. Setúbal: Edição do Autor, 1987.
- Bowden, Muriel. *A Reader's Guide to Geoffrey Chaucer*. London: Thames and Hudson, 1977 (1964).
- Bowra, C. M. "Camões and the Epic of Portugal". *From Virgil to Milton*. London: Macmillan and Co. Ltd., 1945. 86-138.
- Brewer, Derek. *An Introduction to Chaucer*. London/New York: Longman Group Limited, 1984.
- Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, Lda., 1972.
- Ceia, Carlos. "Para a Definição do Conceito de Estudos Anglo-Portugueses." *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa, 6-8 de Maio de 2001). Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2001 [sic: 2003]. 97-102.
- Chaucer, Geoffrey. *The Canterbury Tales Translated into Modern English by Nevill Coghill*. Harmondsworth: Penguin Books, "Penguin Classics", 1982 (1951).
- Cooper, Helen. *Oxford Guides to Chaucer – The Canterbury Tales*. Oxford: Oxford University Press, 1991 (1989).
- Frost, William. "An Interpretation of Chaucer's Knight's Tale". J. J. Anderson (ed.), *Chaucer. The Canterbury Tales. A Selection of Critical Essays*. London/Basingstoke: The Macmillan Press, "Casebook Series", 1977 (1974).
- Hoffman, Richard L. "The Influence of the Classics on Chaucer". *Companion to Chaucer Studies*. Revised edition. Ed. Beryl Rowland. New York/Oxford: Oxford University Press, 1979 (1968). 185-201
- Hussey, S. S.. *Chaucer: An Introduction*. London: Methuen & Co. Ltd, "University Paperbacks", 391, 1971.
- Jones, Terry. *Chaucer's Knight. The Portrait of a Medieval Mercenary*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1980.
- Mann, Jill. "Chance and Destiny in *Troilus and Criseyde* and the *Knight's Tale*". *The Cambridge Chaucer Companion*. Ed. Piero Boitani e Jill Mann. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 75-92.

- Matos, Maria Vitalina Leal de Matos. *Introdução à Poesia de Luís de Camões*. 3ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, "Biblioteca Breve", n.º 50, 1992 (1980).
- Miller, Mark. "The Knight's Tale and the Estrangements of Form". *The Cambridge Companion to 'The Canterbury Tales'*. Ed. Frank Grady. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. 59-72.
- Muscatine, Charles. "Form, Texture, and Meaning in Chaucer's Knight's Tale". *Chaucer. Modern Essays in Criticism*. Ed. Edward Wagenknecht. New York: Oxford University Press, "Galaxy", 1959. 60-82.
- Saraiva, António José. "Os Lusíadas e o Ideal Renascentista da Epopeia". *Para a História da Cultura em Portugal*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980 (1946), vol. I. 81-161.
- Tillyard, E. M. W. *The English Epic and Its Background*. New York: Galaxy Books, 1966 (Oxford University Press, 1954).
- Valverde, José Filgueira. *Camões. Comemoração do Centenário de "Os Lusíadas"*. Tradução de Albina de Azevedo Maia. Coimbra: Livraria Almedina, col. "Novalmedina", 47, 1981 (*Camoens – Commemoracion del Centenario de "Os Lusíadas"*). Madrid: Editora Nacional, 1975).
- Winny, James. "Chaucer's Science". *An Introduction to Chaucer*. Ed. Maurice Hussey, A.C. Spearing e James Winny. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 (1965). 153-184.
- Wood, Chauncey. "Chaucer and Astrology". *Companion to Chaucer Studies*. Revised edition. Ed. Beryl Rowland. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1979 (1968). 202-220.

Os Efeitos da Cooperação Britânica na Tradução, Edição e Popularização da Bíblia Almeida: Do Século XVII ao Século XIX

Luís Henrique Menezes Fernandes

(Centro de Literatura Portuguesa
da Universidade de Coimbra)

A formação histórica da primeira tradução da Bíblia em língua portuguesa resultou de uma conjuntura marcadamente internacional: foi produzida não em Portugal, e nem em algum dos seus territórios ultramarinos, mas em colónias holandesas no Sudeste Asiático, ao longo do século XVII, tendo sido publicada originalmente em Amsterdão, Batávia e Tranquebar. Esta última localidade, aliás, antiga colónia dinamarquesa na Índia – tendo recebido, na primeira década do século XVIII, missionários luteranos alemães, enviados sob a tutela do filantropo August Hermann Francke (1663-1727) – foi a que abrigou depois a imprensa tipográfica que se tornaria uma das pioneiras na divulgação da Bíblia em português.¹ De facto, essa tradução bíblica, fruto da iniciativa do português João Ferreira A. d'Almeida (1629?-1691), foi desde cedo objeto de intensa e intrincada atividade editorial: até o fim do século XVIII, contava já com cinco edições do Novo Testamento e com quase uma dezena

1. Obra de referência a respeito é a de Fenger, publicada em inglês sob o título *History of the Tranquebar Mission*.

de volumes do Antigo, resultantes de processos editoriais por vezes independentes entre si, conduzidos invariavelmente por estrangeiros.

Mas foi somente em 1819 que se publicou, pela primeira vez na história, uma edição da Bíblia em língua portuguesa num único volume. Feito bastante tardio, se comparado com o caso mais próximo, isto é, o espanhol, que já possuía desde 1569 – exatos duzentos e cinquenta anos antes, portanto – uma edição bíblica nesse formato, contendo o Novo e o Antigo Testamento, na tradução de Casiodoro de Reina (1520-1594). Convém notar, porém, que essa nova edição portuguesa da Bíblia foi preparada já num outro contexto, tanto temporal como espacial: não foi impressa nem no Oriente, e nem sob influência holandesa, dinamarquesa ou alemã, mas em Londres, por iniciativa da British and Foreign Bible Society (BFBS), entidade recém-criada com o propósito de estimular a circulação das Escrituras em vários idiomas. (Leite 17-18) Mas diferentemente do que se poderia supor, a cooperação britânica para a divulgação da chamada *Bíblia Almeida* extrapola em muito esse acontecimento pontual. Na verdade, a presença britânica fez-se sentir, em modos e graus diversos, nas diferentes fases de sua evolução, desde o processo de tradução em si, e mais propriamente ainda em seu subsequente sucesso editorial. Partindo dessa premissa, o objetivo deste artigo será o de examinar a natureza e a extensão dessa cooperação, bem como avaliar os seus efeitos, positivos ou negativos, no processo de consolidação literária e religiosa da tradução de Almeida perante o público de língua portuguesa.

É consenso tácito, desde os primórdios do interesse intelectual pela história da tradução bíblica de Almeida, que em seu processo de composição não houve influência textual direta de qualquer versão bíblica em língua inglesa. (Fernandes 45-61) Já no estudo inaugural de António Ribeiro dos Santos (1745-1818), diretor da antiga Real Biblioteca Pública da Corte, aparece a informação de que, a par de uma estrita fidelidade aos idiomas bíblicos originais, Almeida teria certamente consultado duas traduções modernas: a chamada *Statenvertaling*, versão oficial holandesa publicada em 1637, e a já mencionada tradução castelhana de Casiodoro de Reina, em seguida

revista por Cipriano de Valera (1531?-1602), edição que ficou conhecida como a *Bíblia del Cántaro*. (Santos 44) Além disso, a documentação primária – particularmente os escritos assinados pelo próprio tradutor português – dá a entender que, além daquelas duas versões, muitas outras devem ter sido por ele consultadas, como a tradução em latim do Novo Testamento produzida por Teodoro de Beza, a *Bible de Genève* francesa, e a tradução italiana de Giovanni Diodati. Embora a questão das fontes textuais de Almeida ainda permaneça sem um esclarecimento definitivo, o facto é que não há qualquer indício documental de que alguma tradução em língua inglesa tenha sido consultada por ele, e nem de que ele tivesse alguma familiaridade com esse idioma. E embora a *King James Version*, tradução inglesa publicada originalmente em 1611, tenha sido editada diversas vezes em território holandês durante o período em que Almeida viveu, não há qualquer razão para crer que ela tenha exercido sobre ele uma influência direta.

Isso não quer dizer, contudo, que a referida tradução inglesa não tenha tido uma influência indireta. Todos os estudiosos que ousaram penetrar a espinhosa questão das fontes textuais de Almeida, e isso desde as contribuições iniciais de Ribeiro dos Santos, estão de acordo com o facto de que a tradução holandesa – a referida *Statenvertaling* – exerceu sobre ele profunda influência, seja por decisão pessoal, seja por imposição institucional.² Estando formalmente ligado à Igreja Reformada Holandesa, na condição de ministro pregador em Batávia, na ilha de Java, e tendo vivido desde a sua juventude entre holandeses, seria mesmo natural que tal influência existisse. Tarefa mais difícil, porém, é mensurar o peso que a *King James Version* terá exercido sobre a formação da própria *Statenvertaling*. Que os tradutores holandeses a tenham consultado, é não somente verosímil, mas também facto sugerido na documentação da época. (Bruin 294) Mas o dado concreto é que, se não no método de tradução em si, a versão inglesa influenciou diretamente os idealizadores da “nova” tradução

2. Facto por vezes apenas sugerido na documentação da época, mas também expresso pelo próprio tradutor em carta dirigida às autoridades holandesas em Amsterdão. Cf. *Originale Missive*.

holandesa, sendo inclusive considerada por eles um modelo a ser seguido, especialmente por ter se tornado uma espécie de “símbolo nacional” na Inglaterra. (Kooter 33)

Além disso, as normas prescritas aos tradutores holandeses, ditas pelo Sínodo de Dort (1618-1619) – reunido nos Países Baixos para lidar com a polémica desencadeada em torno das ideias de Jacobus Arminius (1560-1609) – não foram estabelecidas sem que antes fossem ouvidos os delegados britânicos ali presentes. (*Actes* 30-31)³ Portanto, sendo a *Statenvertaling* comprovadamente uma das principais fontes textuais seguidas por Almeida no seu trabalho de tradução, não deixa de fazer sentido a afirmação de que, de algum modo, a *King James Version* exerceu também sobre ele alguma influência. Mesmo assim, se é que houve tal influência, esta certamente foi ou indireta, ou muito periférica. A contribuição britânica decisiva sobre a *Bíblia Almeida* só se fará sentir direta e efetivamente duas décadas após a morte do seu tradutor, na complexa teia dos desdobramentos editoriais do seu trabalho que, em grande parte e por muito tempo, permaneceu em formato manuscrito.

A primeira colaboração britânica direta no processo de divulgação da tradução de Almeida está relacionada com a publicação da terceira edição do Novo Testamento, em Amsterdão, no ano de 1712. As duas edições anteriores, uma também de Amsterdão (1681), e a outra de Batávia (1693), tinham sido custeadas pela Companhia Holandesa das Índias Orientais e ainda estavam, portanto, restritas ao seu ambiente holandês de origem. Entretanto, na primeira década do século XVIII, um empreendimento internacional que, a princípio, não tinha relação direta com essa tradução da Bíblia, determinou o início de sua “exportação” muito para além do seu contexto original: o envio de dois missionários luteranos alemães – Bartholomäus Ziegenbalg (1682-1719) e Heinrich Plütschau (1676-1752), pupilos do já citado August Hermann Francke na Universidade de Halle – à colônia dinamarquesa de Tranquebar, na Costa do Coromandel, com o propósito

3. As atas do Sínodo de Dort foram traduzidas e publicadas em língua francesa no século XVII, edição por nós consultada. Cf. *Actes du Synode*.

de lá estabelecerem uma missão religiosa de cariz protestante. Esses missionários, ao desembarcarem na costa indiana em Julho de 1706, e tomando consciência de que o êxito de sua missão dependeria do domínio dos dois principais idiomas locais – o português e o tâmil –, passaram a especializar-se nessas línguas e a trabalhar em prol da divulgação de obras bíblicas e teológicas na região.

Essa iniciativa, contudo, já de caráter internacional – uma vez que congregava missionários alemães num território dinamarquês na Índia –, ganhou contornos ainda mais amplos nos anos seguintes. Dado o caráter inovador do empreendimento em Tranquebar, a correspondência dos missionários luteranos, endereçada principalmente ao seu tutor, August Hermann Francke, e publicada primeiro em língua alemã, logo passou também a ser divulgada em língua inglesa. E isso por iniciativa do Rev. Anthony William Boehm (1673-1722), ministro da Capela de St. James, em Londres, e que havia sido também aluno da Universidade de Halle, na Alemanha.⁴ Esse cidadão, de origem alemã, mas residente em Londres desde 1701, traduziu para o inglês parte da correspondência dos missionários de Tranquebar e a publicou, em 1709, sob o título *Propagation of the Gospel in the East*, obra que experimentou relativo sucesso editorial, uma vez que, em menos de uma década, já contava com três volumes e diversas reimpressões. Mas de importância vital para o nosso assunto é o facto de que essas publicações foram dedicadas à recém-criada Society for Promoting Christian Knowledge (SPCK), instituição estabelecida em 1698 com o objetivo de promover a distribuição de literatura cristã, da qual Boehm era membro efetivo, e para a qual os próprios missionários Ziegenbalg e Plütschau foram admitidos como correspondentes internacionais. Ao dedicar a essa instituição as obras mencionadas, a sua expectativa era a de angariar algum tipo de apoio à missão de Tranquebar, o que logo ocorreu e influenciou decisivamente os destinos da *Bíblia Almeida*.

4. Uma biografia dessa personalidade foi publicada já na década subsequente ao seu falecimento, sob o título *Memoirs of the Life and Death of the Late Reverend Mr. Anthony William Boehm*.

Já na primeira edição inglesa das cartas dos missionários de Tranquebar, ficava explícito que, na visão deles, a prioridade deveria ser o aprendizado do português, idioma que se havia popularizado no Oriente, em consequência da expansão marítima portuguesa.⁵ Contudo, os missionários logo reconheceram a existência de obstáculos, particularmente a carência de obras publicadas em português e em circulação, e também a grande diferença que havia entre o português europeu e o português “corrompido” que era falado pelos “pagãos” na região. Mesmo assim, apenas três meses após o seu desembarque na costa indiana, os missionários Ziegenbalg e Plütschau reconheciam que haviam feito “considerável progresso” e já estavam aptos a “catequizar” nesse idioma. E tal sucesso só lhes foi possível, em suas próprias palavras, por uma “estranha providência” que lhes fez chegar às mãos um exemplar do Novo Testamento em português, como também uma gramática, obras que liam diariamente, com o intuito de se exercitarem no idioma. (*Propagation* 26-27; Part I) Os missionários não apresentam, porém, ao menos nesse relato, detalhes a respeito de como se teria passado essa “estranha providência”, também não fazem menção de qual seria essa edição do Novo Testamento e nem quem seria o seu tradutor. Em outro momento, porém, fazem menção explícita à edição de 1681, impressa em Amsterdão; e não há indícios de que tivessem até então qualquer conhecimento da segunda, publicada em Batávia no ano de 1693. (*Propagation* 15; Part II)

No segundo volume da obra *Propagation of the Gospel in the East*, publicada em 1710, e dedicada também à SPCK, já aparece delineado o plano que levará à publicação, em 1712, da terceira edição do Novo Testamento em português, na tradução de Almeida. Logo no prefácio, faz-se menção à vantagem que representaria para os missionários luteranos se existisse em Tranquebar, juntamente com um pleno domínio do idioma português, “um bom número de edições do Novo Testamento nessa língua”. (*Propagation* 4;

5. Estudo de referência a este respeito é o de Lopes, que inclusive faz menção a várias obras de Almeida.

Part II) E mais do que isso, na parte final da edição aparece, como anexo, uma “proposta para a impressão do Novo Testamento em português”, para ser distribuído nas Índias Orientais e servir de auxílio aos missionários para lá enviados. Fazendo menção ao “incansável labor e zelo” dos missionários Ziegenbalg e Plütschau, “educados sob a direção do Prof. Francke na Universidade de Halle, na Alemanha”, e reconhecendo-se que a língua portuguesa era amplamente utilizada nas Índias Orientais, propõe-se a impressão de umas mil cópias do Novo Testamento nesse idioma. O documento também deixa expresso que a ideia partiu do Rev. Anthony William Boehm, recebeu o apoio de várias “piedosas e caritativas” personalidades e teve mais de uma dezena de subscritores.

Dois anos depois, era publicada em Amsterdão essa nova edição do Novo Testamento, na tradução de Almeida, com financiamento direto de membros da sociedade inglesa. Mas, apesar das melhores intenções, tanto dos missionários alemães como dos financiadores ingleses, essa edição acabou por perpetuar sérios problemas textuais, que passaram despercebidos, tanto pelo facto de todos os envolvidos no processo serem estrangeiros e não dominarem perfeitamente o português, como por desconhecerem toda a problemática em torno das duas edições anteriores, isto é, as de 1681 e 1693. Por uma rápida análise textual da edição de 1712, nota-se que se trata, na verdade, de uma reimpressão da de 1681, que havia tido quase todos seus exemplares “lançados ao mar” por ordem das autoridades holandesas, quando se deram conta de que, no processo de revisão e impressão, o texto havia sido maculado por incontáveis erros tipográficos. Dos exemplares preservados, algumas dezenas foram corrigidas à mão pelo próprio Almeida; outros permaneceram no seu estado original, repletos de incorreções, sem qualquer indicação de que a sua qualidade textual estaria comprometida, e foi certamente um destes que chegou às mãos dos missionários de Tranquebar no início do século XVIII.⁶ Essa é uma das razões por que, logo em 1693, foi publicada

6. Todas essas informações sobre a primeira edição do Novo Testamento de Almeida aparecem nas atas do conselho eclesiástico de Batávia, publicadas por Jakob Mooij.

em Batávia uma segunda edição do Novo Testamento em português, que havia sido objeto de um novo processo de revisão – edição aparentemente desconhecida dos primeiros missionários de Tranquebar, mas cuja qualidade textual, sendo obra de revisores estrangeiros, foi também alvo de críticas. (Ferreira 30)

No entanto, toda essa questão era ignorada pelos próprios missionários de Tranquebar, os quais só tomaram consciência disso logo após o processo de impressão. Por isso, a edição de 1712 acabou por prevalecer por mais de meio século, pois somente na década de 1760 foi publicada, dessa vez em Tranquebar, uma nova edição do Novo Testamento português, seguida de um novo processo de revisão e correção textual. A influência da edição de 1712 é atestada também pelo facto de que a primeira menção de que se tem registro em Portugal a respeito da tradução de Almeida se refira justamente a ela, que foi analisada pelo bibliógrafo Diogo Barbosa Machado e que, portanto, já se encontrava em território português pelo menos desde a década de 1740. (657-658) Outra curiosidade sobre o texto dessa edição é o facto de ter sido também o primeiro de que se tem notícia a aportar em território brasileiro, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, antes mesmo da sua entrada em Portugal. E a forma como tal se deu revela não somente o potencial de circulação dos textos impressos já nessa época, como também o facto de a cooperação britânica para a difusão da *Bíblia Almeida* ter ido muito além de uma iniciativa pontual. Pode-se mesmo considerar que, sem a influência da SPCK, associada também a uma série de eventos históricos imprevisíveis, a maior parte da tradução de Almeida poderia mesmo ter desaparecido, degradando-se em seu formato manuscrito.

Em carta escrita em 1708, os missionários Ziegenbalg e Plütschau já haviam declarado que, para eles, além do suporte financeiro, seria muito útil se tivessem à sua disposição uma imprensa tipográfica em Tranquebar, pois desde o princípio da missão investiam muito tempo na transcrição manuscrita de obras fundamentais em português e em tâmil. (*Propagation* 7; Part II) Atenta a essa demanda, e estando o Novo Testamento em português ainda no prelo, a mesma

SPCK deliberou enviar a Tranquebar “uma imprensa tipográfica, com todos os utensílios necessários”, em benefício da missão. (*Propagation* 35; Part II) Além disso, designou um cidadão de nome Jonas Fincke, natural da Silésia, mas residente em Londres, como técnico impressor, pois este havia demonstrado interesse em unir-se aos missionários em Tranquebar. Assim, no início de 1711, foram enviados à Índia, desde Londres, além da tipografia e de um técnico impressor, duzentos e cinquenta exemplares do *Evangelho de Mateus* em língua portuguesa, tendo em vista que o processo de impressão do Novo Testamento em Amsterdão ainda estava em curso.

Entretanto, no início do ano seguinte, chegou a Londres a notícia de que a embarcação em que seguiam o equipamento, o impressor e os demais bens endereçados aos missionários, havia sido capturada na costa brasileira, especificamente no Rio de Janeiro, por uma esquadra francesa. Com isso, o impressor, Jonas Fincke, foi feito prisioneiro e todos os bens do navio acabaram retidos. Ao ser resgatado o navio, por iniciativa de Joseph Collett (1673–1725), membro da companhia comercial britânica, e que também estava a caminho da Índia, o impressor foi posto em liberdade e todo o equipamento tipográfico foi preservado. Quanto aos exemplares do *Evangelho de Mateus*, haviam sido distribuídos pelos franceses entre os habitantes do Brasil – facto que agradou a Jonas Fincke, pois, ao desembarcar no Rio de Janeiro, havia imaginado como seria benéfico se aquela população, imersa em “idolatria e superstição”, tivesse acesso ao texto bíblico em seu próprio idioma. (*Propagation* 4-5; Part III) Seja como for, apesar de todos esses contratemplos e do atraso ocasionado, a embarcação prosseguiu a sua viagem, e o equipamento finalmente chegou a salvo a Tranquebar, em Agosto de 1712. O impressor Jonas Fincke, porém, não chegou a completar a viagem, pois faleceu durante o percurso, dois dias após terem deixado a costa brasileira. Mesmo assim, a tipografia foi logo instalada em Tranquebar, e foi encontrado por acaso na região um homem, ao serviço da companhia comercial dinamarquesa, que na sua juventude havia aprendido a arte da impressão, o qual serviu aos missionários provisoriamente para este fim. (*Propagation* 29-44; Part III)

A partir de então, os missionários de Tranquebar já tinham em mãos a sua edição do Novo Testamento em português, na tradução de Almeida, e já podiam também contar com sua própria tipografia, tudo graças à contribuição que receberam de Londres. Foi, portanto, muito natural que passassem a idealizar a publicação de toda a Bíblia em língua portuguesa, cogitando formas de editarem ali mesmo os livros sagrados restantes. Projeto bem mais ambicioso, dada a extensão do texto bíblico integral, também pelo facto de até então não terem qualquer notícia de que o mesmo Almeida havia também traduzido, em Batávia, os livros do Antigo Testamento, que jaziam em formato manuscrito. Já em 1713, os missionários Bartholomäus Ziegenbalg e Johann Ernst Gründler – este último também ligado à Universidade de Halle, e que havia chegado a Tranquebar em 1709 – cogitavam publicar uma tradução integral da Bíblia em português. Para tanto, haviam recebido a ajuda do Rev. George Lewis (c. 1663-1729), capelão inglês no Forte St. George, em Madras, na Índia, o qual estava ao serviço da companhia comercial britânica, e que era também membro correspondente da SPCK. Este, cultivando boas relações com os missionários alemães de Tranquebar, forneceu-lhes alguns livros do Antigo Testamento em português, incentivando-os a traduzirem e publicarem os demais. (*Propagation* 65; Part III) A origem dessa tradução bíblica parcial é desconhecida, mas pode ter sido feita pelo próprio Rev. Lewis, uma vez que este era proficiente na língua portuguesa desde antes da sua chegada à Índia. (Ansorge 144)

No ano seguinte, os missionários informavam que já possuíam em formato manuscrito quase todo o Antigo Testamento em português: parte havia sido fornecida pelo já mencionado Rev. Lewis, de Madras, e o restante obtiveram das colônias holandesas de Negapatão e Paliacate, localizadas também na Costa do Coromandel. (*Propagation* 117; Part III) Também não se faz menção a quem teria sido o autor dessa última tradução, mas pode muito bem ter sido obra de Fredericus Frontenius (1627-1671), ou ainda de Abraham Rogerius (1609-1649), ministros holandeses que serviram justamente naquelas localidades, e a respeito dos quais há informações de que haviam

traduzido no século XVII partes da Bíblia em português. (Dubbeldam, *De gereformeerde* 123-124) Mas apesar de terem à disposição todo esse material manuscrito, os missionários de Tranquebar consideravam que essa tradução não estava à altura dos seus objetivos, pois o texto apresentava muitas discrepâncias face ao texto hebraico de referência, e a negligência do seu tradutor tornava absolutamente necessária uma revisão meticulosa. Segundo eles, o autor da tradução havia seguido muito servilmente a versão castelhana da Bíblia, “palavra por palavra”, sem consideração pela especificidade do idioma português. Mesmo assim, em 1714 já tinham prontos para impressão os dois primeiros livros do Pentateuco. (*Propagation* 117-118; Part III)

Apesar desses condicionamentos, os missionários alemães deram prosseguimento à obra, e publicaram, em 1719, a primeira edição dos *Cinco Livros de Moisés* em português. Mas no que diz respeito à qualidade do texto, o bibliógrafo António Ribeiro dos Santos já havia sido categórico: a sua dicção era “rude e áspera, com muitas imperfeições, e erros na gramática portuguesa”, sendo claramente obra “de homens que falavam em uma língua que lhes não era própria nem familiar”, o que tornava o sentido do texto “obscuro em algumas passagens, e a leitura menos agradável e corrente”. (30-31) Outra prova desse facto aparece na própria edição, pois traz uma errata com cerca de quinhentas incorreções e respetivas propostas de retificação. Assim, essas primeiras iniciativas para a publicação do Antigo Testamento em português, na oficina tipográfica de Tranquebar, ainda sob a direção de Ziegenbalg e de Gründler – falecidos em 1719 e 1720, respetivamente –, não deixaram de ter um carácter um tanto experimental. O “período áureo” das publicações portuguesas em Tranquebar ocorrerá somente durante a atividade de outro missionário: o dinamarquês Nicolas Dal (1690-1749), chegado à Índia em 1719. Tomando a publicação da Bíblia em português como sua missão particular, e isto ao longo de quase trinta anos, Nicolas Dal será o primeiro a editar uma parte do Antigo Testamento em português na tradução de Almeida. Com isso, Dal foi responsável por unir novamente a *Bíblia Almeida* à contribuição britânica, representada pela tipografia estabelecida em Tranquebar.

Após a publicação do *Pentateuco* em 1719, e apesar das dificuldades envolvidas, os missionários tinham em mente dar continuidade à obra, seguindo a ordem tradicional dos textos bíblicos. Entretanto, em 1725, Nicolas Dal reportava aos seus patronos em Halle, na Alemanha, uma “notícia extraordinária”: a existência em Batávia de um manuscrito do Antigo Testamento em português, traduzido pelo mesmo João Ferreira de Almeida cuja versão do Novo Testamento era conhecida e reverenciada em Tranquebar desde os primórdios da missão. Diante dessa informação, Nicolas Dal questionava os seus superiores em Halle a respeito de qual posição deveria tomar: aguardar a publicação do texto pela imprensa holandesa de Batávia, ou buscar meios de ter acesso ao manuscrito, para ser impresso em Tranquebar. A questão foi solucionada graças à intervenção do holandês Theodoor van Cloon (1684?-1735), então governador de Negapatão, na Índia, e recém-nomeado conselheiro da companhia comercial holandesa em Batávia. Era excelente a relação dos missionários de Tranquebar com a comunidade protestante holandesa de Negapatão, de onde inclusive obtiveram o manuscrito que serviu de base para o *Pentateuco* de 1719. Encontrando-se com Theodoor van Cloon em Negapatão em 1730, este último prometeu aos missionários de Tranquebar que lhes enviaria, desde Batávia, uma cópia do manuscrito do Antigo Testamento, na tradução de Almeida, e ainda mais: oferecia-se a custear todo o processo de impressão. (Duverdier 128)

Os missionários de Tranquebar supunham, ao que parece, que o manuscrito do Antigo Testamento conservado em Batávia estaria incompleto, uma vez que o tradutor havia falecido antes de concluir a obra, chegando até os versos finais do profeta Ezequiel. Essa parece ser a razão por que, antes mesmo da chegada do manuscrito a Tranquebar, os missionários preparavam uma edição em português dos *Doze Profetas Menores*, justamente a principal porção que faltava ao texto de Almeida. Todavia, a tradução do Antigo Testamento já estava mesmo completa desde 1694, pois um holandês chamado Jacob op den Akker (1647?-1731), também ministro a serviço da comunidade de língua portuguesa em Batávia, havia tomado a iniciativa de dar

os passos finais ao trabalho de Almeida. De qualquer modo, no dia 25 de Fevereiro de 1731, passados já quarenta anos desde a morte do tradutor português, foi recebido em Tranquebar, para a surpresa de todos, o manuscrito do Antigo Testamento da pena do próprio Almeida. O governador Theodoor van Cloon havia-se comprometido a providenciar uma cópia, mas acabou por enviar o manuscrito original, talvez por considerar que não haveria copista qualificado para a tarefa: o manuscrito estava já bastante danificado e a letra era muito pequena e de difícil leitura. Toda essa peripécia resultou na primeira edição impressa de uma parte do Antigo Testamento na versão de Almeida: os *Livros Históricos*, publicados em 1738, sete anos após o recebimento do manuscrito – resultado que o próprio Theodoor van Cloon não testemunhou, pois havia falecido três anos antes. (Duverdier 129)

Dos mil exemplares impressos, cerca de seiscentos deviam ser destinados às colónias holandesas nas Índias Orientais – talvez como parte do acordo com Theodoor van Cloon – e cento e cinquenta foram logo encaminhados à Batávia. A recepção do trabalho, porém, não foi totalmente positiva. Isso porque nem todos estavam satisfeitos com o envio do manuscrito a Tranquebar, pois a missão luterana dinamarquesa havia tomado a dianteira numa iniciativa editorial que, pela lógica, deveria ter sido empreendida primeiro pelos holandeses calvinistas. As razões para o “abandono” do manuscrito em Batávia, por tantas décadas após a morte do tradutor, não são claras: o historiador holandês Boetzelaer van Dubbeldam (1873-1956) afirma que não havia grande disposição para arcar com os custos da impressão e aponta também um certo receio de enviarem o manuscrito para ser impresso na Holanda. (*De gereformeerde* 148-150) O mesmo autor afirma também que haveria interesse do governo holandês em desestimular o uso da língua portuguesa na região, em favor do holandês. (*De protestantsche* 257) O facto é que, seja por razões económicas ou políticas, ou mesmo por pura “má vontade”, o manuscrito chegou a ficar totalmente inacessível, “guardado cuidadosamente num armário”, sob a responsabilidade do conselho eclesiástico. Quando chegou oficialmente a Batávia a notícia de que em Tranquebar se

preparava a impressão do Antigo Testamento na versão de Almeida, ficou claro que o manuscrito havia sido enviado secretamente, sem a devida autorização do conselho.

A conclusão do mesmo Dubbeldam a respeito de tudo isso é ilustrativa do facto que pretendemos aqui demonstrar: sem a cooperação britânica em Tranquebar, particularmente no envio do equipamento tipográfico, é possível que essa tradução do Antigo Testamento jamais tivesse sido impressa. (*De protestantsche* 257) Isso porque, como vimos, passadas quatro décadas desde o falecimento do tradutor, não havia em Batávia grande interesse na publicação do manuscrito e o mesmo já se encontrava deteriorado. A montagem da tipografia em Tranquebar foi um passo fundamental, portanto, para que o Antigo Testamento em português, na versão de Almeida, se perpetuasse em formato impresso, primeiro em Tranquebar e, depois, em Batávia. Isso porque o início do processo de impressão em Tranquebar acabou por incentivar o conselho eclesiástico de Batávia a dar início também ao seu próprio projeto para publicação da Bíblia completa em português. Na avaliação de Dubbeldam, os holandeses tomaram essa decisão após julgarem que, tendo os luteranos de Tranquebar o título de pioneiros nessa matéria, a honra dos calvinistas poderia ficar maculada, pela sua negligência em negócio de tamanha importância. (*De protestantsche* 258) Daí que, paralelamente ao processo de impressão da versão de Almeida em Tranquebar, sob a responsabilidade de Nicolas Dal, os ministros holandeses Johan Maurits Mohr e Lebrecht August Behmer conduziram também uma outra revisão do texto para impressão.

Trata-se, porém, de “edições rivais”, segundo a avaliação do bibliotecário e orientalista francês Gérald Duverdier (1938-2022), talvez o maior especialista nessa trama. (131) Enquanto os missionários luteranos de Tranquebar, capitaneados por Nicolas Dal, conduziam um meticuloso processo de revisão, os ministros holandeses pareciam ter pressa. Em Batávia, foi impresso todo o Antigo Testamento português, em dois volumes, no curto espaço de cinco anos: o primeiro tomo saiu em 1748 e o segundo em 1753. Em Tranquebar, por outro lado, o processo foi bem mais moroso: após a publicação dos

Livros Históricos em 1738, o volume dedicado aos chamados *Livros Dogmáticos* só veio à luz na íntegra seis anos mais tarde, em 1744. Os *Quatro Profetas Maiores* foram publicados em 1751, após mais sete anos de meticulosa revisão, período durante o qual Nicolas Dal faleceu. Seis anos mais tarde, por fim, foi publicada uma nova edição dos *Cinco Livros de Moisés*, dessa vez na tradução de Almeida, com o intuito de substituir a edição de 1719, traduzida pelos próprios missionários alemães, a qual depois foi considerada inferior e, portanto, descartável. Além disso, queriam que todo o texto bíblico em português gozasse de uma unidade estilística e como ainda tinham em mãos o manuscrito de Almeida não fazia sentido investirem na antiga versão, editada ainda na época de Ziegenbalg e Gründler. Por fim, neste contexto de “rivalidade”, foram também lançadas novas edições do Novo Testamento, revistas com o intuito de expurgarem os erros das edições anteriores: a edição de Tranquebar saiu em 1765 e a de Batávia em 1773.

Desses dois processos de impressão da Bíblia em português, um em Tranquebar e outro em Batávia, é que resultará o material bibliográfico essencial que será depois, a partir do século XIX, alvo do interesse de outra instituição britânica: a British and Foreign Bible Society (BFBS), organismo que exercerá o papel mais decisivo nos destinos da *Bíblia Almeida*. Isso porque, antes do advento dessa instituição, as edições impressas da versão de Almeida, embora com tiragem expressiva para a época e para o contexto em que foram produzidas, não eram ainda objetos de distribuição em massa. E mesmo que o ideal de uma distribuição verdadeiramente popular do texto bíblico impresso, a baixo custo, tenha alguma relação com a missão de Tranquebar – a *Cansteinsche Bibelanstalt*, primeiro instituto bíblico de feição moderna, havia sido fundado também em Halle, em parceria com o próprio August Hermann Francke –, aquelas primeiras edições eram destinadas a um público mais seletivo. Mesmo assim, a influência britânica esteve presente e desempenhou um papel importantíssimo na edição primitiva do texto de Almeida, ao longo do século XVIII; mas será no seu percurso de maior popularização, a partir do XIX, que a iniciativa britânica se tornará ainda mais presente.

A BFBS foi fundada em 1804 com um propósito bem definido: promover uma maior distribuição da Bíblia Sagrada, não só em língua inglesa, mas também em outros idiomas. De entre as suas resoluções iniciais, estava a de que a instituição teria como objetivo encorajar uma mais ampla circulação do texto bíblico, e somente do texto bíblico, isto é, sem notas ou comentários adjacentes. (Leite 23)⁷ E isto com o intuito de “homogeneizar” todos os grupos religiosos que tinham a Bíblia como texto divinamente inspirado, evitando-se assim divisões, tanto no campo do público-alvo, como no dos seus patrocinadores. Este aspeto terá um impacte significativo na relação dessa instituição com a *Bíblia Almeida e*, em certa medida, definirá o seu destino. Além disso, é importante salientar que essa instituição não havia sido criada com o objetivo de suprimir outras entidades semelhantes preexistentes – como a própria SPCK, que permanecia atuante –, mas complementar as suas iniciativas com uma missão ainda mais específica: a distribuição da Bíblia. Este aspeto será também fundamental para o caso da tradução portuguesa, uma vez que aquela instituição se valerá, até certo ponto, da contribuição feita por esta última no século precedente.

A primeira iniciativa editorial da BFBS para com a língua portuguesa ocorreu em 1809, apenas cinco anos após a sua fundação. Aliás, essa iniciativa não era destinada prioritariamente a Portugal, mas aos falantes de português que se encontravam em domínios britânicos, por ocasião das Guerras Napoleónicas que então afetavam particularmente a Península Ibérica. Num contexto de uma cada vez mais íntima aproximação anglo-portuguesa, foi proposta uma nova edição em português do Novo Testamento; e a primeira referência à sua circulação em Lisboa já aparece no ano seguinte. As notícias iniciais a este respeito são, para os seus editores em Londres, bastante animadoras: a edição experimentava rápida circulação e era tida em alta estima por cidadãos de todas as classes. (Leite 69-70) Contudo, mais uma vez, o desconhecimento de toda a problemática editorial

7. Servimo-nos aqui extensivamente da documentação primária compilada por Rita Mendonça Leite, na sua tese de doutoramento, bem como nos parágrafos seguintes.

anterior, que vinha desde o século XVII, e o facto de não terem o português como língua materna, fez com que, desde o começo, o resultado obtido pela BFBS fosse paradoxal: ao mesmo tempo que se popularizava a tradução de Almeida, perpetuavam-se as deficiências das edições anteriores. Isto porque, em primeiro lugar, foi escolhida como base para a edição de 1809 justamente a de 1712, financiada também por Londres e cujos “erros textuais” haviam sido já reportados na época de Bartholomäus Ziegenbalg, em Tranquebar. Contudo, esse facto era aparentemente ignorado pelos novos editores. Além disso, a nova edição restringiu-se a uma reimpressão de um texto centenário, sem a devida atualização ortográfica.

Mesmo assim, a edição de 1712, apesar das suas deficiências que, como já apontado, remontavam a 1681, não deixava de ter também excelentes qualidades textuais, como a riqueza vocabular e estilística, já observadas por Ribeiro dos Santos. (46-47) É por isso que, apesar de tudo, a edição foi a princípio bem acolhida por vários indivíduos em Portugal e acabou por ser objeto de reimpressões em Londres nos anos seguintes (1811, 1813 e 1817), mas ainda sem qualquer atualização ortográfica ou vocabular significativa. Em 1810, já apareciam os primeiros movimentos entre os ingleses para a impressão de uma edição completa da Bíblia em português, num único volume, e o correspondente da BFBS na Índia, Rev. David Brown (1763-1812), era orientado para reunir edições da tradução de Almeida, impressas no século anterior, para lhes servir de base. Já no ano seguinte, foram enviados a Londres, de Calcutá, exemplares do Antigo e do Novo Testamento em português editados em Tranquebar. Abria-se assim uma oportunidade para se popularizar entre o público português o minucioso trabalho de revisão conduzido em Tranquebar, em especial por Nicolas Dal, bem como para se superarem de uma vez por todas os tais “erros” do Novo Testamento, substituindo o texto de 1712 pelo de 1765, publicado também em Tranquebar – edição muito superior a todas as anteriores, por ser resultante também de cautelosa revisão.

Entretanto, na mesma carta em que anunciava o envio dessas edições, o já referido Rev. David Brown expressava as suas reservas quanto

à conveniência em reeditá-las. Segundo ele, tratava-se de livros muito “desajeitados”, feitos “ao modo alemão”, com muitas notas e referências que poluíam o texto. (Leite 530) Como já apontado, era política da BFBS a publicação do texto bíblico sem notas adjacentes e de facto as edições de Tranquebar não se enquadravam perfeitamente nessa categoria, apesar de as notas serem muito sucintas, restringindo-se basicamente a sugestões de traduções alternativas. O facto é que para ser finalmente publicada em Londres, em 1819, a primeira edição da Bíblia Sagrada em língua portuguesa num único volume, foram utilizadas como base não as edições de Tranquebar, mas as de Batávia, nomeadamente os dois volumes do Antigo Testamento impressos em 1748 e 1753, e o Novo Testamento de 1773. A razão para isso, embora não apareça expressa na documentação por nós consultada, deve ter sido justamente o facto de as edições de Batávia serem aparentemente mais “limpas” do que as de Tranquebar, pois não trazem as notas, os prefácios, nem os resumos dos capítulos. Trata-se de elementos, a nosso ver, que denotam a superioridade das edições de Tranquebar, fruto do zelo extremo dos seus revisores, sobretudo de Nicolas Dal, mas que devem ter sido interpretadas pelos ingleses, segundo o parecer do Rev. David Brown, como um “excesso” a ser aparado.

O facto é que os ingleses envolvidos na iniciativa não tinham um conhecimento apropriado da história das edições anteriores de Almeida e muito menos de que as versões de Batávia e Tranquebar eram, na verdade, “rivais” e não simplesmente duas alternativas neutras. E afora esse aspeto, os editores ingleses acabaram por incidir novamente num grave erro, que acabou inclusive por ser um dos principais responsáveis por manchar a credibilidade do nome de Almeida perante boa parte do público português à época: o texto da Bíblia Sagrada de 1819 é simplesmente uma reimpressão das referidas edições anteriores de Batávia, sem qualquer atualização ortográfica. Portanto, não procederam a uma reedição do texto, mas acabaram por veiculá-lo tal como estava registado naquelas versões anteriores, as quais também haviam sido editadas entre estrangeiros, com uma grafia desatualizada já para o século XVIII, a qual, perante o seu público-alvo, parecia simplesmente estar “errada”. Para piorar

o cenário, o texto de Almeida já era por natureza “antiquado” – não por incompetência do tradutor, mas por este ter adotado um estilo e um vocabulário clássicos da língua portuguesa, de tipo quinhentista, bem camonianiano –, como já havia observado Ribeiro dos Santos, o qual argumentava em sua defesa. (47) Diante disso, talvez por não serem nativos da língua portuguesa, os editores britânicos não notaram nem a natureza, nem a dimensão do problema e aparentemente não entendiam a razão por que aquela tradução, tão estimada por alguns, parecia simplesmente não funcionar em Portugal.

Esse é um dos motivos por que, paralelamente à distribuição da tradução “protestante” de Almeida, a BFBS passou também a apostar na versão do Pe. António Pereira de Figueiredo (1725-1797), baseada na tradução “canonizada” pela Igreja Católica – a Vulgata latina – e publicada originalmente nas últimas décadas do século XVIII. Com isso, foi também impresso em Londres, em 1818, o Novo Testamento na versão de Figueiredo, e toda a Bíblia em 1821, para uso dos católicos. Diferentemente do que ocorria em geral com a tradução de Almeida, a de Figueiredo encontrava uma excelente recepção em Portugal, não só por razões de ordem religiosa – o autor era católico e não um “herege” –, mas especialmente pela sua presumida superioridade estilística e idiomática. Um dos que abraçaram decisivamente este ponto de vista foi Thomas Edwards, comerciante britânico e espécie de agente da BFBS na ilha da Madeira, para quem o texto bíblico na versão de Figueiredo era belíssimo e cuja leitura dava grande satisfação. Este lamentava, em 1820, que a edição completa da Bíblia, publicada no ano anterior, havia sido a de Almeida e não a de Figueiredo; e havia mesmo sugerido a supressão da primeira e a sua substituição pela segunda. Em outro momento, propunha que o texto de Almeida deveria passar por uma profunda revisão, segundo a opinião que ouvia de ilustres portugueses residentes em Londres, de entre os quais se contava Hipólito da Costa (1774-1823), hoje considerado o “patrono da imprensa” no Brasil. (Leite 530-533)

Ainda na década de 1820, outro colaborador britânico, John William Bailey, residente em Lisboa, assegurava que a tradução portuguesa de Almeida estava mesmo “incorreta” e que seria preferível não

voltar a editá-la. Outras personalidades influentes na comunidade protestante da época, sobretudo ingleses, haviam concluído: “a tradução de Almeida é simplesmente condenada pelos portugueses”. (Leite 535) É curioso observar que avaliações desse tipo, embora tivessem algum eco na própria sociedade portuguesa, eram cultivadas e propaladas por indivíduos que não tinham o português como idioma materno; e que, portanto, talvez não tivessem a sagacidade para notar que, afinal, o problema com o texto de Almeida, em especial com o da edição de 1819, era basicamente o de uma ortografia desatualizada, fixada por editores holandeses no século anterior, associada ao emprego ocasional de termos obsoletos, mas de modo algum incorretos. É isso o que explica a divergência gritante dessas avaliações, que se multiplicavam desde as edições publicadas em Londres, com o juízo de uma autoridade intelectual como Ribeiro dos Santos, que quase à mesma época louvava a “felicidade e exatidão” com que Almeida foi capaz de traduzir e “pontualmente seguir o texto original”, como também a “propriedade e fartura de linguagem com que expressou o sentido das Santas Escrituras”. (27) Desconhecendo os dados necessários para suspeitarem que a razão de tal resistência residia mais no processo editorial em si – especialmente no uso acrítico das edições de Batávia – do que na qualidade literária de Almeida, fomentava-se a tradução “católica” de Figueiredo, a qual, logicamente, soava muito mais natural ao público-alvo, pois era recente em comparação com a versão “protestante” concorrente.

Um indivíduo ligado diretamente à BFBS que enxergou com clareza toda essa problemática foi o Rev. Edward Whiteley, capelão britânico na cidade do Porto. Quase duas décadas após a fatídica edição de 1819, este confessava estar consciente de que muitos assumiam preferir a tradução de Figueiredo, em detrimento da de Almeida. Ele mesmo cultivara tal opinião, mas estaria agora convencido de que tal se dava somente por uma razão: a ortografia e linguagem de Almeida eram de outra época. Sobre a versão de Figueiredo, o juízo de Whiteley era fulminante: a sua única vantagem seria mesmo a de ter uma linguagem atualizada, por ser uma tradução recente; mas não deixava de ser uma “tradução de uma tradução” e assim perpetuava

várias faltas da Vulgata; era por demais difusa e parafraseada, ou seja, em vez de simplesmente seguir o texto, palavra por palavra, aventurava-se a explicar as passagens; como resultado, a beleza e a simplicidade do texto bíblico original ficavam obscurecidas numa multiplicidade de termos. Por outro lado, asseverava que nenhuma dessas objeções poderia ser levantada contra a versão de Almeida, esta sim uma tradução concisa e imediata dos idiomas originais; que sua linguagem e estilo estariam em harmonia com os maiores clássicos da literatura portuguesa; e que, para que ficasse funcional, bastava uma atualização ortográfica e a substituição de alguns termos obsoletos. (Leite 536) Portanto, em vez de descontinuar Almeida e investir em Figueiredo, como era ideia corrente no período entre os ingleses, Whiteley defendia justamente o oposto: abandonar Figueiredo e apostar tudo em Almeida, contanto que fosse providenciada, o mais rápido possível, a sua devida atualização.

O mesmo Rev. Whiteley ia mais além, argumentando que, feita a atualização necessária, a tradução de Almeida poderia desempenhar em Portugal papel semelhante ao exercido pela *King James Version* na Grã-Bretanha, pois aquela seria uma tradução tão boa quanto essa. A perpetuação de uma ortografia desatualizada nas edições de Londres, ignorada num processo editorial conduzido por estrangeiros, fazia com que muitos cressem que a tradução fosse má, quando de facto não era. Whiteley insistia que a própria instituição responsável pelas edições não havia entendido o “real valor” da tradução de Almeida, pois dava ouvidos a pessoas inabilitadas para distinguir entre ortografia ultrapassada e má tradução. (Leite 537) O capelão britânico também confessava que ele mesmo não tinha consciência do quão excelente era a versão de Almeida até a ter examinado em profundidade e ter tomado consciência da sua beleza estilística, concisão e força expressiva. Em carta endereçada ao Rev. Joseph Jowett, responsável pelo departamento editorial da BFBS, Whiteley afirmava também que, se tivessem noção do real valor do texto de Almeida, deveriam congratular-se com a existência de tal tradução e jamais cogitariam descartá-la; e sendo o português um idioma tão amplamente usado, em várias partes do mundo, era fundamental que existisse uma clara

e irrepreensível tradução da Bíblia e que esta seria a de Almeida e não a de Figueiredo.

Apesar de toda a clareza com que percecionava a situação e da firmeza do seu posicionamento quanto ao valor da tradução de Almeida, a proposta do Rev. Whiteley acabou por não ser tão bem-sucedida quanto poderia. E isto por várias razões, desde uma certa apatia da BFBS face aos seus apelos, como pelo facto de outra instituição britânica – a Trinitarian Bible Society (TBS), fundada em 1831 – ter tomado a iniciativa de conduzir uma revisão autónoma do texto de Almeida, aparentemente após ter tomado conhecimento da proposta de Whiteley. Além disso, o mesmo Whiteley, apesar de demonstrar maior sensibilidade face à riqueza da língua portuguesa e de ter notado que o texto de Almeida estava em conformidade com os clássicos da literatura, não obstante a sua ortografia desatualizada, também não tinha um conhecimento profundo da problemática editorial anterior. Por isso, ao iniciar ele mesmo um processo de revisão do Novo Testamento de Almeida, a título particular, escolheu como base justamente a segunda edição, impressa em 1693, cuja qualidade textual é bastante questionável, e que chegou a ser classificada por um dos maiores especialistas na matéria como “miserável prosa”. (Ferreira 30)

De qualquer modo, o seu prognóstico a respeito do futuro do texto de Almeida foi certo e resume perfeitamente um dos principais efeitos da contribuição britânica para a popularização da Bíblia em português. Na sua avaliação, o facto de duas agências – a BFBS e a TBS – estarem a conduzir, de forma independente e com metodologias diversas, revisões do texto de Almeida, acabaria por resultar na oferta de uma variedade de versões de uma mesma tradução ao público de língua portuguesa, o que aumentaria a sensação de confusão e geraria ainda mais críticas ao texto. (Leite 540) Assim, ao mesmo tempo em que se popularizasse a *Bíblia Almeida*, ela diluir-se-ia em múltiplas versões, tornando ainda mais difusa a sua riqueza literária e religiosa. E não somente isso, pois Whiteley também se mostrava bastante reticente quanto à qualidade e à própria idoneidade do projeto de revisão encetado pela TBS. Na sua visão, perante a

morosidade da BFBS em apoiar a sua ideia, a outra instituição ter-se-ia apropriado indevidamente dela e, mais do que isso, deixara-a sob a responsabilidade de alguém que não teria os requisitos mínimos para a executar com acerto: o Rev. Thomas Boys (1792-1880), ligado ao Trinity College da Universidade de Cambridge, especialista no idioma hebraico, mas que não teria o domínio da língua portuguesa.

As críticas de Whiteley ao trabalho de Thomas Boys iam além desse aspeto e reforçavam a sua previsão de que, por esse caminho, a tradução de Almeida se dissolveria numa confusa multiplicidade de versões. Isso porque, embora a TBS se propusesse, ao menos tacitamente, a rever o texto de Almeida, produzia na prática uma amálgama deste com a versão “católica” de Figueiredo e com várias inovações introduzidas pelo próprio revisor e seus auxiliares. Com isso, a fisionomia e o caráter da tradução de Almeida ficariam deformados, de modo que a revisão, caso publicada, não poderia, em sua visão, de modo algum valorizar o nome de Almeida como tradutor. Em suas próprias palavras, com uma certa dose de ironia, Whiteley recomendava que a edição preparada pela TBS, sob a responsabilidade de Thomas Boys, deveria trazer não o nome de Almeida como tradutor, mas sim de tradução “segundo as versões de Almeida e de Figueiredo, com alterações profundas em ambas”. Além disso, argumentava que promover a circulação da revisão de Thomas Boys e permitir que cressem, por um único instante, que se tratava de uma tradução de Almeida, seria induzir em erro muitos leitores, os quais jamais teriam ocasião de examinar o caso por eles mesmos. (Leite 542)

Diante disso, como já referido, o próprio Rev. Whiteley conduzia como podia um processo de revisão do Novo Testamento, idealizando uma edição “inviolada” da versão de Almeida, com dois objetivos principais: concorrer com a revisão conduzida por Boys, demonstrando a sua incompetência, e manter intacta a superioridade de Almeida, cuja excelência e fidelidade seriam comparáveis à da *King James Version*. (Leite 543) Mesmo assim, o facto é que nem a sua revisão, publicada sob o subtítulo de *Revista e Emendada*, nem a conduzida por Thomas Boys, denominada *Revista e Reformada*, tiveram grande êxito à época. Emblemática da rejeição ao nome

de Almeida, então já consolidada entre católicos e protestantes, é a posição do já referido Thomas Edwards, correspondente da BFBS na ilha da Madeira. Em carta assinada no início da década de 1840, confessava que não havia analisado a edição revista pelo Rev. Edward Whiteley, e nem tinha a disposição para fazê-lo; pois opunha-se à circulação entre os católicos portugueses de uma tradução que não fosse a de Figueiredo, esta sim um clássico e, mais ainda, a favorita e “autorizada”, à semelhança da *King James Version*. (Leite 550) Essa posição era compartilhada por muitos, que acabaram por sufocar a visão de Edward Whiteley, de modo que, mais tarde, já no século XX, um relatório oficial da BFBS atribuía à tradução de Figueiredo aquilo que, segundo Whiteley, pertenceria por direito à de Almeida: seria um clássico da língua portuguesa, ocupando uma posição semelhante à da *King James Version* face ao público britânico.

Não nos convém aqui entrar em detalhes sobre as todas as edições revistas que foram sendo publicadas, desde então, pela BFBS e por outras agências similares. O facto é que existem hoje, pelo menos, oito grandes versões da tradução de Almeida em circulação, a maior parte das quais no Brasil, mas também nos demais países de língua portuguesa. (Cavaco 158) Fica evidente, portanto, a perspicácia do Rev. Edward Whiteley ao antever justamente o cenário que ora se apresenta e que resume perfeitamente o carácter paradoxal da contribuição britânica no processo de consolidação da *Bíblia Almeida* como objeto literário e religioso: por um lado, a assistência britânica foi decisiva, tanto na sua exportação para além do seu círculo inicial de formação como na sua perpetuação em formato impresso, sobretudo graças à tipografia providenciada aos missionários de Tranquebar; por outro lado, ao ignorar o seu complexo percurso editorial, problemático desde as suas origens, e por não dominarem perfeitamente o idioma perante o qual buscavam atuar, acabaram por contribuir para dissolvê-la numa multiplicidade de versões. De tal modo que hoje soa mesmo inconcebível tratar a tradução de Almeida em sentido concreto, da forma como muitos outrora a conceberam, mas apenas em sentido abstrato, uma vez não há uma só *Bíblia Almeida*, mas sim muitas; não só independentes, mas também concorrentes entre si.

Obras Citadas

- Actes du Synode National, tenu à Dordrecht l'an 1618 & 1619*. Leyden: Chez Isaac Elsevir, 1624.
- Ansonge, Catherine. "The Revd George Lewis: His Life and Collection". *Journal of the History of Collections*. 2020: 143-156.
- Bruin, C. *De Statenbijbel en zijn voorgangers*. Leiden: A.W. Sijthoff, 1937.
- Brunner, Daniel. *Halle Pietists in England: Anthony William Boehm and the Society for Promoting Christian Knowledge*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.
- Cavaco, Timóteo. "Almeida Bible – Keeping a Heritage Alive: The Historical Path and Current Challenges of a Seventeenth-Century Translation". *The Bible Translator* (2023): 148-161.
- Brando, Henrique e João Bruyningo. *Diferença d'a Christandade*. Nova Batávia, 1668.
- Dubbeldam, Boetzelaer van. *De gereformeerde karken in Nederland en de zending in Oost-Indië*. Utrecht: P. den Boer, 1906.
- . *De protestantsche kerk in Nederlandsch-Indië*. 'S-Gravenhage: M. Nijhoff, 1947.
- Duverdier, Gérald. "Portugais ou indo-portugais, le choix des Missionnaires de Tranquebar". *Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português*. 1986: 115-144.
- Fernandes, Luis Henrique M. "As Fontes Textuais da *Bíblia Almeida*: Sistematização e Esquadrinhamento do *status quaestionis*". *REVER – Revista de Estudos da Religião* (2021): 45-61.
- Fenger, Johannes E. *History of the Tranquebar Mission*. Tranquebar: Evangelical Lutheran Mission Press, 1863.
- Ferreira, Guilherme Luis dos Santos. *A Bíblia em Portugal: Apontamentos para uma Monographia (1495- 1850)*. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906.
- Kooter, D. J. *In de studeervertrekken van de Statenvertalers: Het inwendige wordingsproces van het Nieuwe Testament van de Statenvertaling*. Vrije Universiteit Amsterdam, 2017.
- Leite, Rita Mendonça. *Texto e Autoridade: Diversificação Sociocultural e Religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

- Lopes, David. *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os Séculos XVI, XVII e XVIII*. Porto: Portucalense Editora, 1936.
- Machado, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Tomo II. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1747.
- Memoirs of the Life and Death of the Late Reverend Mr. Anthony William Boehm, Formerly Chaplain to the Royal Highness Prince George of Denmark*. London: Richard Ford, 1735.
- Mooij, Jakob (ed.). *Bouwstoffen voor de geschiedenis der protestantsche kerk in Nederlandsch-Indië*. 3 vols. Batavia-Weltevreden, 1927-1931.
- Originale missive van den predicant Joao Ferreira A. d'Almeida aan de vergadering der seventiene*. Nationaal Archief – Verenigde Oost-Indische Compagnie, 1681.
- Propagation of the Gospel in the East: Being an Account of the Success of Two Danish Missionaries, Lately Sent to the East-Indies*. Part I. London: J. Downing, 1709.
- Propagation of the Gospel in the East: Being a Further Account of the Progress Made by Some Missionaries to Tranquebar*. Part II. London: J. Downing, 1711.
- Propagation of the Gospel in the East*. Part III, London: J. Downing, 1718.
- Santos, António Ribeiro dos. “Memoria sobre algumas Traducções, e Edições Bíblicas menos vulgares”. *Memorias de Litteratura Portugueza*. Tomo VII. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1806.

ESTUDOS ESSAYS

Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)

Jorge Bastos da Silva
(Faculdade de Letras
da Universidade do Porto/CETAPS)

Preâmbulo – Uma Espécie de Proclamação

A recepção da obra de John Milton em Portugal nos séculos XVIII e XIX é um objecto de primeiríssimo relevo para o conhecimento das relações literárias luso-britânicas ao longo dos períodos designados por Classicismo e Romantismo. Mais do que nos casos de Byron, Scott, Pope ou Shakespeare,¹ as *qualidades* das versões e das edições portuguesas da poesia miltoniana levantam questões do maior interesse no plano da composição literária, dos entendimentos e das práticas da tradução, do discurso crítico e da constituição do cânone. Entre essas questões encontram-se a transição da tradução mediada pelo francês para a tradução directa, com o que isso denota no plano da exigência de rigor; as escolhas

1. Será hoje uma realidade largamente contra-intuitiva, mas é sintomático que a primeira versão portuguesa impressa de um drama shakespeariano – a “imitação” de *Othello* a que José Maria da Silva Leal deu o título *O Intrigante de Veneza* – date de 1842 (cf. *Shakespeare no Romantismo Português*, 11-12). Por essa altura, de *Paradise Lost* (para mencionarmos apenas a obra maior de Milton) tinham já vindo a lume três traduções completas: por José Amaro da Silva, em 1789, Francisco Bento Maria Targini, em 1823, e António José de Lima Leitão, em 1840.

hermenêuticas e bem assim estilísticas ou técnico-formais de fundo e de detalhe; o aparato crítico como lugar ostensivo de presença de erudição e análise de autoria portuguesa e estrangeira; o exercício comparativo de matrizes criativas e tradutivas, num plano internacional, a contribuir para o que pode supor-se constituírem os alvares do comparatismo; as discussões ideológicas ou doutrinárias inscritas nas obras ou por elas suscitadas; a feitura de ilustrações ou a adopção do programa iconográfico de edições estrangeiras. Ao problema genérico da *qualidade* das versões e das edições, que é um problema difícil, mas ao qual não podemos, em última instância, esquivar-nos, junta-se finalmente o interesse que existe em apurar de que modo houve influência da obra de Milton – ou que impacte lhe pode ser imputado, se quisermos evitar o conceito de influência, sobre o qual tendem a recair alguns equívocos – sobre a criatividade dos autores lusos e, em sentido lato, sobre as mentalidades.

O nosso objectivo nesta série de artigos consiste em respigar alguns elementos que concorrerão para um melhor entendimento destas problemáticas. Começamos por isolar dois episódios: um conjunto de referências a Milton na obra de José Agostinho de Macedo, autor multifacetado cuja ligação às Letras inglesas ainda não se encontra plenamente reconhecida; e uma recensão surgida em 1840 no periódico *O Ramallete*, que incide sobre o trabalho do terceiro tradutor português de *Paradise Lost*, António José de Lima Leitão. Esta primeira série de achegas remata com o enunciar de uma questão genérica, atinente ao facto de ser tão considerado um autor protestante e republicano num país como era o Portugal dos séculos XVIII e XIX, dominado por vectores ideológicos e institucionais que se lhe suporiam especialmente adversos.

1. José Agostinho de Macedo

Como acima ficou sugerido, na obra do Padre José Agostinho de Macedo plasmam-se leituras – directas ou de segunda ordem, interesses sustentados ou modismos, será questão a escarpelizar – da

literatura britânica, mormente do domínio da poesia, assim como de outros aspectos da cultura de além-Mancha, incluindo a política e as ciências. Muito haverá a estudar, mas damos desde já nota, a título de exemplo, de um conjunto de referências que se encontram em *Newton*, seja no “Discurso Preliminar” que o acompanha, seja no próprio poema. Reportamo-nos à segunda edição da obra, dita correcta e aumentada, editada pela Impressão Régia em 1815 (a primeira edição data de 1813).

No texto proemial, dedicado a debater se a Física pode constituir matéria digna para a poesia sublime, Macedo dá testemunho de que o ciclo poético de James Thomson *The Seasons* anda “pelas mãos de todos” e de que ele encerra “tanta formosura, variedade de quadros como ha na mesma Natureza que elle pinta”. (*Newton* 8) Passada uma referência pouco elogiosa a Ossian, menciona ainda de passagem *A Cerveja*, de John Philips, *A Hypochondria, ou os Flatos*, de Malcolm Flemmyng, e *Os Prazeres da Imaginação*, de Mark Akenside. (9, 16-17) Acrescenta que o poema de Philips, *Cerealia*, foi traduzido para italiano, pelo que é possível que o tenha lido nessa língua.²

No seu próprio poema, evidentemente votado à exaltação de um grande cientista do Iluminismo inglês, e nas notas que lhe apõe, Macedo semeia referências esparsas a diversas figuras da cultura das Ilhas Britânicas: a Thomas Hobbes, John Locke, Alexander Pope, Joseph Addison e finalmente a Edward Young, a propósito de cuja obra afirma, lúgubre e talvez pouco cristãmente: “As sublimes Elegias de Young embriagão-me de amor pela morte, a Razão em Seneca inspira-me o desprezo da vida”. (68 n.) Um trecho, em particular, concentra referências a Bolingbroke, Addison, Pope, Bacon, Milton, Locke, Thomson e Pitt. (Cf. 92; citado em Silva, *Shakespeare no Romantismo Português*, 22-23) Num outro, Macedo contrapõe ao “frio Euclides” o “fervente Milton”:

2. A obra de Akenside é, obviamente, *The Pleasures of Imagination*. Quanto à segunda referência, trata-se de *Neuropathia; sive de morbis hypocondriacis et hystericis, libri tres, poema medicum*, de 1740, poema do mencionado fisiologista escocês que, tal como o texto de Philips, chegou a ter tradução italiana.

Ah! de Ariosto aos extases divinos
 Calculador pausado em vão se ajusta:
 E avezado a correr no immenso Imperio
 Da Fantasia pródiga de Mundos,
 Que a seu sabor do Nada, ou cria, ou chama,
 Nos confins do geometrico compasso,
 Anciado me volvo, e aqui não posso,
 Como nos cantos do encontrado Oriente,
 Soltar hum vôo extatico aos abysmos,
 Vêr o feroz Satan que as sombras rasga,
 E espantado ao clarão dos Soes, dos Astros,
 Quasi doer-se da revolta antiga,
 Que em sempiternos carceres o fecha,
 Donde a furto sahindo, em pranto torna
 A ferrolhar-se em lôbrega morada. (136-137)

O passo aparenta incorporar alusões a duas obras de Macedo, *O Oriente e Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria*, insinuando, portanto, a existência de uma relação interpessoal ou interpoética de especial intimidade.

Entre outros rumos de investigação, seria pertinente averiguar de que modo a epopeia miltoniana reverberou na sátira de *Os Burros* filtrada pelo poema herói-cômico de Pope *The Dunciad* (sobre a relação de Macedo com Pope, veja-se Silva, "Pope in Portugal" 58-65). Em todo o caso, deixamos estes elementos a benefício de inventário, meramente, pois o que pretendemos, por ora, é debruçar-nos sobre algumas prosas de José Agostinho de Macedo.

No poema *Newton* e nos seus paratextos, o elogio de Milton surge no conspecto de uma apreciação global da sociedade e da cultura da Inglaterra ou das Ilhas Britânicas que prodigaliza elogios a um conjunto amplo de figuras. É uma atitude recorrente da escrita de Macedo. É em idêntico registo que, no *Semanario de Instrucção, e Recreio*, dois anos antes, sob a epígrafe "Continuação dos meus estudos embirrados sobre a Questão irresolvível. Que cousa he hum Periodico?", Macedo escreve, fiel ao seu bem conhecido tom vivaz e coriáceo:

Ah! dizia eu, quando a Inglaterra não tinha Periodicos, tinha grandes Escriptores; agora que a Inglaterra tem tantos periodicos tem poucos, ou nenhuns daquelles Escriptores que se immortalisárão a si, e a ella. Newton, Clarcke, Locke, Adisson, Dryden, Pope, Milton, Bayle, quanto, e quam bem escrevêrão! E Periodicos? Nem hum. He verdade que appareceo o Expectador; mas isso não he obra de Periodiquista, he de machuchos: Steele, Adisson, Parnel, &c. eis-aqui os Periodiqueiros do Expectador, que he hum curso de Moral, de Critica, e de Litteratura séria, e amena. (Vol. II, n.º 41, 9.6.1813, 235)

Década e meia volvida, porém, o Reino Unido não é já o adversário magno de Napoleão – as afinidades literárias de Macedo afinam geralmente pelas suas preocupações políticas e morais –, mas o refúgio de maçons, revolucionários e liberais. Em todos – que são virtualmente intermutáveis, no seu vocabulário polémico – zurze o panfletário violentamente nas páginas de *A Besta Esfolada*, aliás aludindo a uma “Graõ-Besta” em que se pressente ressonância do nome “Grã-Bretanha”. (Cf. n.º 1, 1828, 6) Referindo-se ao exílio dos liberais em Inglaterra, e dando mostras de familiaridade com *Utopia* de Thomas More e *New Atlantis* de Francis Bacon, Macedo escreve:

E que pastos, que verdes, que anafas achão a Besta, e Bestinhas naquelles fertilissimos campos? Não he preciso cançar muito para demonstrar isto. Sem injuria de Newton, de Hume, de Milton, de Pope, e de Adisson, nenhum paiz da Terra será capaz de nos apresentar hum Rabão com huma alcatra, huma anca mais polpuda, e roliça do que nos apresentão as campinas Britanicas. (n.º 5, 1828, 1)

A opulência das pastagens e do gado, amplamente conhecida da realidade oitocentista, serviria, assim, para engrossar aqueles ventos da História a que Macedo incita seja oferecida resistência. As individualidades do pensamento e da literatura, entretanto, passaram a contrastar com o geral desenvolvimento da sociedade em que não deixam de se inserir.

Datam de momentos intermédios a série de “solilóquios” *Motim Literario*, de 1811-12, que lemos na sua terceira edição “mais correctã”,

dada à estampa em 1841, e *Cartas Filosóficas a Attico*, de 1815.³ São obras nas quais mais consequentemente denota Macedo o seu interesse por matérias britânicas.

Os cinco volumes de *Motim Literario* compõem uma miscelânea rica de tópicos e intuições críticas, uma espécie de *commonplace book* revelador de uma dispersão da atenção por parte de um autor que teve acesso, directo ou indirecto, a informes decerto vedados a muitos dos seus compatriotas. Os resultados dessa porfia contêm algumas sínteses que se diriam convencionais e outras que serão francamente surpreendentes. Por exemplo, aí se encontra esta peculiar mescla de apontamentos históricos, literários e caracterológicos:

E os Inglezes cuidarão que o imperio da perfeita poezia se poderá conquistar com as bombardas com que conquistarão gloriosamente o imperio universal dos mares, e que tanto dão que fazer aos Francezes na terra seu estranho elemento? Os seus Nelsões do Parnazo não mettem tanto medo como os de Aboukir e Trafalgar. O fogo da sua poezia não he como o das bixinhas de Congreve: Com tudo são homens de profundo juizo, e imaginação sublime. He verdadeiramente a nação pensadora: mas em poezia desde Chaucer até Tompson tem intervallos crueis: eu não posso aturar Shakespear. O paraizo perdido tem ainda matos e brenhas muito bravias, e todas as justificações de Addisson não me tirarão da teima de affirmar que este poema he como a estatura dos Inglezes, ou muito altos, ou muito baixos [.]. Young he hum poeta extraordinario, grande amigo dos coveiros, e teimoso inquilino dos cemiterios. Leia o quem quizer, eu não tenho pressa de morrer, ainda que os Francezes tem tomado isso á sua conta. Pope he o filosofo dos poetas, e Tompson foi dos modernos o primeiro que acarretou a poezia para o seu verdadeiro emprego, que he o quadro do universo, e a pintura da natureza; tiralla daqui he deitar perolas a porcos. (II, 36-38)⁴

3. Grande parte das cartas, informa o autor, foram redigidas entre 1809 e 1812. (Cf. 288) A elas pertencem os passos relativos a Milton que destacamos abaixo.

4. Não alcançámos precisar em que monta a críptica referência às “bixinhas de Congreve”.

Os juízos de Macedo sobre a obra de Milton são – como aqueles que emite sobre tantos outros assuntos – variáveis e caprichosos. Noutro trecho de *Motim Literario* deparamo-nos com a exclamação:

O que são os destinos dos homens! Milton compõe originalmente hum poema extravagante na verdade, em que o diabo he o heróe, que leva a sua por diante, e consegue o seu fim, porque assim como o piedoso pai Eneas deixa a miserrima Dido, e mata o generoso Turno, que pelejava pelo que era seu, e funda o reino de Italia como Buonaparte se fez rei, e o pio Godefredo de armas piedosas mata os Turcos em Jerusalem, e com pretexto do grão Sepulchro se fez senhor do reino de Palestina; assim tambem o diabo, tenta a mulher, faz cahir Adão, e o obriga a hum despejo: Milton que assim escreve com tanta originalidade a pesar de se queixar alguma cousa o jesuíta Massenio na Sarcothea, morre na indigencia, sem vêr real das mãos do livreiro, a quem vendêra o Mss. (II, 284)⁵

Esta ideia de Milton reduzido à miséria no final da vida – aqui contrastada com a fortuna alcançada por Pope através das suas traduções dos poemas homéricos – ressurgirá no artigo de *O Ramalhete* que analisaremos adiante. É como se o épico protestante fosse um novo Camões, degradado à dependência do esmolar do escravo javanês, mas não corresponde à realidade histórica comprovada. De todo o modo, e à parte esse aspecto, derivado, presumivelmente, de uma certa romantização do vate, será de sublinhar a percepção de que Milton, arriscando um efeito subversivo, modelou sobre os códigos do imaginário heróico o seu Satanás, mais do que qualquer das restantes personagens de *Paradise Lost*.

Outros passos de *Motim Literario* mencionam Milton, de modo passageiro, a par de Tasso, firmando ambos como autores da mais alta craveira no género heróico ou épico-histórico, por vezes descurados

5. Na frase final, a referência diz respeito ao poema latino *Sarcotis*, de Jacob Masen (Jacobo Masenio), que teve versão francesa sob o título *La Sarcothée*. A Milton chegou a ser imputado plágio de Masen, pelo crítico escocês William Lauder, mormente em *An Essay on Milton's Use and Imitation of the Moderns in his Paradise Lost*, de 1749 (livro publicado com data de 1750). A acusação foi rapidamente descredibilizada por vários polemistas e eruditos.

ou mal avaliados pelos equívocos da crítica; (cf. I, 50; II, 7 e 289; IV, 62) assim como o referem ao lado do mesmo Tasso e de Camões, como poetas épicos modernos, entre os quais se singulariza o autor inglês nos seguintes termos:

Milton descreve, e pinta a perda do paraizo, e da immortalidade, objecto que interessa a todo o genero humano, de huma maneira a mais essencial, objecto que traz em si, e comsigo mesmo impressas todas as bellezas, que a mais levantada imaginação póde crear, sem que seja preciso que o poeta as tire dos episodios, ou de outros ornamentos buscados de proposito, objecto finalmente em que o poeta se torna o pintor do paraizo terrestre, e de toda a formosura da natureza. (I, 59-60)

Macedo não hesita, no entanto, em celebrar Estácio num distinto momento dos seus ensaios, alvitando: “O setimo, e undecimo livro da Thebaida, valem mil Eneidas, duas mil Jerusalem, trez mil Paraizo perdido”. (II, 296)

Em *Cartas Filosoficas a Attico* confirma-se a atenção prestada pelo autor a uma diversidade de realizações culturais creditadas às Ilhas Britânicas, mas com inflexões que vale a pena assinalar. Bacon assume aqui uma condição de referência mais destacada, enquanto homem de inteligência e restaurador dos saberes. Newton assoma ainda como figura cardinal, mas Macedo opõe-se-lhe pelo materialismo que contradita os axiomas da religião. A Young é impugnada uma misantropia que colide com os bons princípios de uma ética humanista e solidária. Em referências avulsas, alude-se ao “divino Shaskepear [sic]” e a “Pope, o mais reflexivo dos Poetas”. (*Cartas Filosoficas a Attico*, 217, 150) De resto, as cartas surgem polvilhadas de nomes de intelectuais britânicos: Buchanan, Hobbes, Locke, Berkeley, Addison, Bolingbroke, Halley, Richardson, Chesterfield, Blair e outros. A estes tópicos reservaremos trabalho particular.

Quanto a Milton, surge mencionado num passo inflamado, votado por Macedo à consagração dos seus lares:

Eu queria ser o que tu foste, ó Grande Newton; tanta he a inveja que sinto quando oiço chamar-te senhor, e mestre do entendimento mortal, e levantares-te tanto, que cobres de obscuridade os outros nomes. Que não podes na minha alma, ó Locke, e na minha imaginação, ó Milton! (151-152)

A plêiade de autores incensados inclui ainda Aristóteles, Tasso, Leibniz, Descartes, Alfieri e outros nomes. Newton, como pode verificar-se, consta deste elenco de imortais, a despeito das reticências expressas noutra parte da obra.

O enlevo daquela apóstrofe ao poeta de *Paradise Lost* é temperado numa avaliação comparativa das qualidades dos géneros literários:

O bom Poema Epico tem huma força triunfante sobre outro qualquer escripto, porque seu estillo serve mais a imperiosa lei dos sentidos, e mais os occupa, e agita com tanto que seja parco em tropos, allegoricas, e symbolicas descrições. Eis-aqui o motivo porque he mais forte Homero que Virgilio, Ossian que Milton, e Milton que Pope. (156-157)

Por fim, discutindo o conceito do belo, Macedo subscreve as propostas teóricas de William Hogarth em *The Analysis of Beauty*, dele dizendo:

Quer que a belleza das figuras dependa principalmente de duas linhas, e illustrou, e sustentou esta nova, e estranha opinião com hum espantoso numero de exemplos. Huma he a linha serpentina á maneira da letra, S, a quem elle chama a linha da belleza, e mostra quam frequentemente se ache nas conchas, e nas flores, e em outras obras naturaes de ornamento, assim como he commum nas figuras desenhadas pelos Pintores, e pelos Escultores em objectos de decoração: allega hum exemplo de Milton que assim descreve a serpente em o Liv. 9.º

“Varia sempre o movimento a Serpe,
“E o flexuoso arrastamento entorta;
“Faz, e desfaz os circulos n’hum ponto

“D’Eva enganada na presença, e prende
 “Dest’arte os olhos seus com mór deleite”. (48-49)

O passo corresponde aos versos 516-518 do Livro IX de *Paradise Lost*, que Hogarth citou em posição de epígrafe ao seu tratado. Descreve o modo oblíquo e tortuoso que a serpente usa para se aproximar de Eva, que pretende tentar: “So varied he, and of his tortuous train/ Curled many a wanton wreath in sight of Eve,/ To lure her eye; (*Poetical Works*, 383)

A tradução portuguesa, expandida e pouco compassada, deverá ser da autoria do próprio Macedo. Trata-se, se não da primeiríssima, de uma das primeiras tentativas, entre nós, de dar Milton em verso.

2. Recensão em *O Ramalhete* de *O Paraíso Perdido* de Lima Leitão

No mesmo ano em que vem a lume *O Paraíso Perdido*. *Epopéa de João Milton; vertida do original inglez pãra verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão* [...], saído da imprensa do editor J. M. R. e Castro, em Lisboa, o semanário da capital *O Ramalhete* recenseia a obra, num artigo assinado pelo latinista Francisco António Martins Bastos, ele próprio responsável por vários volumes de traduções. O artigo de Martins Bastos surge no número 115 do volume III do periódico, com data de 18 de Abril de 1840, a páginas 115-117, inserto na rubrica “Miscellanea”. O título é, singelamente, “Traducção do Poema de Milton pelo Sr. Dr. Lima Leitão”. O texto, no entanto, longe de exhibir essa singeleza, lavra uma exaltação do poeta britânico tanto como procede a um elogio superlativo do trabalho de Lima Leitão em si mesmo. Permitir-nos-emos citar generosamente deste texto esquecido, que fala eloquentemente por si.

Abre o artigo com os louvores de Lima Leitão, “grande Portuguez”, já tradutor de poesia latina, e de Milton, pelas suas “sublimidade” e “grandeza”. É interessante coligir os atributos e epítetos conferidos ao épico inglês ao longo do texto: entre outros, encontraremos

“variedade”, “beleza”, “energia”, “originalidade” e a convicção de que estamos perante uma obra cheia de “preciosidades” que é “um riquíssimo thesouro de Poesia”. (116) Dando por adquirido o estatuto de autor cimeiro associado ao nome de Milton, o articulista não poupa nas expressões de arrebatamento. Atente-se no registo sonante desta entusiástica sequência de parágrafos:

Sim; *Milton* é um desses poetas, que pela conformidade deixa o espirito cheio de completa satisfação, ao mesmo passo, que por sua linda variedade extasia a imaginação, encantando a nossa alma. *O Paraizo perdido* não carece de elogios; basta-lhe o nome de seu Author; eis-aqui o mais perfeito louvor deste admiravel parto do engenho humano; porém, como hoje apparece no horizonte da litteratura portugueza este astro brilhante, reflectido no puro, e cristallino espelho que offerece a magnifica traducção do nosso insigne contemporaneo, somos obrigados a tocar mui de leve, e com muito respeito nas peregrinas bellezas deste primor da arte.

Similhantes aos raios do Sol são na verdade todos os episodios de *Milton*: parece que saem de um luminoso centro, e se diffundem com o mais vivo ardor na circumferencia de um perfeito circulo. Quem deixará de lêr com gosto aquelle sublime colloquio do Anjo com Adão no Paraizo? Quem se não espantará das crueis, e abominosas astucias do demonio, tomando a figura de serpente para illudir Eva? Mas se isto é grande, e magestoso, que se dirá do modo com que *Milton* desenha o character Augusto do Todo-Poderoso! Dir-se-ha cheio de admiração; até aqui, é onde podia vôar a imaginação de um homem extraordinário: empezas tão arriscadas, apenas se podem conceber.

Porém, a delicadeza de *Milton* não está sómente em transpôr os Ceos, e appresentar-se diante do Omnipotente para o retratar com a perfeição, que cabe no saber humano: *Milton* é tão grande subindo aos Ceos, como baixando á terra, para descrever tão naturalmente as cousas, que mais parece verem-se, e tocarem-se os objectos, do que ouvirem-se, ou lêrem-se! Que riqueza de imagens, que valentia de idéas todas novas, e todas sublimes; que força de expressão, que escolha de termos, que energia de colorido, emfim, que originalidade em tudo! (115-116)

No seguimento destas considerações genéricas, que não deixam, desde logo, de remeter para figuras e episódios específicos do poema épico, Martins Bastos destaca ainda certos quadros e pormenores, que lhe parecem merecer a enunciação de qualidades particulares: a graça divina que concede supremacia a Adão sobre todos os seres viventes; a formação de Eva a partir de uma costela, quando Adão dormia, sendo este um passo no qual “provou bem o poeta o modo com que sabia manejar os diferentes estilos, amoldando-se á natureza das cousas que pintava”; (116) a descrição do inferno e do concílio dos anjos caídos, episódio que o crítico entende devedor do contacto imediato que o poeta adquiriu das coisas da vida e da política:

Milton deixou neste quadro vêr, que possuia todos os conhecimentos de politica de estado: cada demonio representa alli um desses homens raros, que vem ao mundo para arruinar o mundo. Não sabemos se *Cromwel* [sic] seria nisto mais habil, do que o Satanaz que o poeta descreve. (*Ibidem*)

Curiosamente, Martins Bastos, ao entrever na factura do poema a experiência real e biográfica, coloca tacitamente Milton no campo *oposto* ao do regime republicano – quando, como é bem sabido, o poeta, ainda que por vezes desiludido com a *Commonwealth* e o Protectorado, estava muito longe de ser um regalista.

O leitor português da fábula miltoniana realça ainda os quadros relativos ao pecado adâmico, à conseqüente desordem infligida à natureza e à expulsão do Paraíso, e admira sobremaneira o modo como o poema vem a patentear a “vida humana em todas as circunstancias”, isto é, o longo arco de prolepse histórica que a epopeia descreve pela voz do arcanjo Rafael, a cujo papel atribui um efeito que quase se diria catequético:

Que assombro o do primeiro homem, á vista dos males a que vê sujeita pelo seu delicto a sua descendencia toda! Mas neste ponto, o immortal poeta, mudando de tom, poem na bocca do Espirito Celestial tantas consoações, tanto conforto, que até o mesmo homem actual, cuja vida estragada

tem affastado do caminho da virtude, sente nascer em sua alma o dōce prazer de algum dia alcançar a Misericórdia Divina [...]. (*Ibidem*)

O encómio de Milton compreende uma defesa de aspectos do poema capazes de ferir susceptibilidades. Resolvidos que se encontram – por pura e simples omissão – os embaraços que poderiam ser ocasionados pela filiação religiosa do autor, permanecem ainda assim eventuais dificuldades morais associadas à sensualidade de Adão e Eva. O crítico não se exime a abordar o problema:

Como a força da imaginação de *Milton* não conhecia limites, pinta o estado dos primeiros genitores da humanidade, depois da sua quéda, tão vivamente nos seus transportes amorosos, que por isso houve quem não gostasse deste lugar, tendo-o por indecente; mas isto foi mais por desdenhar, que por se convencer da falsidade do seu juízo, e mesmo para que esta obra tão singular, não ficasse izempta dos dentes dos criticos; muitos outros logares ainda elles morderam, mas o Paraiso perdido foi sempre voando, e voará; e seus Zoilos! (*Ibidem*)

Consumado o enaltecimento do poeta, resta a Martins Bastos glorificar o seu tradutor. Cremos que a nenhum tradutor português da obra de Milton foram dispensados termos de panegírico tão retumbantes como aqueles que este articulista concede a Lima Leitão (José Amaro da Silva parece ter sido por demais ignorado, Francisco Bento Maria Targini recebeu um tratamento vilipendioso). Aliás, num tecido cultural e literário tão propenso a condenar as práticas correntes de tradução, seja pela sua falta de fidelidade aos originais, seja pela fraca qualidade linguística e estilística dos produtos oferecidos ao público, como é o do século XIX português, o elogio deste tradutor assume contornos de veemência verdadeiramente invulgar. Envolve, inclusive, uma fina percepção da multiplicidade de cuidados e competências implicados no ofício de traduzir, o que é também pouco comum no discurso crítico da época:

Esta magnífica traducção está escripta em suaves, e harmoniosos versos, em linguagem pura, elegante, e vernacula; o estilo correcto, e bem manejado; o colorido muito natural; a phrase redonda, sem affectação, e sublime: é uma versão, em que a obra original ganhou, o que mui raras vezes acontece: se ainda está por decidir definitivamente, se o traductor bom merece tanta honra como o inventor, não escrupulisariamos de seguir a affirmativa. Se o author original tem o merito da invenção, o traductor, pelo immenso trabalho de sondar, examinar, pezar todas as suas idéas; adivinhar alheios pensamentos, buscar tintas iguaes ás do original, para lhe conservar o tom da expressão; indagar as mais secretas miudezas, escolher termos proprios para cada pensamento, ressuscitar palavras que não estando em uso, se tornam em muitos casos, de absoluta necessidade, formar outras de novo, o que é sempre difficil, e arriscado; trasladar para a lingua em que traduz, todas as bellezas do original, sustentadas com as graças do seu idioma; copiar fielmente o character do author, conservando-lhe todas as feições naturalmente desenhadas na traducção; e tudo isto, para mais difficuldade, sem se occupar de traduzir palavras, o que deitaria a perder a versão, ainda que algumas pessoas cuidam, que só traduzir palavra por palavra, constitue o merito de uma versão.

Por todos estes motivos, uma traducção boa, equivale a um bom original; e, ao nosso vêr, o traductor que sabe vencer estas difficuldades, torna-se original para a lingua em que traduzio; logo merece, pelo menos nesse idioma, tanta honra como o author que verteu: pois não sómente a nação que possui a boa traducção o enche de louvores, as estrangeiras tambem lhe tributam os seus, como temos visto algumas vezes, ainda que poucas. (116-117)

Milton e o seu tradutor podem assim ombrear no panteão das Letras. Milton, sustenta o articulista, felicitar-se-ia por ter “o seu immortal Poema vertido em uma lingua estranha á sua mimosa, e sublime expressão”. (117) A confirmá-lo está um exercício de ventriloquismo no qual se afoita Martins Bastos, que imagina o poeta seiscentista a declarar-se coroado com “a traducção de um illustre litterato portuguez [,] que tem de viver nos annaes da litteratura, por tantos seculos, como o meu nome”, e a exortar os portuguezes a que

prezem esse “exímio sabio”, não vá ele acabar os seus dias “na miseria extrema”, como, de acordo com Martins Bastos, foi o fado de Milton entre os seus compatriotas. (*Ibidem*)

3. Um Milton “Catolicizado”?

Francisco António Martins Bastos data a sua peça de *O Ramalhete* do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa. Martins Bastos era director dessa instituição, como vem dito em outra obra sua. (Cf. *Prælusio Poetica* 3, n. 1) Era também Cavaleiro da Ordem de Cristo (cf. Innocencio II, 340) e, como tal, confrade de Lima Leitão. A primeira de muitas dignidades que surgem a qualificar este tradutor no rosto da sua miltoniana respeita, precisamente, a ser o insigne médico “Cavalleiro professo na Ordem de Cristo”. (Cf. Milton, *Paraíso Perdido* I, frontispício) Tratando-se, em ambos os casos, de leigos, obviamente, verifica-se que os seus pergaminhos de fidelidade aos organismos do Catolicismo – e do *status quo* político da época – se coadunam com a preocupação que sempre parece ter havido em tranquilizar o público português no que concernia às eventuais implicações doutrinárias de poesia de temática sacra composta por um autor puritano. Essa preocupação manifesta-se, por exemplo, no facto de o segundo tradutor português de *Paradise Lost*, Francisco Bento Maria Targini, visconde de São Lourenço, alto funcionário do Antigo Regime e também ele comendador da Ordem de Cristo, garantir ser esta uma “composição que encerra os mais altos Mystérios da nossa Santa Religião” (como assinalado em Silva, “Milton e Pope em Portugal” 114, 116).⁶ De facto, são frequentes entre os comentaristas os argumentos exculpatórios do puritano – e do partidário de um

6. Escrúpulo similar, aliás, é professado por François-René de Chateaubriand em 1837, numa advertência que funde a metodologia da redacção e da tradução do poema com a autoridade dogmática e eclesiástica: “Lorsque Milton peint la création, il se sert rigoureusement des paroles de la Genèse, de la traduction angloise; je me suis servi des mots françois de la traduction de Sacy, quoiqu’ils diffèrent un peu du texte anglois: en des matières aussi sacrées, j’ai cru ne devoir reproduire qu’un texte approuvé par l’autorité de l’Église”. (9-10)

regime revolucionário e regicida – que procuram suavizar a divergência confessional e política, ou, mais amplamente, mundividencial. É sobretudo curioso que na transmissão da obra de Milton desempenhe papel de tão grande relevo, como mediadores, uma sequência de sacerdotes católicos: José Amaro da Silva, José Agostinho de Macedo, inclusivamente Pierre de Mareuil (o jesuíta francês cujas traduções serviram de base para o trabalho de José Amaro da Silva) e o abade de Boismorand (que seria o verdadeiro autor, ou pelo menos importante colaborador, da tradução francesa que corria sob o nome de Dupré de Saint-Maur e que José Amaro da Silva também adoptou como texto de partida; cf. Moser 340-341). Significa isto que o leitor português foi confrontado com um Milton catolicizado, além de conservador e afrancesado? A hipótese não deixa de ser complexa, quer empírica, quer conceptualmente. Merece tornar-se matéria para futuras análises e reflexões.

Obras Citadas

- Bastos, Francisco António Martins. “Traducção do Poema de Milton pelo Sr. Dr. Lima Leitão”. *O Ramalhete*. III, 115 (18.04. 1840): 115-117.
- Bastos, Franciscum Antonium Martins. *Prælusio Poetica*. Imprensa de Candido Antonio da Silva Carvalho, 1841.
- Chateaubriand, François-René de. *Le Paradis Perdu suivi de Essai sur la Littérature Anglaise*. Garnier Frères, 1837.
- Innocencio Francisco da Silva et al. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Na Imprensa Nacional, 1858-1923, 22 vols.
- Macedo, José Agostinho de. *A Besta Esfolada*. Na Impressão Regia, 1828.
- . *Cartas Filosoficas a Attico*. Na Impressão Regia, 1815.
- . *Motim Literario em Forma de Soliloquios*. Terceira edição emendada e acrescentada. Na Impressão Régia, 1841.
- . *Newton. Poema*. Segunda edição correcta, e augmentada. Na Impressão Regia, 1815.
- . *Semanario de Instrucção, e Recreio*. 1812-1813.

- . *O Paraíso Perdido. Epopeia de João Milton; vertida do original inglez pãra verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão*. Lisboa, 1840, 2 vols.
- Milton, John. *Poetical Works*. Ed. Douglas Bush. Oxford University Press, 1992 [1966].
- Moser, Fernando de Mello. "Milton em Portugal. As Traduções do Padre José Amaro da Silva". *Discurso Inacabado. Ensaios de Cultura Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. 335-342 [1981-82].
- Silva, Jorge Bastos da. *O Discurso sobre a Tradução na Literatura Portuguesa (Classicismo e Romantismo) – Antologia*. Edições Afrontamento, 2015.
- . "Milton e Pope em Portugal: As Traduções de F. B. M. Targini e o Contexto da Crítica". *Tradução e Cultura Literária. Ensaios sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*. Edições Afrontamento, 2014. 95-128.
- . "Pope in Portugal: Translation, Criticism, Controversy". *Op. Cit.: Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies*, 6 (2003): 49-69.
- . *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*. Campo das Letras, 2005.

Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness

Rui Moura

(Independent Researcher)

Introduction

The events of the early 19th century in Portugal were violent and dramatic, leaving an indelible mark on the country's development for decades. From 1814 to 1827, Portugal experienced substantial political instability, which shaped its history and left enduring effects in the country, which persist today. The period in question was characterised by the end of the *Ancien Régime*, when traditional monarchical systems of government in Europe, identified by absolute monarchy, were overthrown or significantly reformed. According to Maria de Fátima Bonifácio (2002), the history of the 19th century in Portugal consists of a long, complicated, and frequently violent transition from the monarchy to the Republic, carried out against the forces that struggled to preserve the halfway house between the two.

The events that unfolded during the first quarter of the 19th century were decisive for the destruction of the economy and the political struggles between absolutists and liberals, the latter divided into radicals and moderates, culminating in the Civil War (1832-1834). These events included, among others, the War of the Oranges against

a Franco-Spanish alliance (1801), the three French invasions (1807-8, 1809, and 1810-11), the departure of the royal family to Brazil (1807), the opening of Brazilian ports to the trade of friendly nations (1808), the Peninsular War (1808-1814), the creation of the United Kingdom of Portugal, Brazil, and the Algarves (1815), the ascension of King João VI (1816) and his coronation (1818), the republican revolt in Recife (1817), the conspiracy against the government in Lisbon (1817), the revolution of 1820, the Martinhada (1820), the General Courts (1821-22), the return of King João VI to Lisbon (1821), the Constitution of 1822, the Independence of Brazil (1822), the anti-liberal revolts in the North (1823), the absolutist revolts of Vilafrancada (1823) and Abrilada (1824), the suspension of the Constitution of 1822 (1824), the death of King João VI (1826), the regency of Infanta Isabel Maria (1826), the succession crisis between the two brothers, Pedro and Miguel (1826-1832), the recognition of Pedro, Emperor of Brazil, as King of Portugal (1826), the Constitutional Charter (1826), the abdication of King Pedro IV in favour of his daughter Maria II (1826), the return of Miguel and the rise of absolutism (1828).

Throughout this tumultuous transition period between regimes, the situation in Spain was not any more stable, often decisively influencing the status of Portugal. Not only due to its geographical proximity but also because, at specific times, the royal houses of Braganza and Bourbon were connected by family ties. King João VI was married to Queen Carlota Joaquina de Bourbon, daughter and sister of Spanish Kings Carlos IV and Fernando VII, respectively; and then Fernando VII married the daughter of João VI, Maria Isabel de Braganza, who became Queen Consort of Spain, from 1816 until she died in 1818. King João VI was simultaneously both the father-in-law and brother-in-law of the Spanish King, who was married to his own niece.

Moreover, the political power in Spain and its policy of alliances oscillated between a friendly relationship with France and the acceptance of British-Portuguese allied intervention. All this significantly influenced the situation in Portugal. For example, during the declaration of war by Spain against Portugal (1801), the invasion of

Portugal by Spanish military forces accompanying the first French invasion (1807), the treaty for the partition of Portuguese territory between Spain and France, signed in Fontainebleau (1807), the liberal Constitution of Cadiz (1812), the enthronement of Napoleon's brother in Madrid (1808-1813), the restoration of absolutism with the return of Fernando VII (1814-1820), the pronouncement of the more radical liberals and the restoration of the Constitution of 1812 (1820-1823), and the French invasion of Spain to restore the absolutist regime (1823), which led to Spain's recognition of Miguel (1829) as King of Portugal.

The English intervention in Portugal after the events of 1820, both diplomatically and militarily, was heavily debated in London, particularly in Parliament, and it divided opinions. Canning,¹ Foreign Secretary of Liverpool's government from 1822 to 1827, had a significant role in developing this intervention. Canning advocated a policy of non-military intervention in other European nations; nevertheless, he exhibited a pragmatic and adaptable political disposition and "was flexible on these points and willing to alter his policy slightly in order to better deal with real world situations and further the interests of Great Britain". (Endorf 2008, 43) A private visit to Portugal of Beresford in 1823 and his constant presence alongside King João VI, became a diplomatic tool and a source of vital information to London, however, he returned to London in 1824 following the Abrilada. (Beresford 2020, 77-78)

Finally, in December 1826, a division of the British Army with 5,000 men, commanded by General Sir William Henry Clinton, arrived in Lisbon, demonstrating British support for the Portuguese constitutional regime. The presence of English forces in the Lisbon region ensured the security of the capital and the court, enabling loyalist forces aligned with the Liberal Cortes to be mobilised and dispatched to the northern regions of the country to suppress the

1. Georges Canning (1770-1827) was a British Tory statesman. He was Foreign Secretary in two critical terms, 1807-1809 and 1822-1827, British Ambassador to Portugal from October 1814 to June 1815, finally becoming Prime Minister of the United Kingdom from April to August 1827.

uprising of supporters of Dom Miguel, who aimed for the return to absolutism. Eventually, these latter forces had to seek refuge within Spanish territory. Clinton's division returned to England in April 1828, with Portugal still in an unclear situation. (Collins 2013)

However, for a very long time, the political history of Portugal in the 19th century received little attention. The challenging growth of Portuguese liberalism was neglected under Salazar's New State in favour of older eras from which that nationalist administration drew inspiration, primarily, the periods encompassing the formation of national identity under the early monarchs, and the Age of Discoveries and maritime expansion. Subsequent historians preferred to focus on social and economic advancements instead. The recent interest in the 19th century in Portugal is a reaction against decades of neglect. (Fernandes, Menezes, and Baiôa 2003) However, supported basically by national sources, ignoring international sources.

Almost unknown and hardly ever referenced in Portugal, an 1827 book published in London, with the long title *An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War: Exhibiting a Full Account of the Events Which Have Led to the Present State of That Country, by an Eye-Witness*, was authored by an Englishman, John Murray Browne (1792-1828),² who had joined the Portuguese Army during the Peninsular War and stayed in Portugal afterwards, witnessing all these tumultuous events. This work was published anonymously and received excellent reviews from the Whig and the Tory sides of the British literary and political Press.

This is a rare and unique book written by a foreigner well-connected to the Portuguese King's court who had in-depth knowledge of Portugal and its people. The book explores this particularly

2. The authorship of the book is wrongly attributed to Andrew Halliday by Manoel Bernardes Branco, in his book *Portugal e os Estrangeiros* (1879, vol.1, 370) and so wrongly registered in the Centro de Estudos Anglo-Portugueses data-base *Portugal e os Estrangeiros*. (Sousa and Birne 2002, 28) *The Naval and Military Magazine* (1828) revealed the name of the author, "Captain Browne, now of the 75th Regiment, [...]" (153) All posterior book reviews concurred with that attribution and Samuel Halkett, in the 1883 *Dictionary of the Anonymous and Pseudonymous Literature of Great Britain* attributes the book to Captain John Murray Browne. (vol. 2, 1123) The information presented by the author in the Preface (vii-viii) of his book unequivocally eliminates any uncertainty regarding its authorship: Captain John Murray Browne.

fascinating period in Portugal's history, marked by revolutions and counterrevolutions, and compares and discusses the political implications of the Constitution of 1822 and the Portuguese Charter of 1826, from an external viewpoint. The book is, in all perspectives, unique, a long-period view from within; indeed, other British authors visited or had short stays in Portugal during this turbulent period, writing predominantly popular descriptions and travel books, such as Henry Matthews who visited Lisbon in 1817 (1820),³ Marianne Baillie with a residence of about two years and a half in Portugal (1825),⁴ the Earl of Carnarvon (Lord Porchester), who travelled the Peninsula and stayed in Lisbon over a short period in 1827-1828 (1830 and 1836),⁵ or the reverend William Kinsey (1828)⁶ who visited Portugal in 1827.

The author who most closely aligns with the profile of John Browne and who also penned a book about this tumultuous period is William Young (1828). Young, an English officer (half pay) and a veteran of the Peninsular War, married to a Portuguese woman, possessed fluency in the Portuguese language, (2) and after 1814, resided in the Leiria region, pursuing agricultural endeavours. (14) Nevertheless, his work, entitled *Portugal in 1828: Comprising Sketches of the State of Private Society, and of Religion in that Kingdom, under Dom Miguel*, focuses on the events of the year 1828, revealing the overwhelming power of the priesthood over the Portuguese people and the violent treatment he endured while incarcerated by the henchmen of Dom Miguel, ultimately culminating in his expulsion from Portugal. Hence, it falls significantly short of providing the historical and political perspective offered by John Browne's book.

3. Henry Matthews (1789-1828), British judge and traveller.

4. Marianne Baillie (1795?-1831), English travel-writer and poet.

5. Henry John George Herbert, 3rd Earl of Carnarvon (1800-1849), Lord Porchester, British writer, traveller and politician.

6. Reverend William Morgan Kinsey (1788-1851), B.D. Fellow of Trinity College, Oxford, and Chaplain to the Right Honourable Lord Auckland, British cleric and traveller.

1. The Author

John Murray Browne's last name is spelt in several ways in various sources. The most common are Browne, Brown, and Broune, the latter version found in Portuguese Army records.

We know about John Murray Browne's children and family life from the biography of his older sister and only sibling, Charlotte Elizabeth Tonna (née Browne), the Anglican evangelical missionary and famous Victorian English journalist, editor, poet, and novelist, who published under the name of Charlotte Elizabeth.

Charlotte was a prolific writer and editor of *The Christian Lady's Magazine* (1834-1848). She left us more than forty books. In her autobiographic book *Personal Recollections*, she affirms her strong bonds with her brother: "[...] that only brother was a second self" (Tonna 1847, 17) and reproduces, in an Appendix, (*Idem*, 431-435) word-by-word, a short sketch of the life of her brother previously published by Dr Southey, in the *Quarterly Review* for July 1829. (41, 184-226)

John, born in 1792,⁷ was the only son of "a clergyman at Norwich, who, yielding most reluctantly to the ardent but determined inclination of the boy, obtained a commission for him, while yet a mere youth, in 1809." (*Idem*, 186) Michael Browne, the father of Charlotte and John, was rector of St. Giles's Church and minor canon of Norwich Cathedral and contributed significantly to the development of Tonna's and John's intense faith and devotion to God, the consequence of being raised in a Tory, royalist, Church-of-England family. Her mother, also named Charlotte, was the daughter of local physician Dr John Murray. Charlotte Elizabeth bestows upon her brother the following laudatory words, as might be expected from a sister who held great affection for him:

The brightest, the sweetest, the most sparkling creature that ever lived,
he was all joy, all love. I do not remember to have seen him for one moment

7. Regimento de Infantaria n° 13. *Livro de Registo de Assentamento de Oficiais e Praças do Regimento de Infantaria n° 13*. Liv. 7. 3. PT/AHM/G/LM/B-13/07. Manuscript. Arquivo Histórico-Militar. Livros Mestre. Arma de Infantaria.

out of temper or out of spirits for the first sixteen years of his life, and he was to me what the natural sun is to the system. We were never separated; our studies, our plays, our walks, our plans, our hearts were always one. That holy band which the Lord has woven, that inestimable blessing of fraternal love and confidence, was never broken, never loosened between us, from the cradle to his grave; and God forbid that I should say or think that the grave has broken it. (Tonna 1847, 13)

Also, she appends the following text, affirming John's intention, since birth, of becoming a military officer:

[...] for my brother, in whose character the soldier had reigned predominant from babyhood, assembled all the little boys of the neighbourhood, addressed them in a patriotic speech, and brought them to the unanimous resolution of arming in defence of their country. (49)

Further revealing her complete admiration for his brother, highlighting his physical traits, and admiring his personality, which was well-suited for the chosen profession:

Never did a sister more fondly love a brother; never was a brother more formed to be the delight, the pride, the blessing of a sister. He was the most rare beauty from the cradle, increasing in loveliness as he grew up, and becoming the very model of a splendid man; very tall, large, commanding, with a face of perfect beauty, glowing, animated, mirthful, a gait so essentially military, that it was once remarked by an officer, 'If [John] were disguised as a washerwoman, any soldier would give him the salute'. (231)

John was commissioned an Ensign in the 48th (Northamptonshire) Regiment of Foot, dated July 20, 1809, joining Wellington's Army in the Peninsula in 1810. The two battalions of the 48th were deployed to Portugal in the spring of 1809 for service under General Sir Arthur Wellesley in the Peninsular War. The 2nd Battalion saw action at the Second Battle of Porto, in May 1809, and both Battalions were in action at the Battle of Talavera in July 1809, when they carried out a

bayonet charge that broke the French attack. However, John missed both these actions, as he remained at this time in Great Britain.

Aged just seventeen and a member of the lowest officer rank, John joined his Regiment in October 1809, (Challis 1949) and the following year, he saw battle at the Bussaco ridge, on September 27, 1810, positioned in the unattacked sector of the 2nd Division commanded by Major General Rowland Hill, at the southern end of the ridge. To John's regret, the real action was much further to the North. A retreat followed as Hill's and Hamilton's Portuguese divisions crossed the fords of Penacova and marched for Espinhal and Thomar towards the Lines of Torres Vedras, (Oman 1908, 397) and later John's unit moved to the South bank of the river Tagus, where the 2nd Division spent much of the winter of 1810-11.

In March of 1811, Massena's Army initiated a retreat and was pursued by the Allied Army of Wellington. Under the command of Beresford, the independent British and Portuguese forces to the South of the River Tagus were sent to Badajoz, laying siege to the French garrison consisting of approximately three thousand soldiers, led by General Phillipon, from May 6 to 12. The advance of a French army under Marshal Soult meant the siege had to be lifted to take up a defensive position South of Badajoz, near the small village of Albuera.

So, on May 16, 1811, we can find John fighting bravely at the Battle of Albuera. Both the 1st and 2nd battalions of the 48th regiment forming part of the 2nd Division, now under the command of Major General William Stewart in Hill's absence due to illness, took heavy losses, suffering terrible charges from Polish lancers and French husars. The 1st Battalion, part of Houghton's Brigade, lost 280 men, of which 67 were killed, from a total of 497 officers and men, (Oman 1911, vol. 4, 631) and its commanding officer, Lieutenant Colonel George Henry Duckworth, was killed; whilst the 2nd Battalion, part of Colborne's Brigade, lost 343 men, of which 48 were killed, from a total of 452 officers and men, (*Idem*) and its commanding officer, Major Brooks, was taken prisoner. The French also captured the King's and the colours of the Regiment. (Burnham 2010, 233)

He survived this bloody battle without being wounded. However, the losses of the two battalions were such that the remnants of the 2nd Battalion were absorbed into the 1st Battalion, and some of its cadre went down to Lisbon and then to England to recruit new men. John was promoted to Lieutenant, dated June 19, 1811, most probably to fill the slot of one of the five lieutenants from the 48th killed at Albuera, and he was sent home in July 1811, as part of 2nd Battalion officers, only to return to the Peninsula in December 1812. (Challis 1949)

Lieutenant John Murray Browne was away from the Peninsula for 18 months, missing the brutal 1812 sieges of Ciudad Rodrigo and Badajoz, where the walled cities were recaptured from the French, and the Battle of Salamanca, in July 1812. John rejoined his Regiment in time to participate in the battle of Vitoria (June 21, 1813), where the 48th Foot was in Major General William Anson's 1st Brigade of Lt. General Lowry Cole's 4th Division. At Vitoria, Anson's Brigade was positioned to provide rear support to Stubbs' Portuguese Brigade as the Division moved to take up an attacking line. "It would seem that 1/48th caught stray cannonballs as they came through the line up ahead, casualties on the day being one man killed and eighteen wounded of which, not a single officer." (Foster 2010)

His unit followed the Army's advance to fight in the Spanish Pyrenees, seeing combat at the first battle of Sorrauren (July 28, 1813), where they took a significant role, revealed by the heavy toll of 12 killed, 112 wounded and 146 missing. (Oman 1922, vol. 6, 769) The 48th and the 3/27th attacked the left flank of the French, near the small village of Zabaldica, winning the combat in the centre. (Lipscombe 2010, 314)

A month later, for undisclosed reasons, the inconspicuous lieutenant was appointed to the Portuguese Army, joining the 13th Line Infantry Regiment, with a promotion to Captain (dated September 14, 1813).⁸

8. Regimento de Infantaria n° 13. Livro de Registo de Assentamento de Oficiais e Praças do Regimento de Infantaria n° 13, de 1815 a 1828. Liv. 8. 7. PT/AHM/G/LM/B-13/08. Manuscript. Arquivo Histórico-Militar. Livros Mestre. Arma de Infantaria.

John had the position of a Portuguese officer at the head of a fighting company throughout the final operations of the Allied Army against the French, already inside Southwest France, which occurred in the last quarter of 1813 and the first quarter of 1814.

The 13th Portuguese Infantry Regiment, led by a very young (23 years old) and promising Lieutenant Colonel, João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun, future Marshal Saldanha and Portuguese Prime Minister, was part of the 10th Portuguese Independent Brigade, also known as Bradford's Brigade after its commander, General Sir Thomas Bradford. After crossing the Bidassoa into France, on October 7, the 13th Regiment was present at the battle of the Nivelle (November 10, 1813), (Soriano 158) and fought at the battle of the Nive (December 9-13, 1813) (*Idem*, 200) and at the siege of Bayonne (February 22 to May 8, 1814).

The 13th remained in reserve during the Bidassoa crossing and the Battle of the Nivelle, not being tactically engaged. Still, it played a significant role on the left flank of the Allied Army during the Battle of the Nive. The Portuguese brigades of Bradford and Campbell, in defensive positions near the village of Barrouillet, faced the main attack from the French forces in the western sector of the Allied Army, south of Biarritz, close to the sea. The advanced posts suffered some attrition, but the main positions bravely withstood the attack. (Lipscombe 2010, 336) The casualties suffered by the 13th Regiment, on December 10-11, 1813, in Barrouillet were high: 21 dead, 33 wounded, and 46 missing. (Oman 1930, vol. 7, 546)

According to the memoirs of his sister, John Murray Browne "[...] served in the Peninsula with the highest possible credit, regarded by those in command as one of the best officers in the service, and mostly ardently loved by the men under him." (Tonna 1847, 231)

After the peace of 1814, John remained with his Regiment on its return to Portugal, being moved to half-pay in the British Army dated December 25, 1816, (Great Britain. War Office 1821, vol 17, 656) which meant he made a personal decision to stay with the Portuguese Army. In 1817, he was transferred to the Staff of the Portuguese Army

as an Assistant in the Quartermaster Generals Department,⁹ under the command of General Benjamin D'Urban. In 1819, by order of August 4, he was appointed Assistant Army Quartermaster General, being responsible for the 2nd Region of the Southern District, based in Tomar, tasked with inspecting units in his region, which comprised Leiria, Torres Novas, Tomar, Abrantes, and Santarém. (*Collecção das Ordens do Dia* [...] OD August 4, 1819, 97-99) In the initial pages of his book, published anonymously, a text elucidates his situation following the liberal revolution of August 1820:

In common with his brother officers, he quitted the Portuguese service in 1820; but, unlike the greater number of them, remained in Portugal, and during the reign of the Cortes devoted his time to agricultural pursuits. Shortly after the counter-revolution of 1823, he removed to Lisbon, where an intimacy with some members of the royal household, afforded him opportunity of being much at the court of John VI, and acquainting himself with circumstances that few of his countrymen had means of learning. (viii)

John transitioned to civilian life, dedicating himself to farming in the region of Torres Novas, where he cultivated olive trees. His family was composed of his wife Lucy Norton (Smith) and their children: Lusitania (born in 1816), James (born in 1817, passed away in 1819), James II (born in 1819, passed away in 1823), and John Wilson (born in 1823). The name of the first child, Lusitania, has often been used as an alternative name for Portugal. It is a curious and very rare choice for a forename, probably a tribute to a nation and its populace that warmly embraced John with open arms and whom he felt a profound affinity towards.

From his offspring, we only know that Lusitania married Dr Solomon Caspersonn in 1846. They moved to Australia and lived in Brighton, Victoria, between 1850-1857. Lusitania's family moved to

9. Regimento de Infantaria n° 13. Livro de Registo de Assentamento de Oficiais e Praças do Regimento de Infantaria n° 13, de 1815 a 1828. Liv. 8. 7. PT/AHM/G/LM/B-13/08. Manuscript. Arquivo Histórico-Militar. Livros Mestre. Arma de Infantaria.

Albury in 1857, where she became a pharmacist and was quite possibly the second woman to work as one in New South Wales. (*Australian Women's Register* 2009)

After staying in Portugal for some years, John returned to England, holding the rank of Captain, and was later appointed to the 75th Regiment of Foot.¹⁰ In the *London Gazette*, dated September 10, 1825, is published the following note: "Dated August 25, 1825, [...] 75th Infantry, Captain John Murray Browne, from the half-pay, to be Captain, vice John Samuel St. Leger, who exchanges." (1825, vol. 18174, 1648)

Initially, he resided in Bagshot, to deepen his military studies; (Southey 1829, 187) according to his sister "with leave to study for two years in the senior department of the Military College at Sandhurst the better to qualify himself for the future staff appointment." (*Idem*, 233) However, in January 1828, he rejoined his unit, being assigned to a posting in Ireland. Unfortunately, in June 1828, following an accident on a boat when fishing in a lake in Mullingar, County Westmeath, he drowned. (*Idem*, 434) Thus, ending his life tragically and still very young, at only thirty-six years of age, a life filled with great promise. Southey (Cutmore 1995) pens the following highly laudatory text, in his eulogy on John Murray Browne, in the *Quarterly Review* magazine:

[...] the late Captain John Murray Browne, the British army has lost a man who was likely to have been one of its brightest ornaments; for he possessed, in an eminent degree, not only the physical and intellectual endowments requisite for his profession, but the gentleness and benignity of disposition which are required to temper it, and those vital principles of morality and religion which can alone secure the happiest disposition against the evil tendencies of a military life; so that in mature manhood he had no cause to repent having chosen for himself this course in childhood, and persisted in his choice against the wishes of his father. (Southey 1829, 195-6)

10. Captain J.M. Browne – 5 June 1815. (*The Army List for October 1825*, 40)

2. The Book

The book was written and published with the motivation to enlighten the British public about the events in Portugal and its recent history, “at a moment when the foreign policy of Great Britain is again so intimately connected with the state of the Peninsula, and when the safety of Portugal is once more committed to a British Army.” (Browne 1827, v) John’s aim in writing the book was to explain the evolution of Portuguese society and politics since the end of the Peninsular War and the status of affairs when a new British intervention was being planned and executed under the command of General Clinton (Dec 1826 – Feb 1828), with much discussion in Parliament, the British press, and the common people. (Collins 2013) As the author said in the foreword of his book:

[...] the author of the following sheets has been led to believe, that an authentic account of the political circumstances which have produced the present condition of that kingdom, will not be unacceptable to the British reader. That a great deal of misapprehension and ignorance still prevail in this country, on the real character of the revolutions which have agitated Portugal, since the close of the Peninsular War [...].

John Murray Browne’s book was published in June 1827, by John Murray, the publisher of famous 19th-century authors such as Jane Austen, Sir Walter Scott, Washington Irving, George Crabbe, Mary Somerville, and many others. His home and office were at 50 Albemarle Street, in Mayfair, the centre of a literary circle fostered by Murray’s tradition of “four o’clock friends”, an afternoon tea with his writers. The book price at its launch in 1827 was 12 shillings, equivalent in purchasing power to about £81.13 today.¹¹ The book was widely advertised in the press, such as in the October 1827 advertisements section in of *The Retrospective Review* (Southern 1827) or in

11. “Value of 12 shilling [£0.60] in 1827 → 2023: UK Inflation Calculator.” Official Inflation Data, Alioth Finance. <https://www.officialdata.org/uk/inflation/1827?amount=0.60>. Accessed on 29 Jun. 2023.

February 1828 of *The Evangelical Magazine and Missionary Chronicle*. (1828, vol. 6, 64)

The publisher also used the last pages of other books such as Duke Acland's *The Glorious Recovery by the Vaudois of Their Valleys*, in 1827, or William Napier's *A Reply to Lord Strangford's Observation on Some Passages in His History of the War in the Peninsula*, in 1828, to announce the publication of John Murray Browne's book.

The book was organised into chapters chronologically, in addition to a lengthy preface explaining why the author chose to write it and why he was among the best equipped to recount the history. Readers can access the list of issues and topics discussed in each chapter thanks to the thorough contents index. John, however, did not limit himself to only stating the facts. The book concludes with two chapters on political analysis, one (Chapter VII) discusses Portugal's prospects for the future and the political stance that England should take in its relations with the Peninsular Kingdom, and the other (Chapter VIII) compares the Constitution of 1822 and the Constitutional Charter, the latter being fully translated and transcribed in the book Appendix. These are the chapter titles, with respective pages:

CHAPTER I.	1814 - 1820.	1
CHAPTER II.	1820 - 1822.	45
CHAPTER III.	1823 - 1824.	92
CHAPTER IV.	1823 - 1824.	153
CHAPTER V.	1825	206
CHAPTER VI.	1826 - 1827.	243
CHAPTER VII.	Considerations on the future Prospects of Portugal; and on the Line of Policy which it behoves England to adopt in her Relations with that Country.	284
CHAPTER VIII.	Examination of the Portuguese Charter of 1826; with a Comparison between it and the Constitution of 1822.	327
APPENDIX.	Translation of the Constitutional Charter of Portugal - 1826	363

Captain John Murray Browne's thorough and analytical account, *An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War*, offers an in-depth analysis of Portugal's turbulent history following the Peninsular War and a firsthand viewpoint from an eyewitness. Due to Capt. Browne's extensive knowledge of Portugal gained throughout his seventeen years of residence and military duty, he can provide an informed account of the political and social advancements of the nation.

The book opens by describing the post-war context of Portugal, showing how the country was undergoing rapid external changes without real material advantages. Given the constant concentration of wealth and opportunities of the ruling elite in contrast to the relatively static and destitute circumstances of the general population, the need for political regeneration was considered necessary but seen as unachievable. The author takes delight in providing a respectable historical perspective and steers clear of the sensationalism and anecdotes common in contemporary writing.

John Murray Browne describes the suffering of poor farmers and the neglect of olive groves as a result of poverty as he looks into the effects of an idiotic administration on an impoverished nation. He underlines the importance of a particular agricultural strategy for the health of olive trees and abundant harvests. He closely examines and analyses political transactions throughout the book, offering a direct and critical assessment of influential individuals, such as King João VI, whom he views as an upright but naive man who is unprepared for the demands of leadership.

As he recounts the exploits of Prince Miguel, a significant figure in the book, the author's knowledge of military issues is evident. The early exploits of Miguel are depicted as lacking in restraint, portending his abuse of absolute power. Captain Browne presents a cogent analysis of the dispute over Royal succession between Miguel and his brother, Pedro, Emperor of Brazil, and father of future Queen Maria II.

Before comparing the Constitution of 1822 and the Constitutional Charter of 1826 included in a separate chapter, and translating and including the latter in an appendix, Captain Browne discusses

Portugal's relationship with Britain and the Charter significance. His extensive views of Portuguese politics, his meetings with local officials, and his connections within the royal household offer enlightening perspectives on the nation's internal dynamics during difficult times.

Browne reveals his views on the future prospects of Portugal and England's relationship with the Portuguese people. To the author England's government goal should be to support the Portuguese constitutional system, abandoning small profits from trading with Portugal and instead focusing on political relations. Browne argues that Portugal's prosperity has decreased, and England should focus on supporting the country, emphasising the importance of maintaining a counterbalance to France's influence in Spain, and the threat of Portugal becoming a helpless province of the French empire.

The text also calls for the Portuguese government to adopt measures to make the Charter more familiar to the nation to gain popular support. The text warns against France's menacing inclination against England and urges the Portuguese government to remove obstructions and beware of inertia, as it may delay the deliverance of a whole nation and England is urged to press her counsel on the Portuguese government, as she possesses the necessary qualities to promote Portuguese prosperity. To reconcile the counter-revolutionary Miguelites and the existing liberal government, Don Miguel is suggested to be placed at the head of the government until the young queen passes her minority. Finally, Browne suggests that England's counsels must be given honestly and unequivocally, with the declaration that unless sufficient weight is attached to them, the English army will be immediately recalled. In his own words Browne writes that:

We may maintain an army on the Portuguese territory, sufficient to repel those enemies who now menace her; and we may scatter a little money in the districts immediately surrounding the stations which that army occupies. But unless we demand a change in the internal administration, much more extensive than that which the Charter will necessarily produce, if executed to the letter, we shall bring on ourselves a weight of guilt, and its consequent punishment. (324)

The book includes the first known published English translation of the Portuguese Constitutional Charter, which was the document that governed the Portuguese political system for the longest period (seventy-two years) in modern history and made the greatest ideological and institutional contributions to the monarchical regime that ruled Portugal in the 19th century. The Charter was founded on a specific political culture known as “charterism”, which redefined the language of liberal Europe at the time, distinguished it from revolutionary traditions, and adopted a “middle way” for conducting politics halfway between traditional royal absolutism and radical popular democracy. (Sardica 2012)

The Constitution of 1822 was notably radical for its time within the European context, as it envisioned a monarch with limited or no powers and a system with only one elected chamber of deputies. As the author states “insidiously stripping the monarch of every vestige of regal power, legislative and executive, while leaving to him the semblance of possessing both, it reduces him to a mere automaton”. (334-335) Conversely, the Constitutional Charter of 1826, being inclusive, aimed to strike a moderate balance between conservative liberals and more progressive factions, while also attempting not to alienate the absolutists. John Browne highlights: “Very different is the charter of 1826, which leaves unfettered the privileges befitting a sovereign ruler, though still in a manner as perfectly compatible with the free establishment of public liberty, security, and property.” (335)¹²

12. The most significant features of the Constitutional Charter of 1826 are as follows:

1. The Charter was a royal concession that, unlike the Constitution of 1822, did not assert the principle of popular sovereignty but granted the King an essential role in the constitutional order.
2. It established the principle of the separation of powers, which, in addition to the classic three branches – legislative, executive, and judicial – introduced another one: the moderating power. The legislative power was vested in the Cortes, with the King’s sanction. It was exercised by two chambers: the Chamber of Deputies, elective and temporary, and the Chamber of Peers, composed of lifelong members appointed by the King, with an indefinite number of seats, some of which were hereditary. The moderating power, the most significant, was exclusively held by the King, who oversaw the harmony among the other three powers and was not subject to any accountability. The executive power also belonged to the King, who exercised it through his ministers. The judicial power was independent and relied on a system of judges and jurors.
3. The Charter also enumerated the rights of citizens, among which the most important included the right to freedom of expression, both oral and written, the right to security, ensuring that no one could be arrested without formal charges, and the right of property.

Military candour and an engaging openness are the defining traits of the writer's style. The unassuming, masculine, and modest language reflects the author's image as a soldier. The book is an excellent source of historical information because it objectively records historical occurrences and viewpoints while providing important political data through an engaging and humorous narrative. The author, while striving for impartiality in his analysis, does not conceal his preference for the Constitutional Charter of 1826, and is a staunch critic of the abuses perpetrated by the governments that had governed the country under the Constitution of 1822, and particularly of the constitutional Cortes:

But these hopes were soon wearied out, and every thinking mind disgusted by the idle delays, forms, proclamations, and ridiculous acts of a body, which appeared under the guidance of a few madmen, more fit to inhabit the cells of a lunatic asylum, than to occupy such a responsible place, and to frame laws for the government of a nation. (Browne 1827, 64)

This book primarily revolves around key figures from the royal family, notably King João VI, the Queen, and their two sons, Pedro and Miguel, in addition to politicians and military men who played pivotal roles in the events of that era. Three noteworthy figures are the Count of Suberra,¹³ the Count of Amarante,¹⁴ and the 2nd Count of Amarante and Marquis of Chaves.¹⁵ Equally significant are two British

-
13. Manoel Inácio Pamplona Corte Real (1762-1832), one of the most complex figures of the time, general officer of the Portuguese and French Armies, Baron of Pamplona in France and Count of Suberra in Portugal, "loyal" to Queen Maria I, Emperor Napoleon, King Louis XVIII and King João VI, condemned to death in Lisbon for high treason, in 1811, because he was in the staff of the invading French army in 1810, he was granted amnesty in 1821 by the Constituent Cortes of Lisbon, being elected deputy and minister. Right arm of D. Miguel in the Vilafrancada coup, he was then prime minister of D. João VI. Later dismissed he was sent as ambassador to Madrid. He was arrested by the D. Miguel regime (1828) and died in prison (1832).
 14. General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira (1763-1821), Count of Amarante, hero of the Peninsular War at the head of the Portuguese militia, and strongly supporter of absolutism, raised the standard of counter-revolution in 1820.
 15. General Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira (1784-1830), Count of Amarante and Marquis of Chaves, son of Francisco da Silveira, strongly supported D. Miguel and absolutism. He revolted the

subjects, Beresford and Charles Stuart,¹⁶ who held important roles in political and diplomatic decisions.

The British public very well received the book, and complete reviews of the text were published in many literary and political magazines such as *The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres*, *The London and Paris Observer*, *The Gentleman's Magazine*, and *Historical Chronicle*, *The Spirit and Manners of The Age*, *The Quarterly Review*, *The Naval and Military Magazine*, *The Atheneum*, the *Meyer's British Chronicle*, *The Literary Chronicle*, and *The Monthly Review*.

3. The Reviews

As already said numerous literary and cultural magazines were published in Britain during the early 19th century, each with its own focus and editorial approach. These publications were vital in promoting and critiquing British literature, arts, and culture. John's book made an impact when it was published in London because it was not only mentioned but also received lengthy reviews and extraordinary positive remarks, most of them by anonymous reviewers, as it was customary for articles not to be undersigned.

The weekly *London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres* (1817-1862),¹⁷ made a very long review of the book, with more than five thousand words, published in two successive issues, numbers 546 (July 7, 1827, 437-9) and 547 (July 14, 1827, 455-6). The review starts with the following text:

northern provinces in 1823 and 1826 against the liberal regime, in support of D. Miguel's party, against the liberal government.

16. Charles Stuart (1779-1845) was an English diplomat who served as an ambassador in Lisbon during the Peninsular War, between 1810 and 1814, assuming a significant role in the negotiations between Portugal and Brazil in the period following Brazil's declaration of independence in September 1822.

17. *The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres* (1817-1862), founded by the publisher Henry Colburn, who appointed the journalist and contributor William Jerdan as editor in July 1817, was a weekly prominent literary magazine, and it was first established in 1817 and continued its publication until 1836. The magazine focused on literature, poetry, and various branches of the arts without a political bias. A favourable review in *The London Literary Gazette* meant almost certain success for writers and publishers, but a mixed review could be disastrous. (Horvat 199_)

This is an extremely well-timed and also an intelligent publication. Seventeen years of personal acquaintance with the Peninsula – enjoying superior opportunities (as appears from internal evidence) for obtaining information, observing events with acuteness and sagacity, and recording his opinions impartially, it seems to us that we could hardly have a more satisfactory volume on the subject than that which the writer has here supplied. He has, indeed, laid open a correct view of the real and actual state of Portugal at a crisis extremely interesting, not only to Great Britain, but to the whole civilised world. (437)

The reviewer praises the book's author for providing valuable insights into Portugal's state during a critical period. The review outlines Portugal's condition after the Peninsular War, highlighting the distressing state of the nation, its economy, and the corruption in the government. It further describes the country's transition through various political movements and uprisings, including the rise of a constitutional charter and the involvement of foreign powers, such as Spain and England. The review emphasises the importance of Britain's role in mediating conflicts and ensuring the well-being of Portugal but cautions against overstepping boundaries and interfering in the country's internal affairs. It concludes by emphasising the need for a prompt and decisive approach to address the urgent challenges and improve the country's governance and welfare.

The Sunday issue, August 5, 1827, of *The London and Paris Observer*,¹⁸ republishes *verbatim* *The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres* article for a wider audience, covering then Paris and Continental cultural circles. The *Literary Chronicle and Weekly Review*¹⁹ published, on July 7, 1827, in the section "Review of New Books", a comprehensive review of more than four thousand

18. *The London and Paris Observer*, or *Chronicle of Literature, Science, and the Fine Arts*, was a weekly newspaper, published in English, in both London and Paris.

19. *The Literary Chronicle* was a London-based journal published from 1819 to 1828. Weekly issues were usually published as *The Literary Chronicle and Weekly Review*. The annual volumes were usually published just as *The Literary Chronicle*. The later title was *The Athenaeum*.

words of John Browne's book. The text of this review was reproduced later by *Meyer's British Chronicle, a Universal Review of British Literature*.²⁰ (Meyer 1827) More than a review, it is an excellent synthesis of the book.

The *Literary Chronicle* review starts by comparing Spain and Portugal, their past and present, two countries connected by nature and history and inspiring very different feelings. Portugal shines out with indications of resiliency and a light of optimism, whereas Spain has sunk into darkness and surrendered truth and freedom. This synthesis examines a piece that highlights a free spirit among Portugal's people while shedding light on the unpleasant effects of war on Portugal's economy and society. A captivating overview of Portugal's recent history is provided by the author's original ideas, which result from substantial experience in the nation.

On the effects of the War on Portugal, the *Literary Chronicle* review observes that the author states that after years of fighting in the late war, Portugal was in terrible shape. The once-fertile terrain of the nation turned barren, and farming was frequently abandoned because of the destructive presence of opposing forces. The impoverished farmers suffered greatly since they received little or no compensation for their produce. The development of unscrupulous contractors worsened matters by encouraging fraudulent activities that further decreased the population's standard of living.

Effects on trade and agriculture are analysed in depth. Due to the devastation brought on by war, the farming industry suffered severely. A major source of wealth for many, olive trees were plagued by illness, and the worry of future yield reductions inhibited appropriate trimming. As a result, the olive crop failed, resulting in widespread farmer depression and a considerable negative influence on the country's wealth. The wine industry, another significant source of income, encountered similar difficulties. The lack of consistent

20. *The Meyer's British Chronicle* made reviews and analyses of all new, interesting and important productions of British Literature, partly original texts, but mostly compiled from other magazines such as *The Quarterly Review*, *The Monthly Magazine*, *The London Literary Gazette*, *The Literary Chronicle*, etc. That was the case of the review of John Browne's book review.

farming could not guarantee a consistent supply of forage for cavalry regiments. This resulted in rising costs and a shortage of necessities. Also, it referred to the large impact in the economy of the loss of the commerce of Brazil.

The review states that the book also explored Portugal's potential future. The Infanta Regent,²¹ who oversaw the country, possessed traits that could have helped her to promote security and happiness at home. But there were worries about future unrest due to Miguel's impending claim to rule during the minority of the Queen.²² The majority-approved Charter might not have put an end to current factions and rivalries. Although the Charter offered some balance of power, it might not have satisfied those who wanted more freedom from sovereign decisions, which could have resulted in unhappiness and further calls for change.

According to the author, given the capacities of the then-current leadership, Britain had to provide helpful advice to the Portuguese government. Coercive action was not necessary, but diplomatic involvement might have helped assist the nation in moving toward a fair and stable constitutional system. But it was important to proceed cautiously because most Portuguese people might not have been willing to give up their deeply ingrained prejudices and allegiances. Even though foreign involvement temporarily silenced the groups, they might have reappeared in the future, each looking to further their own interests.

In conclusion, according to the *Literary Chronicle*, the book provides a thorough examination of Portugal's past and present. Although the country had suffered greatly due to the war, there were signs that its people were resilient and hopeful. To have set Portugal on the right course for a secure and prosperous future, the review underlines the necessity of prudent and attentive foreign intervention. Portugal had to face its past, change with the times, and strike a fine balance between upholding its traditions and embracing contemporary

21. Infanta Isabel Maria, sister of Pedro and Miguel, regency from 1826 to 1828.

22. Maria, daughter of Pedro, future Queen Maria II.

principles as it navigated the difficulties that lay ahead. The review in the *Literary Chronicle* is by far the most faithful summary of John Murray Brown's book.

Almost a year after the publishing of John's book, in March 1828, *The Athenaeum*²³ review of John's book offers a comprehensive analysis of the work (vol. 18, March 28, 1828). The review, characterised by its eloquent prose and reflective analysis, discusses various aspects of the book, including its scope, narrative style, author's credentials, and underlying themes. The review serves as a critical engagement with the book, assessing its strengths, weaknesses, and overall contribution to the understanding of Portugal's political history. The review begins by setting the context and expectations surrounding the book. It highlights the reader's anticipation of gaining insights into the historical events of Portugal, particularly the period following the Peninsular War and the emergence of Miguel as the Regent. The reviewer anticipates that the book will delve into the causes and consequences of the political vicissitudes and examine the potential trajectory of the nation's future. This introduction not only succinctly outlines the purpose of the book but also underscores the reviewer's perspective on its intended scope and significance.

An aspect of the review's commentary revolves around the author's credibility and qualifications. The reviewer provides detailed information about the author's background, including his residence in Portugal, service in the British and Portuguese armies during the Peninsular War, and continued presence during subsequent political developments. This analysis serves to establish the author's authority as a credible eyewitness, offering a nuanced understanding of the historical events discussed in the book. However, the reviewer acknowledges that despite the author's unique perspective, there are instances in which traces of bias or national sentiment emerge, reminding readers of the challenges of maintaining absolute

23. A literary and critical journal, founded in 1828, and published in London, replaced the *Literary Chronicle*. *The Athenaeum* was a highly influential periodical published between 1828 and 1931, focusing on literature and the arts, and it set the standard for nonpartisan, professional criticism of literature (both English and foreign), art, music, drama, and science.

objectivity. The review pays significant attention to the author's narrative style and the work's organisation. It praises the author's ability to seamlessly interweave historical facts with thoughtful reflections, creating a harmonious flow of narration. The reviewer highlights how the author effectively integrates personal anecdotes, which enhance the narrative's vividness and authenticity. Additionally, the reviewer identifies the author's tendency to provide vivid descriptions, exemplified by his depiction of the olive gathering process and the characterisation of Portuguese peasantry. Such descriptions contribute to a richer understanding of Portugal's socio-economic landscape.

Furthermore, the review emphasises the book's central theme, which is Britain's role and responsibilities in Portugal's political evolution. The reviewer notes the author's perspective on how Britain's intervention during critical junctures has intertwined the two nations' destinies. The book serves as a call to action for Britain to carefully navigate its relationship with Portugal, utilising its influence for the advancement of the nation while respecting its sovereignty. The review does not shy away from discussing certain weaknesses in the book, particularly the author's occasional partiality and biases. While acknowledging the author's dedication to presenting a plain and unvarnished account of facts, the reviewer criticises certain instances where the author's perspective diverges from complete impartiality. This critical evaluation adds depth to the review, showcasing the reviewer's commitment to a balanced assessment of the book's merits and limitations. In conclusion, *The Athenaeum* review provides a thorough academic analysis of the reviewed work. Through its insightful examination of the book's content, narrative style, author's credibility, and underlying themes, the reviewer guides potential readers in understanding what it offers.

*The Naval and Military Magazine*²⁴ made a short review of Browne's book in volume 3 from 1828 (153-154) starting the article with the following statement:

The opinions of several of the more influential contemporary journals having been already expressed, and in such favourable terms, of this work, we have little more to do than yield our cordial acquiescence in them, and strongly recommend it to all who would obtain knowledge of what has been passing in a country with which we have been, and still are so closely connected. It bears internal evidence of having been written by a man who is well acquainted with the subject, and whose aim is to elicit truth. (153)

The journal also predicts a great future in the literature for the book's author saying:

Among the numerous candidates for literary fame, of late years, in this country, few have been more generally successful in their attempts to deserve it than officers of the army and navy, and few have produced works so generally interesting as they have. The names of many distinguished officers, of both services, occur to us, and will occur to our readers at the moment, who have done themselves equal honour, and their country equal service, with the pen and with the sword; to them may now be added the author of the work before us, who is one of the glorious band that had the honour of following the 'Great Captain' from the Tagus to the Seine. (*Ibidem*)

The review identifies the author as Captain Browne of the 75th Regiment, and states that the book presents a comprehensive and well-informed narrative of Portugal's history from 1814, drawing on the author's intimate knowledge of the country gained over seventeen years. Capt. Browne's writing displays soldier-like frankness and keen insights, providing valuable information on political events, societal conditions, and the Portuguese army. Although readers may not

24. *The Naval and Military Magazine* (1827-1828) was a publication focused on military and naval topics. After 1829 was published under the title of *The United Service Journal and Naval and Military Magazine*.

universally agree with his political views, the book is an engaging and informative account of Portugal's recent past.

Also in 1828, *The Spirit and Manners of The Age*²⁵ published in the first volume of a new series that Browne's book was:

[...] a work which we can conscientiously recommend, as possessing, in an eminent degree, the requisites most desirable in books of this description. Events watchfully observed, and traced with cool judgment to their secret origin; opinions candidly put forth; and predictions, of which the passing scenes furnish but to correct a fulfilment; are brought before the reader in language unaffected, manly, and withal modest. (252)

The review included, in the literature review section, a short comment on John Murray Browne's book, stating that the author, a British Officer with firsthand experience, provides a succinct and well-observed account of events, candid opinions, and accurate predictions. The narrative delves into Miguel's prominent character, early adventures, and the question of royal succession. The volume offers valuable political information and an interesting, engaging narrative, with the military frankness of the author's style standing out. Finally, it includes the Constitutional Charter and pertinent details concerning Portugal's relations with Britain. The reviewer is extremely fond of the work, affirming, "we like the military frankness of his style" and, concludes his review with "altogether, the volume comprises a body of valuable political information, judiciously wrought into a narrative, in itself both interesting and amusing." (*Ibidem*)

Two years after the publication of John's book, *The Gentleman's Magazine*²⁶ referred that Browne's *An Historical View of the Revolutions of Portugal* was considered a book with "openness of style and

25. *The Spirit and Manners of the Age: Christian and Literary Miscellany*, published in London with a new series starting in 1828, containing a collection of essays from William Hazlitt.

26. *The Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*, often referred to as simply *The Gentleman's Magazine*, was one of the earliest and most influential monthly magazines published in England. Printed in London and edited by Sylvanus Urban.

language, and regard for truth". (1829, vol. 99, 604) The book review was published in the June 1829 issue stating that:

We lay down this volume with the satisfaction of having been informed by it. Had we gone into debateable questions, we are not prepared to say that we should have coincided with all of Captain Browne's opinions; but he was an eyewitness, and we are at a distance. The manly openness of his style and language, and his regard for truth, are more valuable than the pleasure which is derived from finding our prejudices flattered, perhaps at the expense of both. (605)

According to the reviewer, the book covers Portugal's rapid external changes over the last few years, which have not resulted in any material benefit for the country. The nation's external appearance, represented by the monarchy, nobility, military, and clergy, has experienced constant motion, but most of the population remained unaffected, leading to a need for political regeneration. The book starts by depicting Portugal's state at the end of the war and the detrimental effects of an inept government on an already impoverished nation. The author extensively covers the subject of manufacturing and production, highlighting the struggles of farmers who could not prune their olive trees due to poverty, resulting in long-term damage to the plantations. The political events of the period are skilfully recounted, with the author maintaining the dignity of history by avoiding the proliferation of partisan anecdotes. King João VI's character is described as a well-intentioned but gullible and deficient ruler, whose reign was marked by continuous disasters and personal torments. It is noted that the author, however, omits any mention of Sepúlveda,²⁷ whom some attributed responsibility to the changes during that

27. Bernardo Correia de Castro e Sepúlveda (1791-1833), commander of the 18th Infantry Regiment, then stationed in Porto, was one of the most active leaders of the liberal revolt in Porto in 1820. He was one of the members of the *Sinédrio* of Porto and one of the most outstanding pioneers of liberalism in the Portuguese military. He joined the Vilafrancada coup too late, but despite that, he was later made a prisoner of D. Miguel; after being released he went into exile in Paris, pursued by the absolutists and ignored by the liberals.

time. The reviewer praises the volume for providing a comprehensive and detailed account of the events, shedding light on the various factors driving the actions of those involved. The author of the volume expresses optimistic expectations regarding Pedro's Charter, though it is pointed out that subsequent events did not fulfil these hopes. The reviewer reveals the author's name, Captain John Murray Browne, a British officer with a notable military background, highly esteemed by King João VI and that he died in a boating accident in 1828. The review concludes by commending the work's informative and honest nature, given his firsthand experience and the distance from the events discussed, even if some readers may not agree with all the author's perspectives.

Also in 1829, the *Quarterly Review*²⁸ covered John's book in volume 41, corresponding to the July & November edition. A 40-page article named the "Political and Moral State of Portugal", where Portugal's history and politics were discussed at length, was written by Dr Southey. (Tonna 1847, 431) Selecting six books on Portugal, from English, Portuguese, and Italian authors, and two journals, the *Correio Braziliense* and the *Investigador Português*, as reference material, (Southey 1829, 184) the article discusses the situation of the Peninsular country. John Murray Browne's book is selected and referred to as "a book of great ability, written with full knowledge of the subject on which it treats, in the best spirit, with sound judgment and perfect discretion." (*Idem*, 195) The book is highly praised, and the reviewer not only does the book review (*Idem*, 184) and comments on the value of his work (*Idem*, 187, 220, 224) but also includes John's obituary and short career path, (*Idem*, 185) which corresponds to the text published by Charlotte Elizabeth on the already referred *Personal Recollections*. (Tonna 1847) Southey praises the author, stating that:

28. *The Quarterly Review* was a prominent British literary and political journal, with some links to the Tory sensibility, printed in London.

the volume which he [John Murray Browne] published a few months only before his death is not one which will go the way of ephemeral publications – it will always have its place in the Bibliotheca Histories of that kingdom to which it relates; and it is one of those books which no person can ever peruse without a feeling of respect for the author. (1829, 187)

Southey commends Browne's book in several ways such as when he discusses the revolution of 1820, the author states that "The history of that revolution should be read in the very satisfactory and authentic sketch of it by Captain Murray Browne" (220-221) and when he describes the events of 1823 in Portugal he writes that "[...] these events are put in the clearest light, and related in the most temperate and candid spirit, by Captain Browne, than whom no person had better opportunities of knowing the whole truth." (224)

We may conclude that John's book received excellent literary reviews from weekly, monthly, and quarterly publications, regardless of the political stance of their editors. These literary critiques were published from July 1827, probably immediately after its publication, until late 1829, which reveals the interest the book aroused in the English public of that time.

Conclusion

John Murray Browne's book titled *An Historical View of the Revolutions of Portugal, Since the Close of the Peninsular War, by an English Eye-Witness* constitutes a unique work within its genre. Noteworthy is the book's originality due to its preparation by a foreigner who resided in Portugal for nearly 17 years, predominantly as a member of the Portuguese Army. This affiliation facilitated engagement with various *strata* of society and involvement in diverse geographical locations. Unlike most English-born military personnel who, following the 1820 revolution, returned to England after their service in the Portuguese Army was terminated, John Murray Browne chose to remain in Portugal.

Initially, he established an agricultural enterprise in the Torres Novas region, accompanied by his family. Subsequently, he relocated to Lisbon, closely associating with the circles surrounding King João VI. This proximity afforded him the privileged vantage point to observe the political, diplomatic, and military undertakings of the era. John Murray Browne stems from a family deeply rooted in religious traditions and nurtured with a refined education and Portuguese experience bestowed upon him the optimal prerequisites to be the author of this work. Following its publication, the book received a favourable reception from literary and political critics in England.

The perusal of his book bestows a distinct perspective on the tumultuous epoch of Portuguese political affairs between 1814 and 1827. It serves as an exceptional contribution to comprehending the bilateral relationship between Portugal and England, and the interactions amongst the factions vying for power within Portugal. John Browne's book is not merely a historical account of the events that unfolded in Portugal from the end of the Peninsular War in 1814 to its publication in 1827, coinciding with a new British intervention. It also addresses the profound economic crisis and the attempts at liberal constitutionalism, culminating in the Constitution of 1822 and the Constitutional Charter of 1826. Browne further examines, from his perspective, the relations between the United Kingdom and Portugal, offering his suggestions on how these relations should evolve to promote peace and economic development while simultaneously preventing the dominance of France, which was so prevalent in Spain.

Unacknowledged or unfamiliar within Portugal, this book garnered near unanimous consensus among contemporary English political and literary critics that unequivocally affirmed its value in facilitating an enhanced understanding of Portugal's history and politics:

[...] extremely well-timed and an intelligent publication" (*The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres* 1827, 437)

[...] our author [...] on the whole [...] writes fairly and judiciously. (*Meyer's British Chronicle* 1827, 137)

[...] we deem we have done enough to recommend it as one of those works most calculated, at this moment, to interest the public attention. (*The Athenaeum* 1828, 295)

[...] strongly recommend it to all who would obtain knowledge of what has been passing in a country with which we have been, and still are so closely connected. (*The Naval and Military Magazine* 1828, 153)

[...] a work which we can conscientiously recommend, as possessing, in an eminent degree, the requisites most desirable in books of this description. (*The Spirit and Manners of the Age* 1828, 252)

The manly openness of his style and language, and his regard for truth, are more valuable than the pleasure which is derived from finding our prejudices flattered, perhaps at the expense of both. (*The Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*, 1829, vol. 99, 65)

[...] a book of great ability, written with full knowledge of the subject on which it treats, in the best spirit, with sound judgment and perfect discretion. (*The Quarterly Review* 1829, 185)

An Historical View of the Revolutions of Portugal, Since the Close of the Peninsular War [...] significantly contributes to our understanding of Portugal's post-Peninsular War history, exhaustively delving into the tumultuous period spanning between the years 1820 and 1827. Capt. John Murray Browne's depiction of the events that moulded Portugal's course in the early 19th century is based on his experience and deep knowledge of the nation and the Portuguese. Even today, students and scholars interested in Portugal's 19th-century history, political events, and historical society dynamics should read the book.

Works Cited

Anonym. "An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War: Exhibiting a Full Account of the Events Which Have Led to the Present State of That Country by an Eye-Witness. 8vo. P392. London,

1827. John Murray". *The London Literary Gazette and Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences, Etc.* (1827), 546: 437-39, 547: 455-56. <https://books.google.pt/books?id=-r5LAAAAAYAAJ>. Accessed on 2 April 2023.
- Anonym. "An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War: Exhibiting a Full Account of the Events Which Have Led to the Present State of That Country by an Eye-Witness. 1 vol. 8vo. P392. John Murray, London, 1827". *The Naval and Military Magazine* (1828), 3: 153-54. <https://books.google.pt/books?id=PYcEAAAAQAAJ>. Accessed on 2 May 2023.
- Acland, Duke High. *The Glorious Recovery by the Vaudois of their Valleys*. London: John Murray, 1827.
- Baillie, Marianne. *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*. 2nd ed. London: J. Murray, 1825. 2 vols.
- Beresford, Marcus de la Poer. "Marshal William Carr Beresford and the Return to Portugal of the Portuguese Royal Family (1814-1830)". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*, 29 (2020): 67-87.
- Bonifácio, Maria de Fátima. *O Século XIX Português*. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- Branco, Manoel Bernardes. *Portugal e os Estrangeiros*. Lisboa: Livraria de A.M. Pereira, 1879.
- Browne, John Murray. *An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War: Exhibiting a Full Account of the Events Which Have Led to the Present State of That Country by an Eye-Witness*. London: John Murray, 1827. <https://archive.org/details/historicalviewof00browrich>. Accessed on 1 February 2023.
- Burnham, Robert; and Ron McGuigan. *The British Army Against Napoleon: Facts, Lists and Trivia, 1805-1815*. Barnsley: Front Line Books-Pen and Sword, 2010.
- "Caspersonn, Lusitania (1816?-1884?)". *The Australian Women's Register*. [Melbourne]: Australian Women's Archives Program: National Foundation for Australian Women: The University of Melbourne, Created: 30 January 2009, Last modified: 20 November 2018. <https://www.womenaustralia.info/biogs/AWE4042b.htm>. Accessed on 12 June 2023.
- Challis, Lionel S.. *Peninsula Roll Call*. [London], 1949. Royal United Services Institute (RUSI) Archive, London. Manuscript. The Waterloo Association. *The Napoleon Series*. Placed on January 2009; last updated August 2019.

- <https://www.napoleon-series.org/biographies/lionel-s-challiss-peninsula-roll-call/>. Accessed on 23 March 2023.
- Collecção das Ordens do Dia do Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Guilherme Carr Beresford. Anos 1814-1819. Lisboa: Manoel Pedro de Lacerda, [1815-1820].
- Collins, Bruce. "The Limits of British Power: Intervention in Portugal: 1820–30". *The International History Review*, 35 (4) (2013): 744-65. Doi:10.1080/07075332.2013.813567.
- Cutmore, Jonathan. "The Early *Quarterly Review*: New Attributions of Authorship". *Victorian Periodicals Review*, 28 (4) (1995): 305–29. <http://www.jstor.org/stable/20082882>. Accessed on 8 June 2023.
- Endorf, Andrew Montgomery. *British Foreign Policy Under Canning*. Graduate Student Theses, Dissertations, & Professional Papers. University of Montana, 2008. <https://scholarworks.umt.edu/etd/160>. Accessed on 16th September 2023.
- The Evangelical Magazine and Missionary Chronicle*. London: Frederick Westley and A.H. Davis, 6, New Series, 1828.
- Fernandes, Paulo Jorge; Filipe Ribeiro de Meneses; and Manuel Baiôa. "The Political History of Nineteenth Century Portugal". *E-JPH*, 1 (1) (2003): 1-13. https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue1/pdf/fernandes.pdf. Accessed on 23 May 2023.
- Foster, Ray. *Notes on Wellington's Peninsular Regiments: 48th Regiment of Foot (The Northants)*. The Waterloo Association. *The Napoleon Series*. Placed on June 2010. https://www.napoleon-series.org/military-info/organization/Britain/Infantry/WellingtonsRegiments/c_48thFoot.html Accessed on 28 May 2023.
- Great Britain. War Office. *A List of the Officers of the Army and of the Corps of Royal Marines*. London: G.E. Eyre and W. Spottiswoode, for H.M. Stationery off., 1821. 17. <https://catalog.hathitrust.org/Record/000045795>. Accessed on 28 May 2023.
- Halkett, Samuel, and John Laing. *A Dictionary of the Anonymous and Pseudonymous Literature of Great Britain*. Edinburgh: William Paterson, 1883.
- Hazlitt, William. *The Spirit and Manners of the Age: Christian and Literary Miscellany*. London: Frederick Westley and A.H. Davies, 1, New Series, 1828. 252. <https://books.google.pt/books?id=HBxJAQAAMAAJ> Accessed on 28 May 2023.
- Herbert, Henry John George, 3rd Earl of Carnarvon, Lord Porchester. *The Last Days of the Portuguese Constitution*. London: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830.

- . *Portugal and Galicia with a Review of Social and Political State of the Basque Provinces; and a few remarks on recent events in Spain, to which is now subjoined, a reply to the "Policy of England towards Spain"*. 2nd ed. London: J. Murray, 1836-1837. 2 vols.
- Horvat, Martin. "The Higher Journalism in the 19th Century". *The Fossils: The Historians of Amateur Journalism*, 199?. <https://thefossils.org/horvat/higher/higher.htm>. Accessed on 28 June 2023.
- Kinsey, William Morgan. *Portugal Illustrated: in a Series of Letters*. London: Treuttel, Würtz, and Richter, Soho Square, 1828.
- Lipscombe, Nick. *The Peninsular War Atlas*. Oxford: Osprey, 2010.
- "Literature: Review of New Books". *The London and Paris Observer, Or Weekly Chronicle of News, Science, Literature and the Fine Arts*, 3 (114) (5 August 1827): 477-80. <https://books.google.pt/books?id=PI1NAAAAAAAJ>. Accessed on 26 May 2023.
- The London Gazette*. London: Francis Watts, 1803-1846.
- Matthews, Henry. *The Diary of an Invalid; Being the Journal of a Tour in Pursuit of Health in Portugal Italy Switzerland and France in the Years 1817 1818 and 1819*. 2nd ed. London: J. Murray, 1820.
- Meyer, Henry. "Reviews and Analysis: Historical View of the Revolutions of Portugal". *Meyer's British Chronicle, a Universal Review of British Literature*, 2 (5) (1827): 129-37. <https://books.google.pt/books?id=1T1JAAAAAAAJ>. Accessed on 28 May 2023.
- Napier, William. *A Reply to Lord Strangford's Observation on Some Passages in His History of the War in the Peninsula*. London: John Murray, 1828.
- Oman, Charles. *A History of the Peninsular War*. Oxford: Clarendon Press, 1908, 1911, 1922, 1930.
- "Political Condition of Portugal". *The Athenaeum London: Literary and Critical Journal*, 19 (28) (March 1828): 293-95. <https://books.google.pt/books?id=q0KuVn6vTCwC>. Accessed on 13 June 2023.
- Regimento de Infantaria n.º 13. *Livro de Registo de Assentamento de Oficiais e Praças do Regimento de Infantaria n.º 13*. Liv. 7. PT/AHM/G/LM/B-13/07. Manuscript. Arquivo Histórico-Militar. Livros Mestre. Arma de Infantaria.
- Regimento de Infantaria n.º 13. *Livro de Registo de Assentamento de Oficiais e Praças do Regimento de Infantaria n.º 13, de 1815 a 1828*. Liv. 8. PT/AHM/G/LM/B-13/08. Manuscript. Arquivo Histórico-Militar. Livros Mestre. Arma de Infantaria.

- "Review of New Books". *The Literary Chronicle and Weekly Review*, 9 (425) (7 July 1827): 417-18. https://archive.org/details/sim_literary-chronicle_1827-07-07_9_425/mode/1up. Accessed on 22 June 2023.
- "Review of New Publications: View of the Revolutions of Portugal". *The Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*, Supl. 99 (1) (1829): 604-05. https://books.google.pt/books?id=4yz-Y_0000C. Accessed on 14 June 2023.
- Sardica, José Miguel. "A Carta Constitucional Portuguesa de 1826". *História Constitucional*, 13 (2012): 527-61. <https://doi.org/10.17811/hc.v0i13.342>. Accessed on 12 June 2023.
- Soriano, Simão José da Luz. *História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal, compreendendo a História Diplomática, Militar e Política d'este Reino desde 1777 até 1834. Guerra da Península. Segunda Época*, 4 (2). Lisboa: Imprensa Nacional, 1834.
- Sousa, Maria Machado de; and Teresa Real Birne. "Projecto Manuel Bernardes Branco, Portugal e os Estrangeiros." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 11 (2002): 7-36.
- Southern, Henry and Harris Nicolas (eds.) "Advertisements for October 1827". *The Retrospective Review, and Historical and Antiquarian Magazine*. New Series, 1 (3) (1827). <https://books.google.pt/books?id=3qtKAAAACAAJ>. Accessed on 21 May 2023.
- Southey, Robert. "Political and Moral State of Portugal". *The Quarterly Review*, 41 (1829): 184-226. <https://books.google.pt/books?id=PnzDj2mb8MgC>. Accessed on 21 May 2023.
- Tonna, Charlotte Elizabeth. *Personal Recollections by Charlotte Elizabeth*. London: Leonard Seeley, 1847.
- Young, William. *Portugal in 1828: Comprising Sketches of the State of Private Society and of Religion in that Kingdom under Don Miguel; with a Narrative of the Author's Residence There, and of His Persecution and Confinement as a State Prisoner*. London: Henry Colburn, 1828.

**Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas:
A Guerra do Ópio e a Presença Britânica
na China no (Guia do) Panorama
Description of a View of Macao (1840), de Robert Burford**

Rogério Miguel Puga
(NOVA FCSH/CETAPS)

London covered the whole Earth. England encompassd the Nations:
And all the Nations of the Earth were seen in the Cities of Albion.
William Blake, *Jerusalem* (c.1804)

Introdução

Até 1842 Macau foi a única porta de entrada e lar de ocidentais na China, bem como um espaço privilegiado para o intercâmbio sino-ocidental cultural. A partir sobretudo do século XIX, o enclave é representado por diversos pintores e fotógrafos anglófonos, (Puga 2023) e, apesar de ser contemplado nas antologias de Richard Hakluyt (1553-1616) e Samuel Purchas (1575-1626) e noutras obras, é sobretudo desde 1637 que Macau marca presença na literatura inglesa, (Puga, *A World* 144-166) fenómeno que se intensifica a partir de 1700, quando a East India Company (EIC) inicia comércio directo com a China, e os sobrecargas passam a utilizar o enclave luso-chinês como o seu lar no Império do Meio.

Macau foi, portanto, o lar dos sobrecargas da EIC na China desde 1700 até 1834, e dos comerciantes independentes ingleses até à fundação de Hong Kong, após a Guerra do Ópio, um ano depois da exibição, em Londres, de um panorama da autoria do artista Robert Burford (1791-1861)¹ que representa a cidade.

Macau já era conhecida do público inglês quando,² em 1840 e 1841,³ uma *cityscape* e uma *riverscape* da península vista a partir da Rada foi exibida no *upper circle* do londrino Leicester Square Panorama.⁴ Os dois topónimos no título do panorama – *View of Macao in China* – remetem, como veremos, para o teatro da Guerra do Ópio que, nessa mesma altura (1839-1842), a Grã-Bretanha (GB) travava com a China. O visitante poderia adquirir a brochura de doze páginas *Description of a View of Macao in China Now Exhibiting at Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor Robert Buford* (1840) que guiaria a sua visita, e da qual nos ocupamos neste estudo, uma vez que o panorama não sobreviveu e é apenas conhecido,⁵ como todos os outros panoramas londrinos, através da imagem da sua legenda (Fig. 1) na brochura disponibilizada aos visitantes:

-
1. Familiar de John Burford (*fl.* 1812-1850) que, como veremos mais adiante, foi dono de dois panoramas londrinos. Robert Burford, o autor do panorama de Macau, foi um conhecido pintor de inúmeros panoramas que exibiu, em Londres, sensivelmente entre 1819 e 1860. O artista expôs, pela primeira vez, *A View of Westminster Hall*, na Royal Academy, em 1812, tornando-se assim um mediador, ou melhor, um curador, de paisagens monumentais, naturais, históricas, militares e etnográficas globais dirigidas ao público londrino que conseguia pagar os ingressos (um *shilling*).
 2. O Panorama abriu, em 1793, como uma sociedade, mas, com o lucro das entradas, Barker conseguiu comprar as quotas aos sócios. (Anónimo, “Panoramas” 35) O estabelecimento encerrou em 1863, e a imprensa coeva descreveu a sua estrutura (veja-se, por exemplo, Anónimo, “Panoramas” 33-34 e a Fig. 2).
 3. O próprio guia (Burdord, *Description of Macao* 2) informa o visitante “[t]he panorama taken from the Bay of Typa”, dado repetido, no ano seguinte, no guia do panorama de Damasco (Burford, *Description of Damascus* 1): “in the upper circle, is now open, a View of Macao, with the Bay of the Ty-Pa [sic.]”, baía que é descrita em Burford. (*Description of Macao* 12)
 4. Ao mesmo tempo, como informa o guia de que nos ocupamos, era exibido no *Lower Circle* (a maior sala), uma paisagem de Benares. (Burford, *Description of Macao* 12)
 5. A esmagadora maioria dos panoramas do século XIX, pintados a óleo, não sobreviveu, pois circulava por várias localidades, inclusive, nos EUA, era utilizada até à exaustão ou reaproveitada, ou sucumbia a fogos, à humidade e às más condições de armazenamento. (Anónimo, “Panoramas” 35)

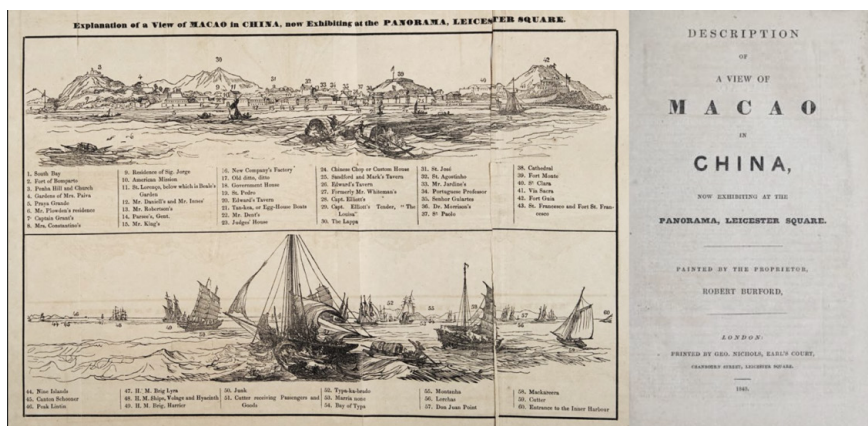


Fig. 1 – Imagem de Macau e frontispício (Burford, *Description of Macao*)

O guia (Fig. 1) de que nos ocupamos (*Description of Macao*) ainda não foi alvo de qualquer estudo académico, pelo que decidimos analisá-lo no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, revelando a sua função ideológica à luz dos interesses comerciais e coloniais britânicos da altura que obviamente influenciam o momento em que Macau é exibido e descrito na narrativa escrita e visualmente.⁶ Numa primeira parte deste artigo revisitamos a história e as funções do panorama enquanto representação histórica, produto cultural popular e instrumentos ideológico da cultura visual vitoriana, para depois tentarmos entender qual seria a reacção do visitante vitoriano ao panorama, e analisarmos o contexto histórico em que é exibido, na metrópole do império britânico. Estudaremos, na secção final, quer a imagem de Macau representada na tela do panorama 1840 a partir de artigos jornalísticos coevos e da imagem-sumário na brochura, quer o texto geral e as 27 legendas dos elementos da imagem numerados (no guia) e escolhidos pelo autor para serem destacados.

6. Remetemos o leitor interessado nos paratextos (folhas de sala, guias, anúncios, notícias) dos panoramas para o estudo e a antologia de Garrison *et al* (2012-2013), que reúne, contextualiza e estuda 90 desses textos.

1. O Panorama (de Leicester Square) e a Cultura Visual Vitoriana: Tecnologia Ideológica e Entretenimento Didático

No final do século XVIII e ao longo do século XIX, um número crescente de espectáculos visuais e exposições entreteve o público londrino, do Eidophusikon, de Philippe de Louthembourg, e do Museu de Cera Madame Tussaud's à Great Exhibition, (Altick 1978) passando pelos famosos daguerreótipo, caleidoscópio e os panoramas do Strand e de Leicester Square que, enquanto experimentações estéticas e explorações de novos paradigmas visuais, foram "part of a quest for a sublimity that eluded the more conventional formats of pictorial representation [...] by removing boundaries or compositional conventions [...] intend[ing] to unlimit visual representation by freeing it from constraints of size, framing or internal structuring" (Ibata, *The Challenge* 148) e terão concorrido para a intensificação da dimensão emotiva da esfera pública e da cultura popular vitorianas. Os panoramas, que, de acordo com parte da elite londrina, não exigiam uma educação ou um gosto refinados, terão funcionado como "agent[s] of popular taste" (Grau 57) numa altura em que, como recorda Plunkett:

picture-going, in all its variety, became a national pastime. Exhibitions of visual media took place in towns and cities across Britain, and not only in mechanics and literary institutes, theatres, and other large exhibition spaces, but in music halls, town halls, workhouses, schools, and church halls [...] streets and fairgrounds. (s.p.)⁷

Já Armstrong defende que a modernidade (urbana) do século XIX era caracterizada em termos do "status of the image, the nature of mediation (or bringing about of a changed state), and the problem of knowledge and perceptual certainty". (254) Se Crary (1992), Kember

7. Hyde (1988) refere-se a esse fenómeno como *Panoramania*.

(13-40) e Biltereyst, Maltby e Meers (3-4)⁸ defendem que as novas tecnologias visuais do século XIX, como o panorama, ajudaram a sincronizar a subjectividade (sensorial) do público aos ritmos da industrialização,⁹ os panoramas tinham ainda objectivos de propaganda militar e colonial, como veremos.

O panorama mimetizava a forma de observar do viajante que se coloca num ponto vantajoso para observar o máximo possível da paisagem, e são vários os escritores românticos que descrevem, aliás, paisagens dessa forma.¹⁰ Por exemplo, a mulher de William Wordsworth, Mary Wordsworth, no diário da sua viagem pela Europa, em 1820, aprecia a natureza e as aldeias continentais e dirige-se directamente à sua filha Dora, então em Inglaterra, ao subir às ruínas de um castelo numa encosta alemã, e pede-lhe que use a sua imaginação para visualizar os detalhes e as perspectivas simultâneas da verticalidade e horizontalidade da imensa paisagem alpina, como se de um enorme panorama¹¹ – tão em voga na Londres de então – se tratasse.¹²

-
8. Biltereyst, Maltby e Meers: “the modernity thesis proposed that disruptive economic, social and cultural effects of urbanization and industrialization created a state of constant sensory change, nervous stimulation, feverish stress, speed and bodily peril, and that cinema both reflected this state and was a consequence of it, promoting a particular gaze or form of perception”. (3-4)
 9. Oleksijczuk recorda que a eliminação de barreiras espaciais através do comércio global (capitalismo), da construção de canais, estradas, do comboio e dos barcos a vapor leva à revisão radical das noções de velocidade, espaço e tempo. (131)
 10. Barthes comenta, ao escrever sobre a Torre Eiffel: “the bird’s-eye view, on the contrary, represented by our romantic writers [...] permits us to transcend sensation and to see things in their structure. Hence it is the advent of a new perception, of an intellectualist mode, which these literatures and these architectures of vision mark out”, (9) detendo-se o autor, mais adiante, no panorama: “What, in fact, is a panorama? An image we attempt to decipher, in which we try to recognize known sites, to identify landmarks [...] to perceive Paris from above is infallibly to imagine a history”. (10-11)
 11. Henry Crabb Robinson comenta a escrita de Mary Wordsworth: “[who] frequently described as in a panorama, the objects around her. These were written on the spot [...] Now it is evident that a succession of such pictures must represent the face of the country”. (271)
 12. Mary escreve à filha: “Suppose us standing upon its Tower rising out of a Sea of mist. – Woody hills on the Shore; – beyond & above these, the majestic Alps appearing in sunshine, revealing themselves by degrees. Just before us [...], a beautiful path leads up a flat green hill to a level with the Tower on which we stand [...] – Now, a little Valley at our feet opens out between us & the hill, [...] and more paths [...]. Turning to the right, the Jura Mountains [...] & opposite to the Alps, promontories & points running into the body of the mist; [...] changing form continually. Mountains of different heights; woody, overlapping, & peering above each other, bring me round to the region of the Alps – now [...] enlarged & multiplied”. (Hammack 95) (itálicos nossos). Em Haarlem, a diarista descreve ainda “the most interesting Bird’s eye view”, (153) recordando-nos que as paisagens mais alargadas eram cada vez mais apreciadas em Londres, por exemplo, no Diorama de Regent’s Park, inaugurado em 1823, e que os Wordsworth visitaram em 1824. (Waldegrave 99)

O panorama tem sido visto por alguns estudiosos como uma tecnologia democratizante (e voyeurística), pois permite o acesso a informação visual e escrita a uma maior parte da população, enquanto outros autores, adotando uma leitura mais foucauldiana, consideram o panorama um instrumento de vigilância e regulamentação estatal, (Kingstone, *Panoramas* 30-31) sendo óbvio que poderiam ser ambas as coisas, como qualquer outra obra de arte ou entretenimento: promoviam debate e o dissenso (caso os visitantes discutissem determinados temas), mas também reproduziam o discurso dominante.

Recuemos brevemente às origens do panorama. O pintor de origem irlandesa Robert Barker (1737-1806) terá inventado o panorama na cidade de Edimburgo, em 1787, cerca de quatro anos depois do primeiro voo de balão de ar quente (Novembro de 1783), ao criar uma forma de pintar paisagens circulares (de 360 graus) sem distorcer a linha do horizonte. (Altick 129; Iбата, *The Challenge* 150) No ano seguinte, Barker exibiu uma paisagem dessa cidade escocesa e, em 25 de Maio de 1793, inaugura a sua 'rotunda' de dois andares, o Leicester Square Panorama, que poderia albergar telas com mais de 300 metros, (Corner 6-14; Oetterman 105) num edifício próprio, desenhado pelo arquitecto escocês Robert Mitchell, a que se chamou, em Inglaterra, 'rotunda' (Fig. 2), não se fazendo a concorrência esperar, pois surgem, por exemplo, o Lyceum Theatre, o Egyptian Hall e o Colosseum.¹³ O Panorama fundado por Barker estaria de portas abertas durante cerca de setenta anos, e é nele que seria exibido o panorama de Macau, em 1840.

13. A 'rotunda' estava aberta entre as 10 horas e o pôr do sol, sendo o interior do edifício aquecido no Inverno e iluminado pela luz solar, sendo o melhor período para o visitar entre final de Abril e Outubro.

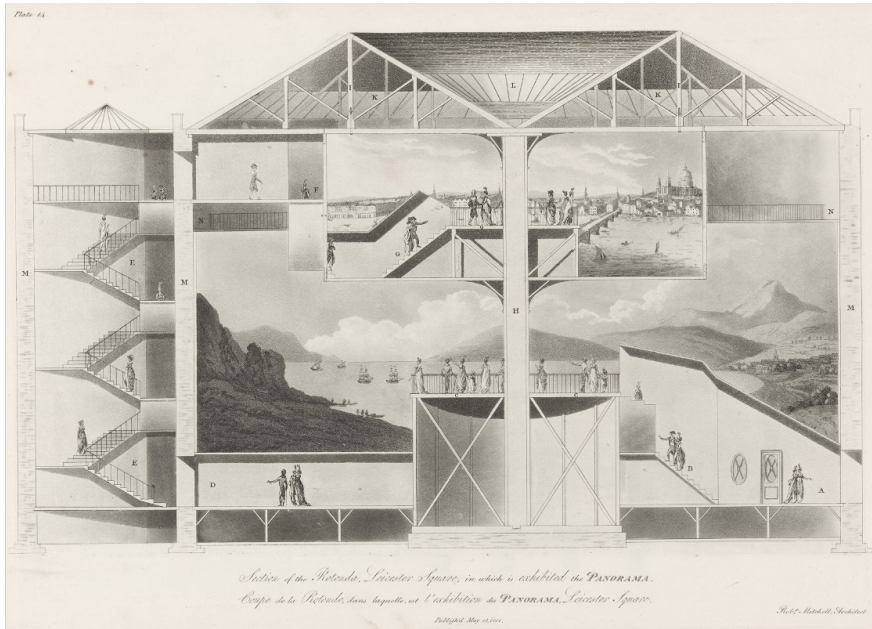


Fig. 2 – Esquema da rotunda do Panorama de Leicester Square (1801), publicado em Mitchell (plate 14)

No esquema do interior da rotunda publicado por Mitchell (Fig. 2), encontramos, entre os visitantes, o dobro das mulheres a serem guiadas por acompanhantes masculinos, e algumas crianças, apreciando sobretudo essas visitantes, da plataforma, representações de façanhas masculinas britânicas (cercos, batalhas, comércio e colônias), como, aliás, também acontecia na ficção britânica em que as mulheres, embora viajassem cada vez mais, esperavam pelo regresso dos homens e das suas histórias de aventuras masculinas. (Lanone 118-120) Torna-se, portanto, simbólico, o número elevado de mulheres nessa representação da viagem virtual que o panorama possibilitava aos londrinos. Os espectadores teriam a sensação de entrar noutra 'mundo' e estar rodeados pela paisagem representada na tela, pois entravam na plataforma de observação (varanda circular) através de

escadas em caracol e corredores escuros (Fig. 2).¹⁴ O visitante urbano posicionava-se, assim, no meio do espectáculo urbano e imersivo,¹⁵ e sentia-se inicialmente desorientado e impressionado,¹⁶ para depois controlar essa estupefacção e apreciar a ampla paisagem pintada na tela circular,¹⁷ sensação que é invocada pelo famoso quadro *The Wanderer above a Sea of Mists* (1818), de David Casper Friedrich. A entrada na 'rotunda' do panorama permitia também um momento de escape e de isolamento visual e auditivo (sensorial) da azáfama londrina e, como recorda Ibata, o que constitui realmente novidade no panorama (enquanto tecnologia da ilusão) "was the ability it gave viewers to cross into spaces which until then had been kept within the quadrilateral frame of the painting or illustration, or separated from the viewer by physical distance". (*The Challenge* 148)

Barker que sempre enfatizara a alta qualidade do seu trabalho,¹⁸ publicita, num anúncio, o panorama como uma elaborada técnica

-
14. A patente de Barker especifica a ilusão do realismo: "The entrance to the inner inclosure must be from below a proper building or framing being erected for that purpose, so that no door or other interruption may disturb the circle on which the view is to be represented [...] and the inner inclosure may be elevated, at the will of an artist, so as to make observers, on whatever situation he may wish they should imagine themselves, feel as if really on the very Spot". (167) Em 1829, um visitante elogia o realismo do panorama de Madrastra da autoria do artista William Daniell: "fidelity with which all that is characteristic of Indian climate and scenery in general and of the Madras variety of it in particular [...] has been preserved [...] [T]he figures are drawn with such perfect truth that we can almost see the natives moving about, we fancy we can catch the sound of the palankeen bearers' voices as they bustle along. [...] Every square inch is redolent of hot climates crowded with Asiatic images and fertile in what may be called historical and political associations peculiar to our Indian administration". (Shellim 81)
 15. Grau define imersão como "diminishing critical distance to what is shown and increasing emotional involvement in what is happening". (2003, 13) Ao referir-se ao panorama, Griffith utiliza a expressão "immersive spectatorship" (39) e Grau "aesthetics of immersion". (13-15)
 16. A rainha Charlotte terá ficado enjoada ao visitar o panorama *Grand Fleet at Spithead in 1791*, que simulava o movimento de barcos, e algumas visitantes desmaiavam e achavam a experiência demasiado intensa. (Altick 135)
 17. Devido a esse processo, Ibata defende que o panorama de Baker poderá ser uma reação à teoria do sublime de Burke (*The Challenge* 156) que descreveu a experiência sublime como sendo composta por dois momentos seguidos, desprazer e euforia, ou seja, primeiro, a razão é dominada e a mente teme, sente "astonishment" e é privada de todos os seus poderes "of acting and reasoning" até que a exaltação passa a prevalecer quando o observador percebe que está livre do perigo observado e o intenso terror inicial se transforma em prazer estético, "a sort of delightful horror, a sort of tranquillity tinged with terror". (53, 123) A autora conclui que o que o panorama estava a revelar não era apenas "popular taste against the taste of the elite. It was a new form of visuality, based on immersion, bodily participation and instant virtual transport from place to place. In the latter respect, it participated in the acceleration of visual experience which went along with growing urbanization". (Ibata *The Challenge* 165)
 18. Robert Burford foi o principal gerente do Panorama entre 1827 e 1863 e defendeu que os seus panoramas não eram "a species of scene-painting, coloured in distemper, or other inferior manner [but

de desenho e pintura numa tela curva, sem os limites da moldura:¹⁹ “The idea is entirely new, and the effect, produced by fair perspective, a proper point of view, and unlimiting the bounds of the Art of Painting”, (*apud* Oleksijczuk 51; *vide* Herman s.p.)²⁰ ideia que também Robert Burford manteria posteriormente nos títulos dos guias que acompanham cada panorama, que era, na época, a par do diorama,²¹ a mais avançada tecnologia de representação de paisagens (próxima daquilo a que hoje chamamos realidade virtual).²² Aliás, o panorama, enquanto “pre-cinematic vision”, (Gabriele 2016) entretenimento didático popular e arte visual, “drew attention to the figural space of representation; and provided new evidence for the constructed and contingent nature of the real”. (Otto s.p.)²³ Em 11 de Julho de 1803, John Burford, parente de Robert Burford, juntamente com um outro artista, o filho mais velho do inventor do panorama, Thomas Edward Barker, abriu um Panorama no Strand, que rivalizava com o de Leicester Square,²⁴ que era, então, uma das maiores atracções

were] painted in the finest oil-colour and varnish [...] and in the same manner as a gallery picture”. (*Description of Summer* 10)

19. Alguns autores defendem que Barker não estava a remover a moldura, mas a criar uma nova que incluía em si mesma o observador. (Ford 8)
20. Em 24 de Abril de 1789, um jornalista do *Times* descreve o panorama de Barker e afirma que é uma experiência pedagógica e cultural útil para os membros da família real “who rarely go abroad”, concluindo: “This Artist brings the wished for scene before them, one entire uninterrupted circle, placing them in the centre, where they can see the same as those who travel [...] and having seen it personally, they can retain it perfectly in idea, the same as nature could impress”. (Otto s.p.)
21. Recordem-se outros neologismos que designaram espectáculos em Londres, mas que, ao contrário do panorama, não sobreviveram: “eidophusikon”, “eidometropolis” e “cosmorama”.
22. Sobre a tecnologia dos panoramas de Londres e o seu impacto na cultura visual de então, vejam-se: Altick 1978; Hyde 1988; Miller 1996; Oettermann 1997; Charlesworth 2001, 129-145; Benosman 2001; Comment 2002; Jong 2006; Rombout 2006; Otto 2007; Varga 2007; Markman 2008; Koller 2010; Rockett e Rockett 2011; Thompson 2018 e as restantes actas dos inúmeros congressos do International Panorama Council (UPC); Koller 2019; Barringer e Trumpener 2020; e Kingstone 2022, entre outros.
23. Como também recorda Uricchio, “the panorama entered the world not as a visual format but as a claim: to lure viewers into seeing in a particular way. Robert Barker’s 1781 patent for a 360-degree painting emphasized the construction of a ‘proper point of view’ as a means of making the viewer ‘feel as if really on the spot.’ This situating strategy would, over the following centuries, take many forms, both within the world of the painted panorama and its photographic, magic lantern, and cinematic counterparts”. (225)
24. John Burford e Barker exibiram, nos dois *circles* – o *Upper (Lesser) Circle* e o *Large Circle*, com cerca de 27 metros de diâmetro e a imagem a uma distância de nove metros do público – do Leicester Square Panorama, paisagens de cidades e localidades como: Dover (1809-1810, 1817-1819), as ilhas da Sicília (1801-1812), a baía de Cádiz (1810-1812), Lisboa (1812-1813), Florença (1812-1814), Moscovo a arder (1813-1814), Berlim (1814), a Batalha da Corunha (1814-1815), Paris (1814-1815, 1816-1817), Ostend (1815-1817), a vitória de Waterloo (1816), Roma (1817-1818), Atenas (1818-1819), Veneza no Carnaval (1819), Nápoles (1820-1821), Corfu e a costa da Grécia (1823), Pompeia (1824), Génova,

de Londres, (Andrews 1930) contemplando as duas salas quer episódios históricos, militares (como as Guerras Napoleônicas)²⁵ e coloniais – que celebravam visualmente a glória da expansão e do império britânicos,²⁶ nomeadamente expedições (às regiões polares)²⁷ –, quer paisagens naturais²⁸ e urbanas de países europeus e de colônias britânicas, algumas visitadas e pintadas por John e Robert Burford, enquanto outras representavam localidades longínquas eram pintadas a partir de desenhos de outros viajantes, sobretudo agentes coloniais (militares, administradores) e de gravuras, como aconteceu com o panorama de Hong Kong, em 1844.²⁹ Muitas dessas cidades eram portos por onde as frotas britânicas iam passando, ou cenários de confrontos bélicos (Oleksijczuk 154-155), tal como Macau, no início da Guerra do Ópio.

Genebra (1827) Cidade do México (1826), Madrid (1827), San Sebastian e Rio de Janeiro vista da baía de Guanabara (1828), Sidney (1829), Amesterdão (1830), Calcutá, Quêbec, Florença (1831), Milão (1832), as Cataratas do Niágara (1833), Nova Iorque, Lima, Paris e o cemitério Père La Chaise (1834), Mont Blanc, Dublin (1937), Cantão (1838), Malta (1839), Varanasi e o rio Ganges (1840), Damasco (1841), Cabul (1842), Koblenz e a cidade das termas alemã, Baden-Baden, península de Boothia (1843), Hong Kong (1844), Constantinopla (1846), Cairo (1847), regiões polares (1850), Jerusalém (1851), Granada (1853), Berlim (1854), São Petersburgo (1856), Moscovo (1857) e Roma (1860), entre outros.

25. A descrição rigorosa e realista de detalhes e do posicionamento dos barcos e de oficiais em determinados momentos das batalhas britânicas contra Napoleão era apreciada pelos visitantes. (Byerly 158; Garrison, "Virtual Reality" 8) Em 1799, um jornalista do *Morning Chronicle* comentava o simulacro do terror e do perigo no panorama sobre a Batalha do Nilo: "Nothing can be more perfect or more sublime than the illusion which this Painting of the Battle of the Nile possesses. The effect is the most striking that we ever witnessed from the combination of light and colours. It is actually magical, for the Spectators are surrounded on all sides with the flames of the engagement, and they shrink from the explosions that threaten to cover them with the burning fragments of the ship blown up." (Tracy 137)
26. Panoramas que ilustravam: a Batalha da Sobraon, na Índia, que teve lugar em 10 de Fevereiro de 1846, exibido logo nesse ano (*Description of a View of the Battle of Sobraon with the Defeat of the Sikh Army of the Punjab*, 1846), o bombardeamento de Acre (1841), o ataque anglo-francês a Sebastopol (1855), a cidade de Déli e a derrota de rebeldes indianos (*Description of a View of the City of Delhi, with an Action between Her Majesty's Troops and the Revolted Sepoys*, 1858) e os Himalaias com as estações britânicas de Kussowlee, Soobathoo e Simla, bem como as planícies do Hindustão (1847). Destacam-se ainda os temas das batalhas de Waterloo e de Alma, e, sendo ainda Barker o dono do panorama de Leicester Square, eram apreciadas aí representações das batalhas do Nilo, de Copenhaga, de Salamanca e de Vitoria. Sobre o panorama alusivo à Batalha de Trafalgar, veja-se Billing (2002).
27. Apesar de essas expedições polares serem encaradas como esforços nacionais britânicos, Kaalünd recorda que eram "inherently international projects" (301) que envolviam comunidades dessa zona do globo, tripulantes internacionais que utilizavam conhecimentos adquiridos em expedições estrangeiras.
28. Por exemplo, *View of the Falls of Niagara* (1833) e *View of Mont Blanc, the Valley of Chamounix* (1837), de Robert Burford, cujos guias citam versos de *Childe Harold's Pilgrimage*, de Lord Byron, que descrevem as quedas de água no rio Velino e os Alpes
29. Burford informa no guia do panorama de Hong Kong: "the figures by H. C. Selous [...] from drawings taken by Lieut. F. J. White [...] in 1843". (*Description Hong Kong* 4)

Quando Robert Barker faleceu, em 1806, o seu filho mais novo, Henry Aston Barker (1774-1856), assumiu a administração do Panorama de Leicester Square. Em 1816, Henry comprou o Panorama do Strand ao seu irmão Thomas e tornou-se parceiro comercial de John Burford, que fora ‘pupilo’ do pai de ambos. A partir de 1817, John geriu o Panorama do Strand, e os dois donos de ambos os panoramas asseguraram-se de que as paisagens exibidas eram distintas e atraíam visitantes.³⁰ Em 1822, quando Henry se retirou do negócio, John passou a gerir os panoramas com a ajuda do seu familiar Robert Burford, autor do panorama de que nos ocupamos. Em 1826, John Burford reformou-se e Robert continuou a gerir as duas ‘rotundas’, encerrando, em 1831, o Panorama do Strand e, em 1863, o de Leicester Square. (Taylor 1875, 467)

Os panoramas ajudam a construir visualmente a identidade nacional (Thompson 9-15; Trumpener 182-201) e imperial ao celebrar a glória nacional do Reino Unido (RU), ecoando as narrativas oficiais, bem como o projecto colonial e bélico, ou seja, funcionam como “voyeurismo patriótico”. (Kingstone, *Panoramas* 261-293) Hardt e Negri defendem que as ideologias do império assentam na capacidade de apresentar “force as being in the service of right or peace”, (15) nomeadamente a divulgação de paisagens e episódios militares e históricos³¹ que espelham os objectivos e actividades, por exemplo, do Admiralty, bastando recordar o panorama das ‘regiões polares’ (*Panorama of Summer and Winter Views of the Polar Regions*) exibido por Robert Burford, em 1850, quando a Royal Navy organizara várias expedições britânicas a essa zona do globo, nomeadamente para

30. Por exemplo, em 1801, ambos os panoramas exibiram paisagens de Constantinopla, um com vista da Torre de Galata, e outro da Torre de Leander.

31. Kingstone conclui: “panoramas typically celebrated dominant nationalisms, colonialism, and imperialism. The recent historical events they depicted were almost universally military events, and the ones selected were almost universally victories. They were thus routinely used to stir up patriotic and specifically warmongering emotion”. (“Panoramas” 263) Por exemplo, o primeiro *panorama with motion* (com efeitos de movimento) foi exibido em Bath, em Abril de 1797, e celebrava a glória naval britânica através da vitória contra Espanha na Batalha do Cabo Vicente, em Fevereiro desse ano. Em Junho de 1798, um panorama, em Ipswich, representa a vitória de Admiral Duncan sobre a frota holandesa na Batalha de Camperdown, e posteriormente acontece o mesmo com a Batalha do Nilo num panorama que percorre a GB entre 1800 e 1801. (Plunkett s.p.)

resgatar o explorador Sir John Franklin,³² espelhando quer destinos e símbolos de interesse para o RU, quer agendas e debates políticos. As expedições ao Polo Norte constituíam mais uma *performance* para reforçar o poder global da GB, e os panoramas espelham o interesse político e popular nessas viagens, e, como conclui Oleksijczuk, “by offering spectators illusions of proximity to ever more distant places in which British influence and power were making themselves felt, Robert and Henry Aston Barkers’ panoramas shrank the world as they enlarged Britain’s place in it”. (171)

Se o público procurava, no panorama, evasão (viagem), educação, entretenimento e uma experiência estética em Leicester Square,³³ estudos recentes revelam que esse espetáculo de “savag horrors” transformou o Ártico num espaço sobrenatural de gelo através de paisagens também sensacionalistas, góticas e caracterizadas por efeitos meteorológicos exotizados, ou seja, a autenticidade que tantos autores elogiaram na altura nem sempre se verificava. (O’Dochartaigh 114-142) Os panoramas eram, portanto, utilizados para divulgar expedições britânicas e divulgar informação e avanços científicos, (Garrison, “Virtual Reality” 7-9) ou seja, faziam parte daquilo a que actualmente chamamos *popular science*.³⁴ Se até ao fim das Guerras Napoleónicas Henry Barker veiculava o sublime histórico através de cenas militares, posteriormente Robert Burford fê-lo também através de paisagens urbanas, (Ibata, *The Challenge* 161) que são igualmente históricas, mas nas quais a presença humana era sempre diminuta. No entanto, como veremos, no panorama da pitoresca Macau, actividades como a pesca e o comércio, simbolizados pelos inúmeros barcos e tripulações, remetem para a população e práticas locais, que seriam muito mais visíveis na enorme tela. A imprensa inglesa reagiu sempre com entusiasmo à grandiosidade das imagens ‘panorâmicas’

32. A expedição de 1848-1849, liderada por James Clark Ross. Os desenhos do panorama são feitos com base nos desenhos de William Henry Browne, que participara na excursão.

33. Qureshi recorda que “pleasure and instruction were neither mutually exclusive nor necessarily confined to distinctly separate spaces”, (7-8) e tal é realidade no interior da rotunda.

34. Sobre *popular science* vitoriana, vejam-se, por exemplo, O’Connor (2007), Lightman (2007), e Kember, Plunkett e Sullivan (2012).

que considerava realistas e glorificadoras do RU. Por exemplo, em 1796, George Woodward veicula a sensação de novidade ao noticiar o *Panorama of London from Albion Mill* (1792), que, curiosamente, lhe invoca paisagens literárias. (1796, 30)³⁵

Em 1824, o panorama realista continuava a impressionar e a possibilitar ao visitante 'viajar', como revela, por exemplo, Ephraim Hardcastle, ao sobrepor várias paisagens culturais e religiosas na Londres vitoriana.³⁶ No entanto, o simulacro do acto de viajar (que coloca o observador no centro da pintura)³⁷ em que o panorama assenta leva a que parte da elite cultural e social, que já viajava, critique, com suspeita, a sua artificialidade e a sua dimensão ilusória, como recordam Ibata (*The Challenge* 149) e Wood, que conclui que o "consensus in the art establishment was that panoramas were somehow vulgar", (104) considerando alguns artistas até que não seriam arte. (Comment 86-97, 144) O viajante virtual tinha acesso a uma paisagem alargada, podendo olhar em várias direcções e fingir que estava ao ar livre, na cidade representada, como o fez, em 1812, o pintor Charles Robert Leslie (1794-1859), amigo e biógrafo de John Constable, face à (suposta) autenticidade³⁸ do panorama de Barker que exhibe a Sicília: "I actually put on my hat imagining myself to be

35. "Looking down-wards the variety of people, carriages, horses, &c. passing and repassing, in one continual line of great extent, heightens the general effect, and brings Milton's descriptive lines in full force to the memory: 'Populous cities please me then, / And the busy hum of men.'" (Woodward 30) A citação de "L'Allegro" (1645), de Milton contém um erro, pois no original lemos "Towred cities" e não "populous cities".

36. "Panoramas are among the happiest contrivances for saving time and expense in this age of contrivances. What cost a couple of hundred pounds and half a year a century ago, now costs a shilling and a quarter of an hour [...]. Now the affair is settled in a summary manner. The mountain or the sea, the classic vale or the ancient city, is transported to us on the wings of the wind. And their location here is curious. We have seen Vesuvius in full roar and torrent, within a hundred yards of a hackney-coach stand with all its cattle, human and bestial, unmoved by the phenomenon. Constantinople, with its bearded and turbaned multitudes, quietly pitched beside a Christian thoroughfare, and offering neither persecution nor proselytism. Switzerland, with its lakes covered with sunset, and mountains capped and robed in storms [...] and now Pompeii, reposing in its slumber of two thousand years, in the very buzz of the Strand. There is no exaggeration in talking of those things as really existing [...]. The scene is absolutely alive, vivid, and true; we feel all but the breeze, and hear all but the dashing of the wave". (Hardcastle 151-153)

37. A patente de Robert Barker, datada de 1787, explicita inclusive que: "[his] invention, called *La nature à coup d'oeil*, is intended, by drawing and painting, and a proper disposition of the whole, to perfect an entire view of any country or situation, as it appears to an observer turning quite round". (165)

38. Sobre o *sketch* e a autenticidade no Romantismo, veja-se Sha. (4)

in the open air", (*apud* Griffiths 83; *vide* Hyde 28) percepções e sensações próximas das do visitante do panorama de Macau de cujos guia e legenda nos ocupamos. Também John Ruskin visitara, em jovem, o Panorama (de Milão) de Robert Burford e, para além de elogiar a qualidade do seu trabalho,³⁹ em 1885, recorda, na sua autobiografia *Praeterita*, como essa visita ajudara a preparar a sua viagem a Itália, considerando a 'rotunda' uma instituição pedagógica londrina que deveria ter sido mantido aberta pelo governo.⁴⁰

Diversas paisagens longínquas eram assim sobrepostas e exibidas em Londres, simulando os espectadores o acto de viajar, tomando (tal como a Marinha) posse simbólica dessas paisagens que viajam até eles através da pintura de vários artistas. Como recorda Walter Benjamin, esse espectáculo paisagístico simboliza poder (político), pois os panoramas na Paris do século XIX transferem para essa capital "political supremacy over the provinces", (35) acontecendo o mesmo em Londres relativamente a espaços coloniais, inclusive colónias administradas por outros vizinhos e aliados europeus (Macau) em países a quem a GB declarara guerra, como veremos de seguida.

1. A Guerra do Ópio e a Presença Britânica na China: o Contexto em que o Panorama de Macau é exibido em Londres e a Função Ideológica dessa Paisagem

A data da exibição do panorama de Macau em Londres não é ingénua e tem lugar quando a GB defendia a sua supremacia e os seus interesses coloniais e comerciais na China através da primeira

39. Ruskin destaca o panorama de Burford: "Calame and that man – I forget his name – are merely vulgar and stupid panorama painters. The real old Burford's work was worth a million of them". (*Deucalion* 567)

40. "I had been partly prepared for this view by the admirable presentment of it in London, a year or two before, in an exhibition, of which the vanishing has been in later life a greatly felt loss to me, – Burford's panorama in Leicester Square, which was an educational institution of the highest and purest value, and ought to have been supported by the Government as one of the most beneficial school instruments in London. There I had seen, exquisitely painted, the view from the roof of Milan Cathedral, when I had no hope of ever seeing the reality, but with a joy and wonder of the deepest; – and now to be there indeed, made deep wonder become fathomless". (Ruskin *Praeterita* 168)

Guerra do Ópio (1839-1842), durante a qual Macau assume uma maior relevância geopolítica para a GB e para a China. Aliás, a fundação de Hong Kong, em 1842, na sequência da referida guerra, mudou para sempre a importância do enclave luso-chinês que fora, até então, o único enclave europeu na China, o 'lar', a porta de entrada e câmara de descompressão cultural de europeus e norte-americanos no Império do Meio desde c.1557.

Em 1803 e 1808, os britânicos tentaram, em vão, ocupar Macau durante as guerras britânicas contra Napoleão (alegando protecção da cidade, caso os franceses atacassem) e ponderaram capturar a cidade durante a Guerra do Ópio, (Puga *British Presence* 117-121, 130-134) factos recentes que os observadores teriam em mente. Concordamos com Oleksijczuk quando analisa os panoramas "[as] bound up with the discourses of imperialism", (2) pois foram claramente um meio de veicular paisagens para as massas (Oetterman 1997) e, com o apoio dos guias (programas), de 'outrificar' comunidades e longínquos espaços colonizados (ou a colonizar), tal como as exposições de artefactos e de história natural "[which] treated the world as an identifiable array of objects to be collected or painted and visually possessed as knowledge". (Oleksijczuk 60)⁴¹ As pinturas na rotunda celebravam visualmente episódios bélicos em que o vencedor era a GB e a versão-visão apresentada era, portanto, a do vencedor para o público doméstico vencedor. Se Favret conclui que o panorama e sobretudo os guias e as legendas (enquanto discurso homogéneo) foram utilizados para distrair e atenuar ou evitar debates, (216-219) estudos como os de Galperin, (34, 39) Crary (113-114) e Russell (75-78) analisam como essa forma de arte ensinou o público britânico a "ver" a 'nação' e a ver como 'nação', enquanto um colectivo simultâneo de observadores, ou seja, um público 'nacional(izado)' que apoiava os esforços bélicos britânicos em todo o globo.

Com o início da Guerra do Ópio, em 1839, Macau e o sul da China tornam-se referências recorrentes na imprensa britânica, não

41. Segundo Oettermann, o panorama "represents the final sum in the addition of nature, [putting] [...] an end to the uncertainty of relationships between details by claiming them all in one swoop". (30)

sendo, portanto, de estranhar que houvesse curiosidade e mercado para comercializar um panorama sobre o já antigo lar dos britânicos no delta do rio das Pérolas, a par do complexo de feitorias de Cantão. Como o guia de que nos ocuparemos mais adiante espelha, Macau, um espaço estratégico e cobiçado pelos britânicos, foi também teatro de guerra britânico na China e símbolo multissecular da presença e do lucro europeus na China. A colônia portuguesa materializa assim aquilo a que Favret chama “historical sublime” (212, 219) enfatizado pelo panorama (público), a par dos inúmeros quadros em coleções privadas, galerias e museus com paisagens militares e coloniais, como, por exemplo, *The Rope Bridge of Serinagar* (Srinagar), também conhecido como “The Siege of Srinagar”, dos irmãos William e Thomas Daniell, que foi exposto, em 1800, na Royal Academy, e publicado no volume quarto de *Oriental Scenery* (1805). O pitoresco e cosmopolita panorama de Macau exibido no auge da Guerra do Ópio, em 1840, levaria o público a invocar a referida guerra e o comércio britânicos. Macau manteve-se neutral durante a Guerra do Ópio, (Dias 1993) mas, por sobrevivência, respeitou sempre as directivas das autoridades chinesas, e talvez o guia do panorama espelhe algum ressentimento por parte dos britânicos face a essa realidade, comportando-se a obra de arte como um palimpsesto, com várias camadas narrativas enquanto espaço colonial português na China e espaço histórico essencial ao *China Trade* britânico e norte-americano, como veremos de seguida.

Se um panorama de Cantão fora ‘exibido’ em Londres um ano antes do início da Guerra do Ópio, em 1838, Macau é-o em 1840, e Hong Kong, já como colônia britânica, é revelada ao público londrino em 1844. Aliás, o panfleto dedicado a Hong Kong refere Macau como referente geográfico na página três, em que o autor avisa os britânicos sobre a independência que a nova colônia na China lhes possibilita em relação aos portugueses de Macau, enclave que fora o ‘lar’ dos britânicos na China desde 1700, e onde eram forçados a respeitar as leis e ordens dos portugueses:

[Hong Kong] is about 37 miles E.N.E. of the Portuguese settlement of Macao, and nearly 90 from Canton [...]. The convenience of its situation, and the safety of its Harbour, were the inducements that led to its selection, as a rendezvous for British ships and subjects, during the continuance of hostilities with China, and afterwards to the demand that it should be granted as a permanent place of settlement. Its importance as a rendezvous for the mercantile community must be evident to every person, as it gives to our merchants an entire independence of the Chinese, as well as the Portuguese authorities, to whom they were in a great measure subject when residing at Canton and Macao. (Burford, *Description Hong Kong* 3)

Com a fundação de Hong Kong dois anos depois da exibição do panorama de Macau, Portugal perdia o monopólio comercial ocidental na China, e, na página 6, a *Description* dedicada a Hong Kong vaticina que a colónia britânica ultrapassará a portuguesa rapidamente e que os comerciantes mudarão muitas das suas firmas para o novo entreposto, o que, de facto, se viria a verificar:

The important consequences that may be expected to flow from a peaceful and unrestricted intercourse with the vast population of the Empire, and the conducting of trade on terms of fair and honourable reciprocity, must be highly beneficial to both nations. Hong Kong will be a free port, and will attract shipping from all parts of the world, and doubtless will soon transfer the trade from Macao. Merchants will make it their rendezvous and residence, the Chinese will become the carriers between them and Canton, and commerce will pour wealth into the coffers of the Empire at the same time that it enriches the stranger. (Burford, *Description Hong Kong* 6)

A fundação de Hong Kong mudou a importância regional e internacional de Macau, que fora 'lar' para todos os comerciantes estrangeiros quando eram, anualmente, forçados a deixar as feitorias de Cantão durante os meses de Outono e de Inverno, permanecendo em Macau, onde, aliás, as suas mulheres e filhos residiam todo o ano, proibidos de entrar na China. Essas três cidades formaram

um triângulo essencial para o comércio e a presença estrangeira na China,⁴² funcionando Hong Kong para os britânicos como ‘a Macao of their own’ no delta rio das Pérolas. (Puga, *British Presence* 117-121, 130-134)

A ilustração do guia, que legenda o panorama (Fig. 2), enumera e identifica os principais pontos de interesse da urbe, salientando as residências dos britânicos envolvidos no China Trade (Mr. Plowden, Captain Grant’s, American mission, Mr. Daniell and Mr. Innes, Mr. Robertson’s, Mr. King’s; Edward’s tavern, Mr. Dent’s, Standford and Mark’s Tavern, “formerly Mr. Whiteman’s”, Capt. Elliott’s, Captain Elliott’s Tender, “The Louisa”), que não são depois comentados no texto do guia, onde apenas encontramos dois desses elementos, a Missão Americana e o missionário pioneiro Robert Morrison (1782-1834). Essa lista e as descrições aparecem em Londres já após o final do monopólio do comércio da EIC na China (1833-1834) e depois de as autoridades chinesas forcarem, com o início da Guerra do Ópio, as autoridades lusas de Macau a expulsar todos os britânicos do enclave. (Dias 1993)

Como veremos de seguida, Macau, tal como os interesses coloniais portugueses e britânicos na China e a implícita Guerra do Ópio, são observados, em (desde) Londres, à distância, fisicamente e do ponto de vista do observador. Os barcos – que eram o único meio de ocidentais chegarem e saírem de Macau – representam o contacto com o mundo exterior de uma cidade luso-chinesa que nasceu do comércio, virada para o mar e para o delta do rio das Pérolas representado, aliás, no panorama, adornado por construções portuguesas habitadas por britânicos.

42. A *Description of Canton*, de Burford, refere Macau como referente geográfico duas vezes, na legenda e na página 11.

2. Representação de Macau no (Guia do) Panorama e a sua Recepção pela Imprensa em 1840

Como já vimos, os panoramas representavam sobretudo paisagens naturais, urbanas e históricas, episódios bélicos (batalhas, cercos) e cerimónias públicas (coroações), e não eram apenas uma forma de “viagem virtual”, mas também veículos de notícias (Rockett e Rockett 91-92) e interpretações visuais da contemporaneidade. Embora Altick afirme que os panoramas são mais “topographical than topical”, (178) acabam sempre por ser ambos, (Kingstone, *Panoramas* 38-39) pois as batalhas representadas acontecem num local que é ou se torna histórico, e um lugar específico é sempre representado através de monumentos e outros ‘espaços de memória’. Como veremos de seguida, o panorama, enquanto cultura popular, tal como a *print culture*, contribuiu para a construção da identidade e da comunidade nacionais (Anderson 2006; Plunkett 2013) britânica, incluindo o império, observado (virtualmente) desde Londres através da imagem na tela e do respectivo guia, num processo intermedial efémero que ecoa as representações de Macau na escrita de viagens, na imprensa e em romances britânicos como um espaço pitoresco, exotificado, e, inclusive, anglicizado.

O Panorama de Leicester Square exibiu inúmeros episódios históricos (sobretudo bélicos) e quadros coloniais que concorriam para a construção e exibição doméstica da glória do império da GB vitoriana, sendo útil o conceito de alegoria colonial, ou seja, a utilização de paisagens como Cantão, Macau, Hong Kong e Nanquim, para nos servirmos apenas dos exemplos localizados na China. Essas alegorias concorrem para a construção daquilo a que Aguirre chama “império informal”, (xv) ou seja, a política expansionista britânica assente também no domínio cultural de países e espaços que não eram colónias britânicas, mas que eram do interesse dos agentes coloniais e mercadores nacionais e que eram ‘coleccionados’ em Londres através de artefactos exotificados, em museus e colecções, relatos de viagens e representações visuais, como o panorama de Macau, todos para

consumo doméstico.⁴³ Se é óbvio que alguns panoramas, sobretudo no século XVIII e início do século XIX, poderiam dar lugar ao dissenso e a discussões sobre as representações e os seus objectivos ideológicos, (Oleksijczuk 23-30; Swidzinski 2016) essas paisagens aproximaram-se cada vez mais do discurso patriótico, mostrando os guias e restantes paratextos “uncompromising support of the government, military and empire”. (Garrison, “Virtual Reality” lxxvi) Plunkett descreve, aliás, o panorama como uma forma de permitir aos britânicos, em casa, participar nos acontecimentos do império e nas suas guerras, (s.p.) assim normalizadas na esfera pública e no mundo do entretenimento popular, podendo essas representações agradar simultaneamente a críticos e a simpatizantes do projecto colonial britânico, ou seja, permitir leituras divergentes. (Kingstone, *Panoramas passim*) Aliás, esses voyeurismo e medo da normalização da violência ‘patriota’, que ecoa no panorama de Macau, como veremos, é veiculado pelo sujeito poético de uma composição de Reverend Thomas Greenwood (*Scripture Sketches*), redigida após a visita ao panorama sobre a Batalha Waterloo: “Oh! how can I gaze with delight / On a scene so revolting as this?” (Huhtamo 80)⁴⁴

No século XIX, artistas chineses e ingleses, como o pintor romântico George Chinnery (1774-1852), representavam a Baía da Praia Grande, e as suas obras, compradas e levadas para casa por mercadores europeus e norte-americanos, terão, decerto, sido a fonte de artistas como Robert Burford ao pintar, em Londres, o panorama de

43. Comment afirma que a invenção do panorama foi “a response to a particularly strong nineteenth-century need – for absolute dominance” (19) e que o público o visitava “to experience the [...] illusion that they were masters of the world”, (136) ou seja, a experiência individual mimetizava e dava espaço e paisagem à narrativa sobre o império da GB vitoriana. Já para Miller o panorama “satisfied the nineteenth-century craving for visual – and by extension physical and political – control over a rapidly expanding world”. (34)

44. Um artigo de 1860 informa que o panorama mais rendível foi o da Batalha de Waterloo: “of all the panoramas ever exhibited, that of the battle of Waterloo was the most popular and lucrative. The doors were thronged from morning till night; and for the benefit of the more aristocratic visitors, establishment was even opened on Sundays. By the exhibition of his picture, the proprietor realised no less than ten thousand pounds”, (Anónimo “Panoramas” 35) o que comprova a curiosidade dos londrinos e visitantes da capital por episódios de glorificação nacional que passavam a fazer parte da identidade britânica.

Macau,⁴⁵ por exemplo, a gravura produzida por volta de 1847, por Albert Henry Payne (1812-1902), com base num desenho de Charles Graham, (Payne 30; *Puga To the Farthest Gulf* vol. 2, 443) na qual se vê a Baía da Praia Grande da Rada, durante uma tempestade, marcando a paisagem, tal como no panorama, marinheiros e pescadores chineses nas embarcações locais.

Também o panorama de Cantão, nas proximidades de Macau, exibido em Londres, em 1838, teve como eventual fonte uma pintura semelhante a *View from the Roof Terrace Scross the Roofs of the Hong*s (c.1835-1839), de artista chinês desconhecido, produzida em estúdios de Cantão para ser vendida a estrangeiros, (*China Export Art*) e que encontramos em Conner. (*The Hong*s 149; *vide* Quilley 262) O próprio Burford informa que o original que ele utilizou “was taken from a terrace on the summit of the British Factory, by Toonquea, a native artist of Canton”, (*Description of Canton* 3) sendo uma das poucas vezes que a obra de arte que serve de fonte é produto de um artista *local*, no caso um pintor chinês, num espaço de comércio que ainda era opressivo para com os britânicos – o complexo das feitorias de Cantão, de onde eles não podiam sair –, mas que, após a Guerra do Ópio, se mudaria para uma ilha próxima e partilharia características com um espaço colonizado. Tal fenómeno explica-se facilmente se tivermos em mente que os vários estúdios de artistas chineses em Cantão e Macau produziam arte ao gosto ocidental para ser adquirida por mercadores estrangeiros, como recordações da sua estada no sul da China e para mostrar aos familiares, regressados a Londres ou a Boston, onde haviam residido. Essa pintura chinesa reforça quer a importância das feitorias e sedes de firmas-lares ocidentais em Cantão, quer a autenticidade dessa representação sínica, estabelecendo-se um diálogo intercultural entre artistas. Aliás, a ‘fantasia’ etnográfica que Burford confessa inserir no panorama de Cantão, em 1838,⁴⁶ volta a povoar, em 1840, o de

45. Conner (“The Architecture” 339) recorda que existe, numa coleção privada, um esboço a lápis da Praia Grande, com notas estenográficas da autoria de George Chinnery que identificam alguns habitantes de Macau.

46. “In the immediate foreground, and on the extensive platform which the spectators are supposed to occupy, an artist’s license has been taken, to introduce various groups of Chinese-illustrating, in a

Macau, quando o artista insere figuras-tipo chinesas nas embarcações para reforçar a cor local, ao gosto romântico.

Desde 1838 – nas vésperas da Guerra do Ópio (com o escalar dos conflitos entre britânicos e as autoridades chinesas) –, quando é exibido o panorama de Cantão, que a China marca presença na rotunda de Robert Burford, seguindo-se Macau (1840), Hong Kong (1844) e Nanquim (1845). Esta última cidade tem também uma simbologia especial na história da GB, pois foi aí assinado, em 29 de Agosto de 1842, após a derrota da China na Guerra do Ópio, o tratado que, entre outras compensações, cedeu Hong Kong à GB e abriu, à força, vários portos chineses ao comércio ocidental, nomeadamente Xangai. Esse panorama representava um momento bélico e glorioso para a história da GB, mas que beliscara fortemente a auto-estima e a identidade nacional chinesas. O panorama de Macau deverá ser visionado com estes outros em mente, como se de uma elaborada rede de significados cumulativos se tratasse, começando com Cantão (1838), onde a EIC e os mercadores independentes compravam chá e seda, passando pelo primeiro lar britânico na China, a colónia luso-sínica, passando por Hong Kong que é ‘doado’ à GB na sequência do referido tratado, ou seja, simboliza o culminar da vitória britânica. Tal como outros panoramas de batalhas e vitórias britânicas, ou seja, de paisagens consideradas épicas, também este colectivo de quatro panoramas com cidades chinesas habitadas ou povoadas por britânicos (por vezes, à força) funcionam como uma narrativa intermedial épica, da qual Macau faz parte enquanto lar dos britânicos na China de 1700 a 1842, embora administrado pelos portugueses por delegação das autoridades chinesas. Aliás, era essa uma das importantes funções de Macau para o imperador, o controlo de todos os estrangeiros pelos portugueses num espaço praticamente fora da China. (*Puga British Presence* 79-82)

striking manner, the singular costume, and some of the ordinary pursuits of this peculiar people, which, from the narrowness of the streets, and the style of the buildings, could not have been introduced in any other part of the painting [...]. [T]he whole offering a multitude of varied and uncommon objects to interest the curious observer, and more than one subject for reflection to the philosopher and moralist". (Burford *Description of Canton* 4)

Podemos analisar a recepção do panorama de Macau pelo público vitoriano através de curtas apreciações publicadas na imprensa da altura. Em Julho de 1840, *The Metropolitan Magazine* elogiava a exotizada representação artística de Macau, bem como a 'lição' que a GB dera recentemente à China, com o início da guerra, enfatizando a superioridade naval britânica. A descrição do panorama torna claro que a ilustração e legenda do panorama no guia não é tão detalhada como o panorama, servindo a imagem que reproduzimos na Fig. 2 apenas de legenda:

The Panorama of Macao, Leicester Square.

Independently of the interest that this strip of land, Macao, afforded by the bounteous Celestial Empire to *foreign barbarians*, now possesses, *as being the scene of operations that may ultimately lead to mighty events*, the picture, as a picture, is admirable, and a *complete triumph of the scenic art*. The sea is really and truly the moving and living sea. There are very many *curious things* represented in this panorama. *Many Chinese in their various costumes*, their *strangely built vessels*, whilst the view itself is *grand and imposing*. There are also represented the *English men-of-war that lately told so emphatic a story to Governor Lin*. We think that there will be but few persons who will omit going to see this *seat of war* – they who will seize the opportunity will be amply repaid for their trouble, and retire not only gratified, but *instructed* also. (Anónimo, "The Panorama of Macao" 88) (sublinhados nossos)

O jornalista reconhece o interesse que Macau, "[a] seat of war", tem para a GB, e a predisposição do público visitante seria influenciada por notícias como esta. Esse mesmo imaginário bélico e a ideia de superioridade da GB marcam também presença noutro artigo sobre o panorama, no jornal *The Spectator*, que refere figuras chave da Guerra do ópio, o comissário (chinês) Lin e Charles Elliot:

Mr. Burford's new panorama of Macao is attracting all the town to Leicester Square; and the "little O" it encloses is sometimes inconveniently crowded with visitors as the day advances; the public being almost as curious to behold the scene of the squabbles between Commissioner Lin and the

Barbarian Elliot, as to see the site of the last murder. A brief mention of the private view of this attractive picture was made the week before last, but only in our second edition: we have since paid another visit to it, and took time to appreciate the skillful and effective painting. Macao is a very picturesque spot, for so small an island, or peninsula rather; the two hills, one crowned with a fort the other with a church, at each extremity of the crescent formed by the shore, are verdurous; and the row of low white houses along the strand with green sun-blinds, and a church or two seen above their roofs, has a very pretty and snug look. Being a Portuguese settlement, and the abode of "foreign barbarians," Macao has nothing purely Chinese about it except the junks in the harbour, and an uncouth oblong box or two afloat, which the matting sails proclaim to be boats. But this place is only a knob on "the world's tea-pot;" though it is one by which we may lift off the lid, and look in to see what is brewing there – and the hot water's poured in by this time, no doubt. The Hyacinth and Volage frigates in the offing, the Portuguese merchantmen nearer inshore than any other foreign traders are allowed to come, and the English cutters receiving on board passengers and luggage to be conveyed to the ships, make a lively scene. The *ludicrous* appearance of the *clumsy* Chinese junks, with matting sails attached to bamboo yards, huge painted lanterns on their poop, and round shields painted with faces like the sign of the Sun to protect the rowers, *contrasted with* the tight and tall forms of the English vessels, in gallant trim-shows what fearful odds are on the side of the invaders: it looks like battering toys to assail such gingerbread craft. *The picture, we are told, was painted in haste;* and it has not the finish of the view of Benares in the large circle; but what is wanting in elaboration is made up in spirit and power. The tide rushing in is admirably represented; and the waves under the bow of the cutter between it and the shore are fluid and in motion. The warm tone of the landscape is very agreeable, and by contrast gives freshness to the sea atmosphere. (Anónimo "Mr. Burford's" 596) (sublinhados nossos)

O autor afirma, desconhecendo a realidade, que Macau de chinês apenas tem as embarcações como juncos e tancares, que o visitante poderá apreciar no panorama, como se na tela estivesse representada a totalidade da urbe. Esses mesmos metonímicos juncos chineses são

ridicularizados pelo autor e considerados inferiores às graciosas embarcações britânicas. A referência aos barcos de guerra que, na altura da exibição estariam na China, a par dos estabelecimentos britânicos no panorama (e referidos na legenda), convoca a Guerra do Ópio e torna o mar um 'espaço' simbólico do império e do crescente poder naval britânico na Ásia. Já *The Literary Gazette* informa, na secção "Varieties":

Panorama of Macao.

Coming events, it would seem, not only cast their shadows but their pictures before. Here, in Leicester Square, have we been, during the past week indulging in the contemplation of an admirable panorama of Macao, peering at the Chinese junks, casting a suspicious glance at very suspicious-looking opium clippers, thinking the tan-kea or egg-house boats picturesque, and wondering if there was a row how the Portuguese ships-of-war, and the English *Lyra*, *Volage*, *Hyacinth*, *Harrier*, &c. &c., would act; and lo! there comes an express from India which makes this very view the scene of national action, just as if Mr. Burford painted it expressly for the occasion. Nothing could be more *à propos* than this new effort of the painter's art; and when we say that, besides its temporary importance, which will attract all London to visit it, as an accurate representation of a place so peculiarly interesting at the time, it is a very beautiful specimen of panoramic effects. The shore, buildings, and mountains, are finally done; but the water is still more ably executed, and some of the boats, &c., absolute realities, and not deceptions on the canvass. (Anónimo, "The Panorama" 382)

O jornalista elogia a veracidade e o dinamismo da imagem, bem como o esforço nacionalista do pintor e o interesse que Macau adquirira recentemente com a Guerra do Ópio, permitindo-nos verificar como o panorama era recebido (ou como a sua recepção pública era influenciada pela imprensa e pela ideologia dominante), nomeadamente a leitura bélica, nacionalista e até colonial da superior GB face à China e à colónia portuguesa. Os barcos de guerra portugueses e britânicos (enumerados) são elementos destacados pelo jornalista, a par de juncos chineses, *clippers* que transportam ópio e tancares, e o *express* da Índia que torna a imagem "national action".

Também *The Polytechnic Journal* noticia o panorama: “Indefatigable in his endeavours to cater for the public taste, no sooner does a locality presented feature of general interest than Mr Burford produces one of his beautiful panoramas”, (Anónimo “Panorama of Macao” 72) enfatizando o interesse do público e da opinião pública por Macau. Trata-se, portanto, de uma estratégia de construção visual, literária e imaginária quer de cidades (no caso, uma semi-colónia portuguesa) que servem os interesses britânicos na Ásia, quer de vitórias militares e de cenários coloniais britânicos, bem como da identidade nacional. Aliás, em 1831, *The Athenaeum* deixa isso bem claro, na secção “Our Weekly Gossip”, ao referir que, em 1841, o panorama de Macau é substituído pelo do ataque a Acre.⁴⁷

Se autores como Oleksijczuk (172), Ibata (“The Orient” 127-147; 2018, 161), Hermann (2017) e Kingstone (*Panoramas* 33, 43, 76) destacam os panoramas de tema bélico sobretudo durante as guerras napoleónicas, essa temática não termina em 1815, até porque a GB continua a participar noutras guerras (por exemplo, a Guerra do Ópio) para aumentar o seu poder global.

As ‘rotundas’ que exibiam panoramas permitiam a famílias inteiras simular uma viagem numa longínqua cidade como Macau, visitada, descrita e mencionada por inúmeros membros da edilidade londrina, sobretudo por sobrecargas e directores da EIC e mercadores. Os observadores poderiam apreciar, através da *cityscape* desenhada por Robert Burford, a arquitectura e elementos etnográficos exotizados para representar a cultura chinesa, podendo-se, então, falar de orientalismo visual, pois essas exposições de paisagens naturais, urbanas,

47. “The military contests in which England is engaged have fallen in good time for Mr. Burford, who replaces Macao by St. Jean d’Acre. The new Panorama displays the historical city and fortress under bombardment by the British fleet; and at the point of triumph, when explosion within the citadel seconded Commodore Napier without. *Everyone will go to Leicester Square, and in imagination fight the battle over again.* The old town would, in itself, be picturesque, and the array of “winged assailants” majestic, did not the excitement of the conflict give life and motion to the scene. Parts of the picture are admirably painted; especially the veil of smoke which hangs about the shattered towers and bulwarks, and the clouds bursting from the men-of-war. These are so truthfully executed, as to suggest sound: as we looked, we caught ourselves listening for the reverberated roar of cannon. The figures, as usual, are the worst portion of the work, save the sea, which is China blue”. (Anónimo “Our Weekly Gossip” 115) (sublinhados nossos)

etnográficas, comerciais e coloniais eram também motivadas por interesses geopolíticos, coloniais e obviamente económicos. Como vimos nesta secção, quando da exibição de Macau no Panorama de Leicester Square, a GB estava em guerra com a China, tentando as autoridades portuguesas do enclave representado manter-se neutrais face aos donos da terra em que se encontravam e face aos seus mais velhos aliados na Europa. Mas detenhamo-nos também no guia que acompanhava e contextualizava a visita ao panorama.

3. O Guia Narrativo (Key) como Sumário-legenda do Panorama

Antes de analisarmos o conteúdo do guia, detenhamo-nos na história desse paratexto que acompanhava o panorama e condicionava, como já vimos, a visita virtual a Macau, cidade apresentada como parte do teatro de guerra e como espaço também anglófono pela imprensa coeva.

O público implícito na paisagem e no guia é o britânico, sobretudo o londrino, e, como veremos de seguida, a partir de 1793, para aumentar o “sense of control” do observador, Barker fornecia folhas de sala e posteriormente guias narrativos que dirigiam o olhar do visitante para topónimos, lares, edifícios e outros pontos que os autores consideravam de interesse e destacavam (Ziter 26; Garrison *et al*, vol. 1, 39; Iyata, *The Challenge* 153) em prol dos interesses ingleses. O texto escrito complementava a narrativa visual numerada e avançava pedagogicamente informações históricas, militares, etnográficas e comerciais. O panorama não funcionava como um objecto autónomo, e o visitante necessitava do guia para se ‘orientar’ e conseguir ter uma visão panorâmica informada, ao fundir “views that precisely cannot be taken in at a glance into views that can”. (Byrd 15; *vide* Maxwell e Trumpener 157; Kingstone, *Panoramas* 44)

3.1. A História dos Guias do Leicester Square Panorama

Quando o rei George III e outros grupos da elite britânica visitavam o Panorama era-lhes oferecida uma visita guiada por Robert Burford e Henry Barker, actividade demorada que não era possível com o público geral que deveria fluir de forma a rentabilizar o lucro do negócio. Aliás, Robert Burford, para publicitar o panorama de Macau, em Junho de 1840, convidou o editor do *Mirror* para uma visita guiada (*private viewing*), como revela um convite impresso da altura existente na Senate House Library, da Universidade de Londres (“Mr. R. Burford Requests”). Em 1793, ao exhibir, no *Large Circle* da ‘rotunda’, o panorama *Grand Fleet at Spithead in 1791*, Robert Barker criou e disponibilizou, à entrada do edifício, *descriptive sheets* (folhas de sala⁴⁸ para orientar o viajante virtual) que continham a imagem do panorama e a respectiva legendagem (nomes de barcos), um breve texto sobre a imagem, o artista e o edifício onde era exibido. Os visitantes apreciavam essas ‘folhas de sala’, que funcionavam como valor acrescentado à visita, e levavam-nas como recordação, mostrando essa curiosidade aos amigos. O tamanho dos textos e dos próprios guias foi aumentando, logo a partir da exibição do segundo panorama (vista de Londres) no *Upper Circle*. A folha de sala era agora quadrada e não rectangular e continha a ‘vista’ londrina disposta num círculo, com a localização do visitante no centro (perspectiva anamórfica). Os edifícios numerados eram identificados na legenda nessa mesma folha. Mais de uma década depois, o panorama *The Battle of Trafalgar* (1806-1807) era visionado com o apoio de uma dessas folhas descritivas, que continha quer o nome de cada barco inglês e francês e o número de armas que cada um carregava, quer o nome de alguns episódios da batalha. Em 1806, depois da morte de Robert Barker, Henry Aston Barker substituiu o pai e foi elaborando, ao longo de mais de uma década, essas folhas descritivas, que tinham também como objectivo gerar consenso entre os visitantes

48. Para uma história mais aprofundada da evolução do formato e do conteúdo das folhas de sala e dos guias (*keys*), veja-se Oleksijczuk 127-172.

quanto à mensagem do panorama, tornando-se rapidamente essenciais. (Oleksijczuk 130)

Henry foi aumentando o tamanho dos textos e incluiu o nome do artista que desenhara o panorama, bem como os autores dos desenhos originais copiados por esse pintor. A folha de sala dá lugar a uma brochura ou panfleto mais complexo, de 10 a 14 páginas (alguns chegavam às 50 páginas), que continha, no início, um desdobrável com a imagem (ainda anamórfica) do panorama, numerada, seguindo-se a descrição geral do panorama (localização e história da localidade representada, ou o contexto do episódio histórico) e de cada um dos elementos humanos, naturais, ou monumentais destacados e numerados, como acontece em 1816 (*Battle of Waterloo*). Em 1817, o guia de *View of the City of St. Petersburg* é o último a conter uma imagem circular e anamórfica do panorama. No ano seguinte, o panorama *Lord Exmouth's Attack upon Algiers* já é descodificado com um novo tipo de diagrama legendado que consistia num desenho desdobrável (da brochura) de toda a paisagem, com a primeira parte do panorama num rectângulo e a segunda parte num outro rectângulo (Fig. 3). A narrativa de 10 páginas que acompanha esse panorama é encomendada por Henry Barker ao jornalista James Jennings, que transforma a destruição da referida cidade num gesto heroico e as suas ruínas num espelho da virtude e da vitória britânicas ao demonizar o cruel e 'incivilizado' inimigo.⁴⁹ Os panoramas reflectem e normalizam, portanto, a violência imperial, política e militar britânica, e, como recordam Farquharson e Farrell, "violence is a complex and ever-shifting phenomenon, in which different players attempt to write narratives of violence that support their own agendas and purposes". (2) Perante essas narrativas visual e literária sobre a violência, haveria quem concordasse com e quem discordasse da crueldade colonial e

49. Jennings, ao descrever o ataque, afirma a glória nacional: "The age of chivalry is not gone! [...] the living scene, the vivid drama of reality, has just passed before us, in all the lineaments and strongest tints of Truth; - in all the glory of genuine Heroism; - in all the justice attendant upon the most favoured Virtue crowned with Victory? [...] Long had these marauders, the Algerines, disturbed the peace of the civilized world [...] this glorious enterprise [...] this heroic achievement, - alike honourable to the immediate actors in the mighty drama, to the planners of the expedition, and to the Prince and people under whose auspices it was conducted to so glorious a conclusion". (3-4, 12)

comercial, pois, como sabemos, essas atrocidades despertam repulsa em quem as condena, mas também o fascínio em quem as exerce ou defende, como recorda Kowalewski ao analisar a presença da violência na ficção norte-americana. (12-14)

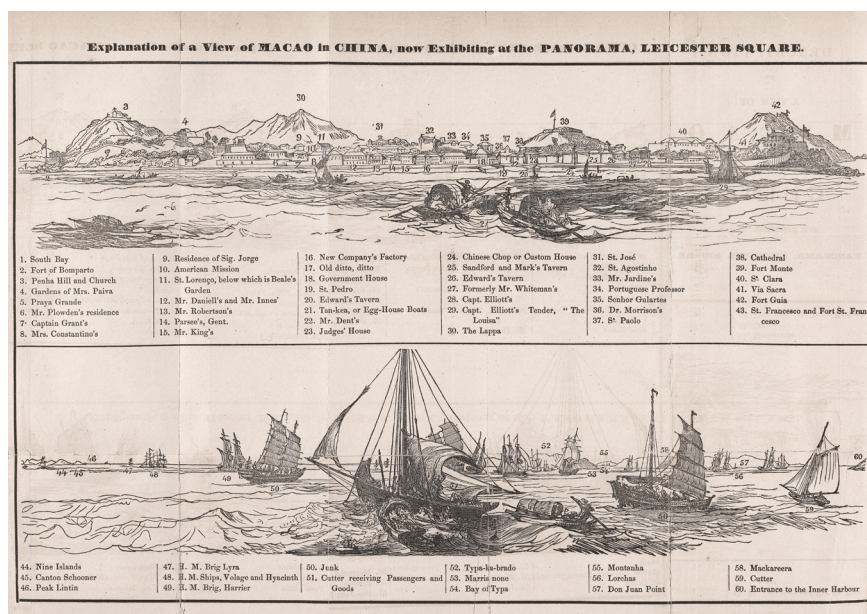


Fig. 3 – Duas imagens e legendas do Panorama de Macau (Burford, *Description of Macao* s.p.)

Os guias permaneceram em uso até o Panorama encerrar as suas portas, em 1863. O ingresso na 'rotunda' de Leicester Square incluía uma folha descritiva (folha de sala) do panorama que permitia ao visitante identificar os elementos destacados. Até 1801 a folha era gratuita, mas nesse ano, a do panorama *View of Constantinople from the Tower of Galatea* tornou-se mais elaborada, e os guias passaram a ser pagos (*sixpence* cada), vindo a custar cerca de um *shilling* na década de sessenta do século XIX. A partir de 1816 os visitantes adquiriam o

guia em formato de brochura. (Garrison *et al.* 2012-2013) Essas narrativas descritivas eram obviamente redigidas com bases em fontes inglesas sobre os espaços representados sem a identificação desses textos originais. Uma das inúmeras fontes do autor do guia (da viagem ‘virtual’) que acompanha o panorama poderá ter sido a primeira história da presença portuguesa na China em inglês, *An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China*, publicada pelo sueco Andrew Ljungstedt, em 1837, e que, tal como Burford, (*Description of Macao* 7) se refere várias vezes ao monte da Penha como monte Nilau, (Ljungstedt 15, 21)⁵⁰ a par dos inúmeros relatos de viagem anglófonos que descrevem Macau desde 1637, ano em que Peter Mundy (c.1595-c.1667) redige a primeira grande descrição inglesa do enclave. Era, aliás, comum o uso de relatos e notas de viajantes britânicos para redigir os guias dos panoramas,⁵¹ que surgem numa altura em que as notícias diárias se tornavam cada vez mais frequentes (Pettitt 2020) e em que os jornais vendiam mais quando continham imagens, levando, em 1842, à fundação do *Illustrated London News*, que, num ano, angariou 60.000 subscritores. (Ford 8) Aliás, ao representar as cataratas do Niágara e os Alpes em panoramas, Robert Burford cita *Childe Harold’s Pilgrimage*, de Lord Byron, e apesar de o texto do guia ser informativo e não literário, a posição do artista nessas duas brochuras é interessante na medida em que reclama – num período em que o valor da imagem era colocado em causa pela ‘elite literária’, em prol da poesia⁵² (Ibata,

50. Nilau (actual Lilau) foi o nome chinês da colina da Penha até 1622.

51. Por exemplo, o guia do *Panorama of the North Coast of Spitzbergen* (1819), de Henry Aston Barker, sobre a expedição de David Buchan ao Polo Norte, teve como base os desenhos e as notas de viagem do tenente William Beechey. A referida brochura indica ainda ao observador que emoções ‘sublimes’ deverá sentir (desolação, horror, admiração, exaltação), ecoando várias outras fontes literárias, nomeadamente *Frankenstein*. (Garrison *et al.*, vol. 1, 155-156)

52. Por exemplo, em 1794, a escritora escocesa Hester Lynch Piozzi descreveu os panoramas como “viewed by painters – a mere deception, ad captandum vulgus”, (163) enquanto o sujeito poético do livro sétimo de *The Prelude*, de William Wordsworth (WW), ao passear por Londres, descreve o *uncanny* panorama-gruta de forma ambivalente ao sugerir ao leitor: “let us view [...] the spectacles/Within doors [...] those mimic sights that ape/The absolute presence of reality,/Expressing, as in mirror, sea and land,/And what earth is, and what she has to show – [...] the painter – fashioning a work/To Nature’s circumambient scenery,/And with his greedy pencil taking in/A whole horizon on all sides – with power/Like that of angels or commissioned spirits,/Plant us upon some lofty pinnacle/Or in a ship on waters”. (1805, 245-251) Sobre o *panoramic sublime (aesthetics of immersion)* e a opinião de WW sobre o panorama, veja-se Jones (372-375). Entre 1791 e 1802, WW poderá ter visitado um panorama em Londres.

The Challenge 2-21, 163) – que a (magnitude da) imagem artística do panorama veicula aquilo que a literatura (“the power of language”) não conseguirá fazer.⁵³ Curiosamente, Burford utiliza os guias (narrativas escritas) para complementar a informação visual, informar e até condicionar o visitante, pelo que, na prática, ambas as representações (as artes irmãs celebradas pela expressão horaciana *ut pictura poesis*) não se excluem mutuamente, mas complementam-se e necessitam uma da outra; daí o jogo de palavras no título desta secção, pois os guias dos panoramas podem descodificar, mas também influenciar, ou seja, codificar a imagem a ser ‘consumida’ pelo visitante.

Tal como as imagens, o texto canta os sucessos e os interesses britânicos para consumo interno, numa altura em que a cultura popular (das classes trabalhadora e média), a *print culture* e o entretenimento visual se massificam e reforçam, através dos temas e dos espaços e episódios representados, a ideologia dominante. A leitura do guia era uma experiência cultural e educativa só por si, uma das várias experiências pedagógicas, emocionais e estéticas que o viajante-visitante do panorama poderia esperar, e, de acordo com Oleksijczuk, as alterações nos guias ao longo do tempo relacionam-se com a racionalização do tempo e do espaço na era moderna e permitiam ao panorama comunicar, de forma mais eficaz, a ideia de poder político e simbólico da GB aos vários públicos:

53. No guia que acompanha o panorama *View of the Falls of Niagara*, Burford afirma: “The Falls of Niagara are justly considered one of the greatest natural curiosities in the known world; [...] and exceed immeasurably all of the same kind that have ever been seen or imagined; travellers speak of them in terms of admiration and delight, and acknowledge that they surpass in sublimity every description which the power of language can afford; a Panorama alone offers a scale of sufficient magnitude to exhibit at one view (which is indispensable) the various parts of this wonderful scene, and to convey an adequate idea of the matchless extent, prodigious power, and awful appearance, of this stupendous phenomenon of nature”. (3-4) Por exemplo, no guia da *View of Mont Blanc, the Valley of Chamounix, and the Surrounding Mountains*, Burford continua a defender a mesma ideia e a atração principal do seu negócio, o panorama: “To present a clear and intelligible image, of a scene so fearfully grand and imposing, by a verbal description is impossible; the most fertile imagination, aided by the pen of Byron, or the matchless pencil of a Claude in a painting of moderate size, must alike fail to convey an adequate impression of the reality; for nature is here almost too magnificent, and the whole is on a scale of such inconceivable vastness, that it sets at defiance any attempt to depict it with ordinary means; the Panorama alone, and that to an extent considerably beyond its usual limits, can hope to approach anything like a fair delineation of this sublime scene, and even that, vast as it is, must fall far short of presenting it in all its glorious and ever varying beauty”. (3-4)

[i]n a gradual but significant shift, from the abstract space of the first keys to the instrumental space of perspectival illusionism of those produced in 1818 and onward, spectators were discouraged from inventing their own spatial stories. With the replacement of abstract, two-dimensional imagery by perspective views using one scale of measurement, the narratives associated with the panorama became more closely tied to interests of the nation-state, its people, and the empire. (2011, 127-128)

O título do guia e do panorama que analisaremos de seguida com maior detalhe consiste principalmente em dois topónimos, Macau, um espaço sobretudo masculino (de comércio), e China, império onde os estrangeiros não podiam entrar, com quem a GB media forças na altura e que conseguiria vencer, ou seja, a presença britânica já antiga na China supostamente reforçava os direitos e as alegações da GB para ter declarado guerra ao Império do Meio.

3.2. O Guia Descritivo: [D]escrever Macau para [Des]codificar as Paisagens Urbana e Fluvial do Panorama

O nosso estudo analisa o panorama através do guia que o acompanhava, ou seja, a brochura que o visitante recebia para guiar a visita ao interior da 'rotunda' e descodificar a paisagem sobre a qual aprende, ao passear e ao ler o chamado 'programa', paratexto e imagem reduzida que identificam o que o visitante via e também influenciava a sua interpretação da paisagem representada, enfatizando o processo de investigação prévia do artista e, durante a visita, pelo observador-leitor. À dimensão do prazer e do simulacro da viagem associa-se a leitura-investigação e a descoberta pedagógica pelo observador, que está ciente de que o panorama lhe apresenta um "single moment" (Kingstone, *Panoramas* 44, 138) face às três temporalidades da experiência do visitante definidas por Porter: a do momento capturado, a narrativa dos paratextos (as legendas e o guia) e o momento da visita em si, em que o visitante cria a sua própria narrativa a partir da interação entre a pintura, os paratextos, as memórias e as opiniões

produzidas na altura e posteriormente; (228-29) uma “nested structure” (de temporalidades) que contribui para a leitura final do panorama e do programa que narra, visualmente e através de breves textos, Macau enquanto espaço histórico, etnográfico e intercultural. O panorama é, portanto, uma experiência multimodal e não apenas visual (Kingstone, *Panoramas* 45) que encena o teatro do mundo ao colocar o visitante no palco da viagem virtual ou da história recente,⁵⁴ ou seja, apenas ao relacionar o que observa no panorama e lê nas legendas e nas entradas no guia, o observador tem uma visão panorâmica da obra de arte e torna-se um visitante-viajante informado que tem que alternar “between experiential modes, from affective immersion to mining the image for information”. (Kingstone, *Panoramas* 6) Já Neumann analisa o panorama na sequência do fenómeno do *Grand Tour*, cujo circuito urbano também segue (Itália, Grécia, Turquia), e como “travel replacement” no século XIX, na altura em que o turismo e o gosto pelas viagens crescem exponencialmente. (47-53)⁵⁵

O *incipit* do guia de que nos ocupamos apresenta logo Macau como “romantic [...] picturesque [...] beautiful”, (Burford, *Description of Macao* 2) activando, na mente e na visão do visitante, a estética do pitoresco através do ponto de vista privilegiado do estrangeiro que se aproxima de terra, mas ainda está na rada (“presents to the eyes of strangers approaching the roadstead”, 2). Na plataforma suspensa (ou varanda), o viajante poderia admirar determinados locais da cidade ‘visitada’, como se tivesse em mãos um guia de viagens real, pois se o panorama simula um espaço, o guia simula o guia de viagens. O mesmo *incipit* da brochura exhibe, desde logo, de forma intensa, o *jingoism* colonial do projecto que oblitera inicialmente

54. Como conclui Iбата, o que o panorama estava a revelar era não apenas “popular taste against the taste of the elite. It was a new form of visibility, based on immersion, bodily participation and instant virtual transport from place to place. In the latter respect, it participated in the acceleration of visual experience which went along with growing urbanization”. (*The Challenge* 165)

55. Como é sabido, os pintores de panoramas seguiam convenções, práticas e discursos estéticos da época para atenuar os limites da representação visual e redefinir os termos da experiência do sublime para uma nova audiência com novas necessidades visuais, (Otto s.p.; Iбата, *The Challenge*: 150, 155) e tal acontece desde o final do século XVIII, a centúria da *chinoiserie*, e pouco antes da generalização da arquitectura historicista, da pintura histórica, a par do design de interiores burguês e orientalista, do papel de parede exotizado aos elementos decorativos asiáticos. (Neumann 52)

a administração portuguesa do enclave “europeu” cujo (suposto) bairro britânico é considerado o mais importante:

Macao, the only European settlement in the Empire of China, stands on a narrow peninsula, at the southern extremity of the island of Heangshan. From its commanding and romantic situation it presents to the eyes of strangers approaching the roadstead, a most picturesque and beautiful scene. The panorama taken from the Bay of Typa, exhibits the city, on what may be termed the British side, consequently in its most interesting aspect. (Burford, *Description of Macao* 2)⁵⁶

A *Description of a View of Macao* apresenta breves descrições de alguns dos pontos de interesse destacados na legenda. A primeira parte da paisagem é representada por uma embarcação na Rada de Macau e a outra representa essas mesmas embarcações, recordando ‘intertextualmente’ as composições marítimas de W. J. Turner, que, na Royal Academy, foi colega de Henry Aston Barker, sócio de Robert Burford, que, por sua vez, conhecia Sir Joshua Reynolds. (Corner 9) Os dois donos do panorama de Leicester Square tinham acesso a informação militar, geográfica e cultura privilegiada em Londres e no império britânico e rentabilizavam esses contactos, (Garrison “Virtual Reality” 8) colocando o observador londrino provavelmente num dos barcos de guerra britânicos que, ao longe, recém-chegado, vigiava ameaçadoramente a China, ou seja, o visitante apreende simultaneamente um tempo coevo e um espaço asiático de guerra que enfatizaria a supremacia colonial e global britânica.

A brochura divide-se numa secção inicial de 5 páginas (“Macao”), que contém uma apresentação geral da cidade e da presença britânica, e na secção “Explanation of the Plate”, que contém 27 entradas dedicadas a fortificações (de interesse militar para os britânicos que cobizavam Macau), várias igrejas, jardins, montes, ilhas, como a de Lintim, onde se trafica ópio, (11) espaços e edifícios públicos,

56. Doravante indicamos as páginas do guia de que nos ocupamos apenas entre parêntesis.

a Missão Americana, embarcações sínicas, a alfândega (“Chinese Chop”, “Hoppo”, 8) que mede os barcos estrangeiros e os taxa, e figuras históricas anglófonas, como o já referido Robert Morrison, cuja actividade missionária na China fora boicotada pelos católicos, (9) não sendo vários números da legenda contemplados no guia. As entradas ocupam-se, assim, de locais de comércio, culturais e religiosos que povoam a escrita de viagens inglesa sobre Macau. A maioria da informação das brochuras é factual e descritiva, sendo deveras interessantes os comentários e apartes do autor sobre a presença e os interesses britânicos em Macau e na China. O panorama favorece o Porto Exterior e a Baía da Praia Grande, vistos do mar, nomeadamente a zona da Penha, onde habitavam os britânicos, na cidadela portuguesa e cristã, e que o autor apresenta falsamente como “the British side”, (2) pois a cidade não tinha propriamente uma zona britânica e o guia ocupa-se de monumentos e espaços espalhados por toda a cidadela cristã. Nas imediações da Igreja de São Lourenço e ao longo da Praia Grande viviam inúmeros portugueses e os comerciantes estrangeiros. O próprio texto mimetiza o ponto de vista que o panorama produz e coloca em frente ao espectador a Baía da Praia Grande, uma das paisagens mais pintadas do enclave: “Immediately in front of the spectator, facing the east, is the fine crescent curve of the Praya grande”, (2) descrevendo o autor as coloridas casas ao estilo europeu que adornam a paisagem, a par das igrejas, mosteiros, fortes espalhados pelos montes da cidade católica na China, cuja natureza (“mountain”, picturesque shape”) se faz observar “forming a noble background [...] giving the whole an air of European consequence, and military importance”. (2) O repetido adjetivo “picturesque” caracteriza o enclave administrado pelos portugueses, referindo-se o *incipit* do texto britânico sempre estrategicamente aos “europeus” e não aos velhos aliados a cujas leis e ordens os comerciantes britânicos têm que se subjugar em Macau e de que tanto se queixavam às autoridades britânicas na Índia e em Londres. (Puga *British Presence* 87-96) Os portugueses apenas são nomeados como os (antigos) pioneiros que chegaram à China no século XVI, na segunda página da narrativa. De terra, o olhar do visitante do panorama dirige-se

para o mar (“Turning from the city, the eye ranges over a vast extent of sea, bounded in some parts by the horizon alone”, 2), como se os comentários e sugestões funcionassem como uma didascália da *performance* do consumidor da tela cujos olhar e imaginação interagem com o guia e com a paisagem pintada sem simultâneo, acompanhando as inúmeras e coloridas (como revela a adjectivação) ilhas adjacentes e os montes rochosos de Macau ainda não arborizados,⁵⁷ pelo que estranhamos a referência aos talvez ficcionais “verdant hills and luxuriant foliage”. (2) Como seria de esperar, o verbo ‘ver’ torna-se recorrente na narrativa (“Ships of all countries are seen winding their way amongst the numerous Islands”, 3), e a lista e descrição dos exotizados barcos locais complementam a paisagem etnográfica visual da tela: “the extensive bay is occupied by craft of every description, from the heavy trading junk and native passage-boat, to the small Tân-kea⁵⁸ or Egg boats, which ply by hundreds between them and the shore; the whole contributing much, by their variety of size, singularity of shape, and the gay colours they exhibit, to the general effect, interest, and beauty of the scene”. (3) Curiosamente, a narrativa afirma que, no século XVI, os portugueses, assim caracterizados de forma negativa, devem ter subordinado o mandarinato, ou usado a força militar, para se estabelecerem em Macau, veiculando ainda um mito duradouro sobre a razão desse estabelecimento, que não se deveu, como o texto defende, ao útil combate dos lusos com os inúmeros barcos de piratas no litoral chinês, agradando assim às autoridades locais.⁵⁹

O autor resume o início da história de Macau e o comércio desenvolvido até um novo ciclo da cidade, a chegada dos holandeses e dos ingleses que terminam o monopólio português: “but no sooner did the Dutch and English enter into the China trade than their gains rapidly decreased, the spirit of enterprize declined, and Macao began

57. A arborização sistemática de Macau começaria apenas na década de 70 do século XIX. (Afonso 182-202; Estácio Puga *To the Farthest Gulf* vol. 2, 474-475)

58. Tancares ou sampanas, conduzidos por mulheres (tancareiras).

59. Sobre essa questão, veja-se Ping e Zhiliang (319-363, 445-460).

to decay... and no vigorous efforts have ever been made to redeem their losses”, (3) o que também não é verdade, pois embora o final do comércio com o Japão, em 1639-1640, tenha sido um duro golpe, os portugueses encontraram mercados e rotas alternativas. Como já vimos, Macau era, na altura, cobiçada pelos britânicos, e encontramos a ideia de que a cidade já não pertencia aos portugueses, por exemplo, no romance *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe,⁶⁰ uma ficção que agradaria certamente aos interesses comerciais britânicos na China. A imagem negativa dos portugueses (aliados da GB na Europa, mas rivais na Ásia), fruto talvez da desilusão da sua neutralidade durante a Guerra do Ópio, que decorria, faz-se sentir, ao longo do texto, que critica a “jealousy towards other nations [...] fear” (4) quando os portugueses de Macau defendiam os seus interesses comerciais e lucro, tal como os britânicos.

O texto descreve ainda como os vários mercadores ocidentais se estabelecem nas “best houses” da cidade (4) e como, em 1802 e 1808, durante as guerras napoleónicas, frotas britânicas chegaram com a desculpa de vir defender a cidade de eventuais ataques franceses, não tendo nunca as autoridades chinesas autorizado a ocupação britânica de Macau, (*Puga British Presence* 104-115, 126-127) citando Burford o édito do imperador chinês que os expulsou e que foi amplamente publicado na imprensa britânica na primeira metade do século XIX. (Gutzlaff 711; Anónimo, “Some Account” 253-254) Essa lista de conflitos prepara estrategicamente o terreno e a mente do visitante do panorama para o início da Guerra do Ópio, que é assim cumulativamente justificada na narrativa que descreve quer a luta dos portugueses contra os piratas que tanto agrada às autoridades chinesas, quer o seu o lucrativo tráfico de ópio, que foi desviado para Lintim (pelos britânicos, embora o guia não o diga claramente), causando “a season of depression” (4) em Macau. Fica também claro que a urbe portuguesa enriquecia com o comércio do ópio antes de os ingleses o praticarem em larga escala para poder comprar chá aos

60. “Macao, a town once in the possession of the Portuguese, and where still a great many European families resided”. (Defoe 368)

chineses. O autor refere ainda alterações entre portugueses e ingleses,⁶¹ ou seja, comenta temas comerciais e políticos coevos, bem como a aliança anglo-portuguesa no Oriente quando ainda era desconhecido o resultado da Guerra do Ópio. O guia descreve sumariamente a morfologia da cidade, a sua divisão em paróquias, os edifícios públicos, a população, a classe trabalhadora apenas chinesa, as administrações portuguesa e sínica, os templos chineses, os hospitais ocidentais, as escolas, o quotidiano, os portos interior e exterior, o número de barcos estrangeiros e os meios de transporte utilizados pelos ingleses: “the Praya Grande, occupied by British and other merchants [...]. There are scarcely any shops, but the markets are large, and are plentifully supplied by the Chinese with meat, fruit, and vegetables – the two latter being of the finest description. Carriages, of course, would be almost useless in a city so constructed; the usual conveyance is the sedan chair”. (5; sublinhado nosso) A EIC é também mencionada a propósito do trabalho do missionário Robert Morrison e de duas instituições pioneiras fundadas pelos sobrecargas e missionários protestantes, o primeiro museu e a primeira biblioteca em língua inglesa na China⁶²: “The city contains [...] a library and museum, founded in 1806, by the Honourable East India Company, which was progressing well previous to the dissolution of the factory at Canton, which deprived it of some of its most eminent contributors”. (5) O pioneirismo e o contributo britânicos para a vida cultural de Macau são assim enfatizados estrategicamente pela narrativa, que os coloca quase ao nível dos portugueses.

Numa altura em que a GB cobijava Macau e tentara, como a própria narrativa afirma, ocupá-la em 1802 e 1808, a imagem de decadência (civil e religiosa) é mais uma vez estrategicamente repetida (“at the present time decay is visibly stamped on everything, both

61. “What effect the annihilation of the trade, and the subsequent unfortunate misunderstanding with the English, will have on Macao remains to be seen . . . It is, however, to be hoped that all differences will speedily be amicably arranged, and the commerce in general fixed upon a firmer basis than hitherto”. (Burford 4)

62. Sobre o museu e a biblioteca, vejam-se Puga, “The First Museum” 575-586 e Puga, “The First English Language” 508-509.

civil and religious [...] there is but little trade, and desolation becomes more apparent every year", (5) tal como acontece noutros textos ingleses sobre colónias portuguesas, por exemplo *Goa and the Blue Mountains* (1851), de Sir Richard Francis Burton, no qual a estética das ruínas constrói retoricamente um subtexto que sugere que as decadentes ruínas católicas dariam fácil e rapidamente lugar a uma nova e empreendedora colónia britânica nessa mesma cidade. (Puga, "Uma Nova Ordem" 81-94) Aliás, de acordo com o guia do panorama, a época do ano mais feliz de Macau é a chegada dos barcos estrangeiros e quando os mercadores descem de Cantão, após as *trading seasons*, pois a vida social e cultural da urbe melhora substancialmente, "when balls, routs, and concerts are given, English amateur plays performed by the officers, and the ceremonies of the Catholic church are conducted with great splendour". (5) As actividades enumeradas ao longo do texto – bailes, festas, concertos, peças de teatro amador e piqueniques na ilha da Lapa, (8) a par das exuberantes cerimónias católicas (portuguesas) – são referidas nos diários de residentes norte-americanos, nomeadamente o de Harriet Low (I: 64-65, 68, 71, 72), jovem de Salem que residiu em Macau entre 1829 e 1833. O guia sugere, assim, estrategicamente que, para além das cerimónias religiosas, os portugueses nada mais fazem, o que obviamente não corresponde à realidade, tratando-se de uma caracterização negativa que serve os interesses dos britânicos que se auto-caracterizam por comparação aos administradores europeus de Macau, cidade em que muitos protestantes anglófonos europeus e norte-americanos contactavam, pela primeira vez, com católicos e com os seus rituais.

Encontramos ainda, no guia, dois espaços anglófonos que estiveram muito tempo arrendados à EIC, a actual Casa Garden e o Jardim da Gruta de Camões, identificados no texto apenas como "Gardens of Mrs Paiva", (7) pois eram, na altura, pertença de Maria Ana Pereira (1825-1901) e Lourenço Caetano Cortela Marques (1811-1902), residentes nessa casa desde 1838. A propósito da Missão americana e da actividade missionária, o autor refere a escola para crianças e a revista *Chinese Repository*, dirigida, entre outros, pelo missionário norte-americano Samuel Wells Williams (1812-1884), e impressa e publicada

em Macau, entre 1832 e 1851. Burford relaciona estrategicamente os 'espaços de memória' de Macau com a presença anglófona, ou seja, inscreve os britânicos na história do enclave fundado pelos portugueses, como acontece quando descreve a capela do monte da Guia: "In 1808 the church was occupied as barracks for the British troops, who had charge of the fort". (10) Um outro espaço anglófono e icónico da Macau da primeira metade do século XIX é mencionado na entrada dedicada à Igreja de São Lourenço, nas imediações da qual residiam os britânicos, incluindo o pintor George Chinnery. Uma das descrições mais longas no guia é exactamente a desse ex-libris da urbe, a casa e o jardim do comerciante Thomas Beale (1775-1841), que chegara a Macau em 1791 e aí reunira, por entre rochas e lagos artificiais, aves, plantas e flores de todo o mundo,⁶³ incluindo a referida Ave do Paraíso:

Immediately below the church are the house and gardens of Mr. Beale. This gentleman has been for more than forty years resident at Macao, his aviary and gardens form perhaps one of the most interesting sights in the city. The former is a large elegant building, enclosing a considerable space, which is planted with trees, and contains artificial rock work, water, and everything that is conducive to the habits and comfort of its inhabitants. Here is found all that is curious or beautiful, in the feathered creation of the east, particularly living specimens of the rare and splendid birds of Paradise. In the gardens are many choice productions of the vegetable kingdom, and a fine collection of flowering shrubs, and plants. (7-8)

Ao descrever a igreja da Penha, Burford informa o visitante de que essa igreja subiste da "liberality of individuals, and gifts promised in the hour of danger by seamen", (7) inserindo assim hábitos católicos de Macau na narrativa que adquire cumulativamente uma dimensão etnográfica, a par da histórica e da informação militarmente relevante, por exemplo sobre a eficácia, função e estado dos fortes e das

63. Sobre Beale, a sua actividade e o seu jardim, veja-se Puga *A World 183-185*.

muralhas que defendem a baía da Praia Grande. (7) A breve descrição dos tancares (n. 12 da legenda do guia) adensa também essa dimensão etnográfica da paisagem marítima que o visitante encontra na tela. Os tancares são conduzidos por mulheres da comunidade tanká que viviam nos seus barcos-lares, no litoral do Sul da China:

The Tân-kea, or egg house boats, are about eight feet long, very broad, flat bottomed, perfectly straight, and wall sided, with large gunwhales about a foot out of the water; they have a round cover of matting called the house, and are frequently lined throughout with clean matting. They are generally straw hats or handkerchiefs on their heads, and have their hair in two long plaits down their backs. Most of the Tân – kea people live entirely in their boats. (8)

Quando Burford descreve a ilha da Lapa, as tancareras regressam à narrativa: “Under the shelter of this Island, all the Tan-keas or egg boats, are obliged under a severe penalty, to lie at night; that they may not be concerned in smuggling, or any other intercourse unobserved by the mandarins, who would thus lose an opportunity of squeezing their owners”. (8) O autor-observador convida, assim, o visitante-leitor do panorama a tornar-se também observador de Macau e das práticas culturais das comunidades chinesa, portuguesa e anglófona, dos bailes, aos tancares que os transportam, num exercício voyeurístico intercultural, que contempla também os pequenos “Canton Schooner[s]” que fazem a ligação de passageiros entre Macau e Cantão, “fast sailing vessels of from five to ten tons, manned by Lascars; they run at stated intervals with passengers and baggage, and are mostly the property of the firm of Sandford and Marks, of Canton”. (11) A última entrada do guia é dedicada a uma embarcação luso-chinesa, a lorcha, (12) e, ao referir a ilha de Lintim, famosa por ser o epicentro do tráfico de ópio, o autor menciona outras embarcações chinesas que eram representadas nas obras de pintores como George Chinnery e referidas em inúmeros relatos de viagem:

Under the shelter of its [Lintin island's] dreary height lie several armed ships, as receiving vessels, for warehousing the opium, sent up by the clip-pers, and for packing it in smaller parcels than the chests in which it arrived. The opium having been sold in Canton, it was then for warded by armed smuggling boats to the city. These boats, called by the Chinese, fast crabs, and scrambling dragons, were much feared by the authorities, and many fierce encounters have taken place between their bold and desperate crews and the war junks. (11)

Segue-se-lhe uma entrada dedicada aos famosos juncos chineses que, atracados lado a lado,

present a huge unsightly mass, the hulls are very high at both ends, with flat bottoms, and no keel; the sterns are divided in an extraordinary manner to admit a clumsy rudder, which is worked by ropes from the sides; the whole is painted with various gaudy colors. The rigging is very simple, consisting of two or three masts with large square sails, made of matting and split bamboo. Every thing is on a rude scale, heavy, and clumsy, yet in the rivers they are good sailers. They are sometimes worked from the centre of the vessel by sculls, of such enormous size that it takes fifteen or twenty men to each. (12)

Curiosamente, num guia para um panorama tão geral, a descrição do junco, um dos mais recorrentes símbolos do Sul da China, acaba por ser uma sucessão de detalhes minuciosos da embarcação que, em si mesma, funciona como um detalhe da paisagem representada na tela. No panorama sumariado e legendado no guia encontramos essas mesmas embarcações na Rada, bem como os chineses que as dirigem num mar em movimento, dramaticidade que é intensificada pelas ondas, recordando-nos que, em 1860, um artigo inglês classificava os panoramas como "exhibitions [...] as Animated Illustrations of Geography". (Anónimo, "Panoramas" 35) O guia transforma, assim, a geografia exibida e descrita e inscreve nela uma dimensão britânica que parece sugerir a omnipresença do comércio nacional no globo terrestre. Fá-lo também através da única ilustração (desdobrável) que

encontramos na brochura e que consiste na já referida reprodução das duas metades do panorama, que talvez estivessem divididas por uma cortina na plataforma de observação (Fig. 2).

Conclusão

Como vimos ao longo deste estudo, o texto do guia auxilia o espectador a descodificar a *visual data* aí acumulada e legendada, destacando monumentos, edifícios públicos e militares, ilhas e montes, bem como residentes e espaços sobretudo ingleses. A *print matter* serve, portanto, de mediador para a paisagem pintada na tela, sendo o guia em si também um registo histórico que convida o visitante a observar, desde Londres, no centro da paisagem, essa mesma representação. Em 1840, a *cityscape* e a *riverscape* de Macau fazem parte do espaço alargado de guerra que decorria então entre a GB e a China, como, aliás, acontecia com outros panoramas de tema histórico, colonial e militar, como os dedicados às revoltas indianas (Mr. Marshall's Panorama of Delhi, 1857; Great Original Historical Panorama of India, 1857, de Hamilton; View of the City of Delhi, 1858, de Burford) e às guerras napoleónicas. O enclave luso-chinês marca presença no Panorama de Leicester Square entre inúmeras outras cidades relevantes para os interesses financeiros de Londres, simbolizando metonimicamente os já antigos esforços comerciais e coloniais britânicos e portugueses no Sul da China. Macau sempre fora, para a GB, um meio para atingir um fim (comércio sem limites e poder britânicos em Cantão), e um bem cobiçado pelos britânicos até exigirem da China, dois anos depois, '*a Macau of their own*', Hong Kong. O panorama e o guia são, portanto, também uma forma de *jingoisism* e estimulam, no visitante, essa mesma atitude.⁶⁴

64. Por exemplo, em 1861, após a morte de Robert Burford, é exibida, no Panorama, uma paisagem da baía de Nápoles da autoria de Henry C. Selous (colaborador e sucessor de Robert Burford) e elogiada por um crítico do *Art Journal* que conclui: "The panoramic view offers a very correct representation of this noble yet wretched City [...]; but as a work of Art, it certainly appears somewhat inferior to those that have preceded it". O jornalista recorre ainda à chamada estética da sujidade para enfatizar a superioridade

O panorama é um espectáculo artístico supostamente caracterizado pelo rigor realista, sem molduras, dirigido sobretudo ao público urbano vitoriano como observador colectivo e os seus efeitos de simultaneidade e instantaneidade (representação de vários acontecimentos de um dia de guerra em simultâneo numa só representação) seriam avassaladores para os visitantes que viajavam, em Leicester Square, rumo à China, nomeadamente à cobiçada colónia portuguesa utilizada até ao início da Guerra do Ópio como lar dos britânicos na China. O guia caracteriza negativamente os portugueses, talvez devido à neutralidade dos velhos aliados da GB na Europa durante a referida guerra, e confere ordem à paisagem representada, permitindo ao visitante analisá-la, familiarizar-se com a Macau católica, militar, etnográfica e também anglófona da primeira metade do século XIX, poucos anos antes da fundação de Hong Kong e da abertura dos portos do Tratado de Nanquim, na sequência da derrota da China na já referida Guerra do Ópio que alteraria o quotidiano e a dinâmica comercial, cultural e colonial no delta do rio das Pérolas da China para sempre.

Se uns panoramas representam o passado histórico recente, outros exibem cidades enquanto espaços dessa memória histórica. Macau simboliza metonimicamente a já antiga presença e o comércio britânicos na China, um país invadido, em 1839, pela GB e forçado a consumir ópio em prol dos lucros dos comerciantes britânicos, e, em 1842, a abrir vários portos ao trato ocidental. O sentido total do acto de observar e ler Macau nasce da interacção e da complementaridade entre a paisagem pintada e o guia narrativo que orienta (e influencia) a visita-viagem ao longo da *cityscape* de Macau, a partir de uma embarcação (talvez militar e inglesa) na Rada. O guia funciona como a actual *voz off* de um documentário e faz parte da experiência estética do panorama com um todo, tendo objectivos

inglesa e a inferioridade dos italianos, bem com o privilégio de apreciar Nápoles em Londres e não em Itália: "it is a beautiful scene, nevertheless even more pleasant to look upon in Leicester Square, then in the reality with all its abominations of tyranny, licentiousness, poverty, and dirt". (Anónimo, "Minor Topics" 319)

informativos⁶⁵ e pedagógicos,⁶⁶ mas também ideológicos, uma vez que a exibição desse espaço sino-português em 1840, no auge da Guerra do Ópio, não é inocente. Aliás, a neutralidade da urbe recordearia aos britânicos que os seus velhos aliados na Europa eram seus rivais coloniais e comerciais na Ásia.

Como vimos, o panorama, enquanto *global landscape*, (Barringer 82-106) foi um fenómeno cultural em Londres e noutras cidades, e, tal como a imprensa, a literatura, a cultura popular e o entretenimento, apoia e ecoa a narrativa (oficial) das glórias bélicas e imperiais vitorianas, marcando a (semi-)colónia portuguesa presença na 'rotunda' que tanto visitante fascinou em Londres. Conhecer, encenar e exhibir paisagens era também uma forma alegórica de exercer poder sobre elas, estereotipando-as no imaginário visual e cultural europeu. (Varga 2007; Rocket e Rocket 91-92) No ano de 1840, em plena Guerra do Ópio, e ainda antes da fundação da Hong Kong, Macau, que desde c.1575 era o lar da comunidade ocidental na China, marca presença em Leicester Square e torna-se uma exotizada paisagem histórica, económica e etnográfica mais conhecida do público londrino, desta feita em formato visual. O panorama simboliza a cultura vitoriana do espectáculo e permite simular e enfatizar paisagens reais de Macau, destacando a dimensão (geográfica, comercial e colonial) britânica da mesma, domesticando-a e homenageando os agentes coloniais e comerciais que aí residem e marcaram a paisagem, no caso os comerciantes de chá e militares britânicos que são figuras inclusive da história de Macau, como Charles Elliot (1801-1875), implícito nas referências à presença de navios de guerra britânicos ao largo da urbe, quer no panorama (tela e brochura), quer na imprensa britânica. Como vimos, o guia narrativo permite contemplar as várias dimensões

65. Iyata conclui: "The interaction between the verbal narrative and the view itself outlines a specific aesthetic project. To begin with, it shows that the panorama was meant to be a complete experience, combining spectacle and instruction. At the same time, the complementarity of text and image becomes a means to intensify the experience, not just in educational terms, but in aesthetic ones". (*The Challenge* 160-161)

66. Um artigo de 1860 defende: "On the whole, the panorama has been as eminently a vehicle for instruction as an illusion to the senses and a new luxury in aesthetical art", (Anónimo, "Panoramas" 35) ideia também veiculada por Humboldt em 1849. (91)

históricas, etnográficas, nacionais e culturais de uma Macau dinâmica, e é desse diálogo simbiótico entre o guia e o panorama que o visitante, imerso na 'rotunda', vai construindo uma imagem panorâmica (*overview*) de Macau, com base no que já sabia, no que observa, e, após a visita, ao consultar a brochura, no que passa a saber.

Obras Citadas

1. Fontes

- Anónimo. "Minor Topics of the Month." *The Art Journal* 7.82 (1861): 318-319.
- Anónimo. "Mr. Burford's New Panorama." *The Spectator* 625 (20-06-1840): 596.
- Anónimo. "Our Weekly Gossip." *The Athenaeum: Journal of English and Foreign Literature, Science, and the Fine Arts* 693 (06-02-1841): 115.
- Anónimo. "Panorama of Macao, Leicester Square." *The Polytechnic Journal* 3 (Julho de 1840): 72.
- Anónimo. "Panoramas." *Chambers's Journal of Popular Literature, Science and Arts* 316 (21-01-1860): 33-35.
- Anónimo. "Some Account of Canton Part III." *Saturday Magazine* 12.385 (Junho de 1838): 249-256.
- Anónimo. "The Panorama of Macao." *The Literary Gazette and Journal of Belles Lettres, Arts, Sciences* 1221 (13-16-1840): 382.
- Anónimo. "The Panorama of Macao, Leicester Square." *The Metropolitan* 27.111 (Julho de 1840): 88.
- Barker, Robert. "XX. Specification of Patent Granted to Mr. Robert Baker [...] for his Invention of an Entire New Contrivance or Apparatus, called by him La Nature à Coup d'Oeil [...] Dated June 19, 1787." *The Repertory of Arts and Manufactures: Consisting of Original Communications, Specifications of Patent Inventions* 4 (1796): 165-167.
- Burford, Robert. *Description of Summer and Winter Views of the Polar Regions as Seen during the Expedition of Capt. James Clark Ross*. Londres: G. Nichols, 1850.
- . *Description of a View of Canton, the River Tigress, and Surrounding Country, Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford*. Londres: T. Brettel, 1838.

- . *Description of a View of the City of Damascus, Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford.* Londres: T. Brettell, 1841.
- . *Description of a View of the Falls of Niagara, Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford, from Drawings Taken by Him in the Autumn of 1832.* Londres: Brettell, 1833.
- . *Description of a View of the Island and Bay of Hong Kong, Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford; the Figures by H. C. Selous. From Drawings, taken by Lieut. F. J. White, Royal Marines, in 1843.* Londres: J. Mitchell & Co., 1844.
- . *Description of a View of Macao in China: Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford.* Londres: impresso por Geo. Nichols, 1840.
- . *Description of a View of Mont Blanc, the Valley of Chamounix, and the Surrounding Mountains, Now Exhibiting at the Panorama, Leicester Square. Painted by the Proprietor, Robert Burford, from Drawings Taken by Himself, in 1835.* Londres: Brettell, 1837.
- Corner, G. R. *The Panorama (Leicester Square): With Memoirs of its Inventor, Robert Barker, and his Son, the Late Henry Aston Barker.* Londres: J. & W. Robins, 1857.
- Gutzlaff, Charles. "A Sketch of Chinese History". *The London and Paris Observer; or, Chronicle of Literature, Science, and the Fine Arts* 495 (09-11-1834): 707-712.
- Hardcastle, Ephraim [William Henry Pyne]. *Somerset House Gazette, and Literary Museum; or, Weekly Miscellany of Fine Arts, Antiquities, and Literary Chit Chat.* Londres: W. Wetton, 1824.
- Humboldt, Alexander von. *Cosmos: Sketch of a Physical Description of the Universe*, vol. 2, trad. Edward Sabine. Londres: Longman, Brown, Green, and Longmans and John Murray, 1849.
- Jennings, James. "Description of the Attack upon Algiers". *Description of Lord Exmouth's Attack upon Algiers, Painted by Henry Aston Barker; now Exhibiting in his Panorama, Leicester-Square.* Londres: Jas. Adlard & Sons, 1818. 3-12.
- Ljungstedt, Andrew. *An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China.* Boston: James Munroe, 1837.
- Low, Harriett. *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriett Low, Travelling Spinster, 1829-1834.* Ed. N. P. Hodges e A. W. Hummel. Woodinville: The History Bank, 2002.

- Mitchell, Robert. *Plans, and Views in Perspective, with Descriptions of Buildings Erected in England and Scotland; and also an Essay to Elucidate the Grecian, Roman and Gothic Architecture, Accompanied with Designs*. Londres: Oriental Press, 1801.
- Mr. R. Burford Requests the Honor of the Editor of the *Mirror & Friend's Company* on Saturday June 6th 1840 to a Private View of a Panorama of Macao, Leicester Square, 1840. Convite impresso. Senate House Library: Universidade de Londres. Cota: 940357868.
- Payne, Albert Henry. *Payne's Universum, or Pictorial World* 3. Londres: E. T. Brain, 1847.
- Pyne, William Henry [pseud. Ephraim Hardcastle]. "The Panorama." *Somerset House Gazette, and Literary Museum; or, Weekly Miscellany of Fine Arts, Antiquities, and Literary Chit Chat* 2 (1824): 151-153.
- Robinson, Henry Crabb. *Henry Crabb Robinson Books and their Writers*. Ed. Edith J. Morley, Londres: J. M. Dent and Sons, 1938.
- Ruskin, John. *Deucalion, and Other Studies in Rocks and Stones* [1878]. *Library Edition of the Works of John Ruskin* 26. Ed. E. T. Cook e Alexander Wedderburn. Londres: George Allen, 1906.
- . *Praeterita* 1. Londres: George Allen, 1907.
- Taylor, Tom. *Leicester Square; Its Associations and its Worthies*. Londres: Bickers and Son, 1875.
- Woodward, George Murgatroyd 'Mustard'. *Eccentric Excursions or, Literary & Pictorial Sketches of Countenance, Character & Country, in Different Parts of England & South Wales*. Londres: Allen & West, 1796.

2. Obras Literárias

- Defoe, Daniel. *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*. Londres: Dent, 1972.
- Piozzi, Hester Lynch. *British Synonymy Or, An Attempt at Regulating the Choice of Words in Familiar Conversation*. Londres: G. G. and J. Robinson, 1794.
- Wordsworth, William. *The Thirteen-Book "Prelude"*. Ed. Mark L. Reed, 2 vols. Ithaca: Cornell UP, 1991.

3. Estudos

- Afonso, José da Conceição. "A Revolução Verde de Macau (Século XIX-Década de 80)." *Revista de Cultura* 35-36 (1998): 171-206.
- Aguirre, Robert D.. *Informal Empire: Mexico and Central America in Victorian Culture*. Minneapolis: U of Minnesota P, 2005.
- Altick, Richard. *The Shows of London*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
- Andrews, Herbert C. "The Leicester Square and Strand Panoramas: Their Proprietors and Artists." *Notes and Queries* 159 (26 Julho 1930): 57-61 (2 Agosto): 1930: 75-78.
- Armstrong, Isobel. *Victorian Glassworlds: Glass Culture and the Imagination 1830-1880*. Oxford: Oxford UP, 2008.
- Barringer, Tim. "The World for a Shilling. The Early Panorama as Global Landscape. 1787-1830." *On the Viewing Platform. The Panorama between Canvas and Screen*. Ed. Tim Barringer e Katie Trumpener. New Haven: Yale UP, 2020. 82-106.
- e Katie Trumpener (ed.) *On the Viewing Platform. The Panorama between Canvas and Screen*. New Haven: Yale UP, 2020.
- Barthes, Roland. *The Eiffel Tower and Other Mythologies*. Trad. Richard Howard. Berkeley: U of California Press, 1997.
- Benjamin, Walter. *Selected Writings*. Vol. 3: 1935-1938. Ed. H. Eiland e M. W. Jennings. Trad. E. Jephcott e H. Eiland *et al.* Londres: Belknap Press of Harvard UP, 2006.
- Benosman, R. e S. B. Kang. "A Brief Historical Perspective on Panorama." *Panoramic Vision. Sensors, Theory, and Applications*. Ed. R. Benosman e S. B. Kang. Nova Iorque: Springer, 2001. 5-20
- Billing, Valerie. *The Panorama of the Battle of Trafalgar*. Portsmouth: The Royal Naval Museum, 2002.
- Biltereyst, Daniel, Richard Maltby e Philippe Meers. "Cinema, Audiences, and Modernity: An Introduction." *Cinema, Audiences, and Modernity: New Perspectives on European Cinema History*. Ed. Daniel Biltereyst, Richard Maltby e Philippe Meers. Londres: Routledge, 2012. 1-16.
- Burke, Edmund. *A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and the Beautiful*. Ed. Adam Phillips. Oxford: Oxford UP, 1990.

- Byerly, Alison. "A Prodigious Map Beneath his Feet': Virtual Travel and the Panoramic Perspective." *Nineteenth-Century Contexts* 29 (2007): 151-168.
- Byrd, Vance. *A Pedagogy of Observation: Nineteenth-Century Panoramas, German Literature, and Reading Culture*. Londres: Bucknell UP, 2017.
- Charlesworth, Michael. "Subverting the Command of Place: Panorama and the Romantics." *Placing and Displacing Romanticism*. Ed. Peter J. Kitson. Aldershot: Ashgate, 2001. 129-145.
- Conner, Patrick. "The Architecture of Macao as Viewed by George Chinnery." *Review of Culture* 36-37 (1998): 329-340.
- . *The Hongs of Canton: Western Merchants in South China 1700-1900, as Seen in Chinese Export Paintings*. Londres: English Art Books, 2009.
- Crary, Jonathan. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth-Century*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- Comment, Bernard. *The Panorama*. Londres: Reaktion Books, 2002.
- Estácio, António J. E. "Evolução das Zonas Verdes, sua Importância e Origens da Flora de Macau." *Revista de Cultura* 35-36 (1998): 207-216.
- Farquharson, Danine e Sean Farrell (eds.) *Shadows of the Gunmen: Violence and Culture in Modern Ireland*. Cork: Cork UP, 2008.
- Favret, Mary A. *War at a Distance: Romanticism and the Making of Modern Wartime*. Princeton: Princeton UP, 2009.
- Ford, Lily. "'Viewed in the Round': Review of Laurie Garrison et al. ed. *The Panorama, 1787-1900*". *Times Literary Supplement* (24-01-2014): 8-9.
- Gabriele, Alberto. *The Emergence of Pre-Cinema: Print Culture and the Optical Toy of the Literary Imagination*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.
- Galperin, William. *The Return of the Visible in British Romanticism*. Baltimore: Johns Hopkins UP, 1993.
- Garrison, L. "The Visual Subject, c.1810-1840: Trends in Romanticism and Victorianism." *Literature Compass* 4.4 (2007): 1078-1091.
- . "Virtual Reality and Subjective Responses: Narrating the Search for the Franklin Expedition through Robert Burford's Panorama." *Early Popular Visual Culture*, 10.1 (2012): 7-22.
- et al. (eds.) *Panoramas 1787-1900. Texts and Contexts*, 5 vols. Londres: Routledge, 2012-2013.
- Grau, Oliver. *Virtual Art: From Illusion to Immersion*. Cambridge: MIT Press, 2003.

- Griffiths, Alison. *Shivers Down Your Spine: Cinema, Museums and the Immersive View*. Nova Iorque: Columbia UP, 2008.
- Hammack, E. R. "'Imperfect Notices': The 1820 Continental Journal of Mary Wordsworth." *Tulsa Studies in Women's Literature* 37.1 (2018): 91-110.
- Hardt, Michael e Antonio Negri. *Empire*. Cambridge: Harvard UP, 2000.
- Hermann, Carla. "Landscape and Power: Taunay's and Burford's Panoramas of Rio de Janeiro in Paris and London in the First Half of the Nineteenth Century." *Artelogie* 10 (2017). Disponível em: <http://journals.openedition.org/artelogie/796>. Acesso: 20-02-2022.
- Huhtamo, Erkki. *Illusions in Motion: Media Archaeology of the Moving Panorama and Related Spectacles*. Cambridge: MIT Press, 2013.
- Hyde, Ralph. *Panoromania!: The Art and Entertainment of the 'All-Embracing' View*. Londres: Trefoil Publications / Barbican Art Gallery, 1988.
- Ibata, Hélène. *The Challenge of the Sublime: From Burke's Philosophical Enquiry to British Romantic Art*. Manchester: Manchester UP, 2018.
- . "The Orient at Leicester Square: Virtual Visual Encounters in the First Panoramas." *Geographies of Contact Britain, the Middle East and the Circulation of Knowledge*. Ed. C. Lezni, F. Moghaddassi, H. Ibata e N. Nasiri-Moghaddam. Estrasburgo: PU de Strasbourg, 2017. 127-147.
- Jones, J. Jennifer. "Absorbing Hesitation: Wordsworth and the Theory of the Panorama." *Studies in Romanticism* 45.3 (2006): 357-375.
- Jong, Marijnke de. "Historical Panoramas." *The Panorama Phenomenon. The World Round!*. Ed. Rombout. The Hague: Panorama Mesdag, 2006. 29-68
- Kaalünd, Nanna. "What Happened to John Franklin? Danish and British Perspectives from Francis McClintock's Arctic Expedition, 1857-59." *Journal of Victorian Culture* 25. 2 (2020): 300-314.
- Kember, Joe. *Marketing Modernity: Victorian Popular Shows and Early Cinema*. Exeter: University of Exeter Press, 2009.
- , John Plunkett e Jill Sullivan. *Popular Exhibitions, Science and Showmanship, 1840-1910*. Londres: Pickering & Chatto, 2012.
- Kingstone, Helen. *Panoramas and Compilations in Nineteenth-Century Britain. Seeing the Big Picture*. Cham: Palgrave, 2022.
- . "Panoramas, Patriotic Voyeurism, and the 'Indian Mutiny'". *Victorian Literature and Culture* 50.2 (2022): 261-293.

- Koller, Gabriele (ed.) *More than Meets the Eye. The Magic of the Panorama*. Amberg: Büro Wilhelm Verlag, 2019.
- . *The Panorama in the Old World and the New*. Amberg: Büro Wilhelm Verlag, 2010.
- Kowalewski, Michael. *Deadly Musings: Violence and Verbal Form in American Fiction*. Princeton: Princeton UP, 1993.
- Lanone, Catherine. "Arctic Spectacles in *Jane Eyre* and *Villette*." *Brontë Studies* 34.2 (Julho 2009): 117-126.
- Lightman, Bernard. *Victorian Popularizers of Science: Designing Nature for New Audiences*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- Markman, Ellis. "Spectacles within Doors: Panoramas of London in the 1790s." *Romanticism* 14. 2 (2008): 133-148.
- Maxwell, Richard e Katie Trumpener. "Panorama, Glasshouse, Museum: Alexander von Humboldt, Franz Boas, Gustaf Kolthoff". *On the Viewing Platform: The Panorama Between Canvas and Screen*. Ed. Katie Trumpener e Tim Barringer. New Haven: Yale UP, 2000. 154-169.
- Miller, Angela. "The Panorama, the Cinema, and the Emergence of the Spectacular." *Wide Angle* 18.2 (1996): 34-69.
- Neumann, Dietrich. "Instead of the Grand Tour: Travel Replacements in the Nineteenth Century." *Perspecta* 41 (2008): 47-53.
- O'Connor, Ralph. *The Earth on Show: Fossils and the Poetics of Popular Science, 1802–1856*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- O'Dochartaigh, E. *Visual Culture and Arctic Voyages: Personal and Public Art and Literature of the Franklin Search Expeditions*. Cambridge: Cambridge UP, 2022.
- Oettermann, Stephan. *The Panorama: History of a Mass Medium*. Nova Iorque. Zone Books, 1997.
- Oleksijczuk, Denise. *The First Panoramas: Visions of British Imperialism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.
- Otto, Peter. "Between the Virtual and the Actual: Robert Barker's Panorama of London and the Multiplication of the Real in Late Eighteenth-century London." *Romanticism on the Net* 46 (Maio 2007). Disponível: <https://www.erudit.org/en/journals/ron/1900-v1-n1-ron1782/016130ar>. Acesso: 20-02-2022.
- Pettitt, Clare. *Serial Forms: The Unfinished Project of Modernity, 1815–1848*. Oxford: Oxford UP, 2020.

- Ping, Jin Guo e Wu Zhiliang. *Revisitar os Primórdios de Macau: Para uma Nova Abordagem da História*. Macau: Instituto Português do Oriente, 2007.
- Plunkett, J. "Moving Panoramas c. 1800 to 1840: The Spaces of Nineteenth-Century Picture-Going". 19: *Interdisciplinary Studies in the Long Nineteenth Century* 17 (2013). Disponível: <https://19.bbk.ac.uk/article/id/1488>. Acesso: 02-01-2023.
- Potter, Jonathan. *Discourses of Vision in Nineteenth-Century Britain: Seeing, Thinking, Writing*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- Puga, Rogério Miguel. *British Presence in Macau, 1635-1793*. Londres/Hong Kong: Royal Asiatic Society/Hong Kong University Press, 2013.
- . "The First English Language Library in China: The English Factory Library (Canton-Macao, 1806-1835)." *Notes and Queries* 61.4 (2014): 508-509.
- . "The First Museum in China: The British Museum of Macao (1829-1834) and its Contribution to Nineteenth-Century British Natural Science." *Journal of the Royal Asiatic Society* 22, 3-4 (2012): 575-586.
- . "Uma Nova Ordem Protestante sobre as Ruínas Católicas de Goa: Sugestões e Leituras Intertextuais da(s) Índia(s) Portuguesa e Britânica em Goa, and the *Blue Mountains* (1851), de Sir Richard Francis Burton." *ACT27: Goa Portuguesa e Pós-Colonial*. Ed. Everton Machado e Duarte Braga. Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa/Húmus, 2014. 81-94.
- . *To the Farthest Gulf for the Wealth of India: Representações de Macau na Coleção do Peabody Essex Museum (Salem)*, 2 vols. Macau: Fundação Macau, 2023.
- . *A World of Euphemism: Representações de Macau na Obra de Austin Coates: City of Broken Promises enquanto Romance Histórico e Bildungsroman Feminino*. Lisboa: FCT / Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- Quilley, Geoff. *British Art and the East India Company*. Woodbridge: The Boydell Press, 2020.
- Qureshi, Sadiah. *Peoples on Parade: Exhibition, Empire, and Anthropology in Nineteenth-Century Britain*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- Rockett, Kevin e Emer Rockett. *Magic Lantern, Panorama and Moving Picture Shows in Ireland, 1786-1909*. Dublin: Four Courts Press, 2011.
- Rombout, Ton (ed.) *The Panorama Phenomenon. The World Round!*. The Hague: Panorama Mesdag, 2006.
- Russell, Gillian. *The Theatres of War: Performance, Politics, and Society 1793-1815*. Oxford: Clarendon, 1995.

- Sha, Richard C. *The Visual and Verbal Sketch in British Romanticism*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1998.
- Shellim, Maurice. *The Daniells in India and the Waterfall at Papanasam*. Calcutá: Statesman, 1970.
- Swidzinski, Joshua. "Panoramic Sites and Civic Unrest in 1790s London." *Eighteenth Century* 57.3 (2016): 283-301.
- Thompson, Seth. "Constructing National Identity through the Lens of the Painted Panorama. The Bourbaki Panorama in Lucerne Switzerland". *International Panorama Council Journal Memory and the Panorama. Selected Proceedings from the 27th IPC Conference 2018*, vol. 2, 2018. 9-15.
- Tracy, Nicholas. *Britannia's Palette*. Kingston: McGill-Queen's UP, 2007.
- Trumpener, Katie. "National Vistas, Peripheral Vision. War and the Making of Nations in Alpine Panoramas." *On the Viewing Platform. The Panorama between Canvas and Screen*. Ed. Tim Barringer Katie e Trumpener. New Haven: Yale UP, 2020. 182-201.
- Uricchio, William. "A 'Proper Point of View': The Panorama and Some of its Early Media Iterations." *Early Popular Visual Culture* 9.3 (2011): 225-238.
- Varga, Tünde. *The Reveries of Flight: Popular Media and the Policy of Vision in English Romantic Culture*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2007.
- Waldegrave, Katie. *The Poets' Daughters: Dora Wordsworth and Sara Coleridge*. Londres: Windmill Books, 2014.
- Wood, Gillen D'Arcy. *The Shock of the Real: Romanticism and Visual Culture, 1760–1860*. Nova Iorque: Palgrave, 2001.
- Ziter, Edward. *The Orient on the Victorian Stage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

A “grande republica fundada por Washington”: Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em *O Panorama*

Teresa Pereira

(NOVA FCSH/CETAPS)

Introdução

No começo de Setembro de 1846, *O Panorama*, “Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Portuguesa dos Conhecimentos Úteis”,¹ foi relançado, após ter sido inaugurado em 6 de Maio de 1837, altura em que Alexandre Herculano (1810-1877) assumira a direcção do periódico. Inspirando-se na *Penny Magazine* e em *Le Musée des Familles*, (Rodrigues 404) *O Panorama*, profundamente conectado ao liberalismo português² (assim como

-
1. Sociedade que ambicionava “[p]ropagar os conhecimentos úteis por todos os meios de que possa dispor e, desde já, por meio duma publicação semanal”, contando com D. Maria II (1834-1853) e a família real como accionistas. (Rodrigues 540)
 2. Definido como “a expressão ideológica da génese e afirmação da sociedade que surge em consequência da desagregação da sociedade medieval e que determina na consciência política europeia a passagem do movimento das luzes ao movimento dos povos”, (Torgal e Roque 213) o liberalismo, de um modo geral, condena o absolutismo e defende a liberdade, a igualdade, a propriedade e a segurança individual. Durante a primeira metade do século XIX, o liberalismo emergiu em Portugal como uma ideologia política dominante que legitimou uma nova ordem social, divulgada por uma geração que havia absorvido os ideais subjacentes iluminismo e que conhecia as teorizações de variados autores estrangeiros conectados às ideias liberais. A evolução do liberalismo português revela-se indissociável dos múltiplos movimentos revolucionários contra o absolutismo que foram despontando desde 1820 em Portugal. O primeiro denominou-se vintismo (1820-1823), período inaugurado pela Revolução

ao romantismo), ambicionava compensar as carências educativas dos segmentos populacionais mais desfavorecidos e a aparentemente deficitária formação superior verificada em Portugal. Para tal, o periódico, de teor enciclopedista (característica ligada às ideias liberais) e na senda do espírito iluminista, (Torgal e Roque 213; Brito 340-341) procurava disseminar diferentes “conhecimentos úteis” de “instrução variada”, (Correia 4) abordando temas como, por exemplo, a história nacional e estrangeira, biografias, literatura, direito, economia, comércio, entre outros.

Criado num período de profunda instabilidade e luta política,³ *O Panorama* visou abster-se do debate partidário, (Brito 339) o que não significa que se tenha inibido de defender “as políticas, os projetos, as ideias e os valores que considerava essenciais para a reforma e o incremento do país”. (Correia 3) De entre os temas abordados pelo jornal que claramente revelam a sua orientação ideológica deve destacar-se o da abolição da escravatura e do seu comércio, a “grande causa filantrópica oitocentista”, como a caracterizam Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques na *Nova História de Portugal*. (2002, vol. IX, 165-166) Com efeito, ao longo do espaço de tempo em que o periódico foi publicado, diversas foram as peças que, de um modo ou de outro, atacaram o sistema escravagista vigente nas colónias portuguesas até 1869, altura em que a ordem escravocrata foi abolida pelo decreto de 25 de Fevereiro do mesmo ano, que contou com a participação de José Maria Latino Coelho (1825-1891), colaborador de *O Panorama*.

Dos vários artigos onde se vislumbra uma clara desaprovação da escravatura e do seu comércio cumpre destacar os publicados por

Liberal de 1820, chegando ao fim em 1823, depois de ter dado início ao processo de desmantelamento do Antigo Regime e de ter apresentado a primeira Constituição portuguesa, de 1822. O segundo movimento intitulou-se cartismo, caracterizado por uma índole mais conservadora, apoiada na Carta Constitucional de 1826, seguindo-se-lhe o terceiro movimento, despoletado pela Revolução de Setembro de 1836 e instituindo a Constituição de 1838. (Torgal e Roque 214-215)

3. Com efeito, *O Panorama* começou a ser publicado em Maio de 1837, quando, somente uns meses antes, se dera a Revolução de 9 de Setembro de 1836, procedida pela Belenzada (golpe falhado que pretendia derrubar o governo setembrista e restaurar o cartismo), de 2 a 4 de Novembro de 1836. Mais tarde, durante a terceira série de *O Panorama*, teria lugar a Revolta da Maria da Fonte, contra o Governo de António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), e a subsequente Guerra da Patuleia, travada entre cartistas e setembristas de Outubro de 1846 a Junho de 1847.

ocasião da visita de Harriet Beecher Stowe (1811-1896),⁴ autora de *Uncle Tom's Cabin; or. Life Among the Lowly* (1852),⁵ à Grã-Bretanha, em 1853, e os divulgados após o final da Guerra Civil norte-americana (1861-1865),⁶ em 1866. Nos escritos referentes a Stowe, a autora e a sua obra são não só elogiadas pela severa crítica que apresentam ao sistema escravagista, mas também utilizadas para atacar a ordem escravocrata, na altura ainda perpetrada pelos países europeus, sem que se mencione, no entanto, a escravatura vigente, à data, nos Estados Unidos da América (EUA). Já nos textos alusivos à Guerra Civil, a *peculiar institution* norte-americana é referida, sublinhando-se que havia sido o desejo de extinguir o sistema escravagista em vigor na América do Norte que levara os estados do Norte e do Sul a voltarem-se uns contra os outros, dando origem a um confronto fratricida que ceifou um número sem precedentes de vidas de norte-americanos.

Visando compreender o motivo pelo qual as peças publicadas no referido jornal a respeito de Stowe e da Guerra Civil adoptam a postura a que acima se aludiu, o estudo que aqui se apresenta pretende responder às seguintes perguntas de investigação: Que imagens dos EUA foram veiculadas junto da população portuguesa por *O Panorama* como resultado de se ter escolhido, nas publicações relativas a Stowe, não mencionar a escravatura norte-americana e, nas atinentes à Guerra Civil, não a omitir? e Por que motivo *O Panorama* procurou esboçar tais imagens dos EUA e disseminá-las em Portugal? Assim, o trabalho doravante desenvolvido almeja colmatar uma lacuna existente no âmbito do estudo do referido periódico, já que, apesar dos variados escritos que o mencionam ou que se dedicam inteiramente a *O Panorama*, nenhum se debruça sobre o papel desempenhado pelo

4. Nascida em 1811, em Litchfield, Connecticut, no seio de uma prominente família de clérigos presbiterianos sediada em Nova Inglaterra, Harriet, filha de Lyman Beecher (1775-1863) e de Roxana Foote Beecher (1775-1816), começou por publicar *Uncle Tom's Cabin* no periódico abolicionista *The National Era*, dirigido por Gamaliel Bailey (1807-1859), entre 1851 e 1852.

5. Romance que acompanha a história do afro-americano escravizado, Uncle Tom, que, apesar da sua notável devoção e da sua nobreza de espírito, acaba por ser assassinado a pedido do homem que o havia comprado.

6. Conflito que se estendeu de 1861 a 1865, travado entre a União norte-americana e os estados do Sul que dela se separaram, formando os Estados Confederados da América.

periódico na construção e disseminação de imagens dos EUA junto dos leitores portugueses. De igual maneira, a análise aqui levada a cabo permitirá aprofundar o conhecimento a respeito das relações luso-americanas, considerando dois conjuntos de artigos, à luz do contexto liberal português em que surgiram e que não foram ainda alvo de atenção, nem relacionados entre si.

Note-se que Portugal assistiu a uma notável expansão do jornalismo de opinião e de informação na segunda metade do século XIX, altura em que a imprensa conheceu a sua “idade de ouro”, (Serrão e Marques, vol. X, 12-13) deixando de estar circunscrita a uma elite. Tal deveu-se a factores como a melhoria do nível de vida, a urbanização, a generalização do acesso à instrução, a democratização da vida política, o desenvolvimento dos transportes e das comunicações e o aprimoramento das técnicas de produção associadas à imprensa periódica. De entre estas técnicas, convirá destacar o uso dos rolos (introduzidos, pela primeira vez, em Portugal pela tipografia de *O Panorama*, em 1837) e o recurso a gravuras com uma qualidade cada vez maior, na senda de publicações periódicas estrangeiras como *Magasin Pittoresque*, *Illustration* e *The Illustrated London News*. (Tengarrinha 864) Transformada num produto industrial capaz de mobilizar elevadas quantidades de capital, investimentos e trabalhadores, a imprensa expandiu-se não só em Lisboa e no Porto, mas também, e ineditamente, nos centros urbanos da província, (Serrão e Marques, vol. X, 12-13) surgindo jornais em praticamente todas as capitais de distrito e cidades importantes da província, como, por exemplo, Funchal, Angra do Heroísmo, Braga, Guimarães, Setúbal e Santarém. (Tengarrinha 846) Os jornais passaram a constituir um instrumento privilegiado para manter a população ao corrente da vida pública, adquirindo o carácter de um produto de consumo corrente e de baixo custo, possibilitado pela publicidade, pela diminuição dos gastos associados à produção e pela extinção da taxa do selo. (Serrão e Marques, vol. X, 12-13)

Na era de profícuo desenvolvimento do jornalismo português, a imprensa desempenhou um papel basilar na “expansão das ideias liberais” e na “adaptação das mentalidades e dos modos de vida aos

novos tempos que então se faziam sentir”, (Serrão e Marques, vol. X, 13) constituindo *O Panorama*, de índole claramente liberal, um exemplo paradigmático. Recorde-se que o jornal tinha um custo de \$25 avulso, existindo também a possibilidade de assinaturas trimestrais, semestrais ou anuais, o que significa que o preço de aquisição era relativamente baixo. Desta forma, o periódico conseguia chegar a um público bastante vasto, como evidencia o número de 5000 exemplares impressos, no primeiro ano de vida de *O Panorama*, “caso único em a história das publicações periódicas em Portugal”. (“Gallicismos” 52-53; Brito 341)⁷ Este público, tradicionalmente associado a pessoas de idade mais avançada, passou a englobar camadas populacionais mais jovens, como consequência do alargamento do acesso à instrução e da crescente preocupação pelas temáticas políticas e sociais. (Tengarrinha 854) Assim, as imagens veiculadas pelo jornal, nomeadamente as respeitantes aos EUA, indissociáveis do projecto ideológico liberal português, conheceram uma ampla projecção no seio dos leitores portugueses, contribuindo para moldar a opinião pública, pelo que o seu estudo se afigura da maior relevância.

Para levar a cabo esta análise, o presente trabalho apoiar-se-á na imagologia literária, “um campo privilegiado de pesquisa e de estudo das relações entre os seres” que se debruça sobre as imagens construídas a respeito da alteridade, olhando para essas imagens como constructos históricos. (Simões 9-10) Os estudos imagológicos, cuja longa história remonta, pelo menos, ao século XIX, constituíram um subdomínio da Literatura Comparada, (Simões 37) entranhando-se no campo da representação, contrapondo “alteridades e identidades e, por isso mesmo, [interpelando-nos] a ler nos interstícios das imagens”. (Simões 10) Compete a este campo de estudo considerar as conotações e nuances inerentes a essas imagens, auto-imagens e hetero-imagens, bem como as características próprias dos conflitos, choques e ambivalências nelas inscritas. Assim, a imagologia literária

7. Note-se que *The Penny Magazine*, na qual *O Panorama* se inspirou, chegou a distribuir, apenas no ano de 1837, 300.000 exemplares, o que demonstra a diferença existente entre Portugal e a Inglaterra, ao nível de vendas de periódicos e da literacia. (Brito 341)

debruça-se sobre as relações que se estabelecem entre diferentes sistemas culturais, procurando interpretar as representações do “Outro”, seja extra- ou intra-muros. (Simões 40; Moll 347)

Das três principais linhas de investigação abraçadas pelos estudos imagológicos, a investigação aqui levada a cabo adoptará a primeira, de cariz mais histórico, pois visa observar as imagens e as contra-imagens surgidas num determinado período histórico, já com “o distanciamento que o tempo presente do crítico possibilita”. (Simões 41) Como tal, e dado que a imagologia literária se reveste de um carácter interdisciplinar, o trabalho desenvolvido nas páginas seguintes recorrerá amplamente à História de Portugal e dos EUA para tentar compreender as imagens veiculadas pelos artigos publicados em *O Panorama* a respeito de Stowe e da Guerra Civil e sua relação com a escravatura, sem que, no entanto, se descurem os estudos literários e de cultura. Empregar-se-á também a distinção axial estabelecida por Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux entre as três atitudes fundamentais adoptadas pelo “Eu” face ao “Outro” que é olhado – a mania (que constrói o “Outro” como superior), a fobia (que concebe o “Outro” como inferior) e a filia (que crê que tanto o “Eu” como o “Outro” se afiguram positivos e complementares entre si) (60-63; Simões 44; e Mendes 98) –, sobretudo com a intenção de entender o posicionamento de um periódico de teor liberal, *O Panorama*, face à nação estado-unidense.

O artigo aqui apresentado encontra-se dividido em quatro momentos distintos, nos quais já se inclui a presente secção introdutória. Segue-se uma alínea dedicada à análise de Stowe, da sua obra e dos artigos que sobre ambas surgiram em *O Panorama*. Considera-se, depois, o conflito armado norte-americano e as peças jornalísticas que a ele se referem. Por fim, estabelece-se uma relação entre o liberalismo português e os EUA, antes de se encerrar o trabalho com uma breve secção na qual se procura extrair algumas conclusões.

1. Harriet Beecher Stowe e *Uncle Tom's Cabin*

O contacto de Harriet Beecher Stowe com a questão da escravatura começou no seio da sua própria família, já que o pai se opunha ao sistema esclavagista vigente nos EUA, ainda que defendesse a sua gradual abolição, nomeadamente através do apoio dado ao movimento que pretendia que os afro-americanos fossem enviados para África, (Land 1) intenção profundamente ligada à criação do estado da Libéria.⁸ De igual modo, o seu irmão, Edward Beecher (1803-1895), que se auto-denominava abolicionista conservador, (McDonald 28) acreditava que tanto a ordem escravocrata como a posse de escravos eram pecados orgânicos ou nacionais, (McDonald 22) o que significava que a responsabilidade associada a esses pecados não residia naquele que efectivamente escravizava, tal como se explica na "Declaration of Sentiments" elaborada para a Illinois Anti-Slavery Convention de 1837. (McDonald 23) Contudo, seria somente durante os dezoito anos que passou em Cincinnati, Ohio, que Stowe observaria de perto a *peculiar institution*, nomeadamente quando o pai, em 1832, se tornou

8. Em 1461, o explorador português Pedro de Sintra terá chegado à costa da actual Libéria, região onde se encontravam os Cabos Monte, Mesurado e Palmas, todos denominados por outros exploradores lusos que se seguiram a Sintra. A região terá ficado conhecida por Costa da Pimenta devido à abundância de sementes de pimenta malagueta, uma especiaria muito valiosa na altura. No século XIX, com os crescentes apelos para que a escravatura fosse abolida, a Costa da Pimenta foi apontada como um possível lar para os afro-americanos livres. Em 1818, dois agentes estado-unidenses e dois membros da American Colonization Society (fundada em 1816) visitaram a área e, em 1821, assinou-se um acordo entre estes e os chefes africanos locais em que se atribuiu a posse do Cabo Mesurado à American Colonization Society. Os primeiros afro-americanos livres chegaram ao local em 1822, seguindo-se-lhes Jehudi Ashmun (1794-1828), um norte-americano branco que se tornou o fundador efectivo da Libéria. (Pettersen *et al.* s.p.) A migração dos afro-americanos livres dos EUA para a Libéria, ainda que apoiada por figuras como Abraham Lincoln (1809-1865), foi amplamente contestada por afro-americanos e proeminentes abolicionistas, como Frederick Douglass (1817-1895). Com efeito, em 26 de Janeiro de 1849, em Rochester, Douglass afirmou rotundamente que os afro-americanos livres não desejavam ir para a Libéria, ambicionando antes permanecer nos EUA:

For two hundred and twenty-eight years has the colored man toiled over the soil of America, under a burning sun and a driver's lash – plowing, planting, reaping, that white men might roll in ease, their hands unhardened by labor, and their brows unmoistened by the waters of genial toil; and now that the moral sense of mankind is beginning to revolt at this system of foul treachery and cruel wrong, and is demanding its overthrow, the mean and cowardly oppressor is meditating plans to expel the colored man entirely from the country. Shame upon the guilty wretches that dare propose, and all that countenance such a proposition. We live here – have lived here – have a right to live here, and mean to live here. (Apud Lincoln, "Colonization" s.p.)

presidente do Lane Seminary, local onde trabalhava Calvin Stowe (1802-1886), o qual acabaria por se tornar seu marido. À distância da largura do rio Ohio do estado escravagista do Kentucky, Stowe foi forçada a assistir a vários protestos raciais, à presença constante de afro-americanos escravizados que haviam fugido, ao espectáculo dos caçadores de recompensas que os forçavam a voltar à condição desumana de que haviam escapado, ao medo e à raiva dos afro-americanos livres que, a qualquer momento, podiam ser raptados e vendidos e, ainda, à actividade dos abolicionistas. A casa da família Beecher constituía uma das primeiras paragens do *underground railroad*, um sistema construído à margem da lei, em funcionamento durante o *Antebellum Period* e que visava auxiliar escravos fugitivos a chegar a locais onde estariam em segurança, como os estados do Norte ou, até, o Canadá. (Williams 545) O papel desempenhado pelos Beecher no *underground railroad* foi reconhecido por Stowe numa carta dirigida à abolicionista Eliza Lee Cabot Follen (1787-1860), na qual Stowe escreveu o seguinte: “[t]ime would fail to tell you all that I learned incidentally of the slave system in the history of various slaves who came into my family, and of the underground railroad which, I may say, ran through our house.” (“Letter to the Abolitionist Eliza Cabot Follen” 457)

Apesar da relação próxima que foi forçada a manter com a escravatura, Stowe apenas se sentiu impelida a redigir *Uncle Tom's Cabin* após a aprovação do *Fugitive Slave Act* de 1850, que, entre outros aspectos, penalizava qualquer pessoa livre, tanto no Norte como no Sul do país, que ajudasse afro-americanos escravizados a escapar aos que os haviam comprado. (“Fugitive Slave Acts” s.p.) Assim, tornava-se legalmente impossível não participar no sistema escravagista estado-unidense, o que levou uma das cunhadas de Stowe a endereçar-lhe uma carta, (Ammons, “Preface” vii) pedindo-lhe que utilizasse o seu talento para a escrita para dar voz ao descontentamento de diversos dos seus conterrâneos. Como resultado, Stowe rapidamente redigiu o romance em apreço, uma obra que recorre à metodologia de raiz puritana,⁹

9. Este método puritano aplicava-se tanto à leitura das Sagradas Escrituras como à sua utilização para compreender o significado de acontecimentos históricos e coevos. No seu sentido mais estrito, reporta-se

reescrevendo a história bíblica do povo escolhido, desta feita identificando-o com os afro-americanos escravizados. (Tompkins 565) Reiterando um mito religioso central da cultura norte-americana, Stowe colocou-o no contexto do principal conflito político-racial oitocentista do país, relacionando-o com a ordem escravocrata e com os valores socio-morais da sociedade estado-unidense, particularmente os da santidade, da maternidade e da família. (Tompkins 566) Para além de se aproximar da tradição literária puritana, o romance também se insere no seio das obras ligadas às jeremiadas,¹⁰ interrelacionando a teologia com a política e a política com o que Sacvan Bercovitch descreveu como “the progress of the kingdom of God”, (9; e Tompkins 571) procurando concretizar o principal objetivo político de Stowe: “to bring in the day when the meek – that is to say, women – will inherit the earth.” (Tompkins 570) Com efeito, ainda que *Uncle Tom’s Cabin* ataque ferozmente a *peculiar institution*, o propósito fundamental de Stowe passava pelo estabelecimento do reino do paraíso na terra, (Tompkins 572) o que se encontra associado à visão utópica e arcádica que Stowe apresenta no capítulo “The Quaker Settlement”. Aqui, a autora exhibe um matriarcado que em nada se assemelhava à ordem social coeva, pois as instituições criadas pelos homens – a igreja, os tribunais e os sistemas económicos – foram substituídas pelo lar, que centralizou todas as actividades significativas. Assim, as mulheres e os afro-americanos levavam a cabo as tarefas

à prática de explicar sinais presentes no Antigo Testamento como formas de antecipação de acontecimentos, figuras, cerimónias e objectos do Novo Testamento. Contudo, aplicado de forma mais ampla, este método permitia aos puritanos olhar para “tipos” bíblicos do Antigo Testamento aplicando-os às suas próprias experiências pessoais. Assim, cada puritano podia interpretar e compreender as suas lutas espirituais e conquistas à luz de personagens bíblicas como Adão, Noé e Job, à semelhança do que, por exemplo, Mary Rowlandson (1637-1711) faz em *Narrative of the Captivity and Restoration of Mrs. Mary Rowlandson* (1682). Os puritanos também viam a construção da sua comunidade na América como a concretização das profecias bíblicas, identificando-a com “the New Israel”. (“Utopian Promise” 49-50)

10. Forma literária também associada aos puritanos, a jeremiada, influenciada pelos livros do Antigo Testamento, como os de Jeremias e Isaías, lamenta o declínio espiritual e moral de uma comunidade e interpreta os infortúnios como castigos de Deus por essa decadência. Simultaneamente, as jeremiadas interpretam tais infortúnios como provas paradoxais do amor de Deus e do estatuto da comunidade como a “escolhida”, pois, de acordo com a lógica das jeremiadas, Deus não se daria ao trabalho de punir uma determinada comunidade se não a visse como especial e fundamental para o seu plano divino. (“Utopian Promise” 49) Um claro exemplo de uma jeremiada é também a narrativa de cativo da puritana Rowlandson, já referida.

mais importantes, enquanto os homens se encontravam num canto, a barbear-se com satisfação. No lar, o trabalho era executado com um espírito de cooperação mútua, motivado por um “self-sacrificing love” e conduzido por uma mulher branca cristã, Rachel Halliday, “God in human form”, a qual, através das suas palavras doces, da sua moral gentil e da sua amabilidade maternal, influenciava todos os que a rodeavam. Deste modo, no matriarcado de Stowe, também sonhado pelas suas irmãs, Catherine Beecher¹¹ e Isabella Beecher Hooker,¹² não há qualquer espaço para competição, controlo ou exploração, pois as pessoas desempenham os seus papéis de boa vontade e com prazer. (Tompkins 572-573, 576)

Porventura o mais claro exemplo de uma jeremiada desde o *Great Awakening*,¹³ o romance de Stowe falhou totalmente no respeitante ao projecto político matriarcal, da mesma forma que se demonstrou incapaz de apelar a alguns segmentos da crítica norte-americana, nomeadamente os que se encontravam ligados ao Sul e, portanto, claramente a favor da manutenção da escravatura. (Tompkins 571) De facto, intelectuais como George F. Holmes (1820-1897) não se abstiveram de acusar Stowe de não saber colocar-se no lugar que supostamente lhe havia sido destinado à nascença, “the high and holy office of maternity”, e de se envolver em assuntos de administração pública, entregando o Estado à arriscada protecção de “diaper diplomatists and wet-nurse politicians”. (519) Da mesma forma, outro autor considerou que Stowe nada mais tinha feito do que apresentar uma “absolute and audacious trash”, dificultando ainda mais o processo de abolição da escravatura, que acabaria por ocorrer de

-
11. Irmã mais velha de Harriet, Catherine Beecher (1800-1878) concebeu um plano para a concretização da visão matriarcal de Stowe em *Treatise on Domestic Economy* (1841), que as duas irmãs reeditaram em 1869, numa versão alargada sob o título *The American Woman's Home*. Cf. Tompkins 573-575.
 12. Irmã mais nova de Harriet e feminista radical, Isabella Beecher Hooker (1822-1907) participou activamente em campanhas a favor dos direitos das mulheres e do sufrágio feminino. Hooker acreditava que, no novo milénio que se avizinhava, o mundo seria governado por mulheres e ela seria uma das líderes. Cf. Tompkins 573.
 13. Revivalismo religioso nas colónias britânicas localizadas na América do Norte que se estendeu maioritariamente da década de vinte à de quarenta do século XVIII. O fervor puritano das colónias havia decrescido no final da centúria de seiscentos, mas o *Great Awakening*, sob a chefia de Jonathan Edwards (1703-1758), George Whitefield (1714-1770) e outros, revitalizou o sentimento religioso na região. (“Great Awakening” s.p.)

uma forma natural, sem que fosse necessário impor aos estados do Sul qualquer ditame favorável à causa dos abolicionistas. O autor avisou, ainda, de um modo algo profético, que, caso se tentasse forçar o Sul a abdicar do sistema escravagista, no qual a sua economia assentava, a União acabaria, e a disrupção dos laços que ligavam os estados norte-americanos seria acompanhada por uma calamidade de proporções tais que a escravatura em nada se lhe comparava. (Anónimo 533-534) Para além de ter desagradado aos críticos, o romance de Stowe desencadeou a publicação de inúmeras narrativas e peças teatrais *anti-Tom*, maioritariamente redigidas por escritores do Sul, nas quais o protagonista se identifica com um proprietário benigno e patriarcal de afro-americanos escravizados, senhor de extensas plantações e usufruindo de uma vida próspera. (Gossett 491; Habich e Nowatzki 181)¹⁴

Não obstante, *Uncle Tom's Cabin* acabou por adquirir uma ampla popularidade, o que levou o redactor de *The National Era* a propor a sua publicação em formato de livro, como ocorreria em 20 de Março de 1852. (Habich e Nowatzki 181) Apesar de o marido de Stowe acreditar que o romance iria vender tão pouco que os lucros dele procedentes apenas permitiriam à sua mulher comprar um vestido novo, (Ammons, "Preface" ix) a obra transformou-se num fenómeno mundial, chegando a ultrapassar os trezentos mil exemplares. (Habich e Nowatzki 181) O livro superou as vendas de todas as outras obras publicadas no século XIX, à excepção da Bíblia, e foi rapidamente traduzido para outras línguas, (Ammons, "Preface" ix) nomeadamente a portuguesa, que, em 1853, contava já com quatro traduções distintas de *Uncle Tom's Cabin*.¹⁵ O êxito do romance foi tal que Lincoln recebeu Stowe na Casa Branca, onde lhe teria dito o seguinte: "So you are the little woman who started the great war". (Ammons, "Preface" ix) Começaram também a ser comercializados figurinos, velas e papel de parede, entre outros artefactos alusivos ao livro. De igual modo, foram produzidas variadas adaptações teatrais

14. Cf. Gossett 491-503.

15. Cf. Monteiro 64.

da obra, os chamados “travelling Tom-shows”, (Ammons, “Preface” ix) que vieram alterar por completo os papéis tipicamente adotados pelos afro-americanos nos palcos estado-unidenses, substituindo-se o estereótipo do homem negro representando um criado preguiçoso e desonesto. (Henderson 504) Com a publicação de *Uncle Tom’s Cabin*, os *Tom-shows* disseminaram-se pelos EUA e pela Europa, chegando a Portugal, onde foram apresentadas peças de teatro como *A cabana do Pae Thomaz: drama em 5 actos e 7 quadros* (1893) e *A cabana do Pae Thomaz: drama em 7 actos: epocha de 1889-1890, Theatro Principe Real de Lisboa* (1889). Contudo, em muitas destas reinterpretações criativas do romance, a personagem Uncle Tom foi desprovida da sua dignidade, passando a ser representada como um ser servil, obediente e bajulador, (Henderson 505) características ainda hoje associáveis ao termo “Uncle Tom”, actualmente considerado muito ofensivo.

Em consequência do êxito do romance, em 1853 Stowe empreendeu uma *tour* europeia que a levou até à Grã-Bretanha, tal como a autora menciona numa carta, datada de 16 de Fevereiro de 1853, endereçada a Eliza Follen: “I have been invited to visit Scotland, and shall probably spend the summer there and in England”. (“Letter to the Abolitionist Eliza Cabot Follen” 457) Desta visita resultou não só o relato de viagens *Sunny Memories of Foreign Lands* (1854), mas também dois artigos publicados em *O Panorama* a respeito da autora de *Uncle Tom’s Cabin*. O primeiro, de autor anónimo, surgiu em 9 de Julho de 1853, ocupando a página nobre do periódico, a par de uma gravura de Stowe, com a legenda “Henriqueta Beecher Stowe”. O texto inicia-se com uma breve referência à “famosa novella”, “lida com entusiasmo, e traduzida em quasi todas as linguas cultas”, seguindo-se uma espécie de nota biográfica da autora, de cariz claramente laudatório. Com efeito, Stowe é descrita como pertencendo a “uma das mais distintas famílias dos Estados Unidos”, o seu pai como “um velho venerado” e a autora e os seus irmãos como “notáveis pela sua ilustração, generosos sentimentos, e valiosos serviços que têm prestado á causa da verdadeira civilização.” (“Henriquetta Beecher Stowe” 217) Depois, o artigo refere que a publicação da “*Cabana do pae Thomás*” colocou Stowe “entre as primeiras celebridades

contemporaneas" e que, ao longo da obra, a autora apostou na emancipação da "infeliz raça negra", causa santa que envergonha o mundo civilizado e a Europa cristã: "Mistress Henriqueta propoz-se na sua obra preparar a emancipação da infeliz raça negra. E de feito não podia defender causa mais santa: a situação moral dos negros, condemnados á escravidão e á bruteza é uma vergonha no meio do mundo civilizado, e da Europa christã!" (217) O texto termina com uma alusão à presença de Stowe em Inglaterra, onde a autora fora "recebida com grandes e merecidas ovações", sem que, no entanto, se chegue a mencionar o sistema esclavagista em vigor nos EUA, matéria sobre a qual o livro de Stowe efectivamente se debruça, embora se referencie a contínua existência da ordem escravocrata no "mundo civilizado" e no continente europeu. (217)

O segundo artigo, também anónimo, foi publicado pouco depois, no dia 30 de Julho de 1853, e dá conta de um presente que havia sido entregue a Stowe aquando da sua viagem a Inglaterra: "uma escrevaninha de prata, de grandes dimensões e delicadissimo trabalho, que foi oferecida, n'uma brilhante reunião celebrada ultimamente em Londres." ("Brinde Offerecido a Mistress Stowe" 245) O texto, ilustrado com uma reprodução da "escrevaninha de prata", caracteriza Stowe como a "illustre defensora dos pobres escravos", em torno da qual se agruparam numerosas crianças que a incitaram a escrever "sobre a triste condição das creanças negras, provocando assim as sympathias dos brancos em favor dos seus irmãos." O artigo termina com a garantia de que Stowe "continuará incansavel a advogar a causa dos opprimidos" e com a nota de que "[a]ssim se sabe premiar em Inglaterra o merito e a virtude". (245) Mais uma vez, não se menciona a *peculiar institution* e também não se refere o facto de a "escrevaninha de prata" ser, na verdade, um tinteiro de prata, oferecido a Stowe pelas "Ladies of Surrey Chapel, London", no dia 26 de Maio de 1853. Nesse tinteiro encontram-se gravadas três figuras: um afro-americano escravizado e agrilhado, uma mulher com uma Bíblia (muito provavelmente Stowe) e outro afro-americano escravizado que quebra as algemas que acorrentam o seu companheiro. ("Harriet Beecher Stowe" s.p.; Hedrick 398)

Em 13 de Outubro de 1853 publicou-se um outro texto, desta feita sobre Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) e o tempo que o autor de *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* (1605) passara como escravo em Argel. Neste artigo, realça-se brevemente a diferença existente entre a escravatura praticada em Argel, de que Cervantes fora vítima, e a escravatura praticada no século XIX pelos europeus, contra a qual Stowe se havia supostamente insurgido, ainda que o romance que a catapultou para a fama, *Uncle Tom's Cabin*, se debruçasse exclusivamente sobre o sistema escravagista em vigor nos EUA:

Esta escravidão, de que a Europa christã foi por tantos séculos victima diante das temerarias galés das potencias barbarescas, não se assimilava inteiramente á servidão abjecta contra que ha pouco se ergueu a voz sympathica de Mistress Harriett Beecher Stowe, e que a Europa civilizada e humanitaria encobre pudicamente com o véu da tolerancia, ou justifica pelas necessidades fataes do moderno industrialismo. ("Miguel de Cervantes Saavedra" 330)

Como se pode compreender pelos artigos analisados, as peças publicadas em *O Panorama* a respeito de Stowe projectam uma imagem amplamente favorável da autora (e, ainda que indirectamente, da sua obra), ao mesmo tempo que omitem qualquer referência à ordem escravocrata dos EUA, atacando, antes, a escravatura que continuava a ser praticada pelo "mundo civilizado" e pelos países europeus, mais especificamente nas colónias. Assim, a nação norte-americana, berço de Stowe, a "illustre auctora" nascida em Nova Inglaterra, surge dissociada da *peculiar institution*, sendo aquela, aliás, descrita, logo no primeiro artigo, como a "grande republica fundada por Washington", ("Henriquetta Beecher Stowe" 217) expressão que o título do presente trabalho toma de empréstimo.

Deve assinalar-se que, nos textos referidos, os escravos de "raça negra" são representados de um modo condescendente ao serem descritos como infelizes, "pobres" e "opprimidos", transmitindo-se a ideia de que carecem de qualquer tipo de agência para alterarem as suas próprias circunstâncias. ("Henriquetta Beecher Stowe" 217;

“Brinde Offerecido a Mistress Stowe” 245) Tal torna-se evidente nos seguintes excertos: “Mistress Henriqueta propoz-se na sua obra preparar a emancipação da infeliz raça negra”; ou “entrou na sala uma graciosa procissão de formosas creanças, que [...] procurou incitá-la [a Stowe] a escrever outras novellas, sobre a triste condição das creanças negras, provocando assim as sympathias dos brancos em favor dos seus irmãos.” (“Brinde Offerecido a Mistress Stowe” 245) Em ambos os passos citados parece vislumbrar-se a crença de que o destino dos afro-americanos escravizados se encontra inteiramente dependente dos caprichos dos brancos, convicção amplamente associada às teses pró-esclavagistas de que os escravos se revelavam, entre outros aspectos, submissos por natureza. (Levine, “*Uncle Tom’s Cabin in Frederick Douglass’ Paper*” 577-578; Ammons, “*Freeing the Slaves and Banishing the Blacks*” 610) Contudo, e na verdade, “[o]s escravos não aceitavam de braços caídos a sua sorte”, (Coelho 15) como se torna evidente caso se recorde as revoltas de afro-americanos escravizados, como, por exemplo, a de Nat Turner (1800-1831),¹⁶ ou a existência do *underground railroad*. A condescendência acima apontada encontra-se também patente na gravura que reproduz o tinteiro de prata oferecido a Stowe, onde os afro-americanos escravizados surgem numa posição de clara inferioridade face à mulher branca que carrega uma Bíblia. Esta circunstância parece evocar o mito vitoriano do “white man’s burden”,¹⁷ amplamente associado aos três “Cs” do

16. No dia 21 de Agosto de 1831, Nat Turner, crendo ter sido escolhido por Deus para libertar o povo afro-americano da condição desumana em que vivia, rebelou-se, juntamente com um grupo de afro-americanos escravizados que Turner havia conseguido convencer, através dos seus sermões religiosos, a juntar-se à sua revolta. Em Southampton County, Virgínia, Turner e os seus apoiantes, que lhe chamavam “the Prophet”, mataram cerca de sessenta brancos, levando os norte-americanos locais e uma milícia do Estado (força que combinada atingiu o número de três mil homens) a capturarem e a assassina-rem os insurgentes, assim como muitos afro-americanos escravizados que nada haviam feito. Turner acabaria por ser detido, julgado e enforcado cerca de seis semanas mais tarde, pondo fim ao mito de que os afro-americanos escravizados se contentavam com a sua posição na sociedade ou se demonstravam demasiado submissos para se sublevarem. (“Nat Turner” s.p.; “Nat Turner’s Rebellion” s.p.)

17. Título de um poema escrito por Rudyard Kipling (1865-1936) em 1899, onde o autor incita os EUA a abraçarem o “fardo” do império (como haviam feito o Reino Unido e outras nações europeias) em relação às Ilhas Filipinas. O colonialismo e o imperialismo são justificados, devendo os países Ocidentais “auxiliar” as nações do Oriente a tornarem-se “civilizadas”. O poema demonstra-se profundamente colonialista, imperialista, jingoísta e racista, promovendo estereótipos como o do primitivismo e noções como a de eurocentrismo. (“The White Man’s Burden” s.p.) Cf. “Rudyard Kipling” s.p.

colonialismo (utilizados para justificar a expansão e a exploração europeia do continente africano e respectivos habitantes), ou seja, a civilização, o cristianismo e o comércio.

A atitude de condescendência patente nos escritos analisados espelha o tom que permeia a própria obra de Stowe, a qual tanto se insurge contra a escravatura como assume uma posição racista, opondo-se ao sistema escravagista estado-unidense, mas não à supremacia da raça branca. Aliás, no final do romance, Stowe, ao enviar George Harris para a Libéria, adopta uma postura que se poderá caracterizar como colonial ou "colonizationist". (Levine, "*Uncle Tom's Cabin in Frederick Douglass' Paper*" 587-588) Ao remover afro-americanos livres, inteligentes e assertivos dos EUA, a autora evita que os brancos participem numa mudança social ainda mais radical do que a que seria despoletada pela abolição da ordem escravocrata, nomeadamente a profunda alteração social decorrente do facto de os brancos perderem o privilégio, o poder e o domínio que lhes haviam sido confiados, apenas pela cor da sua pele. (Ammons, "*Freeing the Slaves and Banishing the Blacks*" 609) Contudo, após trocar correspondência com Douglass e depois de ter sido alvo de críticas por parte de outros leitores negros, que se opunham à remoção dos afro-americanos dos EUA, Stowe terá alterado a sua posição. Com efeito, a autora enviou uma nota para a reunião da American and Foreign Anti-Slavery Society, em New York, onde terá declarado, tal como se lia na acta do encontro, o seguinte: "that if she were to write 'Uncle Tom' again, she would not send George Harris do Liberia." (Gossett 294; Levine, "*Uncle Tom's Cabin in Frederick Douglass' Paper*" 588)

O teor racista de obra de Stowe encontra-se profundamente relacionado com a noção de "racismo romântico", avançada por George M. Fredrickson (1934-2008) para descrever uma perspectiva oitocentista, de acordo com a qual se defendia a existência de diferentes "raças", cada uma com as suas características próprias. Nenhuma delas se afigurava melhor ou pior do que as outras, sendo possível identificar, em cada uma, aspectos positivos e negativos, o que significa que eram conferidos atributos supostamente louváveis aos afro-americanos, descritos como dóceis, submissos, gentis, humildes,

meigos, afectuosos e altruístas. Tais qualidades assemelhavam-se profundamente às que se tinha por hábito, ao longo do século XIX, e no seio dos círculos protestantes, relacionar com o cristão ideal, o que levou muitos abolicionistas brancos, entre os quais se incluía Stowe, a argumentar que os afro-americanos eram não só “naturalmente” cristãos, mas também superiores, devendo o seu exemplo ser seguido pelos brancos. (Ammons, “Freeing the Slaves and Banishing the Blacks” 609-610) Assim, a postura do “racista romântico” passava por negar categoricamente que os traços conectados aos afro-americanos constituíam uma prova da sua inferioridade (como alegavam os defensores da escravatura), afirmando, antes, que as características associáveis aos afro-americanos comprovavam a sua superioridade. (Fredrickson 102; Ammons, “Freeing the Slaves and Banishing the Blacks” 610) Consequentemente, não deve estranhar-se que Stowe, também ela uma “racista romântica”, condenasse veementemente a discriminação praticada diariamente contra os afro-americanos, os quais, da sua perspectiva, eram iguais aos brancos perante o “trono de Deus”, pelo que era uma verdadeira blasfémia justificar a *peculiar institution* através de leis humanas. De igual modo, também não deve surpreender que Stowe, ao crer que as “raças” se revelavam essencialmente distintas, fosse condescendente para com os afro-americanos, associados, desde logo, a um conjunto de traços igualmente utilizados para descrever, na sociedade vitoriana, pessoas supostamente mais frágeis, como mulheres e crianças. (Ammons, “Freeing the Slaves and Banishing the Blacks” 610-611) De facto, as características atrás referidas face aos afro-americanos promoviam a sua infantilização,¹⁸ mecanismo muitas vezes utilizado para justificar a escravatura e empregue pela própria Stowe em relação a Uncle Tom: “Tom, who had the soft,

18. Recorde-se que as descrições do “Outro”, relativamente ao “Eu” ocidental e branco, o retratavam como um ser infantil desde, pelo menos, o século XVII, como se pode observar, por exemplo, em escritos britânicos a respeito da Ásia Meridional. O discurso em torno da infantilização contribui para que o “Outro” deixe de ser um sujeito livre e com capacidade de auto-determinação para se converter num indivíduo indefeso e, portanto, inofensivo. A infantilização sugere, ainda, a existência de uma relação de poder entre o “Eu”, que adoptava o papel de adulto, e o “Outro”, renegado ao papel de criança. Assim, o “Outro” passava a ser da responsabilidade do “Eu”, o qual se revestia de um carácter ocidental, branco e adulto, usufruindo do direito de punir, “educar” e “melhorar” o “Outro”, conforme achasse conveniente. (Nayar 95-96)

impressible nature of his kindly race, ever yearning toward the simple and childlike." (*Uncle Tom's Cabin* 143)

A análise dos artigos sobre Stowe permite concluir que *O Panorama* falhou, no período que se seguiu à publicação de *Uncle Tom's Cabin*, em mencionar especificamente o sistema escravagista em vigor nos EUA, optando por utilizar a autora e a obra para atacar a ordem escravocrata que continuava a existir no "mundo civilizado" e nos países europeus, nomeadamente nas colónias. ("Henriquetta Beecher Stowe" 217) A atitude adoptada pelo periódico não parece resultar de um mero lapso, mas sim de uma opção deliberada e decorrente do próprio projecto ideológico liberal português. Cerca de uma década mais tarde, essa atitude afigurou-se bastante distinta, nomeadamente nas peças publicadas após o final da Guerra Civil, como se constatará na alínea seguinte.

2. Guerra Civil e Escravatura

Em 1866, depois de um hiato iniciado em 1858, *O Panorama* retomou a publicação, naquela que seria a última de cinco séries do periódico, trazendo a lume três artigos nos quais se menciona a Guerra Civil norte-americana, já depois da sua conclusão. O primeiro destes textos saiu no número 21 do periódico, lançado, muito provavelmente, no final do mês de Março desse ano, pois, embora o volume não se encontre datado, na última página surge o poema "A Borboleta", de Thomaz Ribeiro (1831-1901), assinado "Lisboa, 21 de março de 1866". O artigo, intitulado "Uma Rua de Albany", ocupa as primeira e segunda páginas do número 21, incluindo uma gravura da cidade de Albany, então a capital do estado de New York.

Ainda que o principal alvo de atenção da peça seja efectivamente Albany, a verdade é que a primeira página do artigo é quase inteiramente dedicada à Guerra Civil, começando o autor (anónimo) por frisar que "[o]s Estados Unidos acabam de passar por uma longa e dolorosa crise". Segue-se um comentário em que o articulista explica que "[a] republica fundada por Washington", supostamente

“o modelo dos governos republicanos, e a demonstração evidente da bondade d’essas instituições”, foi, ao longo do período em que se estendeu a disputa armada, utilizada pelos “monarchistas” para criticar os governos democráticos. De facto, os defensores da monarquia sorriam “com desdém, apontavam triumphantes para a guerra titanica, em que se debatiam os estados da America, e diziam: Vê-de o fructo das vossas theorias, vêde-o no próprio paiz, que apresentaveis como exemplo da sua proficuidade”. (“Uma Rua de Albany” 161)

Contudo, o articulista não perde tempo em frisar que não crê que “essa deploravel guerra que inundou de sangue os fertes plainos do novo mundo” perturbe, de modo algum, as crenças dos democratas, já que, na verdade, as fortalece. De acordo com o mesmo, o “período doloroso” atravessado pela “republica americana” assemelha-se ao período difícil que “todos os estados podem atravessar” e, aliás, “atravessam quando no seu seio se levanta uma questão a que esteja ligada a sua existencia politica”. O jornalista anónimo declara, ainda, que “[q]uando uma monarchia absoluta se transforma em monarchia constitucional, ha lueta inevitavel; ha lueta muito maior quando se tenta a abolição dos direitos feudais, de privilegios seculares de uma classe”. (“Uma Rua de Albany” 161) Desta forma, o articulista estabelece um claro paralelo entre a Guerra Civil norte-americana e a Guerra Civil portuguesa, que colocara em choque liberais e absolutistas, entre 1832 e 1834, levando à derrota das tropas de D. Miguel (1802-1866), o qual, entretanto, fora forçado a exilar-se no estrangeiro, onde passou o resto da vida.

O jornalista justifica a contenda fratricida, referindo que (e ao contrário do que se verificou nos artigos sobre Stowe) a tentativa frustrada de abolição do sistema esclavagista nos EUA fora responsável pela eclosão deste conflito sanguinário: “como não haveria uma lueta de gigantes quando se tentou abolir a escravatura n’um paiz cheio de força e de vitalidade, a escravatura essa instituição secular, a que estavam ligados tão poderosos interesses? Quem se pode espantar, por consequente, de que, no momento de se operar essa grande reforma, houvesse lueta?” (“Uma Rua de Albany” 161) Na sua tentativa de explicar a guerra com o desejo de erradicação da ordem escravocrata, o

articulista acaba por elogiar a nação norte-americana, considerando-a cheia “de força e de vitalidade”, detentora de “imensos recursos”, uma “prospera republica” e com combatentes “vigorosos”. De igual modo, o autor sublinha, em tom laudatório, que se conservou “o respeito da legalidade”, que o poder não caiu “nas mãos de algum soldado feliz” e que “a republica, finda a lucta, voltou ao seu estado normal, sem que uma só das suas instituições politicas percesse no naufragio”, exibindo uma “magestosa serenidade.” (“Uma Rua de Albany” 161)

O segundo artigo surgiu no número 31, de 1866, sob o título “Ponte Natural na Virginia”, acompanhado de uma ilustração da referida ponte. Trata-se de um texto de cariz claramente enciclopédico (característica relacionada com o liberalismo e inerente a *O Panorama*, como se referiu) que evoca (propositadamente ou não) a obra *Notes on the State of Virginia* (1785), da autoria do terceiro presidente dos EUA, Thomas Jefferson (1742-1826). Com efeito, também Jefferson havia descrito a mesma ponte natural no seu texto, redigido após o antigo Presidente ter recebido, em 1781 (ano em que abandonou o cargo de governador de Virginia), um pedido do *Marquis* de Barbé-Marbois (1745-1837), secretário da legação francesa em Philadelphia, para responder a vinte e três questões relativas às fronteiras geográficas, à ecologia e à história social de Virginia. Jefferson aproveitou a ocasião para tentar contradizer a crença, prevalecte entre os naturalistas europeus, como George-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), de que as espécies norte-americanas, fossem elas humanas ou não, haviam degenerado das originais do Velho Mundo, afigurando-se, por conseguinte, inferiores. Assim, a ponte natural de Virginia constituía um exemplo paradigmático da invalidade da tese sustentada por pensadores como Buffon, já que se tratava, nas palavras do antigo Presidente, da mais sublime obra da natureza, tal como a descreve Jefferson na resposta à questão V. Esta pergunta reportava-se apenas a cascatas, mas o ex-Presidente optou por referir a ponte. (Jefferson, *Notes on the State of Virginia* 711) Jefferson também não se inibiu, em *Notes on the State of Virginia*, de apoiar, como Stowe faria mais tarde, o movimento colonizador que visava retirar dos EUA os afro-americanos, posição indissociável da

tenção inerente ao legado do antigo Presidente. Apesar de ter sido proprietário de mais de duzentos afro-americanos escravizados, muitos dos quais seriam provavelmente seus filhos, Jefferson foi sempre admirado pela defesa da igualdade e da liberdade. (Levine, *The Norton Anthology of American Literature* 702-703)

Entre os variados elementos mencionados ao longo do artigo, que ocupa cerca de duas páginas, deve destacar-se a descrição do território de Virginia, dividido entre um espaço montanhoso, descrito positivamente e ligado ao trabalho árduo e livre, e uma área de planície, retratada de modo negativo e associada à escravatura. (“Ponte Natural na Virginia” 244) A região montanhosa apresenta-se “coroadada pela cordilheira dos Alleghannys [provavelmente em alusão às *Allegheny Mountains*], de clima temperado, de vegetação septemtrional, de verdejantes alfombras, e cujas perspectivas são tão opulentas quanto variadas.” Já a zona de planície mostra-se “em declívio, regada por inumeráveis correntes de água, primeiro pouco fértil enquanto se conserva ainda afferrada ás montanhas, depois rica e fecunda, mas ao mesmo tempo doentia e paludosa, porque as águas correm lentamente debaixo de um céu de fogo.” (“Ponte Natural na Virginia” 244) Enquanto “o cypreste, e o sycomoro”, árvores sagradas e relacionadas, respectivamente, com a morte e com o inconformismo e a vaidade, (Chevalier e Gheerbrant 271, 961) povoam a região de planície, “o carvalho, o pinheiro, e o azevinho embellezam os districtos occidentaes”, no sector montanhoso. (“Ponte Natural na Virginia” 244) As populações das duas zonas também se revelam distintas. Os habitantes da montanha eram caracterizados como pertencendo a uma “raça elevada, forte, vigorosa, e trabalhadora”, sem que fosse necessário “acorrentar o negro Africano ao terreno que ella mesma lavra”. Pelo contrário, os habitantes da planície eram representados como indivíduos delicados, indolentes, amigos dos prazeres da vida e entregando aos afro-americanos escravizados “todo o trabalho”. Em seguida, disferese um forte golpe no estado de Virginia e no seu alegado cariz republicano, ao frisar-se que “[e]mtorno d’elle [o habitante da planície] meio milhão de individuos agrilhoados protesta ou antes protestava contra a sua ridicula pretensão ao republicanismo,

virtude que só de nome conhece e pelo exemplo de alguns homens ilustres." Menciona-se, ainda, que o "Virginiano" exhibe uma atitude "essencialmente aristocrata, e por conseguinte separatista", pelo que "é fácil de vêr qual seria o papel adoptado por este paiz [o estado de Virginia] na ultima guerra", nomeadamente a adesão ao movimento secessionista. Conclui-se esta descrição com uma referência aos "irmãos do Norte" dos virginianos "que pretendiam abolir a escravatura" e contra os quais os virginianos "resistiram com uma intrepidez digna de melhor causa" do que a da manutenção do sistema esclavagista. ("Ponte Natural na Virginia" 244-245) Assim, e à semelhança do que se observara em relação ao texto publicado no número 21, de 1866, a ordem escravocrata vigente nos EUA volta a ser mencionada (o que não acontecera nas peças relativas a Stowe) e relacionada com a Guerra Civil, referindo-se novamente que o objectivo do conflito passara, pelo menos do lado da União, pela abolição da escravatura.

Finalmente, o terceiro artigo, intitulado "Scena de Escravatura", saiu no número 40, de 1866, acompanhado de uma gravura com a mesma legenda, alusiva ao tráfico de escravos. Na ilustração vê-se um grupo de negros aprisionado por um conjunto de brancos que os chicoteiam e agrilhoam numa espécie de praia ou zona costeira, enquanto, à distância, se avista um navio, provavelmente pronto para os transportar para o local onde seriam desumanamente comercializados. O texto, de autor anónimo, logo no primeiro parágrafo, ataca, feroz e emotivamente, o sistema esclavagista, identificando-o com as causas da Guerra Civil: a "formidável lucta, que se travou na America do Norte, entre os defensores e os adversarios d'esta iniquidade social", nomeadamente a ordem escravocrata, "lucta em que triumpharam os sãos principios", ("Scena de Escravatura" 318) ou seja, a erradicação do sistema esclavagista que a publicação critica severamente. Ainda neste primeiro parágrafo expressa-se o desejo de que cenas como a representada na gravura "sejam d'aqui a pouco obsoletas", da mesma forma que se exprime a crença de que "não é provavel que haja retrocesso, e que a escravatura, ainda que não seja de todo abolida, continue a ser causa de scenas tão barbaras". ("Scena de Escravatura" 318)

Assim, estes artigos, não obstante a crítica à ordem escravocrata a propósito de Virginia, apresentam, no seu conjunto, imagens amplamente favoráveis dos EUA. Contrariamente ao verificável nos artigos relativos a Stowe, estes mencionam a escravatura, explicando que a disputa fratricida eclodira com o objectivo de erradicar o sistema esclavagista. No entanto, deve sublinhar-se que a Guerra Civil apenas teve início após a secessão dos estados do Sul, indignados com a provável impossibilidade de estenderem a ordem escravocrata para o Oeste.¹⁹ Por outro lado, apesar de Lincoln ser pessoalmente contra a escravatura, o seu principal objectivo, pelo menos no começo do confronto armado, residia em salvar a União. Com efeito, em 22 de Agosto de 1862, Lincoln escreveu uma carta a Horace Greeley (1811-1872), na qual deixou essa intenção muito clara: “My paramount object in this struggle is to save the Union, and is not either to save or destroy Slavery. If I could save the Union without freeing any slave, I would do it, and if I could save it by freeing all the slaves, I would do it, and if I could save it by freeing some and leaving others alone, I would also do that”. (Corbett *et al.* 394) Quando, mais tarde, no dia 1 de Janeiro de 1863, o Presidente emitiu a famosa *Emancipation Proclamation*, só foi concedida a liberdade aos afro-americanos escravizados dos estados secessionistas. Para trás ficaram os escravos dos estados fronteiriços, que não haviam abandonado a União, e os dos estados do Sul que já haviam voltado a integrar os EUA, algo que Lincoln havia dito que faria, caso daí dependesse a sobrevivência da

19. Após a conclusão do conflito mexicano-americano (1846-1848), os EUA adquiriram um vasto território a Ocidente, conhecido como *Mexican Cession*, que englobava os actuais estados de Arizona e New Mexico, assim como partes de Utah, Nevada e Colorado. Ao longo da segunda metade do século XIX, as tensões entre os norte-americanos do Norte e do Sul agudizaram-se, à medida que se debatia a possível expansão da escravatura para a área recém-conquistada. A partir de 1850, desenrolou-se uma série de eventos que contribuiu, em larga medida, para o agravar das animosidades, de entre os quais cumpre destacar o *Kansas-Nebraska Act* (30 de Maio de 1854), responsável por conferir às populações o poder para determinar se os seus estados integrariam a União norte-americana como apologistas, ou não, do sistema esclavagista. O referido acto anulou o *Missouri Compromise of 1820*, que proibia a prática da escravatura a norte da latitude 36°30', motivando a criação do *Republican Party*, que se opunha veementemente ao alargamento da ordem escravocrata para as zonas recém-adquiridas. (“Kansas-Nebraska Act” s.p.) Depois da vitória de um Partido Republicano liderado por Lincoln, resolutamente crítico da escravatura e da sua expansão, sete estados do Sul dos EUA, nomeadamente South Carolina, Mississippi, Florida, Alabama, Georgia, Luisiana e Texas, anunciaram a sua separação da União norte-americana, seguindo-se-lhes Virginia, North Carolina, Tennessee e Arkansas, dando, assim, início à Guerra Civil. (Dew 4-5)

União.²⁰ No entanto, a Proclamação de Emancipação afigurou-se um documento crucial, transformando, entre outros elementos, a natureza da disputa, já que, depois da sua divulgação, “every advance of federal troops expanded the domain of freedom”. (“The Emancipation Proclamation” s.p.)²¹

Cumprir também salientar que, face à secessão dos estados do Sul, os norte-americanos do Norte mantiveram-se unidos, não tanto pelo desejo de emancipar os afro-americanos escravizados, ou sequer de preservar a União, mas sim para “salvar” os norte-americanos do Sul de uma suposta conspiração que os havia ludibriado. Com efeito, e de acordo com Elizabeth R. Varon, em *Armies of Deliverance: A New History of the Civil War* (2019), depois de Lincoln ter assumido a presidência dos EUA deparou-se com a árdua tarefa de unir os norte-americanos do Norte, espalhados ao longo de um complexo espectro político. Numa das pontas desse espectro encontravam-se os abolicionistas e os republicanos radicais, que acreditavam que o governo federal devia desempenhar um papel activo no desmantelamento da *peculiar institution* e na atribuição da cidadania estado-unidense aos afro-americanos. No extremo oposto situavam-se os democratas conservadores, os quais rejeitavam a abolição da escravatura e a atribuição de cidadania aos afro-americanos, para além de não verem com maus olhos a manutenção do sistema esclavagista vigente nos estados do Sul. No centro do espectro encontravam-se vários tipos de moderados, que, à semelhança do próprio Lincoln, acreditavam na superioridade do sistema de trabalho livre, não concordavam com o poder que os donos dos afro-americanos escravizados possuíam e apresentavam uma atitude relativamente paciente face à erradicação da ordem escravocrata, desejando a sua futura, mas não imediata,

20. Sobre a Proclamação de Emancipação, veja-se “The Emancipation Proclamation” e “Abraham Lincoln and Emancipation”.

21. A mesma ideia encontra-se subjacente às palavras de John Hay (1838-1905), que, depois de Lincoln ter assinado a *Emancipation Proclamation*, afirmou o seguinte: “It was no longer a question of the Union as it was that was to be reestablished. It was the Union as it should be – that is to say, washed clean from its original sin [...]. We were no longer merely the soldiers of a political controversy [...] We were now the missionaries of a great work of redemption, the armed liberators of millions [...]. The war was ennobled, the object was higher”. (*Apud* Burns n.p.)

extinção. (3-4) Varon argumenta que estes diferentes grupos se uniram em torno da antipatia que sentiam face à elite de secessionistas que possuía afro-americanos escravizados, a qual era acusada de promover uma “Slave Power conspiracy” e de exercer uma influência excessiva sobre a política federal, subvertendo a democracia e impondo uma agenda pró-esclavagista à maioria dos norte-americanos, tanto do Norte como do Sul. (2)²²

Como se procurará argumentar na alínea seguinte, a menção à escravatura para justificar o começo da Guerra Civil, quando, nos artigos sobre Stowe se havia omitido por completo o sistema esclavagista, não é inocente, parecendo, aliás, encontrar-se profundamente interrelacionada com a promoção do projecto ideológico liberal.

3. Liberalismo Português e Estados Unidos da América

Os textos constitucionais portugueses oitocentistas, datados de 1822, 1826 e 1838, resultaram, em certa medida, do conhecimento que os liberais portugueses possuíam de outros tratados constitucionais, como, por exemplo, os norte-americanos, (Torgal e Roque 218) de entre os quais se deve ressaltar a Constituição dos EUA, escrita no Verão de 1787,²³ e as suas primeiras dez emendas, que constituem a *Bill of Rights*, adoptadas em 15 de Dezembro de 1791. A Constituição, documento fundamental, tanto para a nação norte-americana como para todo o Mundo Ocidental, é a mais antiga constituição nacional escrita ainda em vigor, assentando no princípio da *trias politica*, ou separação de poderes, e tomando de empréstimo a teorização de Montesquieu. (“The Spirit of the Laws” s.p.) Por sua vez, a *Bill of Rights*, que deriva da *Magna Carta* (1215), da *Bill of Rights* inglesa (1689) e da luta dos colonos contra o Rei e o Parlamento, (“Bill of

22. Cf. Varon *passim*.

23. A Constituição estado-unidense é, aliás, mencionada em variadas ocasiões em *O Panorama*, como ocorre em pelo menos dois artigos inteiramente dedicados a George Washington (1732-1799), um datado de 20 de Julho de 1839 (“Jorge Washington” 228-230) e outro de 15 de Julho de 1854 (“Mont-Vernon – Residencia de Washington” 217-219).

Rights” s.p.) traduz-se num conjunto de garantias de direitos individuais e de limitações impostas ao governo federal que se reforçam mutuamente. De entre os direitos defendidos pela *Bill of Rights*, deve salientar-se a liberdade de expressão e de imprensa, a qual também figura na Constituição vintista, nomeadamente quando nela se afirma que “[a] livre comunicação dos pensamentos é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo o Portuguez pode consequentemente, sem dependencia de censura previa, manifestar suas opiniões” (artigo 7.º) e “[a]s Cortes nomearão um *Tribunal Especial*, para proteger a liberdade da imprensa” (artigo 8.º). Surge também na Carta Constitucional de 1826, onde se afirma que “[t]odos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos, e publicados pela Imprensa sem dependência de Censura” (artigo 145.º § 3.º) e se salvaguarda a liberdade religiosa (artigo 145.º § 4.º), à semelhança do que ocorre na *Bill of Rights* norte-americana.

A par da Constituição e da *Bill of Rights* estado-unidenses, deve referir-se a Declaração de Independência, maioritariamente escrita por Jefferson, em 1776, na altura um jovem representante de Virginia com apenas trinta e dois anos. Em 1774, Jefferson já havia publicado o audaz tratado *A Summary View of the Rights of British America*, no qual negava que o Parlamento de Londres possuísse algum tipo de autoridade sobre as colónias norte-americanas, defendendo que os laços que uniam as colónias do Novo Mundo à monarquia britânica eram voluntários e, como tal, revogáveis. No Segundo Congresso Continental, organizado em Philadelphia, foi atribuída a Jefferson a responsabilidade de chefiar o comité, no qual se encontravam também John Adams (1735-1826), Benjamin Franklin (1706-1790), Roger Sherman (1721-1793) e Robert R. Livingston (1746-1813), encarregue de escrever uma primeira versão do que viria a ser a Declaração de Independência. No dia 28 de Junho, o documento foi apresentado no Congresso, onde foi alvo de algumas mudanças, tal como Jefferson relata na sua *Autobiography* (1821), sendo aprovado por unanimidade no dia 4 de Julho, hoje conhecido como o Dia da Independência dos EUA. (Levine, *The Norton Anthology of American Literature* 702) De entre os variados elementos da Declaração de

Independência dignos de alusão, convirá referir a frase “We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable rights, that among these are life, liberty and the pursuit of happiness”, (Jefferson, *The Autobiography of Thomas Jefferson* 706) citada entusiasticamente pelo Marquês de Mirabeau (1715-1789), aquando da Revolução Francesa (1789-1799). (“Declaration of Independence” s.p.) A afirmação de Jefferson encontra-se também patente, em certa medida, nas Constituições portuguesas de 1822 e de 1838, bem como na Carta Constitucional de 1826, unânimes na defesa de que a lei é igual para todos. A Declaração de Independência foi, ainda, evocada por Lincoln no *Gettysburg Address*, discurso proferido em 19 de Novembro de 1863, no Cemitério Nacional de Gettysburg, palco de uma das batalhas decisivas da Guerra Civil norte-americana, quando afirma “[f]our score and seven years ago”, (“Gettysburg address delivered at Gettysburg Pa. Nov. 19th”, 1863 s.p.) remetendo o ouvinte para o momento vivido oitenta e sete anos atrás, em que os EUA se haviam declarado independentes da Coroa britânica.

Além dos textos constitucionais norte-americanos, revelaram-se igualmente exemplares para os liberais portugueses as figuras fundadoras dos EUA, de entre as quais cumpre destacar George Washington, general e comandante supremo do exército colonial na *Revolutionary War* (1775-1783) e primeiro Presidente dos EUA (1789-1797). Ao longo dos anos em que *O Panorama* foi publicado, divulgaram-se variados artigos sobre Washington (também referido na primeira peça relativa a Stowe e no primeiro escrito alusivo à Guerra Civil), nos quais se elogia o carácter do antigo Presidente norte-americano. O artigo publicado no número de 15 de Julho de 1854, um ano após a divulgação da primeira peça referente a Stowe, constitui um exemplo paradigmático. O texto, que ocupa as três páginas iniciais do periódico, abre com uma gravura de Mount Vernon (residência de Washington) e apresenta uma espécie de resenha biográfica do antigo Presidente. Desde logo, afirma-se que Washington, ainda jovem, demonstrava um claro “cuidado com que sempre procura[va] sustentar a sua dignidade pessoal; [...] [um] sentimento consciencioso de uma responsabilidade, que

não duvida[va] assumir todo sobre si [...]; [...] a ideia que involuntariamente fazia conceber a todos que o rodeavam, da sua superioridade natural: em toda a parte era o primeiro; em toda a parte inspirava como um pressentimento de que estava fadado para altos destinos". ("Mont-Vernon – Residencia de Washington" 217-218) Mais à frente, descreve-se Washington, cujo papel na Guerra da Independência dos EUA se provou crucial, como o "[l]ibertador da sua patria", frisando-se que, ao longo da sua presidência, "consolidou a liberdade do seu paiz, fazendo-se simplesmente executor da vontade nacional" e revelando "toda a grandeza da sua alma". ("Mont-Vernon – Residencia de Washington" 219) O escrito, sempre de cariz laudatório, termina caracterizando o antigo Presidente como "este grande homem, este homem de bem", que "[s]ustentou e quinhou todas as idéas generosas, todas as paixões legítimas da nossa epocha" e que possuía um "[c]aracter irreprehensivel em tudo, foi o braço e o pensamento de uma causa junta, o instrumento de uma revolução nacional e sem mancha [...], foi ao mesmo tempo um sabio e um heroe". ("Mont-Vernon – Residencia de Washington" 219) Assim, tanto neste artigo como em muitos outros relativos aos EUA, *O Panorama* veiculou uma imagem profundamente favorável da república norte-americana e das figuras que se lhe encontravam associadas. Contudo, em nenhum momento se menciona que, à data da sua morte, o antigo Presidente albergava, na sua propriedade, mais de três centenas de afro-americanos escravizados, um número que ultrapassava largamente as necessidades efectivas de Washington, devendo-se à sua relutância em separar as famílias se os vendesse. No seu testamento, o antigo Presidente deixou expresso um pedido dirigido à sua mulher para que ela, antes de morrer, libertasse todos os escravos, excepto os muito novos, os muito velhos e os mais frágeis, os quais deveriam ser sustentados pelos seus herdeiros. Martha Washington (1731-1802), contudo, optou por libertar todos os afro-americanos de Mount Vernon, em 1800, dois anos antes de falecer. (Nevins e Graff s.p.)

Em suma, a nação norte-americana e os seus mais altos representantes afiguravam-se claramente notáveis aos olhos dos liberais portugueses, como se torna evidente através das imagens propagadas

em *O Panorama*. Esta visão idealizada encontra-se também patente na influência exercida pelos textos constitucionais norte-americanos nas Constituições e na Carta portuguesas, bem como nos artigos relativos a Stowe e à Guerra Civil. Este tipo de imagens laudatórias relacionadas com a república estado-unidense encontrava-se patente nas páginas do periódico desde a sua génese, já que, ao longo do tempo em que *O Panorama* foi publicado, foram inúmeras as peças que elogiaram personalidades como Benjamin Franklin²⁴ ou mencionaram, sempre em tom laudatório, os desenvolvimentos tecnológicos originários dos EUA.²⁵ A disseminação de representações deste cariz devia-se, muito provavelmente, ao facto de, como se pode ler no artigo “Uma Rua de Albany”, os EUA se revelarem, pelo menos aparentemente, “o modelo dos governos republicanos, e a demonstração evidente da bondade d’essas instituições”, (161) coadunando-se, assim, com as ideias liberais defendidas pelo periódico e facilitando a promoção do projecto ideológico liberal no território português. Tais imagens encontraram, junto do público luso, uma ampla projecção, pois, tal como se afirmou na introdução, o custo relativamente reduzido de *O Panorama* permitia que o periódico chegasse a um número bastante considerável de leitores, contribuindo para moldar a sua opinião.

Por conseguinte, não parece, de todo, accidental que, após décadas a representar de um modo marcadamente laudatório a América do Norte, enquanto “exemplo da [...] proficuidade” das “theorias” liberais, (“Uma Rua de Albany” 161) se omita a ordem escravocrata, então ainda vigente nos EUA, nos artigos alusivos a Stowe e que, nas peças relacionadas com a Guerra Civil, se afirme que o conflito havia nascido da vontade de abolir o sistema esclavagista. Ainda menos fortuito parece, se se recordar que “a erradicação da escravatura e do

24. A título ilustrativo, atente-se no artigo “Epitaphio de Franklin”, publicado em 21 de Abril de 1838, o qual era descrito como um homem “celebre” e “honrado”: “[t]odos conhecem Franklin, tanto pelos seus escriptos e descobrimentos physicos, como pelo seu amor da patria, e moral sem mancha”. (128)

25. Em “Aldêa illuminada por gaz”, de 28 de Agosto de 1841, descrevem-se os desenvolvimentos tecnológicos ocorridos numa região de New York, afirmando-se que “[o]s americanos dos Estados-Unidos não deixam perder a minima occasião de desenvolver a sua industria e tendencia economica”. (280)

seu comércio, condenados em nome dos valores humanistas e liberais”, se revelava “[a] grande causa filantrópica oitocentista”. (Serrão e Marques 165) De facto, reconhecer, aquando da publicação dos textos relativos à autora estado-unidense, que a ordem escravocrata continuava em vigor, mancharia, decerto de forma irremediável, a imagem modelar que se pretendia construir da América do Norte. Por outro lado, ao afirmar-se que a Guerra Civil havia sido despoletada pelo desejo de erradicar o sistema escravagista dos EUA conferia ao conflito um propósito superior, dificilmente condenável e em sintonia com os princípios defendidos pelos liberais portugueses.

Conclusão

Procurou-se, ao longo das páginas apresentadas, compreender por que motivo os artigos, divulgados em *O Panorama*, a respeito de Stowe não referiram a questão da escravatura e os relativos à Guerra Civil norte-americana, pelo contrário, optaram por não a omitir.

Assim, tentando responder à primeira pergunta de investigação enunciada – “Que imagens dos EUA foram veiculadas junto dos leitores de *O Panorama* em consequência de os artigos relativos a Stowe não mencionarem a escravatura e de os atinentes à Guerra Civil não a omitirem?” –, cumpre assinalar que o conjunto de peças sobre Stowe elogia a nação estado-unidense, relacionando-a com uma autora e uma obra consideradas notáveis pela luta contra a ordem escravocrata. O grupo de escritos sobre a Guerra Civil retrata a nação como “o modelo dos governos republicanos, e a demonstração evidente da bondade d’essas instituições”, (“Uma Rua de Albany” 161) justificando o começo do conflito com o desejo de erradicar a escravatura dos EUA. Assim, pode afirmar-se que estes textos adoptam uma atitude de mania face a Stowe e ao seu país. Com efeito, a “illustre auctora” fazia parte de “uma das famílias mais distintas dos Estados Unidos” e do grupo das “primeiras celebridades contemporaneas”. (“Henriquetta Beecher Stowe” 217) Os EUA constituem a gloriosa república fundada por Washington, (“Henriquetta Beecher Stowe” 217)

constituindo um exemplo modelar de um governo democrático. (“Uma Rua de Albany” 161) Por conseguinte, tanto Stowe como os EUA são representados como profundamente notáveis, por se haverem insurgido contra a escravatura, o que resultara, respectivamente, na obra *Uncle Tom’s Cabin* e na disputa fratricida.

Não obstante, na peça “Uma Rua de Albany”, *O Panorama* parece assumir uma postura caracterizável como de filia, nomeadamente quando se comparam as guerras civis portuguesa e estado-unidense. No excerto anteriormente citado, sublinha-se que “[a] república americana atravessou um período doloroso”, como atravessam todos os estados “quando no seu seio se levanta uma questão a que esteja ligada a sua existência política”. Frisa-se, em seguida, que “[q]uando uma monarquia absoluta se transforma em monarquia constitucional, ha lucta inevitavel” [...] ¿como não haveria uma lucta de gigantes quando se tentou abolir a escravatura n’um paiz cheio de força e de vitalidade?” (“Uma Rua de Albany” 161) Deste modo, parece estabelecer-se uma relação de paridade entre Portugal e os EUA, já que ambos, em defesa de valores indissociáveis dos ideais liberais, se depararam com um confronto armado.

Em relação à segunda pergunta – “Por que motivo *O Panorama* procurou esboçar tais imagens dos EUA e disseminá-las em Portugal?” –, a resposta parece residir no facto da nação norte-americana constituir, para os liberais portugueses, um exemplo notável e modelar de um governo democrático, promovendo, assim, o projecto ideológico liberal em contexto luso. Para os redactores e articulistas de *O Panorama*, periódico de cariz liberal, era importante veicular, junto dos leitores portugueses, uma opinião favorável da república estado-unidense. Consequentemente, admitir, aquando da publicação dos artigos sobre Stowe, que a escravatura, uma das causas filantrópicas fundamentais do século XIX, continuava a ser praticada em grande parte do território dos EUA, mancharia, decerto, qualquer imagem que o público tivesse (ou viesse a ter) da América do Norte. Na realidade, tal informação revelaria a hipocrisia da nação estado-unidense, como, aliás, o próprio Lincoln reconheceu num discurso proferido em Peoria, Illinois, em 16 de Outubro de 1854, onde afirmou que

abominava o sistema escravagista em vigor nos estados do Sul, pois permitia aos inimigos das instituições democráticas fazer troça da república norte-americana: “This declared indifference, but, as I must think, covert, real zeal, for the spread of slavery, I cannot but hate. [...] I hate it because it deprives our republican example of its just influence in the world, enables the enemies of free institutions with plausibility to taunt us as hypocrites”. (s.p.) Contudo, o problema já não se colocava após a Guerra Civil, podendo justificar-se o seu começo com o objectivo de pôr término à escravatura, desígnio que os portugueses dificilmente condenariam.

Finalmente, deve referir-se que embora a ordem escravocrata tivesse sido abolida com a ratificação da 13^a emenda da Constituição, em 1865, o seu legado permaneceu, até hoje, nos EUA. Com efeito, continuam a existir profundas disparidades entre os norte-americanos brancos e negros, ao nível do poder económico, do acesso à educação, da obtenção de cuidados de saúde, da atitude das forças policiais, entre muitos outros aspectos. Assim, o discurso proferido por Douglass, “What to the Slave is the Fourth of July?”, em 5 de Julho de 1852, em Rochester, New York, por ocasião do Dia da Independência, permanece profunda e dolorosamente actual. Convidado pela Ladies Anti-Slavery Society of Rochester para discursar no Corinthian Hall, Douglass afirmou que o dia 4 de Julho pertencia aos norte-americanos brancos e não aos negros²⁶ e apontou, com amarga exactidão, o carácter hipócrita de que a nação se revestia:

What to the American slave is your Fourth of July? I answer, a day that reveals to him, more than all other days in the year, the gross injustice and cruelty to which he is the constant victim. To him, your celebration is a sham; your boasted liberty, an unholy license; your national greatness, swelling vanity; your sounds of rejoicing are empty and heartless; your denunciations of tyrants, brass-fronted impudence; your shouts of liberty and equality, hollow mockery; your prayers and hymns, your sermons and

26. Nas palavras de Douglass, “This Fourth of July is *yours*, not *mine*. You must rejoice, I must mourn”. (1237)

thanksgivings, with all your religious parade and solemnity, are to him mere bombast, fraud, deception, impiety, and hypocrisy – a thin veil to cover up crimes which would disgrace a nation of savages. There is not a nation on the earth guilty of practices more shocking and bloody, than are the people of these United States, at this very hour. (1239)

Não obstante, os ideais expressos na Declaração de Independência, que influenciaram os liberais portugueses, alguns deles colaboradores de *O Panorama*, permanecem vivos, alimentando o sonho de que um dia os EUA, assim como o resto do mundo, venham a ser verdadeiramente livres e igualitários.

Obras Citadas

I) Fontes Primárias

- Anónimo. "Aldêa illuminada por gaz." *O Panorama*, no. 226, 1841: 280.
- Anónimo. "Brinde Offerecido a Mistress Stowe." *O Panorama*, no. 31, 1853: 245-246.
- Anónimo. "Epitaphio de Franklin." *O Panorama*, no. 51, 1838: 128.
- Anónimo. "Gallicismos." *O Panorama*, no. 7, 1837: 52-53.
- Anónimo. "Henriquetta Beecher Stowe." *O Panorama*, no. 28, 1853: 217-218.
- Anónimo. "Jorge Washington." *O Panorama*, no. 116, 1839: 228-230.
- Anónimo. "Miguel de Cervantes Saavedra." *O Panorama*, no. 42, 1853: 330-332.
- Anónimo. "Mont-Vernon – Residencia de Washington." *O Panorama*, no. 28, 1854: 217-219.
- Anónimo. "Ponte Natural na Virginia." *O Panorama*, no. 31, 1866: 244-245.
- Anónimo. "Uma Rua de Albany." *O Panorama*, no. 21, 1866: 461-462.
- Anónimo. "Scena d'Escravatura." *O Panorama*, no. 40, 1866: 317-318.

II) Fontes Secundárias

- Anónimo. "Review of *Uncle Tom's Cabin*." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 529-534.

- "Abraham Lincoln and Emancipation." *Library of Congress*, <https://www.loc.gov/collections/abraham-lincoln-papers/articles-and-essays/abraham-lincoln-and-emancipation/>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Ammons, Elizabeth. "Freeing the Slaves and Banishing the Blacks: Racism, Empire, and Africa in *Uncle Tom's Cabin*." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 603-616.
- . "Preface". *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. vii-x.
- Bercovitch, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison: University of Wisconsin Press, 1978.
- "Bill of Rights." *Britannica*. <https://www.britannica.com/topic/Bill-of-Rights-United-States-Constitution>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Brito, Ricardo de. "O Contributo d'O Panorama na Divulgação Histórica em Portugal no Século XIX (1837-68)." *Historiografia e Res Publica nos Dois Últimos Séculos*. Org. Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta, 2017. 337-352.
- Chevalier, Jean e Alain Gheerbrant. *The Penguin Dictionary of Symbols*. Trans. John Buchanan-Brown. London: Penguin, 1996 [1969].
- Coelho, António Borges. "Corpos Presos que Salvam Almas." *Senhores e Escravos nas Sociedades Ibero-Atlânticas*. Coord. Maria do Rosário Pimentel e Maria do Rosário Monteiro. Lisboa: CHAM – Centro de Humanidades, 2019. 11-16.
- Corbett, P. Scott *et al.* *U.S. History*. Houston: OpenStax, 2021.
- Correia, Rita. "O Panorama: Jornal Litterário e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis." *Hemeroteca Digital*. 23 de Novembro de 2012. <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Dicionariojornais/Textos/Panorama.pdf>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- "Declaration of Independence." *Britannica*. <https://www.britannica.com/topic/Declaration-of-Independence>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Dew, Charles B. *Apostles of Desunion: Southern Secession Commissioners and the Causes of the Civil War*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2016 [2001].
- Douglass, Frederick. "What to the Slave is the Fourth of July?" *The Norton Anthology of American Literature*. Ed. Robert S. Levine. New York: W. W. Norton & Company, 2016. 1236-1239.

- Frederickson, George M. "Uncle Tom and the Anglo-Saxons: Romantic Racialism in the North." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 478-487.
- "Fugitive Slave Acts." *Britannica*. <https://www.britannica.com/event/Fugitive-Slave-Acts>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Gossett, Thomas F. "Anti-Uncle Tom Literature." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 491-503.
- "Great Awakening." *Britannica*. <https://www.britannica.com/event/Great-Awakening>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Habich, Robert D. e Robert C. Nowatzki. *Research Guide to American Literature. Romanticism and Transcendentalism 1820-1865*. New York: Facts on File, 2010.
- "Harriet Beecher Stowe." *Connecticut Explored*. <https://www.ctexplored.org/harriet-beecher-stowe-the-most-famous-american/>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Hedrick, Joan D. *Harriet Beecher Stowe: A Life*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- Henderson, Mary C. "[Tom-Shows]." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 504-505.
- Holmes, George F. "Review of *Uncle Tom's Cabin*." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 518-528.
- Jefferson, Thomas. "Notes on the State of Virginia." *The Norton Anthology of American Literature*. Ed. Robert S. Levine. New York: W. W. Norton & Company, 2016. 711-720.
- . "The Autobiography of Thomas Jefferson." *The Norton Anthology of American Literature*. Ed. Robert S. Levine. New York: W. W. Norton & Company, 2016. 704-710.
- "Kansas-Nebraska Act." *Britannica*. <https://www.britannica.com/topic/Kansas-Nebraska-Act>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Land, Jeremy. "Lyman Beecher: Conservative Abolitionist, Theologian and Father." *Madison Historical Review*. 2009: [s.p.]
- Levine, Robert S. "*Uncle Tom's Cabin* in Frederick Douglass' Paper: An Analysis of Reception." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 577-590.
- . (ed.) *The Norton Anthology of American Literature*. Vol. A. New York: W. W. Norton & Company, 2016 [1979].

- Lincoln, Abraham. "Colonization." *Uncle Tom's Cabin & American Culture*. <http://utc.iath.virginia.edu/abolitn/abar03at.html>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- McDonald, Jeanne Gillespie. "Edward Beecher and the Anti-Slavery Movement in Illinois." *Journal of the Illinois State Historical Society*. Vol. 105 (2012): 9-35.
- Mendes, Ana Paula Coutinho. "Imagologia Literária: Contornos Históricos e Princípios Metodológicos." *Cadernos de Literatura Comparada – I. Para uma Crítica do Discurso Crítico: Narrativa Literária e Identidade*. Orgs. Maria de Fátima Outeirinho e Rosa Maria Martelo. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2000. 93-100.
- Moll, Nora. "Las Imágenes del 'otro': La Literatura Comparada y los estudios interculturales." *Introducción a la Literatura Comparada*. Org. Armando Gnisci. Barcelona: Editorial Crítica, 2002. 374-389.
- Monteiro, Ana Rita de Almeida Vieira. *Uma Polifonia de Vozes. Análise Comparativa de Duas Traduções Portuguesas de Uncle Tom's Cabin*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2017.
- "Nat Turner." *Britannica*. <https://www.britannica.com/biography/Nat-Turner>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- "Nat Turner's Rebellion." *National Museum of African American History & Culture. Smithsonian*. <https://nmaahc.si.edu/explore/stories/nat-turners-rebellion>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Nayar, Pramod K. *The Postcolonial Studies Dictionary*. Malden/ Oxford/ Chichester: John Wiley & Sons, 2015.
- Nevins, Allan e Henry Graff. "George Washington." *Britannica*. <https://www.britannica.com/biography/George-Washington>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Oregon Public Broadcasting. "Utopian Promise. Puritan and Quaker Utopian Visions 1620-1750." *American Passages: A Literary Survey*. Los Angeles: Annenberg Learner, 2003. 2-51.
- Petterson, Donald Rahl, et al. "Liberia." *Britannica*. <https://www.britannica.com/place/Liberia>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Rodrigues, E. "(O) Panorama." *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coord. Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. 404-405.
- . "Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis." *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coord. Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. 540.

- "Rudyard Kipling, 'The White Man's Burden' (1899)." *The American Yawp Reader*. <https://www.americanyawp.com/reader/19-american-empire/rudyard-kipling-the-white-mans-burden-1899/>. Consultado a 29 de Junho de 2023.
- Serrão, Joel e A. H. de Oliveira Marques (eds.) *Nova História de Portugal. Portugal e a Instauração do Liberalismo*. Vol. IX. Lisboa: Editorial Presença, 2002.
- . *Nova História de Portugal. Portugal e a Regeneração*. Vol. X. Lisboa: Editorial Presença, 2003.
- Simões, Maria João. "Cruzamentos Teóricos da Imagologia Literária: Imagotipos e Imaginário." *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*. Coord. Maria João Simões. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2011. 9-53.
- Stowe, Harriet Beecher. "Letter to the Abolitionist Eliza Cabot Follen." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 454-458.
- . *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994].
- Tengarrinha, José. *Nova História da Imprensa Portuguesa: Das Origens a 1865*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- "The Spirit of the Laws (1748)." *National Constitution Center*. <https://constitution-center.org/the-constitution/historic-document-library/detail/montesquieu-the-spirit-of-the-laws-1748>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- "'The White Man's Burden': Kipling's Hymn to U.S. Imperialism." *History Matters*, <https://historymatters.gmu.edu/d/5478/>. Consultado em 29 de Junho de 2023.
- Tompkins, Jane P. "Sentimental Power: *Uncle Tom's Cabin* and the Politics of Literary History." *Uncle Tom's Cabin*. Ed. Elizabeth Ammons. New York: W. W. Norton & Company, 2018 [1994]. 554-576.
- Torgal, Luís Reis e João Lourenço Roque (coords.) *História de Portugal: O Liberalismo (1807-1890)*. Dir. José Mattoso. Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- Varon, Elizabeth R. *Armies of Deliverance: A New History of the Civil War*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict

Miguel Ribeiro Pedras

(Instituto de História Contemporânea
da NOVA FCSH)

1. Introduction

In 1921, one year before the Marquis de Soveral passed away, the German ambassador Baron von Eckardstein, described in the *Sunday Times* (9 October 1921) how this Portuguese statesman prevented a war between the Germans and the British in Southern Africa in 1896. He revealed to the British readers a part of history that the Baron himself admitted to be completely unknown to the German and the British people – “the peace of the world lay in the hands of a single personality, who was none other than the Marquis de Soveral, then Foreign Minister in Portugal”. (*Ibidem*)

What would this war between Great Britain and Germany have been about? And how did a Portuguese man stop it?

The objective of this article is to answer the two previous questions. Our goal is not only to reconstruct the facts and political actions of the German Empire and Britain in the year 1896, but also to reflect on them. However, our main focus is to analyse the motivations and political and diplomatic actions of Luís de Soveral when faced with the potential of an armed conflict in South Africa, so close to the then Portuguese colony of Mozambique.

This article is based on papers in the Arquivo Histórico Diplomático (Historical and Diplomatic Archive) of the Ministério dos Negócios Estrangeiros (Ministry of Foreign Affairs of Portugal) and the *Diário do Governo* (official Portuguese Government's publication) corresponding to the years Luís Maria Pinto de Soveral held the position of Minister of Foreign Affairs (from 20th September 1895 to 7th February 1897).¹ The article is also supported by some secondary literature on the topic and newspaper reports of the time. Furthermore, glancing at the Portuguese and British historiography, we find this question insufficiently explored. Generally, it is not thought to deserve more than a simple footnote or is even completely forgotten. However, it has been possible, through a close reading of the sources and the bibliography, to uncover the complexities of this case.

2. Luís de Soveral: From the Embassy to the Ministry

The Portuguese Minister of Foreign Affairs was dead. Carlos Lobo d'Ávila died unexpectedly on the 9th of September 1895, (Graça 115) at only 35 years old. The duty to notify the foreign legations of the Kingdom of Portugal was laid on Hintze Ribeiro, President of the Council of Ministers: "It is with great sorrow that I write to you to inform that the Minister of Foreign Affairs, Counselor Carlos Lobo d'Ávila passed away tonight with *angina pectoris*." (Feijó 342) The following day, Hintze Ribeiro became acting Minister of Foreign Affairs,² adding this role to the Presidency and the Ministry of Finance. However, this responsibility would only last ten days. A discussion was held about the need to find a replacement for Carlos Lobo d'Ávila and "according to the newspapers, there were several candidates: António Feijó, Count of Macedo, Nogueira Soares and Bernardo Pindela". (Marques 125) The choice would eventually fall on the Portuguese Minister Plenipotentiary in London, Luís de

1. Cf. *Diário do Governo*, 21 September 1895 and 8 February 1897.

2. Cf. *Diário do Governo*, 11 September 1895.

Soveral, who was nominated by decree on the 20th of September. (*Diário do Governo*, 21 September 1895)

As he was leaving London, Soveral received a letter from the Prince of Wales, with whom he had forged a friendship. The future King Edward VII of Britain congratulated the new Minister, adding: "I deeply regret that it obliges you to leave Britain where you will indeed be missed by your many friends and admirers amongst whom I wish to be counted." (*Apud* Brook-Shepherd 63) In his letter, the Prince told Soveral that he wished his new role were only temporary and that he hoped to see him return soon to the Portuguese legation in London. (63)

In Britain, *The Times* newspaper published the news in a headline: "New Portuguese Foreign Minister", (21 September 1895) but without any significant remarks. In contrast, *Vanity Fair* magazine was more expressive when it came to saying goodbye. This publication's opinion was reported in a North Britain newspaper, *The Leeds Times*:

No doubt the appointment of M. de Soveral to the Secretaryship of the Foreign Office in Lisbon should be a good thing for our diplomatic future, but from a social point of view the ex-Portuguese Minister in London will be very greatly missed. He was a particularly grateful person in London Society, so that no great event was quite complete without him. He was also one of the Prince's [the future Edward VII] real friends. Altogether, it is perhaps hardly too much to say that M. de Soveral owes a good deal of his advancement to the known impression, both diplomatic and social, that he made in Britain. (5 October 1895)

Outside London, *The Devon and Exeter Gazette* newspaper mentioned that: "Senhor de Soveral had represented the interests of Portugal in London for many years and, during that time he gathered round him numerous friends, and when the exigencies of the political situation in Portugal called him to Lisbon he let it be clearly known that it would not be his fault if he was not soon back among us". (17 December 1895)

The importance of the social sphere in Soveral's life was evident and was stressed by the newspapers. However, when discussing

diplomacy *Vanity Fair*, apart from praising his social and diplomatic qualities, curiously suggests that Soveral's new role might be beneficial for Britain. As the magazine saw it, the Portuguese man, besides being friends with the then Prince of Wales, was considered a friend of the British Nation.

Soveral had been in London since 1885 and had led the Portuguese Legation since 1891. After 10 years of living in Britain, Luís Maria now left the capital where he had established strong ties and conquered his own space. According to Rui Ramos's biography *D. Carlos*, the Portuguese monarch "benefited from a special trump card: the friendship of Marquis de Soveral, whom he appointed to the position of Portugal's representative in London on the 12th of January 1891. This nomination that required 'a lot of work' from King Dom Carlos I of Portugal, had been a request from the Prince of Wales". (198) Additionally, in the book *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração* it is mentioned that the friendship between Luís de Soveral and the Prince of Wales "explains Dom Carlos's suggestion to Hintze Ribeiro, at the end of 1895, reminding him of Soveral for the role of Minister of Foreign Affairs". (Marques 377)

Was it really important for the United Kingdom to have a 'friend' as the Foreign Minister in Portugal? As for Portugal, what benefits could come out of it?

When he arrived at the Ministry, Soveral simply continued the work of his predecessor. He prepared and passed – through the Chamber of Deputies – a Convention of Commerce and Navigation with Russia, already signed by Lobo d'Ávila, and a commercial Declaration with the Netherlands was also approved.³ From Northern Europe, Soveral signed the treaty of commerce and navigation signed between Portugal and Norway, in Lisbon, on the 31st of December 1895.⁴ And, for the first time, "the provision for attaché positions was done through public exams". (Serrão 278) Anyone interested in the position had to show documents with "which they proved to have

3. Cf. *Diário do Governo*, 29 January 1896.

4. Cf. *Diário do Governo*, 20 April 1896.

completed a higher education degree in social sciences in a national or international school, and a document in which they proved to have an income no lower than 1:000\$000 reais." (*Diário do Governo*, 9 May 1896) But to be approved they still had to pass the public exams:

that will consist in a written translation of a French diplomatic memorandum, designated by the jury during the exam, to Portuguese; in a written translation of a Portuguese diplomatic memorandum, designated by the jury during the exam, to French; and in a written translation of a British or German documents, designated by the jury during the exam, to Portuguese. (*Ibidem*)

In this way, Soveral initiated a new generation of diplomats who were approved by public examination, forced to demonstrate their aptitude and to have "a higher education degree in social sciences". It was an attempt to put aside arbitrary choices and to give room for ability in Portuguese diplomacy.

The last months of 1895 and the first months as Minister for Soveral were, without a doubt, dedicated to the accords, treaties and legislation cited above, which were approved in the beginning of the following year. Entertaining foreign diplomats, exchanging correspondence, managing the national diplomatic corps and organising King Dom Carlos's trip to France, Germany and Britain in October 1895, were some of Soveral's other concerns.

In the beginning of the following year, in an opening session for the *Cortes Gerais* (Portuguese parliament), Dom Carlos outlined what the diplomacy of the year 1896 would be: a visit to Italy was put on the table and the commercial treaties were emphasised as a need for the Portuguese economy. According to the Portuguese King, these were possible due to a scenario of cordiality and friendship in Portuguese international relations.⁵

5. Cf. *Diário do Governo*, 3 January 1896.

However, it would be precisely in the first days of that new year that the Minister of Foreign Affairs would be tested with what would have been, on an international level, the biggest crisis that he would face as minister— stopping a war between the British and the German.

3. The Genesis of the Conflict: the Jameson Raid

On the 29th of December 1895, a military column formed by the men of the British South Africa Company – better known as the Chartered Company – crossed the border of the South African Republic (Transvaal) and charged towards the city of Johannesburg. Their goal was to take the city and start a revolution in the Boer republic. In order to do so, the man in charge of the military expedition, Leander Jameson, counted on the support of the uitlanders – name given to the British emigrants living in the Transvaal.

Since 1886, the discovery of gold fields in Johannesburg had attracted many European workers to the region, mostly British. The British community that had settled in the Transvaal had no political expression within the Boer government, but in growing numbers they had begun demanding the right to vote, to parliamentary representation, in sum, equal rights. (Costa 28) If obtained, this could lead to the end of the Transvaal Republic.

With the intention of hastening the end of the Republic, Jameson, a man close to and led by Cecil Rhodes, charged with about 600 men of the Chartered Company towards Johannesburg. To elucidate Soveral on the events, the Portuguese consul in Pretoria, Demétrio Cinatti, wrote to the Foreign Minister in Lisbon:

It was known that, for some years, the foreigners, especially those of British descent, residing in Johannesburg, were instigating independence ideas for that mining city, to ultimately turn it into a separated Republic.

It was discussed without the Government [of Transvaal] taking any preventive measures, which allowed the population to surreptitiously arm themselves. There were whispers that the revolution would burst in the

beginning of January of the current year, but not a lot of thought was put into that.⁶

As Cinatti wrote, the authorities did not pay any attention to the issue until “the man of the Chartered Company had passed the border, and were heading towards Johannesburg to help the rebellious.”⁷ The Jameson Raid, as it would be known in History, ended on the outskirts of Johannesburg, intercepted by the Boer army “where after a light battle”, the British military forces “were forced to surrender with the loss of more than seventy men”.⁸ The Portuguese consul summarised the denouement of the situation: “with the heroes of the Chartered Company arrested, the rebellion that I believed would be easily stopped was even less of a threat, as the victory of the [Boer] military column demoralized the rebels in Johannesburg and made them lose all hope.”⁹

However, even though the outcome was relatively simple and favourable for the Transvaal Republic, the repercussions of the raid were strongly felt in southern Africa and in Europe.

As soon as he learnt about the event, Luís de Soveral telegraphed his consul in Pretoria: “Inform me of the political situation there and if foreign subjects are in danger.”¹⁰ Cinatti replied that in Pretoria, the capital of the Boer republic, there was no danger, only in Johannesburg, in case the uitlanders’ uprising happened, would there be a bigger threat.

From London, the diplomat Cirilo Machado wrote to Soveral, predicting what might have really happened, in a letter where the words ‘Confidential’ and ‘Reserved’ stood out:

Your Honour knows Mr. Cecil Rhodes’s processes better than I. My conviction is that it is him who instigates the current unrest within the

6. Ministério dos Negócios Estrangeiros/Arquivo Histórico Diplomático (hereafter MNE/AHD), Consulate-General of Portugal in Pretoria, Transvaal (hereafter CGPP), Box 709.

7. *Ibidem.*

8. *Ibidem.*

9. *Ibidem.*

10. *Ibidem.*

uitlanders who up until this day were happy to go to Transvaal to make money and return to Britain without settling there, and who now call out for political rights which they never had nor sought for before. If they are successful, the Transvaal will practically become a dependency of Cape Colony and Rhodes will have taken another big step towards the accomplishment of his plans, which are undoubtedly the unification and ultimately the autonomy of Southern Africa under the supremacy of Cape Colony.¹¹

Cirilo Machado, the replacement for Soveral at the head of the Portuguese Legation in London, concluded adding the statement: "The British government attends to its traditional policy of letting the settlers off the leash while they invade and usurp, but still reserving the right to protect them, as their subjects, when they are down."¹²

The Portuguese consul in Pretoria seemed to share the same opinion, describing the feeling in the South African Republic towards the uprising attempt to Soveral:

The general opinion here is that it [the uprising] has long been prepared and secretly protected by Britain, with the Chartered Company as their instrument of action.

They want to say that Rhodes, and therefore, Great Britain, was clueless about Dr. Jameson's plans, the commandant of the military column that invaded the Republic's territory, seamlessly put together with trains, ambulances and war material.¹³

In fact, Cecil Rhodes, who became "the most powerful man in Africa" (Rotberg 214) and was known as an "empire builder", (3) was quick to deny any relation to Jameson's initiative. However, he would eventually admit to his participation in the Raid and step down from his role as Prime Minister of Cape Colony. According to Demétrio Cinatti, "Rhodes, forced to resign from his position in Cape Colony,

11. MNE/AHD, Legation of Portugal in London, Britain (hereafter LPL), Box 95.

12. *Ibidem*.

13. MNE/AHD, CGPP, Box 709.

received a fatal blow to the power he held in South Africa, and saw his dream of a better territorial union from Cape Colony to Zambezi falling apart."¹⁴

The United Kingdom readily expressed its repudiation and total ignorance of the events. The British Prime Minister, Lord Salisbury, was in fact oblivious to the plans to attack the Transvaal. The historian Andrew Roberts defends that even if he knew, he would have never allowed the Jameson Raid to happen. (Roberts e-book n.p.) Although he denied the British government's involvement from the start, Joseph Chamberlain, Secretary of State for the Colonies, is generally held as Rhodes's and Jameson's accomplice. Chamberlain may have encouraged the military action, but his involvement would be occulted by Rhodes (Clark e-book n.p.) who, by taking responsibility, would cover up for the Secretary of State. (Costa 29) But the politician did not wait for anyone's protection: "When the news of the *Raid* arrived London on Monday night of the 30th of December, Chamberlain acted quickly", ordering that the Colonial Office repudiated the events and intimating Rhodes that the Chartered Company "would be in danger if it was discovered – as he knew it would – that the Prime Minister of Cape Colony was involved." (Roberts e-book n.p.)

Meanwhile, Cirilo Machado and Demétrio Cinatti did not have any doubts pointing their fingers at Britain for Jameson's Raid. Cinatti stressed: "That Britain has its eyes on the Transvaal, I've had the honour of telling you [...] with the failure of this plan, Great Britain will act like a dedicated guardian to right its wrongs; but the idea will be rooted in the ambitious spirit of the British people and will manifest itself in successive crisis."¹⁵

Diplomats from other countries drew the same conclusions after the event. On the old continent there seemed to be no doubt about who was really responsible. (Clark e-book n.p.) It would be from Germany, however, that the strongest accusations would come – as well as the most dangerous consequences.

14. MNE/AHD, CGPP, Box 709.

15. *Ibidem*.

4. The Lion and the Eagle

Before delving into Berlin's reaction to the Jameson Raid, it is important to briefly understand the relations between England and Germany. About a decade before the Jameson Raid, on January 28, 1885, Luís de Soveral was sworn in as First Secretary of the Portuguese Legation in London. Soveral was arriving at the capital of a global empire, with territories on every continent and unchallenged domination of the seven seas. For England, the other side of the channel, France, was no longer the expansionist terrain of medieval times, and the rest of the world had taken its place, nor was it a danger to the hegemony of the old continent. After France was defeated by Germany in 1870, it was this new country, just over a decade old, that would come to stand shoulder to shoulder with the United Kingdom. In fact, Germany, unified in 1871 and led by Chancellor Otto von Bismarck, held a preponderant position in European politics in 1885, due largely to Bismarck's ability to build alliances. Three years earlier, in 1882, Germany, the Austro-Hungarian Empire and Italy had signed the treaty that formed the Triple Alliance, leaving the French Republic in an embarrassing isolation. In fact, this was precisely the German Chancellor's goal. After France defeat by the Prussian army in 1870, Bismarck always tried to ensure that France would never be strong enough to retaliate, whether through his policy of alliances or his benevolent support for French expansionism in Africa. (Milza 49) German policy had hitherto shown no interest in African territories and Bismarck preferred a French government occupied with North Africa rather than nostalgic about Alsace-Lorraine.

For its part, the United Kingdom seemed somewhat oblivious to all this, immersed in its isolationist policy. Not that it was asleep, but its interest in the European continent was limited to trying to preserve a balance between European forces, focusing almost exclusively on its overseas territories. The rivalry between the German eagle and the British lion that would mark the 20th century, and in which Soveral would also play a role, was not yet palpable. The clash of interests would only become apparent with the accession to the

throne of Wilhelm II of Germany and the removal of the historic Iron Chancellor. As a consequence of the deposition of Bismarck's *Realpolitik* and the adoption of Wilhelm II's *Weltpolitik*, in 1890, Germany's interests expanded beyond Europe. The aim was to grow from a European empire to a global one. However, there was one country that already held this status.

The Berlin Conference (1884-1885), which laid the foundations for the race for African territories by the European powers, can be seen as the embryo of Anglo-German rivalry, as since from that moment on Germany officially began its policy of occupying and conquering territories in Africa. However, the rivalry between these two powers does not fully reflect the complex diplomatic relations between them.

In both 1887 and 1889, Bismarck proposed to the British Prime Minister, Lord Salisbury, an alliance between the two empires. Although both proposals were rejected by the executive in London, Bismarck is reported to have said: "I see in England an old and traditional ally. No differences exist between England and Germany. I am not using a diplomatic term if I speak of England as our ally. We have no alliance with England. However, I wish to remain in close contact with England." (Massie 121) Between March and April 1898, Joseph Chamberlain, British Secretary of State for the Colonies, also sought an alliance with Germany, but failed (297-300). This did not prevent the British and the Germans from reaching a consensus in August of the same year and secretly signing an agreement stipulating that if Portugal requested a financial loan from England and Germany, the loan would have to be granted by both nations at the same time, and Portuguese colonial customs would be a guarantee for payment. In order to ensure greater control and extend its areas of influence and domination, England would be entitled to the revenues from the areas south of the Zambezi River in Mozambique and north of Angola, while Germany would receive the revenues from northern Mozambique, southern Angola and Timor. (Costa, "A Política" 14)

However, the rivalry existed, and the actions of German Kaiser Wilhelm II, following the Jameson Raid, would last as one of the first sparks of antagonism between England and Germany. This episode,

which we will focus on in the next few pages, was followed by the issue of naval rivalry, which began shortly after the event studied here, with Germany's decision to expand its navy, challenging British naval supremacy and leading to increased tensions between the two nations.

In 1904, the United Kingdom signed the *Entente Cordiale* with France and, in 1907, established the Anglo-Russian *Entente*. These agreements represented a significant change in British foreign policy, as the UK abandoned its historic isolationism and created the Triple *Entente* against the Triple Alliance, which united Germany, Austro-Hungary and Italy. In 1905 and 1911, diplomatic conflicts in which Germany challenged French influence in Morocco led respectively to the First and Second Morocco Crisis, which almost escalated into an armed conflict, and which once again pitted the Reich against England, which defended the French position. The growing alliances and rivalries in Europe would eventually lead these nations into the 1914-1918 conflict.

As the Portuguese writer Eça de Queirós describes, in a Europe in which "France fears Germany; Turkey fears Russia; Austria is contained by both; Italy needs the benevolence of all", (147) the press tempers and opinions were flaring. The events we are about to analyse were the lighting of a fuse. Even if it seems unlikely that the two powers would fight each other in that year of 1896, public opinion was inflamed and hatred and mistrust would remain for many years to come. And for at least one, the British Prime Minister Lord Salisbury, the chance of conflict was real.

5. Germany's Involvement: The Possibility of a War and Soveral's Resolution

On the 31st of December 1895, Eduard von Derenthal, the German Empire's diplomatic representative in Lisbon, received orders from his Government to request Portugal's permission for a German contingent heading to the Transvaal to disembark in Lourenço Marques. (Guevara 145) On the first day of 1896, the Viscount of Pindela, Portuguese

minister plenipotentiary in Berlin, telegraphed Soveral to inform him of the German initiative. He sent him a letter the following day:

As I said yesterday in the telegraph, Baron of Marschall¹⁶ called me to the Ministry of Foreign Affairs to disclose the reasons which led the Imperial Government to ask for, through their Minister in Lisbon, passage for a force of 50 men heading to Johannesburg from the warship anchored in Lourenço Marques. He asked me to telegraph you, to which I replied I would telegraph you what you have just heard and that due to the sensitivity of the matter I could not express my opinion, giving the subject the uttermost discretion.¹⁷

Germany justified their request as a necessity to protect the German subjects in the South African Republic. According to the German government, there were 15 thousand subjects and, naturally, financial interests potentially at risk. (Guevara 145) The intention was also to help the Transvaal Republic in case of another British attack. (Ramos 200) In the German press, the matter was exacerbated just as it was in other countries. "For days now newspapers from everywhere worry over Transvaal, condemning the British unrest in Johannesburg",¹⁸ revealed Pindela to Soveral.

In the Transvaal, the Government was preparing for an impending war: "This invasion was an alarm signal. Since then, the Republic has been overreacting, arming themselves with everything they have at their disposal, almost to the point of ridicule."¹⁹ While Marschall talked to Pindela in Berlin so German troops could reach the Boers' country, the Portuguese consul was also called to meet with the President of the Republic – Paul Kruger – in Pretoria:

On day 1 of the current year, President Kruger called me to request my knowledge of any weapons that might be located in Lourenço Marques, he

16. Adolf Marschall von Bieberstein, German Foreign Minister (1890-1897).

17. MNE/AHD, Legation of Portugal in Berlin, Germany (hereafter LPB), Box 11.

18. *Ibidem*.

19. MNE/AHD, CGPP, Box 709.

asked me if the Portuguese Government would oppose to the passage of the German and French troops through Lourenço Marques. My answer was that as far as this crisis was only internal and did not turn into an international conflict, and if the troops were only meant to protect their subjects, I believed my government would not object to it, but if his honor wished, I would telegraph you, which he declined, telling me that it was not necessary for now, but that he would want me to do so in case it became necessary.²⁰

France did not take any initiative to make it happen with Portugal. But Germany insisted, this time also with Cinatti: "The German consul asked me the same question, which I answered in a similar way."²¹

Soveral delayed his decision. Was there a risk in granting the Germans' passage through the Portuguese colony? The consul in Pretoria requested something similar himself when he wrote to Soveral that, "if Germany and France send their seafarers here, it would be appropriate for us to send some too, to defend the consulate that is, still, not in any danger."²² However, in a letter sent a few days later, the diplomat had changed his mind. He revealed to the Portuguese Foreign Minister that he told the German consul in Pretoria "that he thought any demonstration would be dangerous, as it would provoke the British to send more troops in proportional number to their residents, which could increase the growing unrest here against Britain."²³ From Berlin, Viscount of Pindela, although reluctant, communicated his judgement on the matter:

I regard Germany's request and attitude so grave that I do not dare to express my opinion on the subject. His Majesty's Government [of Portugal] knows how to protect the interests of the nation. Transvaal is a country that because of its treaty with Britain in 1884 does not possess a full independence [...] it is subject to Britain's protectorate. No one in Europe will fight

20. *Ibidem.*

21. *Ibidem.*

22. *Ibidem.*

23. *Ibidem.*

over Transvaal, but they can be humiliated in Africa and, if Germany can take control of Johannesburg, it will not hesitate to do it.²⁴

Soveral's position was complicated. His diplomats' opinion was certainly generalised – if a German army entered Transvaal, a British army would follow. Consequently, a war would follow. What if Portugal refused passage to Germany? Would they still disembark regardless of the Government's veto? The Viscount of Pindela warned about Germany's aspirations for Lourenço Marques (or Delagoa Bay, as it was known outside Portugal).²⁵ We can also speculate about the danger it would create for Portugal to have the German military crossing their territory that was so highly coveted by the German Empire. Did the Portuguese Government want to risk that? Britain's ambition was the same and widely known. Therefore, if an armed conflict started in the Transvaal, it could easily extend to the Mozambican lands, with severe losses for Portugal. "Nevertheless, on the 3rd of January, [German emperor] Wilhelm was determined when he met with his ministers where he demanded invasion forces and warships." (Carter e-book n.p.) The German government convinced the monarch not to use brute force, they reached an agreement; Wilhelm II of Germany would send a telegram to congratulate President Kruger:

I express my sincere congratulations that you and your people, without appealing to friendly powers for help, by dint of your own vigour, have been able to restore the peace against the armed hordes that invaded your country as disturbers of the peace, and to preserve the independence of the country against outside attacks. (Lepsius 31-32)

In Britain, where until then the British tried to deny any involvement and appease the relations with the Transvaal, a cry of discontentment arose towards the Kaiser's attitude. Queen Victoria, who during

24. MNE/AHD, LPB, Box 11.

25. Seen in the correspondence between the Legation of Berlin and the Portuguese Ministry of Foreign Affairs.

her speech in the State Opening of Parliament repudiated Jameson's actions saying that "My Ministers, at the earliest possible moment, intervened to prohibit, through the High Commissioner, this hostile action, and to warn all my subjects throughout Southern Africa against taking part in aid thereof".²⁶ Also assured "The origin and circumstances of these proceedings will form the subject of a searching inquiry."²⁷ However, after the telegram that her grandson and Emperor sent to Kruger, Victoria did not hold back on her scolding: "As your grandmother [...] I feel like I cannot help but express my profound regret for the telegram you sent to President Kruger", (Carter e-book n.p.) adding also that it constituted an insult to Great Britain.

As Pindela said, the German press was criticising Britain. After this telegram, it was the turn for the British press to attack Germany. The *Morning Post* asseverated that "the Nation will never forget this telegram and will always have it in mind in the future orientation of its politics". (Carter e-book n.p.)

Salisbury also knew about Germany's request to Portugal (Ramos 200) and the British government decided to act: "Britain is going to send 20.000 men to Southern Africa. And today's newspapers inform that nine British warships from Cape Colony and Zanzibar, received orders to go to Lourenço Marques, after the rumour that German naval forces were being sent there too."²⁸

Soveral was right in the middle of the growing animosity between Great Britain and Germany and had a difficult decision to make. However, with the accusations thrown around between Berlin and London, the perspective that a war could easily deflagrate was increasingly more obvious. Naturally, Portugal did not want that to happen, so Lisbon had to come up with a peaceful solution, and there were no doubts left about what to do about Germany's request.

On the 7th of January 1896, Luís de Soveral announced to Germany's minister plenipotentiary in Lisbon that the Portuguese

26. *Speech of the Crown to Both Houses of The Parliament*, 11 February 1896 (MNE/AHD, LPL, Box 95).

27. *Ibidem*.

28. MNE/AHD, CGPP, Box 709.

government would not authorise the disembark of German troops in Lourenço Marques. (Guevara 147) To appease the German ambassador, Soveral used his diplomatic skills. The Portuguese minister showed Derenthall a telegram from Lord Salisbury in which he declared Chartered Company's defeat and Jameson's arrest, he also disclosed the telegram from Demétrio Cinatti in which he assured there were no more dangers in the South African Republic. It was also argued that "Lisbon was fearful that the request would set a precedent, as a similar request had been made by the British in 1894, which had also been denied". (47)

The German government set the idea aside. But was it only the matter of the precedent that stopped Portugal from authorising the disembark? It seems obvious that it was not. As it was mentioned before, the consequences of an armed conflict could have led to the annexation of Lourenço Marques by one of the powers and Portugal was not prepared to fight a war against Germany or Britain to effectively protect or recover their possessions. On this matter, a British historian, Gordon Brook-Shepherd, said that:

In January of 1896, when relations between Britain and Germany were near breaking-point over the mounting crisis between Britain and the Boers in Southern Africa, Soveral nipped all ideas of German military intervention in the bud by announcing flatly that not one German soldier would be allowed to land at Portuguese Lorenzo Marques, the only sea-base from which a force from German East Africa could march inland. (63)

Brook-Shepherd pinpointed another reason for the Foreign Minister's decision: "Soveral's first thought in this was to help his British friends, but he may as well have prevented a European conflict in the process." (63) According to the historian, it was Soveral's friendship with Britain that made him avoid an armed conflict between them and Germany. As we saw before, Luís de Soveral was in fact a friend of the Prince of Wales and had conquered some admiration and affection in Great Britain, however it does not prove that the decision was taken with this in mind.

Four years later, Soveral told the German diplomat, Eckardstein, that he was in fact protecting both nations: "In regards to the refusal of passage to the German troops to the Transvaal in the year 1896, he [Soveral] thinks he acted both in the German interest as in the British interest, as even today [1900] he doesn't doubt for a second that allowing passage would have certainly led to an Anglo-German conflict." (Guevara 148)

In 1921, Eckardstein published a book with his memoirs from the time he lived in London (Eckardstein 85) and an excerpt about Soveral was published in the *Sunday Times* (9 October 1921). In his book, the German man asserted, as observed in the introduction, that "the peace of the world lay in the hands of a single personality, who was none other than the Marquis de Soveral, then Foreign Minister in Portugal", adding also that "Soveral, who saw clearly the danger to the peace of the world in the passage of German troops in such circumstances, returned a firm and flat refusal." (Eckardstein 84-85)

Eckardstein gives another interesting glimpse of the events, by publishing in the pages of his book, a conversation he had with Lord Salisbury about the incident, three years later. The British Prime-Minister told him: "what your Government was thinking about in wanting to send a few hundred men through Portuguese territory to the Transvaal is a complete puzzle to me. What could and would your Government have done there? At any rate, it was great luck that this coup did not come off, owing to Soveral's determined attitude." (85)

In addition to acknowledging Soveral's merit in this important question, Salisbury added to his opinion a curious point of view, revealing to the German diplomat the inevitability of war, in case Germany had entered the Transvaal, and the possibility of a European confrontation, similar to what would happen in 1914-1918: "War would have been inevitable from the moment that the first German soldier set foot on Transvaal soil. No Government in Britain could have withstood the pressure of public opinion; and, if it had come to a war between us, then a general European war must have developed." (Eckardstein 85) According to Salisbury's words, Soveral stopped what could have been a world war.

5. Conclusion

The war that did not happen, but could have happened, ended the peace that could have remained. The Jameson's Raid and the subsequent 'Kruger's Telegram case' delivered severe blows to the diplomatic relations between Great Britain and the German Empire, fueling public animosity on both sides. The Anglophobia that was germinating in Germany and the Germanophobia that was growing in Britain found its genesis in this episode and ended up having its repercussions in the First World War. (Rüger 587)

Remarkably, the resolution of this confrontation between titans was mediated and appeased by a Portuguese diplomat who held the position of Foreign Minister for only 18 months. While the exact outcome of the conflict is impossible to predict, it is highly likely that Soveral's actions played a pivotal role in preventing an armed conflict.

In this scenario, Salisbury's question seems very pertinent: What was the German government thinking about? Apart from the justifications given, the protection of their subjects and their economic interest, it is also known, as mentioned, their interest in the region and in the enlargement of the Empire. But, apart from that, the Germans had some loyalty to the Boers, a people with Germanic origins that had been attacked by a foreign power. (590) Another factor to take into consideration was Kaiser Wilhelm II's irreparably belligerent spirit, which was supported by the elite of the Empire. Their main goal was to stop Britain from dominating all of that region. However, at the time, Germany did not have enough naval forces to face the British navy (Vale 144) and on land they would come up against, as Demétrio Cinatti's letter described, a Cape Colony armed with men and ready for combat. An envoy from the British newspaper *The Daily News*, in Berlin, wrote some very interesting words about the German stance:

The fruitless attempt to land the famous fifty for the protection of the Consulate at Pretoria showed the German Government that their support of the Boers in case of need would have met with insurmountable difficulties. The speedy termination of the Jameson incident saved Germany from

getting into a very tight place. The Emperor congratulated President Kruger on having repulsed Jameson without appealing to friendly Powers. But what would Germany have done if the President had really asked for help? Platonic sympathy is all very well, but its effect is limited, and Germany has every reason to be glad that circumstances did not painfully impress this fact upon the Boers.

If even weak Portugal, as mistress of Delagoa Bay, was able to prevent Germany landing a force there, it is clear that the port in British hands would command the whole south-east coast of Africa.²⁹

Without a doubt, Germany's best ally was the quick resolution of the Raid and the imprisonment of Jameson, as well as, Portugal's prohibition of the disembarkation of the German contingent. As the reporter said, had President Kruger needed military aid, Germany would have been in a tight situation that could only result in great loss. This loss would extend to Britain too and perhaps Portugal. According to Salisbury, a war in Africa would have consequences in all of Europe. In Eckardstein's opinion, the German Empire put itself in a difficult situation, without even realising it. (86)

When it comes to Britain and their role in this conflict, it does not seem unreasonable to consider the opinion of the Portuguese diplomats. Even though the Prime Minister and the Crown were not aware of Cecil Rhodes and Leander Jameson's plans, had they been successful in instigating the revolution among the British emigrants in the Boer republic, Great Britain would have certainly taken the chance to annex part, if not the whole, of Transvaal. The argument of their subjects' protection and keeping the peace in the region would have probably been used to justify their actions to other powers. As Cirilo Machado wrote, "the British government attends to its traditional policy of letting the settlers off the leash while they invade and usurp, but still reserving the right to protect them, as their subjects, when they are down."³⁰

29. *The Daily News*, 26 February 1896.

30. MNE/AHD, LPL, Box 95.

We wondered before if there were any benefits for the United Kingdom in having a 'friend' as the Minister of Foreign Affairs in Portugal. In this situation, as we have shown, the British historian Gordon Brook-Shepherd states that it was precisely that friendship that spared Britain from a war. But was Soveral's anglophilia enough to favour them over Germany? Or was Soveral's decision meant to help both nations, as Soveral himself told Eckardstein?

At least two members of the British court left behind in their diaries testimonies that Luís de Soveral was not only an anglophile, but also a staunch Germanophobe. Princess Daisy Pless remembered him as being particularly revolutionary against Germany. (McLean 136) And Lord Esher, one of Soveral's friends, wrote in his diary about a dinner: "It was very pleasant. No reticences of any sort. Soveral violently hostile to Germany, as usual". (179) Taking this in consideration, the theory of Soveral's friendship with Britain seems more relevant, as on the other side of the trenches was his hated Germany. Also, the Portuguese government claimed they did not grant Germany's request because they did not want to set precedents, this was at least one of the premises given to the Imperial representative. If Portugal had agreed to the Germans' solicitation, similar requests of passage through Lourenço Marques would have certainly followed from Britain. However, it does not seem like this was the biggest problem, because as we would observe, a few years later, Portugal let the British troops pass through during the Second Anglo-Boer War. However, we cannot dismiss the possibility that, at the time, this could have been a compelling argument.

Nonetheless, it seems like Soveral's decision may have indeed been aimed at assisting two nations, but these were, assuredly, Britain and Portugal. If Soveral spared Britain from the struggle of war, he also spared Portugal from possibly losing Lourenço Marques, and, perhaps, the entire colony of Mozambique. Throughout the article, we reflected about the possible consequences that a positive response to Germany's request would have had. We believe that as long as the conflict remained between the Transvaal and Britain and as long as Transvaal was standing, Portugal had relatively little

to fear. For Portugal, the South African Republic worked like a 'wall' that protected Mozambique from the British ambitions of controlling Lourenço Marques. Meaning that as long as the Transvaal was between Cape Colony and Mozambique, the British had to solve that 'problem' first. Which, as we've seen, they tried to do. Nothing stopped the British navy from conquering Lourenço Marques and then heading to the Transvaal, but their military base was on the other side of South Africa and the Boer republic was precisely in the middle between Cape Colony and Mozambique, which forced a division of men and doubled the effort. We do not mean to say, however, with this that Portugal was completely risk free, it never really was.

Later, during the Second Anglo-Boer War, Portugal's support for Britain carried additional implications that were absent in 1896. This included an agreement stipulating that if Portugal decided to sell Lourenço Marques, it would exclusively sell it to Britain and no other power. (Ramos 200)

However, with Germany on the South African board, the war would take on unfathomable dimensions. Even though keeping Mozambique was a possible scenario, in all the other scenarios Portugal would lose the colony to the winning power – whether it was Britain or Germany. There was also the possibility of dividing the colony between both nations in a peace treaty that ended the conflict. But thanks to the Portuguese diplomats, ambassadors and consuls, led by Soveral's sound judgement and practical spirit, Portuguese diplomacy managed to erase all these nefarious options for Portugal.

Ironically, even though he 'saved the world' from a potential war, something Soveral could not predict happened two years after this incident, when, in fact, Germany and Britain celebrated a treaty in which they established the division of the Portuguese colonies between them, (Guevara 191-201) but that is a different story, one that Luís de Soveral and Portugal also had to handle and overcome.

Works Cited

I) Sources

Ministério dos Negócios Estrangeiros / Arquivo Histórico Diplomático (M.N.E./A.H.D):
Legação de Portugal em Berlim, Alemanha
Legação de Portugal em Londres, Inglaterra
Consulado de Portugal em Pretória, República Sul Africana

Press:

The Daily News
Diário do Governo
The Devon and Exeter Gazette
The Leeds Times
Sunday Times
The Times

II) Bibliography of Published Material

Brook-Shepherd, Gordon. *Uncle of Europe – The Social & Diplomatic Life of Edward VII*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

Carter, Miranda. *The Three Emperors: Three Cousins, Three Empires and the Road to World War One*. London: Penguin, Kindle Edition, 2009.

Clark, C.. *The Sleepwalkers: How Europe Went to War in 1914*. New York: Harper Collins, Kindle Edition, 2013.

Costa, Fernando. *Portugal e a Guerra Anglo-Boer: Política Externa e Opinião Pública (1899-1902)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

Eckardstein, Baron von. *Ten Years at the Court of St. James (1895-1905)*. London: Thornton Butterworth Limited, 1921.

Feijó, António. *Cartas a Luís de Magalhães*. Vol. I. Lisboa: INCM, 2004.

Graça, Mário Quartin. "Carlos Lobo d'Ávila". *Conversas no Turf em Torno de Os Vencidos da Vida*. Lisboa: Tribuna, 2008. 103-118.

Guevara, Gisela. *As Relações entre Portugal e a Alemanha em Torno de África: Finais do Século XIX e Inícios do Século XX*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006.

- Lepsius, J. (ed.) *Die Große Politik der europäischen Kabinette 1871-1914*. Vol. 11. Berlin: Dt. Verlag-Ges, 1923.
- Marques, A. H. de Oliveira, et al. *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração*. Vol. X. Lisboa: Editorial Presença, 2004.
- Marques, Paulo Lowndes. *O Marquês de Soveral: Seu Tempo e Seu Modo*. Lisboa: Texto Editores, 2009.
- McLean, Roderick R. *Royalty and Diplomacy in Europe, 1890-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- Ramos, Rui. *D. Carlos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.
- Roberts, Andrew. *Salisbury: Victorian Titan*. London: Faber & Faber, 2012.
- Rotberg R. I. *The Founder: Cecil Rhodes and the Pursuit of Power*. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- Rüger, Jan. "Revisiting the Anglo-German Antagonism". *The Journal of Modern History*. Vol. 83, n. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 2011. 579-617.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: A Queda da Monarquia (1890-1910)*. Vol. X. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.
- Vale, Álvaro Henriques do. *Do Mapa Cor de Rosa à Europa do Estado Novo*. Lisboa: Chiado Editora, 2015.
- Walker, Eric A.. "The Jameson Raid". *The Cambridge Historical Journal*. Vol. 6, n. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1940. 283-306.

The Influence of Contemporary Social and Political Factors on Portuguese Translations of Kipling's Poem "If": A Tentative Chronology (1910-1960)*

David Evans
(CETAPS)

-
- * This paper is dedicated to the memory of the poet and translator Landeg White. I first met Landeg when he came to Portugal thirty years ago. I was working at the British Council in Lisbon and one of the longest serving members the staff and Head of English Studies. Landeg had just arrived, was intending to stay, and was looking for a teaching job at one of the Lisbon Universities and wanted a few suggestions. He struck me immediately as an interesting case, a person who had travelled the world teaching from Trinidad to Malawi, and who, despite his vast experience, was willing to do anything, if it allowed him to write. He left me a couple of books of poetry which I promised to read when I got the chance. To be frank, after entertaining as host of well-known British authors from William Golding and Arnold Wesker to Malcolm Bradbury, David Lodge, Andrew Motion and Roger McGough with my BC Literature hat on, I was prepared to be disappointed. But, in fact, I was pleasantly surprised by Landeg's learned and witty verses and his fascination with the people he came across and the history of the places he had lived and worked in. So much so, in fact, that his was one of the first names which came to mind when we were organising "A Tribute to Wales" in Lisbon with the help of Peter Florence of the Hay-on-Wye Literature Festival. Landeg read from his own work – much of it set in Portugal, which allowed those present to see their own country through the eyes of this remarkable Welsh poet and humanist, who, though knowledgeable and respectful of history and tradition, also managed to reveal the humorous side of things they held dear. Landeg succeeded eventually in getting a job at Universidade Aberta which enabled him to travel into Lisbon a couple of days a week. At his home in Mafra he wrote several magnificent books of poetry and it was there that he finally found the peace and time to set out on an ambitious undertaking which few would even dare to consider, which he had apparently been planning since the time he taught in East Africa. His translation of *The Lusiads* by Portugal's national poet Luis Vaz de Camões was the first for half a century, the enterprise of a lifetime. Tenaciously, he stuck with it, finally managing to complete the work in 1997. Its publication as part of the Oxford series of World Classics was justly recognised by the *Times Literary Supplement* through the award of its Teixeira Gomes Prize for Translation. Later, remembering the struggles of future translators or students of translation, Landeg would publish his notes on his daily experience of searching for the appropriate form of expression, or rhyme, in a slim volume disarmingly entitled *Translating Camões, a Personal Record*. Lesser men would have preferred to hide behind the finished version – it was a gesture of great humility and generosity. After the triumph of *The Lusiads*, and a couple of books of poetry

In his autobiography *Something of Myself*, published shortly after his death in 1937, Rudyard Kipling (1865-1936) commented wryly on the “startling” success of his poem *If*, which, as he put it, had “escaped” from his book *Rewards and Fairies* and “for a while ran about the world”, being “printed as cards to hang up in offices and bedrooms; illuminated text-wise and anthologized to weariness”. He added that, by the time of writing, “twenty-seven of the Nations of the Earth [had] translated them into their seven and twenty tongues and printed them on every sort of fabric.” (146)

Astonishingly, in view of the profound changes in attitudes and moral codes which have taken place since Edwardian times, Kipling’s sermon-like eulogy of the supposedly masculine virtues of stoicism, determination and leadership is still popular today, over a century later. It is also, unquestionably, one of the most-translated, adapted and parodied pieces of poetry in the history of literature.

Written in 1895 and first published in 1910 in Kipling’s collection of stories, *Rewards and Fairies*, (175)¹ and that same year in *The American Magazine*, (715) (Fig.1)² the poem’s continuing appeal is apparent from the countless framed copies which are hung in schools and other public places around the world and from the many different versions to be found on the internet, recited by well-known

later, Landeg finally decided to hand in his doctoral thesis, probably because it no longer mattered to his academic career, and to set out on yet another epic challenge – translating Camões’ lyric poems for the first time in English, this time with a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation. It was again a triumph, published ten years after *The Lusiads* by Princeton University Press. Few could have done more to bring the work of the great Portuguese poet to the attention of English-speaking readers and it was fitting that, shortly after his death in 2017, the Portuguese Parliament should recognise his contribution to cultural relations between Portugal and Britain with a moving tribute, a unanimous vote of thanks and a minute’s silence in the presence of his widow, Alice. Over the whole of the time I knew him, Landeg was always ready to talk to audiences of students either about translation, his own poetry or his impressions of Portugal. No one was more generous with his time. He lectured on the work of Camões all over the world, from Goa to Princeton, and justly earned a reputation as true friend of Portugal whilst never ceasing to celebrate the land of his birth or the language in which he wrote so well. I can think of few who deserve to be more justly recognised for their contribution to Anglo-Portuguese Relations and to the literary scene of both Britain and Portugal and I write this belated personal tribute in the hope that Universidade Nova, perhaps together with the other institutions with which he worked, Universidade Aberta and Católica, will finally organise an International Conference bearing his name.

1. Significantly, the poem comes immediately after the story “Brother Square Toes”, the moral of which was that responsible leaders must act without fear or favour.
2. *The American Magazine* was published from 1906 to 1956.

 THE AMERICAN MAGAZINE

VOL. LXX

OCTOBER, 1910

No. 6



BY RUDYARD KIPLING

If you can keep your head when all about you
 Are losing theirs and blaming it on you;
 If you can trust yourself when all men doubt you,
 But make allowance for their doubting too;
 If you can wait and not be tired by waiting,
 Or being lied about don't deal in lies,
 Or being hated don't give way to hating,
 And yet don't look too good, nor talk too wise;

If you can dream and not make dreams your master;
 If you can think—and not make thoughts your aim,
 If you can meet with Triumph and Disaster
 And treat those two impostors just the same,
 If you can bear to hear the truth you've spoken
 Twisted by knaves to make a trap for fools,
 Or watch the things you gave your life to, broken,
 And stoop and build 'em up with worn-out tools;

If you can make one heap of all your winnings
 And risk it on one turn of pitch-and-toss,
 And lose, and start again at your beginnings
 And never breathe a word about your loss;
 If you can force your heart and nerve and sinew
 To serve your turn long after they are gone,
 And so hold on when there is nothing in you
 Except the Will which says to them: 'Hold on!'

Copyright, 1910, by Rudyard Kipling.

716

The American Magazine

If you can talk with crowds and keep your virtue,
 Or walk with Kings—nor lose the common touch,
 If neither foes nor loving friends can hurt you,
 If all men count with you, but none too much;
 If you can fill the unforgiving minute
 With sixty seconds' worth of distance run,
 Yours is the Earth and everything that's in it,
 And—which is more—you'll be a Man, my son!

Fig. 1 – "If" by Rudyard Kipling. *The American Magazine*. Vol. LXX, October 1910.

actors such as Douglas Fairbanks Jr.,³ Robert Morley,⁴ Dennis Hopper,⁵ Harvey Keitel,⁶ Michael Caine,⁷ John Hurt,⁸ or Kevin Spacey,⁹ as well as the scores of renderings offered by earnest gurus, educationalists and amateur “diseurs” in blogs or podcasts. Comparatively few have been recorded by women, undoubtedly due to the poem’s assumedly male-centred emphasis.¹⁰ Moreover, in view of Kipling’s well-known espousal of white supremacy – a notion which was largely taken for granted in Britain during Victorian times – it is no surprise that fewer still have been recorded by members of other ethnic groups.

It will be remembered that the inspiration behind the poem, which was published when Kipling’s son John was thirteen,¹¹ was the author’s friend, Leander Starr Jameson (1853-1917), the leader of the disastrous raid against the Boer Republic of the Transvaal which took place in the final days of 1895. Jameson, who had mustered a brigade of some six hundred volunteers with the intention of provoking an uprising of disenfranchised British “outlanders”, quickly surrendered when confronted by superior defending forces but was lionised by the British press which presented the humiliating defeat as a victory. Jameson was later handed over to the British authorities and tried and sentenced in Britain.¹² After spending only part of his 15 months sen-

-
3. Douglas Fairbanks Jr. (1909-2000) recited Kipling’s poem on the extremely popular Ed. Sullivan Show on December 1st 1957. See <https://www.youtube.com/watch?v=vmFQPz9Dk7c>
 4. Denis Hopper’s (1936-2010) reading of *If* on the Johnny Cash show on September 30th 1970, can be seen at: <https://veja.abril.com.br/cultura/conheca-se-o-poema-classico-de-rudyard-kipling/>
 5. Robert Morley (1908-1992) recited *If* on the Michael Parkinson retirement show in 1982. See https://www.youtube.com/watch?v=hAejmFrO_6Y
 6. Harvey Keitel’s (b.1939) version can be found at <https://www.youtube.com/watch?v=cqFZHyKyHiM>
 7. Sir Michael Caine (b.1933) begins his reading by saying that *If* is one of his favourite poems. See <https://www.youtube.com/watch?v=sqOgyNfH11U>
 8. John Hurt’s (1940-2017) recitation of *If* can be seen at <https://www.youtube.com/watch?v=SWjJFKnoqEM>
 9. Kevin Spacey’s (b.1959) reading can be seen at <https://www.youtube.com/watch?v=trV2ZVL7II>
 10. The version sung by Joni Mitchell (b.1943) in her album *Shine* (2007) constitutes a memorable exception, however. Her rendering of *If* can be found at <https://www.youtube.com/watch?v=SBuqy9oLISA>.
 11. Lt. John Kipling was killed at the Battle of Loos in 1915.
 12. “*If* is also a bitter condemnation of the British Government led by Lord Salisbury, and the duplicity of its Colonial Secretary Joseph Chamberlain, for covertly supporting Dr. Jameson’s raid against the Boers in South Africa’s Transvaal in 1896, only to condemn him when the raid failed.” Freelance journalist Geoffrey Wansell writing in the *Daily Mail*, February 16th 2009 at: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-1146109/The-remarkable-story-Rudyard-Kiplings-If--swashbuckling-renegade-inspired-it.html#ixzz3z7E43xne>

tence in prison, apparently due to ill health, he was released and later returned to South Africa. On the death of Cecil Rhodes in 1902, he took over the leadership of the Progressive Party and two years later was appointed Prime Minister of the Cape Colony. Jameson retired from politics in 1910, before the creation of the Union of South Africa and died seven years later. Kipling's friendship with the Jameson family is described in some detail in his autobiography.¹³

Over the years the verses have served as a support and source of inspiration for a wide range of political and social causes, some of which could not have been less dear to its author. Such was the case of one of the first translations, which was made by Antonio Gramsci (1891-1937), the Italian philosopher and Communist leader, who published his version in *Avanti!* in 1916 under the title *If – breviario per laici*. In view of the fact that Kipling was widely known as a leading advocate of British Imperial rule and the military power which enforced it,¹⁴ Gramsci felt the need to justify the translation in his prison writings, arguing that "Kipling's morality [was] imperialist only to the extent that it [was] closely linked to a specific historical reality [...] and that there [were] lessons in the poem for any social group struggling for political power."¹⁵ It was the virtues of "character, discipline and order" as expressed in Kipling's poem which appealed to Gramsci and which have attracted both those on the left and the right of the political spectrum who have since translated Kipling's poem.

In 1918, a free adaptation of *If* entitled "Tu seras un homme mon fils" was published by the celebrated French writer André Maurois

13. See Chapter VI of *Something of Myself*.

14. At the time, Kipling was the first English writer to be awarded the Nobel Prize for Literature (1907) and the youngest writer to that date. Six years before Gramsci's translation, the Italian literary critic Emilio Cecchi had published a study of Kipling's writing in *Rudyard Kipling* (Firenze: Casa Editrice Italiana 1910).

15. "Potrebbe, l'opera di Kipling, servire per criticare una certa società che pretenda di essere qualcosa senza avere elaborato in sé la morale civica corrispondente, anzi avendo un modo di essere contraddittorio coi fini che verbalmente si pone. d'altronde la morale di Kipling è imperialista solo in quanto è legata strettamente a una ben determinata realtà storica: ma si possono estrarre da essa immagini di potente immediatezza per ogni gruppo sociale che lotti per la potenza politica." (Gramsci, *Quaderni del carcere*, 402) Quoted in Alessandro Carlucci, "Between Two Worlds: Gramsci, Sardinia and the Early Italian reception of Kipling." ("Chivalry, Academy, and Cultural Dialogues. The Italian Contribution to European Culture". *Legenda. Italian Perspectives* 37. MHRA 2016)

(1885-1967).¹⁶ Unlike Gramsci, who had evidently gone to some lengths to remain faithful to the original, Maurois altered the sequence of the lines which make up the verses, while managing to retain the essence and appeal of the original poem. His adaptation of Kipling's advice to his son was an integral part of his first novel, *Les Silences du Colonel Bramble*, (137-138) an amusing and socially-realistic collection of sketches based on his experiences as an interpreter and liaison officer with the British Army in France during the Great War, which became an immediate success in his home country. The first of several editions of Maurois' novel in English, *The Silence of Colonel Bramble* (1919) was published in the following year but, like those which followed, it did not include Kipling's poem, almost certainly due to copyright issues. Maurois' adaptation soon became the most popular version of the poem amongst French-speakers and is still reproduced and recorded in Francophone countries today.

The first Portuguese translation of Kipling's poem, and, in fact, one of the earliest to be published anywhere, was made by the author and journalist Paulo Mendes Osório (1882-1965), the Paris correspondent of the Lisbon daily *O Século* and its popular illustrated magazine *Ilustração Portuguesa*. A former editor of the *Diário Ilustrado*¹⁷ and a trusted aide of João Franco, one of the last Prime-Ministers of the Monarchy, Osório moved to France in 1911, undoubtedly due to the change of regime in Portugal, and in 1913 was appointed the first director of *O Século's* new office in the capital.¹⁸ Osório's version of *If* accompanied his brief report from Paris entitled "A Biblia da Energia", dated December 8th 1916, which announced the publication in the following day's *Le Figaro* of a translation "que pode bem

16. André Maurois was the *nom-de-plume* of Emil Herzog. He adopted it as his real name in 1947.

17. A daily newspaper which conveyed the views of the Regenerador-Liberal faction during the Monarchy.

18. Paulo Osório was the author of several essays on Camilo Castelo Branco and published a biography entitled *Camilo. A Sua Vida, o Seu Génio* in 1908. He also published two volumes of chronicles, *Liçboá* (1908) and *No Fado* (1911); a novel, *História de um Morto* (1914), and a study of Portugal's role in the war entitled *Le Portugal et la Guerre*, translated by Philéas Lebesque (1918). In addition to his work as a newspaper correspondent he was the Press secretary at the Portuguese Embassy for three decades after 1920 and, at the same time, the editor of the Paris-based newspaper *Paris-Notícias*, which was published from June 1921 onwards, in French.

dizer-se de circunstancia [...] d'uma obra prima [...] do grande poeta e romancista Rudyard Kipling [...]. His translation, which might also be described as "de circunstância", read as follows:

Se podes conservar a tua cabeça, quando todos em redor de ti
tiverem perdido a d'eles e disserem que foi por culpa tua,
Se podes contar contigo quando todos de ti duvidem,
e encontrar mesmo desculpas para essa dúvida,
Se podes esperar sem que a espera te fatigue,
Se, vivendo no meio de mentira, não sabes mentir,
Ou, sendo odiado, não tens a fraqueza tu mesmo de odiar.
Se, contudo, nem parecees demasiado sensato nem demasiado bom,

Se podes sonhar sem que teu sonho te domine,
Se sabes pensar sem fazer do pensamento o teu fim [...]
Se, encontrando o Triunfo e o Desastre,
Tratas os dois impostores d'um modo igual,
Se podes suportar, ouvir a verdade que tu próprio disseste,
Mascarada por laçaios para fazerem dela uma armadilha para doidos
Se podes ver quebrarem-se as coisas a que consagraste a vida,
E, abaixando-te, reconstruí-las com os instrumentos usados;

Se podes fazer um bloco de todo os teus ganhos,
Arriscal-o n'um só golpe de fortuna,
Perdel-o, e tudo recomeçar pelo começo
Sem nunca dizer uma palavra sobre a perda que sofreste,
Se podes forçar o teu coração, os teus nervos, os teus músculos
A servirem-te muito tempo depois de os teres usado
E de tal modo aguentar-te quando só tiveres em ti
A Vontade que diz ao resto; Aguenta-te,

Se podes falar às multidões e conservar a tua virtude,
Conversar com os reis e conservar o senso-comum
Se um amigo te não pode ferir nem um inimigo,
Se todos os homens contam contigo mas nenhum demasiado,

Se podes preencher o minuto que não perdoa,
 Com sessenta segundos que valham a distância corrida...
 Então a terra pertence-te e tudo que ela encerra,
 E, o que vale mais, tu serás um homem, meu filho.¹⁹

The two translations were published against the backdrop of the Great War, and the prominent positioning of Kipling's verses on the front page of *Le Figaro* was clearly intended to serve as a tribute to the heroism and stoic resistance of the French defenders at the Battle of Verdun, which was mercifully entering its final tragic throes.²⁰ The anonymous author began with praise for the poem and its message: "elle respire une si forte virilité et contient tant de nobles formules bonnes à être méditées dans le temps présent, que nous croyons devoir mettre ce chef-d'oeuvre sous les yeux de nos lecteurs [...]" ("Au jour le jour. Si". *Le Figaro*, December 9th 1916, 1) adding that as far as he knew, it had not been translated before in France.²¹ In fact, the translation in *Le Figaro* preceded André Maurois' now-famous version by over a year and, like Paulo Osório's pioneering translation into Portuguese, has hitherto gone unnoticed.

In an ironic twist of fate, Osório's translation would serve as a source of encouragement and inspiration to one of the outstanding figures of the Republican regime – the leading radical politician and former Prime Minister, Afonso Costa, who revealed in a private note written at the Versailles Peace Conference that he had kept the

-
19. The translations into Portuguese which are commented in this study are reproduced in the Appendix, as is the first French translation of the poem. The only exception is Paulo Osório's version, published in the body of the paper. A few days before, Osório had published an article entitled "Os Ingleses em França" praising Britain's war effort in a special edition of *Ilustração Portuguesa* dedicated to "A Força Indómita da Nobre Albion ante a Bárbara Alemanha." He ended with the following words: "Em toda a parte onde tem combatido juntos a harmonia entre o soldado francez e o inglez é perfeita. E essa harmonia não será menos completa – estou bem certo – quando houver a mais um portuguez." (*Il Série*, no. 562, November 27th 1916)
20. The Battle of Verdun was the longest of the First World War and one of the most costly in history, with at least 700,000 casualties. Recent calculations suggest the true figure may have been considerably higher. The battle, which lasted from February 21st to December 18th 1916, later came to symbolise the determination and resistance of the French armed forces.
21. It is possible that one of the two editors, Alfred Capus or Robert de Flers, may have made the translation, perhaps hurriedly, due to the pressures of reporting on the war and hence may have preferred not to claim authorship.

newspaper cutting with the poem at his side throughout his imprisonment during the Sidónio Pais dictatorship.²²

Surprisingly, given the proximity of the First World War, in which soldiers from Britain and Portugal fought side by side; Portugal's own empire in Africa and the Orient; and the traditional cultural links between the two "ancient allies" – factors which might have been expected to draw publishers and translators to Kipling's writing, a whole generation would go by before his novels were published in Portugal and a new version of *If* appeared.

Contrasting with this apparent lack of interest, the austere moral advice offered in Kipling's poem led to the appearance in Brazil of two translations in 1923 and to their official distribution to schools for display. The first translation was included in an article occupying several columns on the front-page of the popular Rio de Janeiro daily *O Jornal*, on February 1st, 1923.²³ Entitled "O Ideal Humano de Kipling", it was written by the politician, academic, historian and lay member of the Franciscan Order, Mesquita Pimentel (1893-1978)²⁴ who began by affirming that Brazilian literature would benefit greatly if Kipling's stories were better known, "emprestando-lhe tintas mais vivas e infundando-lhe mais vigor moral".²⁵ At the same time as demonstrating a profound knowledge of Kipling's work, a

-
22. Afonso Costa was imprisoned on December 8th 1917 and on his release left for exile in Paris returning a few weeks after the assassination of Sidónio Pais on December 14th 1918. A card written by Costa, accompanying a cutting of Osório's article, with the heading "Conférence de La Paix. Delegation Portugaise", mentions that he had kept it with him whilst in prison between December 1917 and March 1918. Costa was Portugal's head of delegation at the Peace Conference, which took place between March 12th 1919 and the Treaty of Versailles which was signed on June 28th 1919. See Arquivo Mário Soares. DFC. Documentos Afonso Costa. Pasta: 07218.054. "A Bíblia da Energia de Rudyard Kipling*". The cutting which accompanied Afonso Costa's card has been altered by hand at the point indicated by the asterisk to read: "a sua finalidade".
23. It was also distributed to schools by the Dept. of Education of the Distrito Federal, presumably for framing and display. See Vianna, *O sebre poema If de RUDYARD KIPLING e várias versões e diversões*, 1954.
24. In 1943, Mesquita Pimentel published a study entitled *Alguns estudos de literaturas estrangeiras* (Petrópolis: Ed.Vozes) which began with an essay entitled "O Ideal Humano de Kipling" as in the newspaper. Profoundly conservative, the author was the founder of the Historical Society of Petropolis, wrote several books which were inspired by Catholicism, and became the first Dean of the Law Faculty at the Catholic University of Petropolis.
25. He mentions that not even the French translations of Kipling's works by Louis Fabulet (1862-1933) were well-known in Brazil. Fabulet had been awarded the Langlois prize for his translation of *The Jungle Book* in 1901 by the Academie Francaise.

decade before the first translated novels appeared in Brazil,²⁶ the writer emphasised that the importance of the poem was not merely due to its aesthetic qualities but to its message and its potential contribution towards the improvement of the health, physique and “moral fibre” of Brazilian youth, an idea which he set out in the following terms:

A educação é, no fundo, o factor principal do destino humano; se ela fôr energicamente orientada para um alvo definido formará seres robustos e bem equilibrados como os heroes inglezes de Kipling, que a história confirma, se, ao contrário deixar-se frouxamente arrastar-se pela linha do menor esforço, só produzirá indivíduos enfezados, indolentes, falsos, predestinados à submissão como os hindus que os livros de Kipling retratam [...]. (1923, 1)

Mesquita Pimentel went on to voice reservations regarding his own translation,²⁷ whilst expressing the hope that he had managed to convey to his readers:

a severa emoção, o ardor quasi religioso, e o largo, profundo sopro de ambição que anima esse curto e sugestivo poema [...]. Traduzo-o adiante – embora considere uma péssima empresa transferir versos de uma língua para outra, e, peor ainda, reduzil-os a prosa – porque vale a pena entender o seu sentido ainda que desacompanhada da sugestão do seu rythmo especial, cadenciado e ondulante. (*Ibidem*)

26. However, translations of Kipling's short stories or excerpts from his novels began to appear in periodicals a decade before the first translated books were published in Brazil. The weekly literary journal *FonFon*, for example, published Kipling's story “A Dança dos Elefantes” on April 28th 1923. Monteiro Lobato published his own translation/adaptation of *Mowgli, o Menino-Lobo* in 1933 and *Jacald, o Crocodilo* in 1934, and a translation of *Kim* by Batista Pereira also appeared in 1934. In Portugal the first translation of one of Kipling's novels seems to have appeared in 1936. The translator was Paulo Braga who was known for his books on Timor. *O Homem que quis ser Rei* (1936?) was followed by António Sérgio's translation of Kipling's *Captain's Courageous (Lobos do Mar)* which is undated but carries on its cover a reproduction from the Hollywood film version, which suggests it must be post-1937. It is quite conceivable that other translations may have been published elsewhere in the Portuguese-speaking world.

27. Mesquita Pimentel modestly describes his prose version as a “tradução canhestra”.

He concluded by emphasising what he identified as the principal lesson to be drawn from Kipling's books:

Elles nos ajudarão a compreender e admirar a beleza dos corpos sadios e as almas fortes, das actividades orientadas por ideaes profícuos à collectividade e nos lembrarão a necessidade que tanto esquecemos de prover, na família e nas escolas á educação moral da nossa mocidade, afim de capacitá-la para a tarefa – que iniludivelmente cabe a cada cidadão – de tornar o nosso paiz forte, autónomo, independente, pelo valor dos seus filhos, e igual aos maiores da terra. (*Ibidem*)

Mesquita Pimentel's translation was reprinted, later that same year, in a manual entitled *Postillas Pedagógicas*, which was written by Elpídio Pimentel (1894-1971) for teachers of primary-school pupils with learning difficulties.²⁸ The author, who began editing the influential, twice-monthly literary magazine *Vida Capichaba* in his home state of Espírito Santo also in 1923, took advantage of the opportunity to introduce a number of minor alterations to the original translation.²⁹ In addition to his pioneering work in the field of special education, Elpídio Pimentel was well-known as a local historian, and was a prominent member of the Academia Espírito-Santense de Letras and the Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

A second translation, perhaps better described as a free adaptation in verse³⁰ also appeared 1923 in a primer for teachers entitled *Ensinar a Ensinar*, a collection of essays published in Rio de Janeiro by the remarkable polymath Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947),

28. The translation is published in Elpídio Pimentel, *Postillas Pedagógicas* (1923, 767). See Monticelli, "Elpídio Pimentel e o anúncio de uma educação especial no ano de 1923 no Espírito Santo". *Caderno eletrônico de Ciências Sociais* (Vitória, v. 3, n. 2, 2016, 81-93). The date of publication of Mesquita Pimentel's translation in *O Jornal* is given erroneously as 1922.

29. Including a spelling update and alterations to punctuation but also one or two minor contributions of his own.

30. Afrânio Peixoto's version is divided into seven four-line stanzas, for instance, whereas Kipling's original has four eight-line stanzas. An undated copy, possibly printed much later, which is annotated by hand as "edição do Inst° de Educação" and is almost certainly a version for framing for distribution to schools, is held by the National Library of Brazil and is available online at: http://acervo.bn.digital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=4508

professor of Legal Medicine, politician, novelist, literary historian and educationalist.³¹ The author, who was elected to the prestigious Academia Brasileira de Letras in 1910, became its President that same year. A Lusophile and a renowned expert on Camões, Afrânio Peixoto was later distinguished in Portugal for his literary and scientific achievements and was awarded honorary doctorates by the Universities of Coimbra and Lisbon. He was also elected to the Portuguese Academia de História and the Academia de Ciências de Lisboa.³²

At the time of the translation, a debate dating from the final decades of the 19th century was raging in political and scientific circles as to how far the future success of Brazil as a nation depended upon its racial composition.³³ Though later defending the idea that the cause of the nation's "backwardness" was due to the absence of adequate sanitary and hygienic measures rather than to miscegenation, as others suggested, Afrânio Peixoto³⁴ also argued that black immigration would delay by decades what he saw as the inevitable assimilation and gradual disappearance of non-white characteristics in Brazil.³⁵ Afrânio Peixoto's ideas on race were inspired by eugenic theories which were popular in many countries at the time, even amongst scientists, and it seems reasonable to infer that his interest in Kipling and the desire

31. See Peixoto, *Ensinar a ensinar; ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional* (Rio de Janeiro, 1923). Republished as vol. 28 of the *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, by the Companhia Editora Nacional in 1937. A resumé of Peixoto's achievements and publications in the areas of medicine, education and literature is available at: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/julafpeix.htm>

32. Profoundly conservative and influenced by the image of success which was disseminated by the Estado Novo regime in the thirties, Peixoto was inspired to write a tribute to Salazar on the occasion of the Lisbon independence commemorations in 1940: "Achou-se o 'homem' capaz, achou-se um dirigente digno [...]. Entendemos, como diz Shaw, esse problema de civilização, que é a escolha de um dirigente [...]. Como será; como deve ser, como obtê-lo? Para nós, agora, acertamos. Bem haja Salazar!" (Peixoto, "Oliveira Salazar", 1940)

33. See Santos, *Retrato e Diagnóstico do Brasil: os Sertões na Obra de Afrânio Peixoto (1910-1947)*, 2012.

34. Afrânio Peixoto was a "Deputado Federal" between 1924 and 1930.

35. In support of a proposal by Fidélis Reis to limit Asian immigration, prohibit black immigrants and encourage white immigration: "É neste momento que a América pretende desembaraçar-se do seu núcleo de 15 milhões de negros no Brasil? Quantos séculos serão precisos para depurar-se todo esse mascavo humano? Teremos albumina suficiente para refinar toda essa escória? Não bastou a Libéria, descobrimos o Brasil?" (*Anais da Câmara*. Session of December 23rd, 1923, 383-384) Fidélis Reis represented Minas Gerais in the Federal Assembly. For more on the ideas which prevailed at the time on the hereditary ill supposedly introduced by immigrants of different races, see Ramos, "Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20", 1996, 59-82.

to disseminate the advice contained in his poem may have been due as much to his identification with such ideas as to his admiration for the author's literary talents.³⁶

Four years after the first translations appeared, Rudyard Kipling made a widely-publicised visit to Brazil and described his favourable impressions in a series of articles entitled "Brazilian Sketches" in the *Morning Post*³⁷ which were later reviewed in the Rio daily *O Jornal*.³⁸ Though his reputation had already reached Brazil by the time of his visit in February and March 1927, the reception given in Kipling's honour by the Academia Brasileira de Letras³⁹ did much to draw attention to his writing and was one of the factors which contributed towards the translation of his works in Brazil in the years that followed. Several years went by, however, before new versions of *If* were published in Portuguese, and their publication was probably precipitated by other, more immediate factors of a social and political nature.

A translation of *If* by Judas Isgorogota (1898-1979) was published in 1936,⁴⁰ and two others by António Alcântara Machado (1901-1935) and Guilherme de Almeida (1890-1969) in 1938. Curiously, all three of the authors played active roles in the Constitutionalist Revolution of 1932 – the armed uprising of the state of S. Paulo against the "Provisional Government"⁴¹ of Getúlio Vargas (1883-1954) –, and it is tempting to surmise that, consciously or otherwise, the translators

-
36. The idea of white supremacy underpins Rudyard Kipling's poem "The White Man's Burden: The United States and The Philippine Islands, 1899" which first appeared in *McClure's Magazine* on February 12th, 1899 and also, simultaneously, in *The Times*. The first verse of Kipling's poem reads as follows: "TAKE up the White Man's burden/ Send forth the best ye breed/ Go bind your sons to exile/To serve your captives' need;/To wait in heavy harness/On fluttered folk and wild –/Your new-caught sullen peoples, /Half devil and half child."
37. The articles appeared in the *Morning Post* between November and December, 1927, at the same time as in the American journal *Liberty*, and in *O Jornal* from December 27th 1927.
38. Translated by Pinheiro de Lemos (text) and Geir Campos (poems), Kipling's articles appeared in book form in Brazil 50 years after his visit. See Kipling, *Cenas Brasileiras – um Documento Inédito – a Presença de Kipling no Brasil*, 1977.
39. The reception was held on February 3rd 1927. The diplomat and Modernist poet Ronald de Carvalho was asked by the Brazilian Foreign Ministry to accompany Kipling. Carvalho was one of the Directors, together with Luís de Montalvor, of the famous Luso-Brazilian literary magazine *Orpheu*, launched in 1915.
40. Judas Isgorogota was the pen-name of the journalist Agnelo Rodrigues de Melo.
41. Vargas' "Governo Provisório" lasted from 1934 to 1937.

associated Kipling's references to stoicism and tenacity with their experiences of the ill-fated rebellion, which was finally defeated after a three-month struggle against overwhelming Federal forces. Despite the tragic loss of life, the revolt was not entirely in vain, as Vargas was forced to accept some of the rebels' demands including a Constituent Assembly and a new Constitution, which was celebrated in 1934. Sadly, however, the new political regime was overthrown in 1937 in a coup promoted again by Getúlio Vargas, whose so-called "Estado Novo" dictatorship replaced the previous Constitutional regime.

Evidence of Judas Isgorogota's unequivocal commitment to the S. Paulo rebellion is displayed in his patriotic marching song "Canção das Bandeiras", which was dedicated to the soldiers and volunteers fighting against the Federal troops and printed alongside Carlos Pagliuchi's musical score in the popular newspaper *A Gazeta*, at the start of the uprising.⁴² Isgorogota's verse translation of Kipling's poem was included in his poetry collection *Recompensa*,⁴³ which was published four years later in S. Paulo, with introductions by the well-known writers Monteiro Lobato and Rodrigues de Abreu. The following year *Recompensa* was reviewed by the literary critic of the *Jornal de Brasil*, Múcio Leão, who, along with other poems from the same anthology, illustrated his article with a reproduction of Isgorogota's translation of *If*, which he called "o conselho da moralidade, a boa palavra de orientação sadia". ("Registro Literário. Judas Isgorogota", April 9th 1937, 6)⁴⁴

A well-crafted verse translation of Kipling's poem by the lawyer, journalist, politician and poet António Alcântara Machado

42. See "Canção das Bandeiras; aos braves soldados do Brasil, defensores de S. Paulo. Musica de Carlos Pagliuchi. Versos de Judas Isgorogota". *A Gazeta*, July 22nd 1932. Isgorogota wrote for the *Gazeta* newspaper between 1929 and 1969 and was responsible for the "Página Literária" for 20 years. He was also the first editor of the famous *Gazeta Juvenil*, the first magazine specifically written for children.

43. See Isgorogota, "Si". *Recompensa*, 1936, 57. I am grateful to Herman Lepikson a descendant of Judas Isgorogota for his valuable assistance in my research on the poet.

44. Commenting on Rodrigues de Melo's nom-de-plume, Leão wrote: "Judas Isgorogota...que nome! Parece o pseudonimo trocista de um sujeito que deseje a todo transe fazer graças. E é difícil imaginar um tal nome pronunciado com aquele respeito e aquela seriedade que os autores das grandes obras de arte merecem. É contudo, o poeta que usa um tal nome, um dos seres mais caros de sensibilidade e de finura, mais cheios de delicadeza na sua emoção, que presentemente existem na literatura brasileira!" (*Ibidem*)

(1901-1935) was published posthumously, in the December 1938 edition of *Aspectos*, a monthly cultural magazine.⁴⁵ Alcântara Machado had been elected to the Brazilian Academia de Letras in 1931 and despite the fact that his literary production and a possible future career as a politician were both cut short by his untimely death in 1935,⁴⁶ he is still remembered today for his contribution to the modernist movement,⁴⁷ his prolific production as a journalist, and his stories vividly set in the Italian quarters of São Paulo. Like Isgorogota, Machado was a staunch supporter of the São Paulo uprising and supervised the radio station Radio Sociedade Record – “a voz de S. Paulo” during the rebellion. Machado’s version of *If* is described in *Aspectos* as “iné-dito”, or previously unpublished, and as the magazine openly boasted its support of the Vargas regime – “ASPECTOS é pelo Estado Novo e a unidade da Pátria”⁴⁸ – it is reasonable to suppose that, were he still alive at the time, the author would have preferred to publish the translation elsewhere.

In the same year as Alcântara Machado’s version appeared in *Aspectos*, Guilherme de Almeida’s (1890-1969) now-celebrated translation of *If* (“Si”) was included in a collection of his poems entitled *Acaso – versos de todo o tempo*. (1938, 73-75)⁴⁹ Almeida’s rhymed version was part of the “Inglaterra” section of a chapter entitled “Viagens” which included poems by authors from Germany and Japan as well

45. See *Aspectos. Mensário de Ciências, Letras e Artes*, December 1st 1938 – January 1st 1939, no.16, Ano II, 51-52.

46. Alcântara Machado died due to complications after an appendix operation. A tribute to the writer was published a year after his death in the form of a collection of articles and reminiscences by his friends and colleagues and coordinated by the well-known translator and literary critic Agripino Grieco. Only 500 copies were printed and unfortunately it has not proved possible to consult the publication: Grieco (ed.) *Em Memória de Antônio de Alcântara Machado*, 1936.

47. In 1926, Machado edited the first series of the modernist literary magazine *Revista de Antropofagia* which totalled 10 issues between May 1928 and February 1929, and which, in addition to his editorials and book reviews included contributions by several authors who were destined to become well-known worldwide, such as Mario de Andrade, Manuel de Bandeira and Carlos Drummond de Andrade. See Galvão Junior, “Caleidoscópio Estético e Político na Primeira Fase da revista de Antropofagia”, 2017, 2706-2711.

48. Capital letters used in the original.

49. The poem also appeared in the Journal of Academia Paulista de Letras: *Revista da Academia Paulista de Letras*, ano I, n° 2, March 12th, 1938, and was reproduced along the years in a number of Brazilian periodicals, for instance, on page 2 of the Literary Supplement of the *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) on October 29th 1950.

from other countries, and his choice of Kipling and his poem appears to have been inspired by the Anglo-Indian author's avowed patriotism and his proud identification with his "country of origin".⁵⁰ In 1932, like his fellow academician Alcântara Machado, Guilherme de Almeida⁵¹ played an active role in the São Paulo uprising against the Vargas regime, both with readings of his poems on Radio Record and as a volunteer rifleman in the skirmishes against Government forces in the city of Cunha. In the aftermath of the conflict, Almeida was imprisoned and sentenced to temporary exile in Portugal, together with scores of other leading figures in the rebellion.⁵² His vibrant recitation of the rousing poem "A Nossa Bandeira", which he wrote as a tribute to the defenders of São Paulo, was recorded in July 1954 and is now available online.⁵³

Almeida is justly celebrated for his role in the organisation of the ground-breaking *Semana de Arte Moderna* in 1922 and the launch of the first Modernist literary journal *Klaxon*.⁵⁴ He is also remembered for his legacy as a journalist and cinema critic and his many literary translations from both French and English.⁵⁵ Guilherme de Almeida later became one of Brazil's most-admired poets and novelists,⁵⁶ and the popularity of his much-reproduced version of *If*⁵⁷ has since been

-
50. Kipling was born in Bombay, India, however, which was part of the British Empire at the time. The other poem in the section entitled "Inglaterra" was inspired by the writing of Elisabeth Barrett Browning.
51. In 1930, Almeida became the first modernist to be accepted as a member of the Brazilian Academia de Letras.
52. His impressions of his eight-month stay and his travels in Portugal and Galicia appeared in the *Estado de S. Paulo* and were later collated in his book *O Meu Portugal – Crônicas de um Desterro*, which was first published by the Companhia Editora Nacional in 1933.
53. See <https://www.facebook.com/Guardioesde32/videos/a-nossa-bandeira-pela-voz-de-guilherme-de-almeida-em-julho-de-1954/527420348193143/>
54. *Klaxon. Mensário de Arte Moderna* (S. Paulo, 1922-3; 9 issues).
55. Guilherme de Almeida's important contribution to Brazilian translation theory and practice is dealt with in the excellent, recent study (2022) on the History of Translation in Brazil by Andreia Guerini and Walter Carlos Costa which is available online at https://www.aieti.eu/enti/brazil_POR/entrada.html
56. Almeida's popularity can be judged by his election as the "Prince of Poets" in a poll organised in 1959 by the *Correio da Manhã* newspaper. See <http://www.elfikurten.com.br/2015/08/guilherme-de-almeida.html>. I am indebted to Elfi Kürten Fenske of Templo Cultural Delfos and to Ivanei da Silva of the Rede de Museus – Casas Literárias, in Brazil, for their help in chasing up much of the information offered here regarding Guilherme de Almeida.
57. In addition to its sporadic appearance in periodicals from the forties onwards, Almeida's version of *If* appears in the later editions of the children's encyclopaedia *Tesouro de Juventude*.

enhanced by his own recitation of the poem, a recording of which was released in 1989 on an LP entitled *Paulo Bonfim – Guilherme de Almeida*,⁵⁸ which, together with several assorted renderings of his translation by other “diseurs” is now available on the internet.⁵⁹

Guilherme de Almeida’s already conservative political views seem to have evolved significantly between the time of his participation in the Constitutionalist Revolution of 1932 and the coup which overthrew João Goulart’s elected Government in 1964. At the time of the military takeover, he was writing an almost-daily column entitled “Eco ao longo dos meus passos”, which he had begun eleven years earlier, in the traditionally-liberal newspaper *O Estado de S. Paulo*. The content of the articles changed abruptly from personal recollections to favourable articles of opinion regarding the so-called “Nova Ordem” which was being enforced by the military regime, in what Almeida termed “a nossa revolução”. (*Apud* Vieira, “O eco ao longo dos meus passos: Guilherme de Almeida e suas cores políticas” 2017, 163) Almeida lived for only five more years whereas, tragically, the military dictatorship remained in power for the next two decades, leaving a trail of censorship and human rights violations which included the torture and murder of many of those who opposed the regime.

In May 1938, only weeks after Guilherme de Almeida’s version of *If* had appeared in a modest edition of poems, a prose translation by Samuel Ribeiro (1882-1952),⁶⁰ was accorded special treatment in the pages of the illustrated weekly *O Cruzeiro*, the most popular periodical in Brazil between the 1930’s and the 1960’s.⁶¹ The two-page

58. Almeida’s recitation is accompanied by the orchestra of Hector Lagna Fietta. Cf. *Paulo Bonfim – Guilherme de Almeida. Prosa e Poesia* (RGE, 1989).

59. Guilherme de Almeida’s recitation can be found at: <https://www.youtube.com/watch?v=bLLHlg-7ALM>. Other interpretations include those by Ivan Lima: <https://www.youtube.com/watch?v=g6pcVb5R-HA> and Leonardo Goldberg: https://www.youtube.com/watch?v=DLL4e_jfQWQ.

60. The translator, Samuel Ribeiro is described by the journalist as “uma intelligencia de escól” who exercised “uma actividade polymorphica”. The President of the Caixa Económica Federal between 1931 and 1946, Ribeiro was a well-known art collector and a generous patron of the Arts, and became the first President of the Museu de Arte de S. Paulo (MASP). Together with Mário Graciotti he founded the illustrated periodical *Inteligência: Mensário da Opinião Mundial* (1935-1940) which was inspired by the French monthly anthology *Le Mois: synthèse de l’activité mondiale* and published translations of articles which first appeared in foreign periodicals.

61. See *O Cruzeiro*, May 7th 1938, 16-17. The magazine was published in Rio de Janeiro.

spread included Kipling's original version in English and was accompanied by drawings by the magazine's resident illustrator Santa Rosa (1909-1956).⁶² The anonymous author of the article emphasised the magazine's satisfaction at being able to publish a translation which was, in his words, "a mais perfeita entre todas [...] pela fidelidade com que segue o texto original, pela força de expressão que deixa intacto, e reveste da mesma pujança original o pensamento de Kipling." (*O Cruzeiro* 1938, 16-17) The introduction to the poem read as follows:

"If..." o immortal poema de Rudyard Kipling, onde os primores da arte poética elevam de maneira singular seu profundo conteúdo philosophico, tem encontrado em todas as literaturas do Mundo, traductores que procuraram transportar para o próprio idioma esse perfeito código de perfeição em que se dignifica a figura do verdadeiro Homem, com todas as virtudes de fé e energia. (17)

In a somewhat incongruous complement to its usual leisure content, the issue carried several pages of photographs displaying the "achievements" of the Vargas regime, focussing on the inauguration of the new Ministry of Education and school buildings in Paraná which the regime's appointed "interventor"⁶³ had commissioned, so demonstrating, in the words of the journalist, "um exemplo admiravel de constancia e força de vontade." Kipling's poem and Ribeiro's translation followed directly on from the article in praise of the regime – which, in hindsight, appears to have been a deliberate propaganda strategy.⁶⁴

62. Tomás Santa Rosa Junior was an artist, a set designer and a prolific book illustrator. The appearance of the translation in a magazine intended for a non-specialist readership shows that the poem and its message was considered both accessible to the magazine's readers and worthy of a wider audience.

63. A State Governor appointed directly by the President.

64. Although *O Cruzeiro* proudly announced that Samuel Ribeiro's translation had been made especially for the magazine, he may not have been aware of the newspaper's pro-Government strategy. Andrade da Costa notes, however, that the translated articles published in Ribeiro's magazine *Inteligência* praised regimes such as the "Estado Novo" in Portugal: "O fato de ser uma revista de traduções não significa que os redatores e colaboradores deixassem de expressar sua visão de mundo por meio da revista, pelo contrário, a seleção do que se publicava pressupunha escolhas que estavam longe ser inocentes. [...]"

The proliferation of translations and adaptations of *If* in many languages between the late thirties and the end of the Second World War, though encouraged primarily by the flood of tributes in the international press after Kipling's death in 1936, was also a reflection upon the profound and often violent social and political changes which were taking place around the world. Unlike the essentially nationalist and conservative ideas which inspired the early translations of Kipling's *If* in Brazil, the first translations of the poem by Portuguese authors were motivated by progressive ideals. In a remarkable turnabout, Kipling's poem had become, for many Portuguese democrats, a manifesto for resistance against Salazar's repressive and dictatorial regime.

In 1937, Alberto Osório de Castro's (1868-1946)⁶⁵ translation of André Maurois' adaptation into French was published alongside his own version of Kipling's original poem in the Portuguese cultural and literary magazine *Seara Nova*,⁶⁶ which, despite the censorship to which it was subjected, served as a platform for the intellectual opposition throughout the "Estado Novo" regime.⁶⁷ At the time, concern was growing in Portuguese democratic circles regarding the rise of fascism in Europe, and Britain and France were seen by many intellectuals as a source of inspiration and hope for the future. Osório de Castro undoubtedly wished to signal his support for democratic values through this discreet but eloquent gesture at a time when

Em um mundo caótico, ameaçado pela iminência de uma nova guerra, o recurso a um discurso que apelava para a ordem, condenando as atitudes radicais dos regimes totalitários de direita e da esquerda, ridicularizando os espaços de debate das democracias e evidenciando os sucessos do fascismo e do salazarismo foi uma estratégia utilizada pelos intelectuais reunidos em torno da publicação para apontar uma senda ao Brasil." (Costa, "As representações do cenário internacional por meio das caricaturas da Revista Inteligência: mensário da opinião mundial (1935-1936)", 2012, 12-13)

65. Osório de Castro, a lawyer and freemason who spent much of his later career as a judge in the colonies, was a leading figure in the right-wing Republican Centrist Party, led by Egas Moniz, which split from the Republican Evolutionists in 1917 to support the short-lived Government of Sidónio Pais, in which Osório de Castro served as Minister of Justice. He was the brother of the novelist and militant feminist Ana de Castro Osório (1872-1935).
66. Alberto Osório de Castro's translations appeared in *Seara Nova*, no. 494, 21st January 1937, 217-218. The translations were dedicated to the "moço romancista Joaquim Paço d'Arcos".
67. A weekly magazine at the time, *Seara Nova* was founded in 1921 by a group of distinguished republican intellectuals of different political tendencies. The warning "Este número foi visado pela Comissão de Censura" appeared for the first time on July 8th 1926. Prior censorship was created in 1933 by Decreto-Lei n° 22469 which instituted the Constitution of the "Estado Novo" regime, and lasted until 1972.

the censor was particularly active due to increasing opposition to Portugal's pro-fascist regime, the proximity and impact of the Spanish Civil War and the polarisation of the Portuguese elite into pro-British and pro-German factions.⁶⁸ His option to translate Maurois' adaptation together with the original was almost certainly not exclusively a political choice, however. For many years after the First World War the French language was the principal, and sometimes the only foreign language to be taught in European schools and, as a result, French became the preferred language of cultural mediation in many countries, including Portugal.

Significantly, in 1940, Maurois' adaptation reappeared in a translation by the lawyer and politician Fernando Mayer Garção (1903?-1986), a declared adversary of the Salazar regime, together with a translation from the original English by his brother, Pedro Mayer Garção (1905-1988), a writer and physician.⁶⁹ The two translations were printed side by side with the respective original versions in a broadsheet edition (Fig.2) which was designed to be framed for display like many others both before and afterwards.⁷⁰

68. Significantly in 1936, the British Council, which had been founded two years earlier, opened one of its first overseas offices in Portugal, a "reading room" at the University of Coimbra, where Nazi Germany had already inaugurated a similar office. The Casa de Inglaterra in Coimbra would follow in 1939. English teaching operations were launched in Lisbon in 1938 and the Instituto Britânico moved to its present location at the Palácio do Menino de Ouro in 1942. English teaching began at the Instituto Britânico in Oporto in 1943.

69. Fernando and Pedro were the two sons of the writer, journalist and leading republican politician Francisco Mayer-Garção (1872-1930). Fernando was awarded the Comenda da Liberdade in 1985 in recognition of his persistent and courageous opposition to the Salazar regime.

70. Published on the initiative of the two brothers, the 1970 edition (2000 copies) was printed by Grafitecnica and may have been the final edition in the series, given the proximity of the 1974 revolution, the consequent fall of the Estado Novo regime and with it the end of censorship. There is a copy of an edition intended for framing in the archives of the Presidency of the Portuguese Republic which apparently belonged to Field-Marshal Francisco Costa Gomes (1914-2001), the second President after the return of Portugal to Democracy. Interestingly, it displays Kipling's original alongside Pedro Mayer Garção's translation, without, however, identifying the author of the Portuguese version. It can be accessed online at: PT/MPR/ACG/CX039/0020 ACG

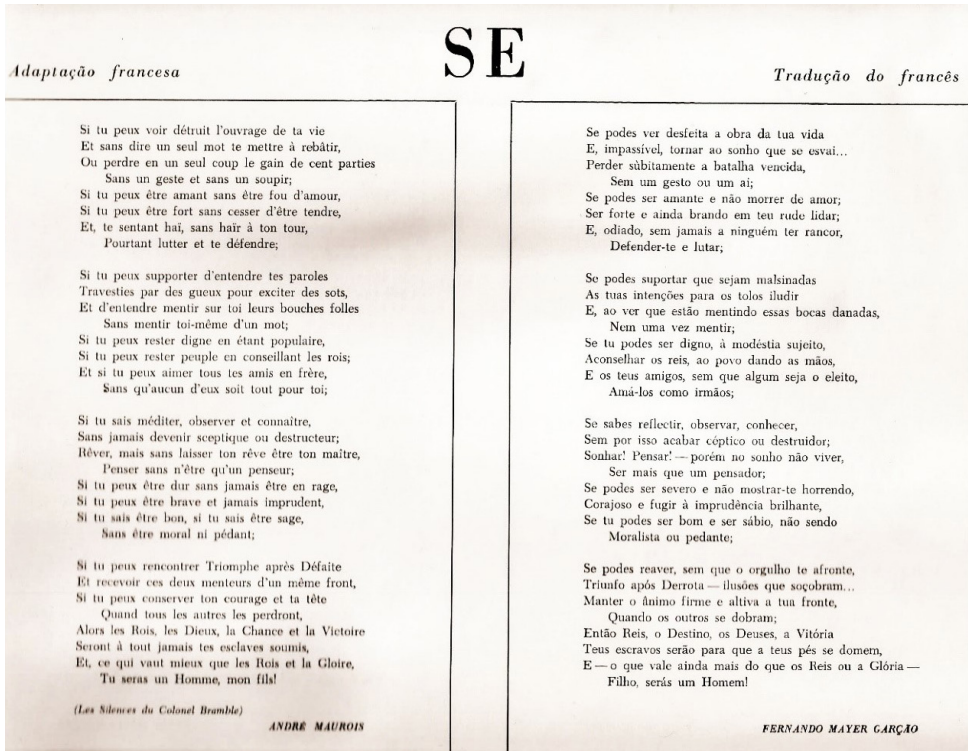


Fig.2 – One side of the Mayer-Garção broadsheet edition (10th edition, 2000 copies)

The timing of the first edition was unquestionably deliberate.⁷¹ The outbreak of hostilities had brought hope to the Portuguese opposition that a victory of the Allies over the Axis might bring the end of the Estado Novo and, quite clearly, the publication was intended to be seen not just as a sign of sympathy for Britain and France but as a demonstration of support for the resistance and stoicism of the Portuguese people and the struggle against fascism both at home

71. The first Penguin edition of Maurois' *The Silence of Colonel Bramble* also came out in 1940 in a response to growing British interest in France after the outbreak of WWII.

and abroad.⁷² Indeed, in 1940, despite the regime's attempt to display its vitality through the ambitious Mundo Português Exhibition in Lisbon, hardly a week went by without the *Seara Nova* or another opposition periodical carrying an article about Britain or written by a British author.⁷³

Fernando Mayer-Garção would become a leading member of the MUD (Movimento de Unidade Democrática) which was founded at the end of the war to bring different opposition factions together into a broad coalition.⁷⁴ Like several of the leaders of the movement he was arrested by the PVDE shortly afterwards and was imprisoned on more than one occasion for his activities.⁷⁵ The tenth and possibly the final edition of the Mayer-Garção broadsheet, dated February 14th 1970, testifies to its continuing popularity and to the fact that it was still in print thirty years later.

Yet another free adaptation of *If* was published by a Portuguese author in 1940 against the backdrop of the War, curiously in Brazil. The translator was the prolific playwright and sportsman-extraordinary Félix Bermudes (1874-1960) whose version remains today one of the best-known translations of the poem to have been made by a Portuguese author. A theosophist and freemason and a firm advocate of the adage "mente sana in corpore sano", Bermudes' interests ranged widely but it was his prolific production for the stage which made him a popular figure in both Portugal and Brazil between the turn of the century and the fifties. He wrote and translated over a hundred plays, many of them musical comedies in collaboration with Ernesto Rodrigues (1875-1926) and João Bastos (1883-1957) and he is also celebrated for his scriptwriting on such cinema classics as *João Ratão* and *O Leão da Estrela* which were based on his earlier

72. An objective which was confirmed by the late Manuela Mayer-Garção, Pedro's daughter, in a conversation with the author of this paper.

73. It should be remembered that in mid-1940 Britain was alone in its resistance against the Axis nations.

74. Founded legally on October 8th 1945, the MUD was declared illegal on January 31st 1948 and the members of its Central and District committees were arrested.

75. See Garção, *Brincos de Princesa*, 1941. The PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado – was renamed PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado – in 1945, and was renamed DGS – Direção-Geral de Segurança – in 1969 until its disappearance after the Revolution of April 25th 1974.

theatre successes. Yet, despite his successful film and theatre career and his fame as a sportsman, Félix Bermudes and his daughter, Cesina Bermudes (1908-2001), a distinguished physician, suffered harassment and imprisonment, like so many other intellectuals, for their opposition to the Salazar regime.

Félix Bermudes' idiosyncratic adaptation of Rudyard Kipling's verses gained a wider audience in 1959 when his version was recited by the well-known actor Joao Villaret (1913-1961) at the São Luiz Theatre in Lisbon, later being broadcast on Villaret's own television programme. Afforded a new lease of life and wide exposure by the internet,⁷⁶ Bermudes' popular version of *If* now runs the risk of being considered a "faithful representation of the original" – which, evidently, it was never intended to be. Bermudes' reasons for publishing his translation in Brazil remain unclear,⁷⁷ but it is unlikely that they were political, as, at the time, democrats in both countries were undergoing similar forms of censorship and oppression.

The imprisonment of José Bento Monteiro Lobato (1882-1948),⁷⁸ the prolific publisher and translator of Kipling's stories, drew international attention to the persecution of Brazilian intellectuals during the Vargas dictatorship. Monteiro Lobato was sentenced to six months in prison in 1941,⁷⁹ supposedly because of his persistent, public criticism of Vargas' policies, but almost certainly due to an interview he gave on December 30th 1940 entitled "Inglaterra e Brasil", which was broadcast by the BBC World Service in several languages and widely reported in the British, American and Argentinian press. In his recollections of the wartime interview, which Monteiro Lobato had

76. There is a new reading by Filipa Leal of Bermudes' adaptation at: https://www.facebook.com/mafaldaveigaoficial/videos/se-de-rudyard-kipling-tradu%C3%A7%C3%A3o-de-f%C3%A9lix-bermudes-dito-por-filipa-leal/2054237471376861/?locale=pt_PT

77. João Bastos, with Bermudes and Rodrigues, a member of the trio who had been so successful in writing and producing musical comedies in Portugal in the twenties and thirties, had been living in Brazil since 1935 and may have had something to do with the edition.

78. In 1941, a quarter of all the books published in Brazil were produced by Monteiro Lobato's Companhia Editora Nacional (CEN), which opened its doors to literature from many parts of the world. CEN imported works in English which contributed towards making the English language the most widely spoken and studied foreign language in Brazil after WWII.

79. Though serving only half the sentence, due in part to the protests of respected intellectuals.

used to sidestep DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) censorship,⁸⁰ he suggested that Kipling's *If* had been prophetic, anticipating the situation that Britain was then facing whilst emphasising the stoicism and firm resistance which was required in order to triumph:

Mas quem nessas horas de horror erguesse os olhos para o *IF* de Kipling respiraria aliviado, estava ali o retrato de Inglaterra – o programa moral de Inglaterra – o fato Inglaterra. E até hoje, tantos meses passados, o paladino da Dignidade Humana outra coisa não tem feito senão enquadrar-se dentro da moldura de resistência interior estabelecida por Kipling. O poeta do imperialismo britânico havia premonitoriamente desenhado a situação que anos mais tarde o inglês iria enfrentar. E nunca ninguém pintará melhor a resistência inglesa do que antecipadamente Kipling o fez há tantos anos. (*Obra Completa*, 1951, 171)⁸¹

Monteiro Lobato's use of the example of Kipling's famous poem to illustrate his support for the allied war effort was clearly intended to embarrass Getúlio Vargas and his dictatorship which, at the time, was 'flirting' with Germany and the Nazi regime.⁸²

After the outbreak of hostilities in Europe, news of the conflict occupied the front pages of the principal Brazilian newspapers and the influence of the war became visible even in the choice and prominence given to articles of a cultural nature. In fact, on several

80. "O DIP estava subordinado à Presidência da República e suas funções eram muito mais abrangentes que as desempenhadas pelos órgãos que o antecederam. Compunha-se das seguintes divisões: Divulgação, Radiodifusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares e era responsável pela publicidade de todo o governo. Os jornais eram fiscalizados pela Divisão de Imprensa e pelo Conselho Nacional de Imprensa, os quais davam chancela a novas publicações e controlavam suas atuações no cotidiano [...]." (Franzolin, "A campanha antibritânica nas páginas do jornal Meio-Dia (1940-1941)", 2014, 132-156)

81. Monteiro Lobato quoted an excerpt from the poem in the interview, presumably from his own translation: "Entre os poemas de Rudyard Kipling um é deveras impressionante, em que o poeta retrata o caminho do homem perfeito ou o estoico moderno. Duas letras formam-lhe o título, I F ou em português a condicional Se. 'Se puderes manter a tua alma...Se puderes sonhar sem que te desvie o sonho... Se, heróico, jogares todos teus haveres num só lance... Se puderes aceitar o triunfo ou o fracasso sem as distinções que os separam.'" (Lobato, *Obra Completa*, 1951, 171-173)

82. See Azevedo *et al*, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, 1997, 161. The official reason for Lobato's imprisonment was his persistent campaign against the policies of the Conselho Nacional do Petróleo. The Vargas regime lasted from 1937 until 1945.

occasions Kipling's poem was used to signal where a newspaper's sympathies lay, particularly at the time when Londoners were standing firm amidst the daily bombing raids of the "Blitz". On Sunday November 10th 1940, the front page of the São Paulo daily *Folha da Manhã* carried the headline "A Vitória Inglesa Restituirá a Liberdade à Europa", a phrase taken from Churchill's speech at the investiture of the Lord Mayor of London. At the same time almost a whole page of the cultural supplement of the newspaper was devoted to an article about Sir Francis Drake, an otherwise unlikely choice, whilst another entitled "Experiençassinha com Rudyard Kipling" was accompanied by the author's own translation of *If*, made especially for the newspaper.

In the latter article, which had clearly been written for specialist readers, Valdomiro de Abreu (1914-1999), an educationalist, lawyer and poet,⁸³ analysed Kipling's poem and commented on previous Brazilian versions, praising those by Samuel Ribeiro and Alcântara Machado whilst affirming that others had fallen short in their attempts. In his opinion, the two translators had succeeded in conveying "[...] a mesma energia de expressão, a mesma nobreza de pensamento e o mesmo sainete rigorosamente Kiplingiano, sem esquecer que 'IF' é bem o retrato do 'homo europaeus', dólico-loiro, ativo, ousado, tenaz, empreendedor."⁸⁴ ("Experiençassinha com Rudyard Kipling", III) After making one or two somewhat dubious comparisons between the two languages, Abreu confessed that translating was invariably a challenge, all the more so when the author had his own inimitable style and particular characteristics, and apologised for his own attempt, which he described, not unrealistically, as "um acanhado exercício": "Diz-se, que, em traduzindo é preciso observar todos os elementos materiais, técnicos, sensoriais e espirituais do

83. Valdomiro or more correctly, Waldomiro Benedito de Abreu was a teacher of Latin and Portuguese at the Araçatuba State High School at the time of the article. Due to problems with his eyesight he was later forced to abandon his teaching career and studied as a lawyer, becoming the President of the Seção Regional da Ordem dos Advogados. He also served as Cultural Secretary in the local administration in 1956.

84. A description closer, perhaps, to the mythical Aryan ideal of Britain's adversaries in the war.

original. Tal coisa é impracticável, impossível, em vista das diferenças às vezes irreconciliáveis, que há entre uma e outra língua. (*Ibidem*)

The *Folha da Manhã* was not alone in signalling its pro-British sentiments at this critical moment in the conflict. The *Correio da Manhã*, for instance, a liberal daily published in Rio de Janeiro which had adopted a pro-British stance from the start of the war, also used its Sunday arts and culture supplement to underline its support. Two translations of Kipling's *If* appeared in successive editions. On December 15th 1940, Guilherme de Almeida's translation was published alongside Kipling's original poem in an article written by the staff journalist Bezerra de Freitas, entitled "If – o Poema de Sabedoria Humana". The article ended with generous praise for the author, and, by association, for his country of origin:

Para alcançar a glória de se tornar o poeta do Império Britânico, seria necessário que a sua mensagem literária fosse ao mesmo tempo um hymno á vontade e um canto em louvor da energia, e que essa imagem, longe de ser transmitida em períodos pólidos, em frases académicas, se fundisse as forças poderosas da nacionalidade. Dahi os apostrophes, as balladas, as homilias de tenacidade, os versos de estímulo e confiança que o mundo conhece. Esse propheta, cheio de bravura e abnegação, de resonancias largas e humanas, reflecte a sensibilidade da sua raça. (1)

The next edition of the supplement, which appeared two weeks later, offered a previously-unpublished version under the same heading, in response to a request from a reader. It was by Cassiano Tavares Bastos (c.1890?-1973) a lawyer, senior civil servant, literary critic and poet who had first translated the poem into verse two years earlier⁸⁵ – possibly, as the letter-writer Coryntho de Fonseca suggests, even before Guilherme de Almeida's translation had appeared in print.

85. The poem, which was dedicated to Coryntho de Fonseca, was recited by the author on May 1st 1938 as guest of honour at a farewell party for teachers at Escola Sousa Aguiar in Rio. His dedication reads as follows: "A Coryntho de Fonseca, que doutrinando e praticando a filosofia deste pequenino grande poema, me deu a conhecer a versão em prosa de Mesquita Pimentel, divulgada pelo Instituto de Educação."

At the beginning of December 1942, when the fortunes of the war were finally beginning to turn in favour of the Allies, the *Correio Paulistano*, a conservative S. Paulo daily, manifested its sympathy for Britain's war effort in "Vitrais", a regular column by Dirce de Melo. The author commented enthusiastically on Churchill's use of a quotation from Kipling's *If* in his recent speech to the nation after the victory at El-Alamein:⁸⁶

Nessa brilhante peça de oratória de grande valor, o sr. Churchill referiu-se ao célebre poema de Rudyard Kipling que todos conhecemos e tantos gostamos de ler, de reler, e sobre ele meditar [...] sentimos que "Se" é a homenagem sincera e tocante, que todo o herói consciente tem que repetir, qual simples e salutar auto-confissão, a si mesmo. (1)

Revealing her preference for two amongst the many translations which had already been made, the version by André Maurois and the one by Guilherme de Almeida "no idioma 'rude e belo' de Camões", Dirce de Melo confessed that it had been an emotional experience to discover that the British "Premier" had recited an excerpt from Kipling's verses and went on to exhibit her own poetic talents in her effusive eulogy of Britain's heroic defenders:

"Se" deve ser o canto quotidiano dos heróis vencedores, dos anónimos, daqueles que sabem enfrentar refrêgas e derrotas; heróis de todos os sectores – construtores serenos de um mundo melhor, inimitáveis artistas que com o fuzil, a pena, os rudes instrumentos das oficinas, os delicadíssimos instrumentos dos laboratórios, trabalham pacientes e magníficos, na terra batida pelos vagalhões da vaidade, da ambição e da loucura, a moldura para a visão doce e clara do universo cristão que lhes sorri. (*Ibidem*)

86. Churchill's speech after the Battle of El Alamein, was on November 29th, 1942. The *Correio da Manhã* offered a full translation of the speech under the heading "Churchill falou ao Mundo": "Nada prometo. Nada prevejo. Não posso sequer garantir que novos êxitos estão para vir. Apenas recomendo a todos as linhas imortais de Kipling: 'Se podeis sonhar e não fazer do sonho vosso senhor, se podeis meditar e não fazer da meditação vosso fim, se podeis triunfar face ao desastre e á ameaça – esses dois impostores – não vos preocupeis.' [...]" (1, 10)

Three further translations were published before the end of the War, two in Brazil and one in Portugal. In December 1942, the annual *Almanaque do Correio da Manhã*, a newspaper which appears to have nourished a particular admiration for Kipling and his poem, dedicated a whole page to Guilherme de Almeida's already well-known version.⁸⁷ Again, in November of the following year, an elegant translation in verse by the poet, politician and diplomat Olegário Mariano (1889-1958), appeared on the front page of the Sunday supplement of the same newspaper, under the heading "A Lição de Sabedoria Humana".⁸⁸ Mariano was one of the intellectuals whose political views were in sympathy with the Vargas regime and was undoubtedly considered "persona grata" by the Government, as his nomination as one of the Brazilian delegates to the Portuguese Independence celebrations two years before had clearly revealed.⁸⁹ The prominence given to the poem was undoubtedly due as much to respect for the distinguished poet, who had been member of the Academia de Letras since 1927,⁹⁰ as to the growing admiration in Brazil for Britain's successful resistance against Nazi Germany, particularly in view of the imminent deployment of Brazilian troops on the side of the Allies.⁹¹

In 1944, a new version was published by the Lisbon firm Minerva Editores. The author was the poet António Botto (1897-1959)⁹² who had gained both fame and notoriety as a writer of daring homoerotic verses on the publication of his collection of poems *Canções*, in

87. Cf. *Almanaque do Correio da Manhã*, December 1942, 324.

88. Cf. *Correio da Manhã*, November 21st, 1943, 1. Mariano's version would be republished in his collection of poems "Quando vem baixando o Crepúsculo", the following year, 1944.

89. The festivities were designed to celebrate the foundation of Portugal in 1139 and its independence from Spain in 1640.

90. In addition to his literary achievements and distinctions, Olegário Mariano was a member of the Constitutional Assembly which drew up the 1934 Constitution; one of Brazil's official representatives at the celebrations of the third centenary of Portugal's independence in 1940; delegate of the Brazilian Academy at the Conference to establish the Orthographical Agreement of 1945 and Brazilian Ambassador to Portugal between 1953 and 1954.

91. Brazil declared war against the Axis powers on August 22nd 1942. The following year soldiers and airmen of the Brazilian Expeditionary Force and Brazilian Air Force played a decisive role in the liberation of Italy.

92. See Botto, *Se de Rudyard Kipling em versos portugueses*, 1944.

1921.⁹³ At the time of the commission Botto was eking out a living writing occasional essays and children's stories after being dismissed two years earlier from a badly-paid civil service job, for "inappropriate behaviour." In hindsight, it seems unlikely, in view of his alternative lifestyle and options in life, that Botto would have chosen to translate Kipling's moralistic and straight-laced poem on his own initiative, and the motivation behind his translation may have been merely economic. Botto's free translation of *If* was first published as a broadsheet for framing and a similar edition would be distributed to Minerva's customers at the annual Lisbon book fair in 1957, long after the poet had emigrated to Brazil in disgust with the repressive social environment in his home country.⁹⁴

The end of WWII brought with it the end of the Vargas regime in Brazil,⁹⁵ but not, as democrats in Portugal had hoped, the long-awaited demise of the Salazar regime. The beginning of the Cold War against the Soviet Union, a former ally in the struggle against Nazi Germany, had brought changes to the strategic priorities of the Western Alliance, which chose to provide discreet support to the authoritarian regimes in the Iberian Peninsula in preference to the risk of facing a democratically-elected adversary on the vital western flank of Europe. Portugal became a member of NATO in 1949,⁹⁶ and a further generation was forced to suffer the political and social effects of the dictatorship before it finally fell in 1974. As a consequence, Britain began to be seen through different eyes by many of those in

93. The first edition of *Canções* went largely unnoticed but Botto's poems were publicly praised by Fernando Pessoa when he published the second edition in 1922. Due to protests by a Catholic student group the book was banned the following year, but the ban was lifted several months later, after the controversy had abated. Botto's poems were translated into English by Pessoa, but only published in 1948.

94. After a brief period of success in Brazil making a living by radio broadcasting and newspaper articles, Botto lived in poverty for several years until he was tragically killed in 1959 in a road accident in Rio de Janeiro.

95. Vargas was deposed on October 29th 1945 by a coup carried out by the military junta which had previously supported the "Estado Novo" regime. In Presidential elections held on December 2nd 1945, General Gaspar Dutra, the former Minister of War in the Vargas Government was elected President of the Republic.

96. Principally due to its air base at Lajes in the Azores, which had been used by British and American planes during WWII and where the US 57th Air Rescue Squadron were based between 1952 and 1972.

the democratic opposition⁹⁷ who had previously viewed Portugal's oldest ally and by association, Kipling's poem, as examples to be admired. New versions continued to appear in both Portugal and Brazil, however, though more sporadically and inspired by a wider variety of aims.

Two new translations were published in Brazil at the beginning of the fifties, when memories of the war were beginning to fade. In December 1950, the Rio de Janeiro daily *Correio da Manhã* printed a free adaptation of *If*, in verse, in its annual *Almanaque*. (96) The author was the Portuguese novelist, playwright and journalist Thomaz Ribeiro Colaço (1899-1965), the editor of the controversial weekly cultural magazine *Fradique* between 1934 and 1935⁹⁸ and a well-known personality in Portugal during the thirties due to his cultural programmes on Emissora Nacional, the national radio station.⁹⁹ Thomaz Colaço had emigrated to Brazil in 1940 with his wife, the Brazilian artist Madeleine Bonnet Colaço, and had become a regular contributor to the *Correio da Manhã*. Before leaving Portugal at the height of the propaganda campaign between Britain and Germany, Colaço had published a collection of articles in support of the British war effort in a slim volume entitled *O Espírito Inglês* (1940) which provoked a swift response from the Germanophile, Holbeche Castelo Branco¹⁰⁰ under the heading *Hitler não é uma causa. A propósito de "O Espírito inglês," notas e comentários do Sr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço* (1940). It is likely that Colaço's translation of Kipling's poem was made at this time and that he chose to publish it later in Brazil when a suitable opportunity arose. Notwithstanding his profoundly

97. An extreme case of disaffection for Kipling's poem was the outrageous parody by the Portuguese poet Alexandre O'Neill in *No Reino da Dinamarca*, published in 1958, which begins "Se é possível conservar a juventude; Respirando abraçado a um marco de correio [...]". And in a conversation with the writer António Alçada Baptista, the poet Miguel Torga reputedly described the poem as "Uma espécie de pilulas 'Pink' para uso do Império britânico." (Baptista, "Preface" *Feira Cabisbaixa*, 1975)

98. There is an interesting debate in *Fradique* between the poets José Régio and Ribeiro Colaço concerning the poetry of António Botto and its relationship to his open homosexuality.

99. Later collated into two volumes entitled *Ao Microfone: Tal Qual se Fala* and *Às Duas em Ponto*.

100. A leading figure in the propaganda campaign in favour of the Axis in Portugal, Castelo Branco's pro-Nazi views are set down in *Porque admiro Alemanha. Da Teoria aos Factos* (1940) and *A Vitória das Potências do Eixo evitará a miséria e a anarquia na Europa* (1941).

conservative views and his early support of the anti-Communist policy of the Estado Novo,¹⁰¹ Colaço, who was a lifelong Monarchist, campaigned tirelessly in Brazil against Salazar's regime.

Yet another version of *If* in verse would appear two years later in an anthology of translations and adaptations entitled *Meus Poemas dos Outros. Traduções e Versões* (1952) by the Bahian physician, poet and novelist Heitor Fróes (1900-1987).¹⁰² A well-known specialist in public health and tropical diseases and an active member of both the Academia de Medicina de Bahia and the Federação das Academias de Letras do Brasil, Fróes served as President of the Associação Cultural Brasil – Estados Unidos during WWII and, in his medical capacity, he was invited to visit the United States in 1943 to give a series of lectures at Universities across the country.¹⁰³ Fróes wrote a number of books on medical subjects and in addition to poetry, he published translations of works on scientific matters, from both English and French. His translation and those which followed in Brazil signalled a return to the previous conservative paradigm of admiration for Kipling's patriotism and nationalistic ideals and what was seen as the relevance of the poem's message, particularly to young people. In 1954, a curious anthology of versions of Kipling's *If* was published in Brazil (Fig.3) in a limited edition for subscribers.¹⁰⁴

101. For an interesting overview of Thomaz Ribeiro Colaço's life and work see José Augusto França's introduction to the 2003 edition of Colaço's *A Folha de Parra. Elementos para um Romance*.

102. See Fróes, *Meus Poemas dos Outros. Traduções e Versões* (Tip. Beneditina, Bahia). A special limited edition for subscribers was signed by the author and the former President of the Academia de Letras, Rodrigo Otávio Filho.

103. Reporting on the visit, *The Washington Post* of July 23rd 1943 commented "to be proficient in two such distinct areas as medicine and literature is uncommon to say the least, but Dr. Heitor Praguier Fróes from Bahia, Brazil seems to have mastered both domains of knowledge with equal success" (my free translation from the Portuguese).

104. In addition to the translations commented in this study, Vianna also presents versions in OSB by Justus Lewy and Viçoso Jardim (no details of publication); the poet and translator Pedro de Aratanha (*Revista Sul-America* June 1946 – the journal of an insurance company); Paulo Pimentel (*Revista do Clube Central de Niteroi* – June 1941); A. Tavares Lacerda (*Revista Alerta* of the Brazilian scouting movement – May-June 1954). Unfortunately, it has not proved possible to trace these versions.

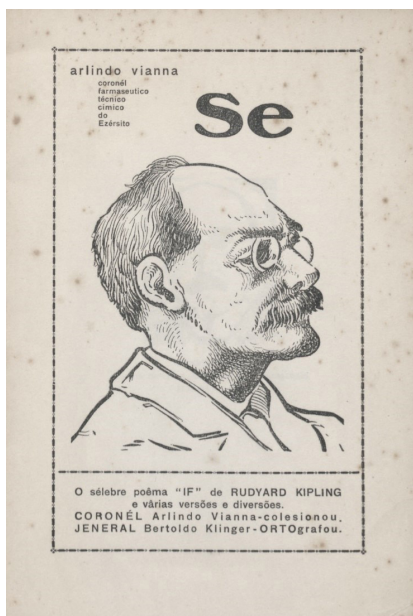


Fig. 3 – Cover of *Se*. Limited edition of an anthology of translations and adaptations of Kipling's "If" in OSB

Collated and annotated by Col. Arlindo Vianna (1899-1957), an industrial chemist at the Itajubá Military Complex and an expert in the Tupi-Guarani language,¹⁰⁵ the commentaries and poems were presented in the somewhat bizarre form known as *Ortografia Simplificada Brasileira* or OSB which had been invented by General Bertholdo Klinger (1884-1969) in 1940.¹⁰⁶ Klinger's humorous parody of *If*, in defence of his simplified spelling system, was also part of the anthology. Vianna explained in his introduction that the anthology was

105. Vianna was the author of many articles on this, the most-spoken indigenous language in Brazil at the time of colonisation, which were published in the *Correio da Manhã* newspaper between 1943 and 1953 and later collected under the title *Vocábulos e Topônimos Brasileiros de Etimologia Tupi-Guarani*.

106. General Klinger was the Commander-in-Chief of the Constitutionalist rebellion of the State of S. Paulo in 1932 and like many of the principal figures in the uprising he was imprisoned and later exiled for several months in Portugal. His final public act was his participation in the so-called "Marcha da Família por Deus e pela Liberdade" in Rio de Janeiro in 1964, which heralded the military regime.

based on a previous collection of translations of Kipling's poem made in 1943 by another military officer, Cdr. Alexandre Coelho Messeder, whose own verse translation in OSB was included in the anthology.¹⁰⁷ Four of the remaining versions were originally in Spanish, by Mexican and Argentine translators, and three were by unidentified or anonymous authors. Of the translations which have so far been referred to in this brief study, only those by Paulo Osório and Antonio Botto appear to have escaped the transmogrifying attentions of "Jeneral" Klinger.

The beginning of the sixties in Europe and the United States brought the first significant signs of far-reaching social and cultural change, partly due to the effects of the demographic boom which followed the war. Attitudes and behaviour, particularly amongst young Europeans, began to be inspired by an irreverence, open-mindedness and willingness to experiment which had not been seen since the "roaring twenties". The paternalistic advice in Kipling's poem quickly became old-fashioned and unsuited to the mood of the times, and the number of parodies grew. His verses would survive, however, in conservative redoubts such as schools (Fig.4)¹⁰⁸ and military establishments¹⁰⁹ where they continued to be displayed as a constant reminder of the virtues of stiff-lipped resilience and self-discipline.

107. Messeder's translation of Kipling's *If*, which he modestly described as "an attempt to carry out a faithful translation", first appeared, as did General Klinger's humorous adaptation, in the anthology of writing in the new orthography which was published to commemorate the 3rd anniversary of its launch. See *3 Anos de O.S.B.* (1943). The edition was evidently timed to coincide with the Orthographical Review of Brazilian Portuguese of 1943.

108. The undated poster version with its patriotic symbolism of the green and red border of the Portuguese flag, alongside the English rose and the Union Jack, was taken from the website of Queen Elizabeth's School in Lisbon and is presumably on display in the school. Perhaps significantly, the identity of the translator was omitted. Rear-Admiral Vasco Lopes Alves (1898-1976) was a leading military and political figure during the Salazar regime and amongst the many posts he occupied were those of Governor-General of Angola and Minister of the Overseas Provinces. Decolonisation took place in the Portuguese overseas possessions only after a long and bitter conflict against the African independence movements and the fall of the Estado Novo regime in 1974. It is conceivable that the translation was made at the beginning of the sixties when the conflict began and that Lopes Alves, who wrote several articles for the *Boletim Geral de Ultramar*, may have associated Kipling's poem and its message to the resistance of the Portuguese Forces in Africa. His version of the poem was reproduced in an article by a fellow naval officer, Admiral Manuel Leal Vilarinho, "Humor em Portugal e nos países que conheci e em especial o seu humor naval". (*Memórias* 2007, 66)

109. For example, Guilherme de Almeida's translation of Kipling's poem has been adopted by the Brazilian Air Force Academy at Pirassununga S.P. and is on prominent and permanent display.



Fig.4 – Undated broadsheet version of Kipling’s “If” with translation by Admiral Vasco Lopes Alves

Remarkably, and despite the profound social and cultural upheaval of the sixties, the number of translations and adaptations has grown in recent years, mainly due to ease of publication on the internet, and the poem has “run about the world” as Kipling put it, far more than he could ever have imagined.¹¹⁰

110. Among the many translations which have appeared since the sixties, two which appeared in 1975 are worthy of particular note: a verse translation by the Brazilian poet and lecturer in Linguistics José

Works Cited

- Anon. "Au jour le jour. "Si". *Le Figaro*. December 9th 1916: 1.
- Abreu, Valdemiro de. "Experiencasinha com Rudyard Kipling." *Folha da Manhã*. S. Paulo, November 10th 1940: III.
- Almeida, Guilherme de. *O Meu Portugal. Crônicas de um Desterro*. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- Azevedo, Carmen *et al.* *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. S. Paulo: SENAC, 1997.
- Baptista, Alçada. "Prefácio". *Alexandre O'Neill. Feira Cabisbaixa*. Lisbon: Ed. Ulisseia, 1975.
- Botto, Antonio. *Canções*. Lisbon: Imprensa Libânio da Silva, 1921.
- . *Se de Rudyard Kipling em Versos Portugueses*. Broadsheet edition. Lisbon: Ed. Minerva, 1944.
- Branco, Holbeche Castelo. *Hitler não é uma causa. A propósito de "O Espírito inglês," notas e comentários do Sr. Dr. Tomaz Ribeiro Colaço*. Lisbon: Imp. Barreiro, 1940.
- Carlucci, Alessandro. "Between Two Worlds: Gramsci, Sardinia and the Early Italian Reception of Kipling. Chivalry, Academy, and Cultural Dialogues. The Italian Contribution to European Culture". *Legenda. Italian Perspectives* 37. MHRA, 2016: 223-35.
- Cecchi, Emílio. *Rudyard Kipling*. Florence: Casa Editrice Italiana, 1910.
- "Churchill falou ao Mundo". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, December 1st 1942: 1 and 10.
- Colaço, Thomaz Ribeiro. *O Espírito Inglês. Notas e Comentários*. Lisbon: Ed. Livraria Bertrand, 1940.

Rebouças Macambira (1917-1992), published in the *Revista da Academia Cearense de Letras* (1975, 234) and a broadsheet prose edition by the Portuguese poet António Ramos Rosa (1924-2019) commissioned by Edições 70 in the euphoric days after the revolution of 25th April 1974. Another edition for framing also appeared in 1975 by Edições Audiopax in Lisbon, translated by a Sílvio Aguiar, of whom nothing is known. An undated prose version by the Brazilian educationalist Dascomb Barddal (1937-2011), which may also have appeared around this time, is available on the internet. More recent versions include one in prose, first published on the internet by the Portuguese engineer and academic Vitor Vaz de Silva in 2001 and a competent verse translation in an article by the Brazilian translator Gil Pinheiro entitled "Tres Poemas de Kipling" (*Cadernos de Literatura em Tradução*, 2003, 27-42). In 2010, a prose version for children entitled "Carta a um Filho", translated by the Portuguese author Isabel Stilwell and illustrated by Mauro Evangelista, was published by A Esfera dos Livros in Lisbon in the wake of earlier versions in Italian and Spanish by the same illustrator.

- . *A Folha de Parra. Elementos para um Romance*. Lisbon: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- Costa, Alexandre Andrade da. “As Representações do Cenário Internacional por Meio das Caricaturas da Revista Inteligência: Mensário da Opinião Mundial (1935-1936).” *Anais do XXI Encontro Estadual de História*. Campinas: NPUH-SP, September 2012. 12-13.
- Fietta, Hector Lagna. *Paulo Bonfim – Guilherme de Almeida. Prosa e Poesia*. S. Paulo: RGE 1989.
- França, José Augusto. “Introdução”. *Tomás Ribeiro Colaço. A Folha de Parra. Elementos para um Romance*. Lisbon: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- Franzolin, João Arthur Ciciliato. “A Campanha Antibritânica nas Páginas do Jornal Meio-Dia (1940-1941).” *Patrimônia e Memória*. S. Paulo: Unesp, vol. 10, n.1, Jan-June 2014: 132-156.
- Freitas, Bezerra de. “If – o Poema de Sabedoria Humana”. *Suplemento de Domingo. Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, December 15th 1940: 1.
- . “If – O Poema de Sabedoria Humana”. Translated by Cassiano Tavares Bastos. *Suplemento de Domingo. Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, December 29th 1940: 1.
- Fróes, Heitor P. *Meus Poemas dos Outros. Traduções e Versões*. Bahia: Tip. Beneditina, 1952.
- Gramsci, Antônio. *Quaderni del carcere*. Turin: Einaudi, 1975.
- Grieco, Agripino (ed.) *Em Memória de Antônio de Alcântara Machado*. S. Paulo: Elvino Poci, 1936.
- Isgorogota, Judas. “Canção das Bandeiras, aos Bravos Soldados do Brasil, Defensores de S. Paulo. Música de Carlos Pagliuchi. Versos de Judas Isgorogota”. *A Gazeta*. S. Paulo, July 22nd 1932.
- Junior, Heraldo Márcio Galvão. “Caleidoscópio Estético e Político na Primeira Fase da Revista de Antropofagia.” *Anais do VIII Encontro Internacional de História*. UEM, 2017. 2706-2711.
- Kipling, Rudyard. *Cenas Brasileiras. Um Documento Inédito. A Presença de Kipling no Brasil. Tradução de Pinheiro de Lemos (texto) e Geir Campos (poemas)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.
- . “A Dansa dos Elefantes.” *Fon Fon*. Anonymous translation. Ano VII, nos.17 and 18, April 28th 1923.

- . *O Homem que quis ser Rei*. Trad. Paulo Braga. Lisbon: Ed. Inquérito [1936?].
- . "If." *The American Magazine*, vol. LXX, no.6, October 1910: 715.
- . "If". *Rewards and Fairies*. London: Macmillan & Co.1910:181.
- . *Lobos do Mar*. Trad. António Sérgio. Lisbon: Ed. Progresso [1938?].
- . "Se". Broadsheet edition with translations from the original English by Fernando Mayer-Garção and from André Maurois' version in French by Pedro Mayer-Garção. Lisbon: Ed. Portugália, 1940.
- . "Se". Translated by Alcântara Machado. *Aspectos. Mensário de Ciências, Letras e Artes*. S. Paulo, no.16, ano II, December 1st 1938-January 1st 1939: 51-2
- . "Se". Translated by Samuel Ribeiro. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, May 7th 1938: 16-17.
- . "Se". Translated by Thomaz Ribeiro Colaço. *Almanaque do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. December 1950: 96.
- . "Se" Translated from the original English and from André Maurois' version in French by Alberto Osório de Castro. *Seara Nova*. No. 494, Lisboa. 21st January 1937: 217-218.
- . "Si". Translated by Guilherme de Almeida. *Acaso. Versos de Todo o Tempo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938: 73-75.
- . "Si". Translated by Guilherme de Almeida. *Revista da Academia Paulista de Letras*, ano I, n° 2. S. Paulo. March 12th, 1938.
- . "Si". Translated by Judas Isgorogota. *Recompensa. Jornal do Brasil*. S. Paulo: Tip. Rio Branco, 1936: 57.
- . "Si". Translated by Guilherme de Almeida. *Almanaque do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. December 1942: 324.
- . *Something of Myself*. London: Macmillan & Co. 1937.
- . "The White Man's Burden: The United States and The Philippine Islands, 1899". *The Times*. London, February 4th 1899/*The New York Sun*. New York, February 5th 1899/*McClure's Magazine*, February 12th 1899.
- Klinger, Jeneral. *3 Anos de Ortografia Simplificada Brasileira – Opúsculo 4^a – Comemorativo do 3º Aniversário da Publicação da O.S.B*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1943.
- Leão, Múcio. "Registro Literário. Judas Isgorogota. *Recompensa. Jornal do Brasil*. S. Paulo, April 9th 1937: 6.
- Lobato, Monteiro. *Obra Completa*. S. Paulo: Ed. Brasiliense, vol. 13, 1951: 171-173.

- Macambira, José Rebouças. "Se". *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza, 1975: 234.
- Mariano, Olegário. "A Lição de Sabedoria Humana". *Correio da Manhã*. 2^a Secção. Rio de Janeiro, November 21st 1943: 1.
- . *Quando vem baixando o Crepúsculo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1944.
- Maurois, André. "Si". *Les Silences de Colonel Bramble*. Paris: Bernard Grasset, 1918.137-138.
- . *The Silence of Colonel Bramble*. London: Active Service Series/Bodley Head, 1919.
- Mayer-Garção, Fernando. *Brincos de Princesa*. Lisbon: Tip. A. Mendonça, 1941.
- Melo, Dirce de. "Vitrais. O Poema de Kipling na Voz do 'Premier' Britânico". *Correio Paulistano*. S. Paulo, December 6th 1942: 1.
- Monticelli, Fernanda Ferreyro. "Elpídio Pimentel e o Anúncio de uma Educação Especial no Ano de 1923 no Espírito Santo." *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, vol. 3, n. 2, 2016: 81-93.
- Neto, Oscar José de Paula. "As Estratégias de Consagração Literária de António Botto." *Via Atlântica*. S. Paulo: USP, n. 41, 2022: 84-113.
- Osório, Paulo. "A Bíblia da Energia de Rudyard Kipling". *O Século*. Lisbon, December 8th 1916. Arquivo Mário Soares. DFC. Documentos Afonso Costa. Pasta 07218.054.
- . "Os Ingleses em França". *Ilustração Portuguesa*, II Série, no. 562, November 27th 1916: 431-433.
- Peixoto, Afrânio. *Ensinar a Ensinar. Ensaios de Pedagogia Aplicada à Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1923 / Companhia Editora Nacional, 1937.
- . "Oliveira Salazar." *Homenagem a Portugal nas Festas Comemorativas dos Centenários da sua Fundação e Independência*. Rio de Janeiro: Câmaras Portuguesas de Comércio e Indústria, 1940.
- Pimentel, Elpídio. *Postillas Pedagógicas*. Vitoria: Oficinas da Imprensa Estadual, 1923.
- Pimentel, Mesquita. "O Ideal Humano de Kipling". *Alguns Estudos de Literaturas Estrangeiras*. Petrópolis: Vozes, 1943.
- . "O Ideal Humano de Kipling." *O Jornal*. Rio de Janeiro, February 1st, 1923: 1.

- Pinheiro, Gil. "Tres Poemas de Kipling". *Cadernos de Literatura em Tradução*. S. Paulo: USP, no. 5, 2003: 27-42.
- Ramos, J.S. "Dos males que vêm com o sangue: as Representações Raciais e a Categoria do Imigrante Indesejável nas Concepções sobre Imigração da Década de 20." *Raça, Ciência e Sociedade*. Ed. M.C. Maio e R.V. Santos. Rio de Janeiro. Fiocruz / CCBB 1996: 59-82.
- Rosa, António Ramos. Bilingual Broadsheet edition of his translation of "If". Lisbon: Edições 70, [1974?].
- Santos, Eucléia Gonçalves. *Retrato e Diagnóstico do Brasil: os Sertões na Obra de Afrânio Peixoto (1910-1947)*. Curitiba: UFPR, 2012.
- Stilwell, Isabel (transl.) *Carta a um Filho*. Lisbon: A Esfera dos Livros, 2010.
- Vianna, Arlindo. *O selebre poema If de RUDYARD KIPLING e várias versões e diversões*. Itajubá: Author's Edition, 1954.
- Vieira, Guilherme Lopes. "O Eco ao Longo dos meus Passos: Guilherme de Almeida e suas Cores Políticas." *Revista Hydra*. S. Paulo: UNIFESP, vol. 2, n.3. June 2017: 163 ff.
- Vilarinho, Manuel Leal. "Humor em Portugal e nos Países que conheci e em Especial o seu Humor Naval." *Memórias 2007*. Lisbon: Academia da Marinha, 2008: 66.

Appendix

“Si” by Mesquita Pimentel (1923)

Si és capaz de conservar o juízo e o sangue frio, quando todos, ao redor de ti – perdem a cabeça e te acusam de perder a tua;

– si podes conservar a tua confiança em ti mesmo quando todos duvidam de ti – e ao mesmo tempo, tomar em consideração essa desconfiança;

– si tens a força de esperar longamente sem te cansares da espera;

– si, sendo atacado com mentiras, não te defendes com mentiras;

– si, sendo odiado não odeias os teus inimigos,

– e si, assim procedendo, não fazes praça de muita virtude ou de muita sabedoria...

Si tu podes sonhar e não permites que o sonho te domine:

– si tu podes pensar e não te contentas com fazer do pensamento o fim da tua vida;

– si, encontrando o Triunpho e a Desgraça, és capaz de encarar com o mesmo animo esses dois impostores;

– si tens alma para ouvir a verdade que proferiste falseada por malandros que com ella procuram enredar os tolos;

– si tens coragem para ver despedaçarem-se as coisa que mais amas;

– e, ainda, para juntar os destroços e reconstruir, com instrumentos imperfeitos, o que dellas restar;

Si és capaz de amontoar os teus bens todos – jogal-os num lance de “cunha ou coroa”

– perdel-os e, depois, recomeçar a tua vida,

– sem jámais dizer palavra sobre a tua perda;

– si és capaz de obrigar teu coração, teus nervos, teus músculos a te obedecerem, ainda quando estiverem completamente exaustos,

– e de perseverar na tarefa iniciada quando já nada mais em ti existir

– sinão a tua vontade que manda prosseguir!

Si tu podes estar entre as multidões sem perder a tua personalidade,
– e caminhar de par com Reis sem perder a noção de humanidade
comum;
– se nenhum inimigo, nenhum carinhoso amigo te póde causar
damno;
– si todos os homens confiam e esperam em ti, embora não confiem
cegamente;
– si és capaz de encher cada inexorável minuto com sessenta segun-
dos de trabalho acabado;
– então a Terra será tua, com tudo que ela encerra,
– e, o que é mais, serás um Homem, tu, meu filho!

“Se” by Júlio Afrânio Peixoto [1923]

SE...

(Tradução, em versos livres, de Afrânio Peixoto)

*Se podes teu sangue frio conservar
Entre quem te acusa, porque perdeu a cabeça;
Se quando outros duvidam, podes em ti confiar,
Condescendendo à dúvida, que tua fé não mereça;*

*Se podes, sem cansaço esperar, repousando,
E, de todo, não ficares de ti, e de ludo, alheiado;
Se podes não odiar, sendo odiado, e, tolerando,
Sem ser demais prudente, nem por demais confiado;*

*Se podes sonhar, sem que influa o teu sonho,
E pensar, sem impôres tua convicção;
Se podes encontrar o mau Desastre ou o Triunfo risonho,
E a qualquer deles tratar, como ao mesmo intrujão;*

*Se podes ouvir a Verdade tua conhecida,
Deformada pelos maus, enganando à gente desatenta,
Ver arruinadas as coisas a que deste a vida,
E, tornando ao trabalho, reconstruí-las, com a mesma ferramenta;*

*Se reunidos os teus lucros, podes tentar o azar,
Arriscados, de uma vez, à tal sorte insegura,
E, perdendo, emprender de novo, a lida recomeçar,
Sem aludir, jamais, à tua louca aventura;*

*Se podes com as multidões lidar, sem comprometer à Virtude,
E aos Reis tratar, com a simplicidade decente,
Se nem amigos, nem inimigos, te podem impor uma atitude
E todos contam contigo, mas nenhum incondicionalmente;*

*Se podes preencher o supremo minuto inexorável,
Que sessenta segundos de dignidade todos somem,
Então, a Terra é tua e tudo o que nela existe desejável,
E o que é mais, meu filho, és um Homem!*

RUDYARD KIPLING



*edicao do
Inst. de Educacao*

“Se” by Judas Isgorogota (1936)

Se podes conservar teu sangue frio
Diante do que te acusa, a desvairar;
Se, ainda quando suspeitem de teu brio,
De tua fé, podes em ti confiar;
Se podes esperar, sem te cansares
E sem de ti perderes a noção;
Se, caluniado, em vez de caluniares,
Compensares o mal com o teu perdão;

Se podes tu sonhar; se teu intento
Fazes por algum dia realizar,
Se não buscas impor teu pensamento;
Se o mesmo és no prazer e no penar;
Se podes tu ouvir o que a gente
Demolidora e má nos faz ouvir,
E após, pela verdade, concientemente,
Lutas até fazê-la ressurgir;

Se podes tu tentar sorte insegura
E, perdido uma vez e uma outra mais,
Tornas de novo ao lance da aventura
Sem uma afronta proferir jamais;
Se podes tu fazer que tu obedeçam
Os teus nervos, e o próprio coração,
Sem que, por mais exaustos que pareçam,
Ao teu desígnio jamais digam “NÃO”!

Se podes, com igual solícitude,
As multidões ouvir, como a teu Rei,
E sem que um só te imponha uma atitude
Conte contigo toda a humana grei;
Se podes, da existência a que dás brilho,

Aproveitar todo o minuto seu,
Sem desperdício algum, então, meu filho,
És um homem de bem e o mundo é teu!

“Se” by António Alcântara Machado (1938)

DEZ. — JANEIRO — N. 16

S E . . .

(Para “ASPECTOS”)

— De RUDYARD KIPLING

(Tradução de ALCÂNTARA MACHADO,
da Academia Brasileira de Letras)

SE puderes guardar o sangue frio diante
de quem, fóra de si, acusar-te; e no instante
em que duvidem de teu ânimo e firmeza
tu puderes confiar na própria fortaleza,
timbrando em confundir a desconfiança alheia...

SE tu puderes não odiar a quem te odeia,
nem pagar com a calúnia a quem te calunia,
sem que tires daí motivos de ufania;
sonhar, sem permitir que o sonho te domine;
pensar, sem que em pensar tua ambição se confine;
e esperar sempre e sempre, infatigavelmente...

SE, com o mesmo sereno alhar indiferente,
puderes encarar a Derrota e a Vitória,
como embustes, que são, da fortuna ilusória;
e estoico suportar que intrigas e mentiras
deturpem a palavra honesta que profiras...

SE puderes, ao ver em pedaços, destruída
pela sorte maldosa, a obra de tua vida,
tomar de novo a ferramenta desgastada
e, sem queixumes vãos, recomeçar do nada...

SE, tendo loucamente arriscado e perdido
tudo quanto era teu, num só lance atrevido,
tu puderes tornar á faina ingrata e dura,
sem aludir jamais á sinistra aventura...

51

ASPECTOS — ANO II

SE tu puderes coração, músculos, nervos,
reduzir da vontade á condição de servos,
que, embora exaustos, lhe obedecem ao comando...

SE, andando a par dos reis e com os grandes lidando,
puderes conservar a naturalidade,
e no meio da turba a personalidade;
impávido afrontar adulações, engodos,
opressões; merecer a confiança de todos,
sem que possa cantar, todavia, contigo
incondicionalmente o teu maior amigo...

SE de cada minuto os sessenta segundos
tu puderes tornar com o teu suor fecundas...

a terra será tua, e os bens que se não sómem
e, o que é melhor, meu filho, então serás UM HOMEM!

A L C Â N T A R A M A C H A D O

“Se” by Guilherme de Almeida (first published in 1938)
 – Version from 1942



O famoso poema de Rudyard Kipling, na interpretação de
 GUILHERME DE ALMEIDA

Se és capaz de manter a tua calma quando
 Todo o mundo em redor já a perdeu e te culpa,
 De crêr em tí quando estão todos duvidando,
 E para esses no entanto achar uma desculpa;
 Se és capaz de esperar sem te desesperares,
 Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
 Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
 E não parecer bom demais, nem pretencioso;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires;
 De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores;
 Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires
 Tratar da mesma fôrma a esses dois impostores;
 Se és capaz de sofrer a dôr de ver mudadas
 Em armadilhas as verdades que disseste
 E as coisas, por que dêste a vida, estraçalhadas,
 E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
 Tudo quanto ganhaste, em toda a tua vida,
 E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
 Resignado, tornar ao ponto de partida;
 De forçar coração, nervos, músculos, tudo
 A dar seja o que fôr, que neles ainda existe,
 E a persistir assim quando exaustos, contudo
 Resta a vontade em tí, que ainda ordena: Persiste!

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes;
 E, entre Reis, não perderes a naturalidade,
 E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes;
 Se a todos podes ser de alguma utilidade;
 E se és capaz de dar, segundo por segundo,
 Ao minuto fatal, todo valor e brilho,
 Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
 E — o que é mais — tú serás um Homem, ó meu filho!

“Se” by Alberto Osório de Castro – from the original in English (1937)

SEARA NOVA

217

O Poema ((I F))

de Rudyard Kipling

Duas versões, sobre o texto inglês, e sobre a livre interpretação francesa de ANDRÉ MAUROIS

Ao moço romancista Sr. Joaquim Paço de Arcos

Se guardas sangue frio enquanto a ti em torno
 Todos perderam a cabeça, e te invectivam,
 Se confias em ti quando outros desconfiam,
 Aceitando contudo a desconfiança de outrem;
 Se podes esperar sem que esperar te canse,
 Se não ficas de todo, e de tudo, alheado,
 Se sendo odiado a ninguém pagues com teu ódio,
 Sem te julgar melhor ou bem mais assizado;

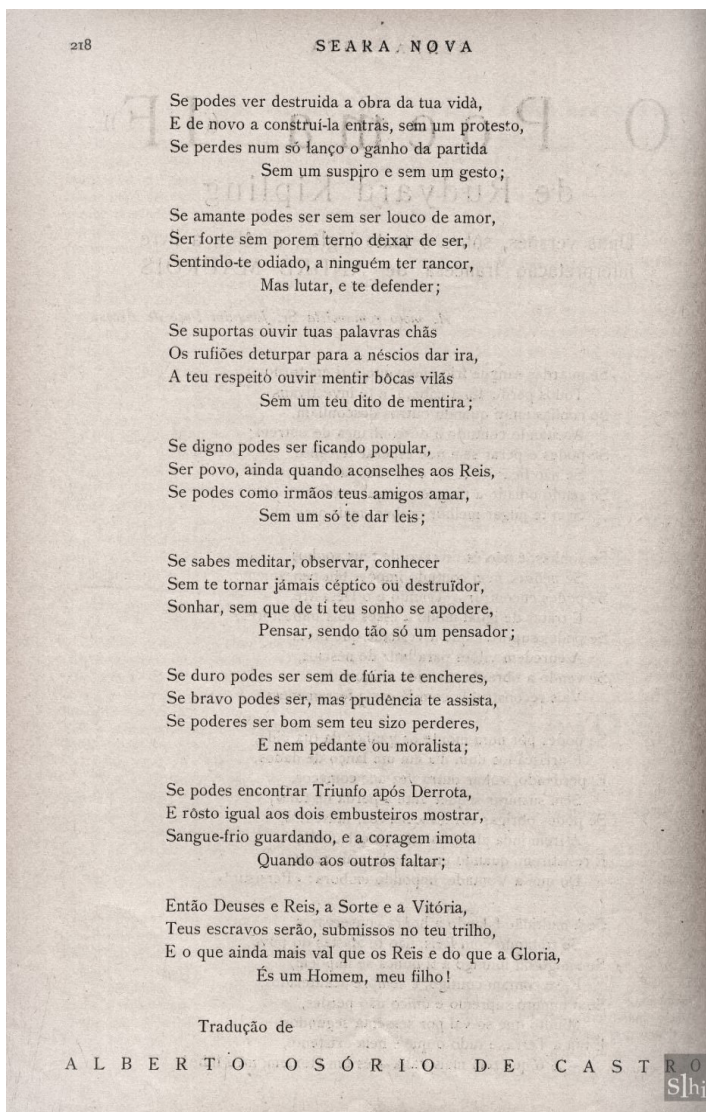
Se sonhas, e não és escravo de teus sonhos,
 Se pensas, nem contudo impões teu pensamento,
 Se podes encontrar o Triunfo e o Desastre,
 E tratar de igual modo a esses dois impostores,
 Se podes suportar que a verdade que dizes
 A enredem vilões para boíz de néscios,
 Se vendo a obra da tua vida aniquilada,
 Vais reconstruí-la com já gasta ferramenta;

Se podes pôr num monte os ganhos da tua vida,
 E arriscá-los num dia em um lanço de dados,
 E, perdendo, voltar outra vez aos começos,
 Sem suspirar sequer ante a perda de tudo;
 Se podes obrigar coração, nervos, músculos,
 A irem inda além do esforço calculado,
 E resistirem, quando em ti nada mais resta
 Do que a Vontade, impondo embora: « Persistir ! »

Se à multidão falando a honra conservares,
 Se tratando com Reis, não te afastas do povo,
 Se amigo ou inimigo a ti nunca se impõem,
 E, se contam contigo, é sempre acautelados,
 Se o minuto supremo e único não perdes,
 Minuto que só val por sessenta segundos,
 É tua a Terra, e tudo o que é nela existente,
 — E o que tem mais valia — és um Homem, meu filho!

S|hi

“Se” by Alberto Osório de Castro from André Maurois
– version in French (1937)



“Si” by Samuel Ribeiro (1938)

Si puderes conservar a tua calma quando todos em torno de ti desnorteam e por isso te culparem;
Si puderes confiar em ti mesmo quando todos os homens de ti duvidarem, mas tambem tolerar a duvida delles;
Si puderes esperar, sem por isso te fatigares, ser calumniado, sem tece-res intrigas. Ser odiado, sem te renderes ao odio, E mesmo assim não exaltares a tua bondade e nem falares com excessiva sabedoria;
Si puderes sonhar, sem te deixares vencer pelos teus sonhos,
Si puderes pensar, sem resumires no pensamento o teu unico objectivo,
Si puderes aceitar o Triumpho e o Fracasso, sem as distincções que os separam,
Si puderes ouvir a verdade que disseste, deturpada pela má fé, para assim illudir aos parvos;
Ou contemplar, desfeitas, as coisas a que devotaste a tua vida, reunindo-as e reconstruindo-as com recursos gastos;
Si puderes juntar tudo quanto ganhaste e tudo arriscar num golpe de aposta, perder e começar novamente do inicio sem nunca murmurares uma palavra sobre o teu prejuizo,
Si puderes estimular o teu coração, nervos e musculos a te servirem depois de elles se tiverem esgotado e assim resistires quando nada mais sobrar da tua energia excepto a vontade que exclama: “Resiste!”
Si puderes falar com as multidões e manter as tuas virtudes, frequentar os reis sem perderes a tua simplicidade;
Si nem os inimigos nem os devotados amigos puderem-te ferir,
Si confiases em todos os homens mas em nenhum cegamente;
Si puderes preencher o inexhoravel minuto da tua vida com os sessenta segundos que representam o seu valor passado;
– O mundo será teu e tudo que nelle se contém, e, o que é mais ainda, serás um Homem meu filho!

“Se” by Pedro Mayer-Garção (1970) First published in 1940

Se podes conservar a serenidade quando todos à tua volta
 A estão perdendo e censurando-te por isso;
 Se podes confiar em ti próprio quando todos duvidam de ti,
 Mas aceitando, também, a sua dúvida;
 Se podes esperar, sem que a demora te canse;
 Ou, sendo caluniado, não recorrer a mentiras,
 Ou, sendo odiado, não corresponder com ódio,
 E, contudo, não parecer bom de mais, nem presumir de sábio;

Se podes sonhar — e não fazer do sonho o teu sonho;
 Se podes pensar — e não fazer do pensamento o teu alvo;
 Se podes afrontar o Triunfo e a Derrota
 E tratar esses dois impostores da mesma maneira;
 Se podes resignar-te a ouvir a verdade que tens proclamado
 Desfigurada por tratantes para fazer uma armadilha de tolos;
 Ou ver desfeitas as coisas a que consagraste a tua vida
 E, submisso, construí-las de novo com ferramentas gastas;

Se podes fazer um monte de todos os teus ganhos
 E arriscá-lo num lance de «moeda-ao-ar»,
 Perder, e voltar outra vez ao princípio,
 E nunca soltar um queixume acerca da tua perda;
 Se podes forçar o coração, os nervos e os músculos
 Para servir o teu fim, muito depois de eles se terem esgotado,
 E assim perseverar quando em ti já nada existe,
 A não ser a Vontade que lhes diz: «Continuem!»;

Se podes falar com a multidão e manter a tua virtude,
 Ou privar com Reis — sem deixar de ser simples;
 Se nem inimigos nem amigos queridos conseguem magoar-te;
 Se todos os homens contam contigo, mas nenhum mais do que outro;
 Se podes preencher o implacável minuto
 Com o valor de sessenta segundos de caminho percorrido,
 É tua a Terra e tudo o que ela contém
 E — o que é mais — serás um Homem, meu filho!

PEDRO MAYER GARÇÃO

"Se" by Félix Bermudes (1940)

*Se podes conservar o teu bom senso e a calma,
Num mundo a delirar, p'ra quem o louco és tu;
Se podes crer em ti, com tôda a força d'alma,
Quando ninguém te crê; se vais, faminto e nú,
Trilhando sem revolta um rumo solitário;
Se à tôrva intolerância, à negra incompreensão
Tu podes responder, subindo o teu Calvário,
Com lágrimas d'amor e bênçãos de perdão;*

*Se podes dizer bem de quem te calunia;
Se dás ternura em troca aos que te dão rancôr,
Mas sem a ajeitação dum santo que oficia,
Nem pretensões de sábio a dar lições de amor;
Se podes esperar sem fatigar a esp'rança;
Sonhar, mas conservar-te acima do teu sonho;
Fazer do Pensamento um Arco da Aliança,
Entre o clarão do inferno e a luz do céu risonho;*

*Se podes encarar, com indiferença igual,
O Triunfo e a Derrota — eternos impostores;
Se podes ver o Bem oculto em todo o mal
E resignar, sorrindo, o amor dos teus amores;
Se podes resistir à raiva ou à vergonha
De ver envenenar as frases que disseste
E que um velhaco emprega, eivadas de peçonha,
Com falsas intenções que tu jámais lhes deste;*

*Se és homem p'ra arriscar todos os teus haveres
Num lance corajoso, alheio ao resultado
E calando em ti mesmo a mágoa de perdes
Voltas a palmilhar todo o caminho andado;
Se podes ver por terra as obras que fizeste,
Valadas por malsins, desorientando o povo,
E sem dizer palavra e sem um termo agreste
Voltares ao principio, a construir de novo;*

*Se podes obrigar o coração e os músculos
A renovar o esforço, há muito vacilante,
Quando já no teu corpo, afogado em crepúsculos,
Só existe a Vontade a comandar «Avante!»;
Se, vivendo entre o povo, és virtuoso e nobre
Ou vivendo entre os reis, conservas a humildade;
Se inimigo ou amigo, o poderoso e o pobre
São iguais para ti, à luz da Eternidade;*

*Se quem conta contigo encontra mais que a conta;
Se podes empregar os sessenta segundos
Dum minuto que passa, em obra de tal monta
Que o minuto se esprate em séculos fecundos;
Então, ó Ser Sublime, o mundo inteiro é teu!
Já dominaste os reis, os tempos e os espaços;
Mas, inda para além, um novo sol rompeu,
Abrindo um infinito ao rumo dos teus passos;*

*Pairando numa esfera acima deste plano,
Sem recear jámais que os erros te retomem,
Quando já nada houver em ti que seja humano,
Alegra-te, meu filho, então serás um Homem.*

FÉLIX BERMUDES

“Se” by Valdomiro de Abreu [1940]

SE

... Se puderes manter a tua calma, quando
toda gente, em delírio, ao redor, te censura;
se puderes em ti confiar, envergonhando
depois quem duvidou de tua fortaleza,
se puderes na vida esperar sem fadiga,
recebendo a calúnia, a sorrir com brandura,
e, odiada, ainda assim tua alma ser amiga,

Se puderes sonhar sem que te guie o sonho,
pensar sem que viver de idéias tu prefiras;
se puderes olhar o Triunfo risonho
como ilusão e assim a Mágua que te engelha,
e, rijo, suportar que tua idéia honesta
seja alterada além por velhacas mentiras,
e estando em pé, no chão, a obra maior que resta,
tudo reconstruir com a ferramenta velha.

Se, após ter reunido os teus poucos haveres,
arriscá-los, heroico, em um lance sómente,
e perdendo, ao trabalho inglório tu puderes
volver, sem queixas vãs contra a sorte inconstante;
se puderes forçar os músculos e nervos
e coração a que te atendam prontamente,
embora exaustos, e reduzi-los a servos
da imperiosa Vontade a lhes bradar: Avante!

Se puderes ficar distinto em meio a todos
os homens e falar, sereno, aos Poderosos,
sendo infenso a trações, bajulações, engodos;
se mereceres fé, sem que os outros te tomem
por ingênuo, e, lidando, os rápidos minutos
tu puderes encher com segundos preciosos,
possuirás — ó meu filho — a terra com seus frutos,
e — o que é ainda maior — serás então um Homem!

“Se” by Cassiano Tavares Bastos [1940]

SE

... Se puderes manter a tua calma, quando
toda gente, em delírio, ao redor, te censura;
se puderes em ti confiar, envergonhando
depois quem duvidou de tua fortaleza,
se puderes na vida esperar sem fadiga,
recebendo a calúnia, a sorrir com brandura,
e, odiada, ainda assim tua alma ser amiga,

Se puderes sonhar sem que te guie o sonho,
pensar sem que viver de idéias tu prefiras;
se puderes olhar o Triunfo risonho
como ilusão e assim a Mágua que te engelha,
e, riço, suportar que tua idéia honesta
seja alterada além por velhacas mentiras,
e estando em pó, no chão, a obra maior que resta,
tudo reconstruir com a ferramenta velha.

Se, após ter reunido os teus poucos haveres,
arriscá-los, heroico, em um lance sómente,
e perdendo, ao trabalho inglório tu puderes
volver, sem queixas vãs contra a sorte inconstante;
se puderes forçar os músculos e nervos
e coração a que te atendam prontamente,
embora exaustos, e reduzi-los a servos
da imperiosa Vontade a lhes bradar: Avante!

Se puderes ficar distinto em meio a todos
os homens e falar, sereno, aos Poderosos,
sendo infenso a traições, bajulações, engodos;
se mereceres fé, sem que os outros te tomem
por ingénuo, e, lidando, os rápidos minutos
tu puderes encher com segundos preciosos,
possuirás — ó meu filho — a terra com seus frutos,
e — o que é ainda maior — serás então um Homem!

“Se” by Olegário Mariano (1943)

A LIÇÃO DA SABEDORIA HUMANA

“IF” de Rudyard Kipling

Se és capaz de manter a calma quando o mundo
Em redor já a perdeu e por isso te culpa;
De crer em ti quando de ti todos duvidam
E achar para eles uma esmola de desculpa;
Se és capaz de esperar, de esperar sem cansaço
Ou não mentir ao ver mentir o alheio lábio,
Ou sendo odiado, ao ódio fechares a tua alma,
Sem bondade de mais nem pretensões a sábio;

Se és capaz de sonhar sem que o sonho te empolgue
Ou de pensar sem ter um fixo pensamento;
Se encontrares o Triunfo e a Desgraça e puderes
Tratar com a mesma calma esses dois impostores;
Se suportares o amargor de ver mudadas
Em armadilha as sãs verdades que disseste
E as coisas por que deste a vida, mutiladas,
Puderes recompor com aquilo que te reste;

Se és capaz de arriscar tudo quanto juntaste
Com teu árduo labor, numa única parada
E perder sem dizer uma queixa ou um lamento,
Iniciando de novo o teu novo trabalho;
Se puderes forçar teu coração, teus músculos,
Teus nervos, tudo enfim, tudo para servir-te
E dar-te um bem qualquer, sem que nada te negue,
Muito tempo depois que tudo haja passado,
Haverá teu desejo a dizer-te: Prosegue!

Se és capaz de lidar com a plebe sem que a plebe
Te corrompa e entre Reis te conservares simples
E de amigos, quer bons ou maus te defenderes,
Se para alguns fôres de alguma utilidade,
Se puderes preencher, de segundo a segundo,
O minuto integral a que dás glória e brilho,
A terra é tua e é teu tudo que anda no mundo,
E ainda mais, o que é mais: serás um homem, meu filho!

OLEGARIO MARIANNO

“Se” by Cdr. Alexandre Coelho Messeder in O.S.B [1943]

Se não pérdes a calma emquanto dezabrida
 a turba ce a perdeu te culpa do ocorrido;
 Se comfias em ti, de cem a grei duvida,
 maz dás a este descrer desconto meresido;
 Se pódes esperar sem ce o esperar te camse,
 e, alvo do falso, não procuras caluniar;
 Se, ao ser odiado, não pões o ódio ao teu alcamse,
 sem ar de puritano ou sabixão vulgar;

Se sonhas — maz não és dos sonhos méro ilóta;
 Se pemsas — sem mirar, sómênte, o pemsamento;
 Se ao brilho do Triumfo ou tréva da Derróta,
 como a impostores, dás o mezmo tratamento;
 Se toléras ce as grã-verdades ce falaste
 os vilões torsaom, para os nécios iludir,
 e, ao ruir das coezas a ce a vida dedicaste,
 recurvo, a férro gasto, imsisites em comstruir;

Se pódes, num só lamse, ao revirar do dado,
 o montante de teus proventos arriscar
 e, ao perder, retornar ao trilho já trilhado,
 Sem palavras de ceixa ou laevos de pezar;
 Se ao próprio corasão e aos musculos obrigas
 a obedeserte — já camcados de viver —
 e perseverás cuando em ti sómênte abrigas
 a vontade tenaz ce lhes manda: VEMSER!

Se falas ao plebeu comservando a virtude,
 ou com os reis sem perder o semso popular;
 Se, ante o inimigo ou amigo, impões tua atitude;
 Se aos omems dás valor, sem numca ezajerar;
 Se do minuto tems — o tempo não perdoa!
 segundo por segundo em benefísio teu:
 Terás a térra e o ce na térra se amontoa,
 e, ainda maes — tu serás um OMEM, filho meu!

“Se” by António Botto (First published in 1944) Republished in 1957

SE

De **Rudyard Kipling**

Em versos portugueses de **António Botto**

Se tu podes impor a calma, quando aqueles
 Que estão ao pé de ti a perdem, censurando
 A tua teimosia nobre de a manter,
 Se sabes aguardar sem ruga e sem cansaço,
 Privar com Reis continuando simples,
 E na calúnia não recorres à infâmia
 Para com arma igual e em fúria responder,
 — Mas não aparentar bondade em demasia
 Nem presumir de sábio ou pretender
 Manifestar excesso de ousadia, —
 Se o sonho não fizer de ti um escravo
 E a luz do pensamento não andar
 Contigo num domínio exagerado,
 Se encaras o triunfo ou a derrota
 Serenamente, firme, e reforçado
 Na coragem que é necessário ter
 Para ver a verdade atraçoada,
 Caluniada, espezinhada, e ainda
 Os nossos ideais por terra, — mas ergue-los
 De novo em mais profundos alicerces
 E proclamar com alma essa Verdade!,
 Se perdes tudo quanto amealhaste
 E voltas ao princípio sem um ai,
 Um lamento, uma lágrima, e sorrindo
 Te debruçares sobre o coração
 Unindo outras reservas à Vontade
 Que quer continuar, e prosseguindo
 Chegar ao infinito da razão,
 Se a multidão te ouvir entusiasmada
 E a virtude ficar no seu lugar,
 Se amigos e inimigos não conseguem
 Ofender-te, e se quantos te procuram
 Para contar com o teu esforço não contarem
 Uns mais do que outros, — olha-os por igual!,
 Se podes preencher esse minuto
 Com sessenta segundos de existência
 No caminho da vida percorrido
 Embora essa existência seja dura
 À força das tormentas que a consomem,
 Bendita a tua essência, a tua origem,
 — O mundo será teu,
 E tu serás um Homem!

MCMLVII
 FEIRA DO LIVRO
 Oferta da EDITORIAL MINERVA
 aos seus clientes e amigos

"Se" de Thomaz Ribeiro Colaço (1950)

96

ALMANAQUE DO "CORREIO DA MANHÃ"

SE...

Rudyard Kipling

(Versão livre de Thomaz Ribeiro Colaço)

Se podes conservar a fé, quando a tua volta
— atribuindo-te a culpa — os outros a perderam;
se, confiando em ti mesmo, accitas sem revolta
que duvidem de ti os que não te entenderam;

se podes esperar, sem que te canse a espera;
ouvir todos mentir, sem mentir como os mais;
olhar o ódio, sem ter maus impetos de fera;
ser sábio, sem orgulho; e bom, mas não demais;

se pensas, sem tornar-te um frio pensador;
se sonhas, e não és mero escravo de ideais;
se na derrota má, no êxito embriagador,
medes por igual metro impostores iguais;

se podes suportar que uma verdade obtida
a deturpem os maus para enganar os loucos;
se ao ver tombado aquilo a que entregaste a vida
com teus gastos alviões reabres os seus cavoucos;

se sabes amontoando os lucros que alcançaste,
arriscá-los de um golpe, olhando-o sem tremer;
e perder, e voltar ao caminho que andaste,
sem que te ouça uma queixa o que te viu perder;

se sabes obrigar o coração e os nervos
a vibrar quando são fagulhas que se esvai,
e a caminhar assim, tornando-os em teus servos
porque a vontade o impõe e lhes diz: — "Caminha!"

Se te ouvem multidões, sem perderes virtude;
se privas com os reis sem ganhares vaidade;
se, entendendo a ilusão, ninguém te desilude;
se, o amigo ou inimigo ouves só a verdade;

se em cada instante dás mais um passo fecundo
numa estrada que o sol inunda de seu brilho,
— venceste. Será teu quanto existe no mundo.
E, o que vale mais, — és um Homem, meu filho.

“SE...” by Heitor P. Fróes (1952)

Se tu fores capaz de ter serenidade
 Ouvindo a turba infrene o teu nome inculpar,
 E, acima da descrença elevando a Verdade,
 A alheia suspeição puderes arrostar;
 Se tu fores capaz de esperar com firmeza,
 De agir com probidade até com os desleais,
 E, mesmo a quem te odeia, encarar com lhaneza,
 Sem te ostentares sábio, ou bondoso de mais...

Se tu fores capaz de, em nobre trajetória
 – Sem pensamentos vãos nem sonhos tentadores –
 Encarar friamente a Derrota e a Vitória
 Dando igual tratamento a esses dois impostores;
 Se tu fores capaz de olhar por sobre os ombros
 Os que ousam deturpar o que, honesto, afirmaste,
 E de reconstruir sobre os próprios escombros
 Os planos que fizeste e os sonhos que sonhaste...

Se tu fores capaz de, em singular parada,
 Arriscar teu pecúlio, a custo reunido;
 E de, após perder, recomeçar do nada...
 Sem jamais aludir ao revés sucedido;
 Se tu fores capaz os servos dominar,
 Escravizando a fibra e o próprio coração
 À vontade viril que te ordena avançar
 E, exausto, prosseguir na peregrinação.

Se tu fores capaz de atuar com decência
 Junto à plebe, e, entre Reis, de ter simplicidade;
 Aos amigos e aos mais servindo com prudência;
 Mas sem nunca os tratar com prodigalidade;
 Se tu fores capaz, segundo por segundo,

De honrar do teu minuto o momentâneo brilho...
Na Terra hás de exercer um domínio profundo,
E, o que é mais, sentirás que és um Homem, meu filho!

Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20th Century (1913)*

Gabriela Gândara Terenas

(NOVA FCSH/ CETAPS)

1. Introduction: Travel Journalism

“The Press has taken today the place of Diplomats and Ambassadors in their great and good work: and the Press has it right in its power to do the job a great deal better, at much less cost, and without any of that mystery and intrigue which, it is asserted, too often pass for what is commonly called the World of Diplomacy.”
(Steven 5)

Exhaustively studied by authors such as Folker Hanusch and Elfriede Fürsich, contemporary travel journalism is characterised by texts produced by journalists invited by public or private institutions belonging to a particular country, with the purpose of producing accounts of their experiences for publication in the periodicals they work for, so publicising the country they visited as a tourist destination. In its essence, it is a form of touristic and

* An abridged version of this article was presented at the II Anglo-Portuguese Studies Conference (Lisbon, NOVA FCSH, 24-26 November 2022).

sometimes political propaganda, published in exchange for an invitation to visit and stay at a particular destination, issued by an organisation which has an interest in promoting the venue through articles written by the visiting journalists.

As Lynn McGaurr explains, the study of travel journalism includes “journalistic agency, professional and personal tastes and interests, tourism marketing and public relations strategies and tactics, competition between sources for media access, place identity, projected image, symbols, brand extensions [...] [and] even the power of accolades in travel lists to submerge political frames”. Thus, tourism should be understood as “the most influential sectoral brand under the state’s master brand”. (2-3)

At the beginning of the twentieth century, the expression “travel journalism” was not yet in use. However, the circumstances under which a numerous group of British journalists visited Portugal at the invitation of the Sociedade Propaganda de Portugal (SPP/Society) clearly indicate that the articles they produced, against a backdrop of political turmoil in a country which was nevertheless appealing from the tourist viewpoint, are clearly examples of what today would be classified as travel journalism.

Tourism had begun to flourish at the end of the nineteenth century due to greater prosperity, increased leisure time and better means of transport, and according to Stephen Smith, (*apud* Vieira 44) part of its appeal was the freedom to choose one’s own itinerary and places to see. Studies of twentieth century travel accounts generally distinguish between the traveller and the tourist. Whereas autonomous travellers were free to seek out different places, new experiences and adventures, and to express their personal impressions, tourists, on the other hand, employed the services of a travel agency and took guided tours which limited their autonomy and the freedom to make personal decisions. Tourist guides not only told the tourists what to see, but also indicated the restaurant with the best food, the hotel with the best rooms and even suggested what they should think about their experiences. Although the invited party of British journalists (amongst whom there were a few Americans) were far closer to the

profile of tourists than autonomous travellers, they were obliged to follow an itinerary predetermined by the SPP.

It would be worthwhile, therefore, to look more closely, from an Anglo-Portuguese perspective, at the political and historical background to this invitation, which was made in February 1913.

2. The Sociedade Propaganda de Portugal and the British Campaign against the Republic

Founded in 1906 with the declared aim of promoting Portugal as a leisure destination both at home and abroad, as its name suggests, the SPP organised tours of the country, published guides to regions of particular interest to tourists, and recommended itineraries and suitable means of transport for travellers, particularly the railway and shipping companies.

As Asa Briggs and Peter Burke point out in their *Social History of the Media*, by the end of the nineteenth century "leisure, travel and sport were now treated as industries." (190) Demonstrating an awareness of this new reality, the Society had declared itself, in the first article of its statutes, entirely divorced from political and religious issues, which may explain why the new Republican regime, founded on October 5th 1910, declined to interfere with its activities. In fact, the SPP enjoyed a close relationship with Republican Government,¹ several members of which occupied places of honour at the 6th International Tourism Congress, which was held in Portugal in May 1911.² Less than two

1. Amongst them were Bernardino Machado (Foreign Minister and Chairman of the Organising Committee of the Congress), António José de Almeida (Minister of the Interior and Honorary President of the Congress), José Relvas (Minister of Finance and Honorary President of the Congress), Brito Camacho (Minister of Economic Affairs and Honorary President of the Congress), Eusébio Leão (Civil Governor of Lisbon and Honorary President of the Congress), Anselmo Braamcamp Freire (Mayor of Lisbon and Honorary President of the Congress) and Magalhães Lima (Editor of "Propaganda" and Honorary President of the Congress). Cf. Anonym, *Boletim*, 33-34 and Pina, *Cronologia do Turismo Português*, 58.

2. Due to the change of regime, the founder and Secretary-in-Perpetuity of the SPP, Leonildo de Mendonça e Costa, a staunch monarchist, resigned, so that the Presidency fell to Sebastião Magalhães Lima, an event which brought the institution closer to official circles. On May 12th 1911, the IV International Tourism Congress took place at the Sociedade de Geografia de Lisboa, bringing together representatives from many different countries and underlining the need for Portugal to create an official tourism

years later the Prime Minister, Afonso Costa (a politician who already had the reputation of being a radical republican), would promise his full support to the Society's initiatives.

It was precisely during the years 1912 to 1913 that the British press carried out a fierce campaign in favour of monarchist political prisoners, and by association, against the Portuguese republican regime which had incarcerated them. Following the example of the British Government, the London press had, at first, adopted a neutral stance towards the founding of the Republic, choosing merely to report on events as they happened, but after the decree which separated the State from the Catholic Church (1911) and the monarchist incursions (1911-12) the attitudes of both the British Government and the press changed radically. The persecution of the monastic orders and the clergy, together with the imprisonment of monarchist sympathisers, who were allegedly treated like common criminals, led to the appearance in the British press of articles protesting against the way the new regime treated all those who might represent a threat (real or merely suspected) towards the survival of the Republic.³

Thus, during the whole of 1912, newspapers such as *The Times*,⁴ *The Morning Post*,⁵ *The Daily News*,⁶ the *Daily Mail*⁷ and periodicals like

organisation. As a result, on May 16th 1911, the Republican Government set up a Tourism Council (also headed by Magalhães Lima), additionally supported by a Tourism Board under the umbrella of the Ministry of Economic Affairs. The two organisations (public and private) would continue to operate separately, cooperating only on an occasional basis. After the First World War the SPP gradually lost importance and became virtually inoperative during the thirties. Cf. Pina, *Portugal. O Turismo no Século XX*, 17.

3. On this subject see Terenas, "Politics or Tourism? The Visit of a Party of British Journalists to Portugal at the time of the First Republic".
4. A conservative daily, *The Times* (London, 1785-today) has always been an influential voice, having long enjoyed the statute of the principal representative of the power of the press. It offered news from home and also from abroad where it had a significant number of foreign correspondents. In 1908 this, the most famous of all the London newspapers, was taken over by Harmondsworth, who retained the characteristics which distinguished the paper amongst its peers.
5. A serious and conservative daily newspaper, *The Morning Post* (London, 1772-1937) was particularly known for its coverage of news from abroad. In 1881, the paper sent, for the first time, a female war correspondent to report on the Boer War.
6. The most important liberal London newspaper, *The Daily News* (London, 1846-1930) was, from 1901, the property of George Cadbury who wished to use the paper to criticise Conservative imperialist policies, more particularly the Boer War. The paper defended free trade against Chamberlain's Tariff Reform Bill in 1903, carried out several campaigns in favour of social reforms and was active in the "Chinese Slave Labour" campaign against imported labour in the Transvaal gold mines.
7. Founded by Alfred Charles William Harmondsworth, the future Viscount Northcliffe, the *Daily Mail* (London, 1896-today) was, and still is, one of most widely-read British newspapers. During the

the *The New Age*⁸ and *The Spectator*,⁹ amongst many others, published articles in favour of the political prisoners and, consequently, against the Republic. Aided by Eva Mabel Tenison,¹⁰ the campaign was led by Adeline Mary Russell, the Duchess of Bedford,¹¹ with the discreet backing of Sir Arthur Hardinge, the British Ambassador,¹² and the open support of the British community in Portugal, encouraged by the articles of Aubrey Bell,¹³ the Lisbon correspondent of *The Morning*

Victorian era it was a paradigmatic example of the so-called "new journalism". First sold for a halfpenny, it was from the outset a populist, conservative newspaper and an active supporter of British imperialism. It has always published news items of general interest, including articles on sport, food, fashion and entertainment. The *Mail's* circulation, which at the beginning was in the order of 400,000 copies, quickly rose to surpass a million copies three years later. Cf. Hattersley, *The Edwardians*, 408

8. A progressive literary and arts review, *The New Age* (London 1894-1938) was relaunched with the financial assistance of George Bernard Shaw in 1907 and directed by Alfred Richard Orage between 1907 and 1922. Orage had previously been responsible for the Leeds Arts Club together with Holbrook Jackson who became joint editor of the periodical for a year in 1907.
9. Refounded in 1828 by Robert Stephen Rintoul, *The Spectator* was directed, during the period under study, by John St. Loe Strachey, who had taken over as editor from H.H. Asquith. Under Strachey, *The Spectator* became one of Britain's most influential weeklies.
10. A descendent of Archbishop Tenison, Eva Mabel Tenison (1880-1961) published several historical novels and monographs under the nom-de-plume of Michael Barrington, notably *A Short History of the Order of Saint John of Jerusalem: From its Earliest Foundation in 1014 to the End of the Great War of 1914-1918* (1922), first published under the title *Chivalry and the Wounded. The Hospitallers of St. John of Jerusalem (1014-1914)* (1914), supposedly to inspire the members of the St. John's Ambulance Brigade, a charitable institution devoted to paramedical support which worked closely with the Red Cross during WWI.
11. Lady-in-waiting to Queen Alexandra (the widow of Edward VII and at this time Queen Mother), Adeline Mary Russell (1852-1920) was a High Church Anglican and a celebrated philanthropist who had for many years taken an active interest in the social conditions of prison inmates, particularly those of women, and was a frequent prison visitor. Perhaps for these reasons, whenever a lady of aristocratic birth was arrested by the Republican regime, the news was quickly headlined in the pages of the London newspapers. Aided administratively by E. M. Tenison and supported by a group of aristocrats and journalists (some of whom were Catholics), the Duchess of Bedford became the figurehead of the British campaign to free the monarchist prisoners held in Portuguese jails. On March 19th 1913, the Duchess, accompanied by E. M. Tenison, visited the prisons where the principal figures of the monarchist revolt were incarcerated.
12. Sir Arthur Hardinge (1859-1933), who had arrived to assume the post in 1911, sent regular reports to the Foreign Office telling of the sorry state of the overcrowded prisons with cells, infested with parasites, occupying dark underground passages, their walls oozing with damp, and the dreadful sanitary facilities. Hardinge openly expressed his hostility towards the new regime, considering Afonso Costa to be a kind of "South-American tyrant" and defending the restitution of the throne to D. Manuel. He also supported the campaign in favour of the political prisoners which had been launched, in the meanwhile, by the Duchess of Bedford.
13. Lusophile, Hispanist, poet, literary critic, bibliographer and translator, Aubrey F. G. Bell (1882-1950) was, along with Edgar Prestage (1869-1951), one of the most eminent specialists in the field of Portuguese literature and culture at the beginning of the 20th century and one of the most active in publicising them in Britain. In 1911 Bell took up residence in S. João do Estoril, having remained in Portugal until 1940. During this thirty-year period, Bell toured the country and broadened his knowledge of Iberian cultures, which is evident from the works he devoted to Portugal – *In Portugal* (1912) and *Portugal of the Portuguese* (1915) – having also sent regular reports to the London papers regarding

Post, and a celebrated expert on Portuguese literature and culture. At the same time, the campaign enjoyed the clandestine support of the aristocratic exiles who were part of the London social circle of the deposed monarch, D. Manuel II.¹⁴

It was precisely in these inauspicious circumstances for Anglo-Portuguese relations that the party of British journalists was invited to visit Portugal by the SPP, in the hope that, on their return, as in the travel journalism of today, they would publish articles praising the country as a tourist destination whilst conveying, at the same time, a favourable impression of the Republican regime.

I will now look more closely at the visit itself and its repercussions in the press.

3. The Journey of the British Journalists to “the Wondrous Land”

In January 1913, the Society addressed an invitation to the British International Association of Journalists¹⁵ for a party of twenty-five of “the leading journalists of the most important English newspapers”, (Anon. 17) to visit Portugal between February 16th and 26th. Accompanying the invitation was the programme for the tour, covering the whole of the country from North to South, including a list of the official receptions and a detailed ten-day itinerary. In the meanwhile, Afonso Costa had received the executive committee of the SPP, who confirmed the British journalists’ acceptance of the invitation and requested the Government’s support to ensure the success of the enterprise. According to the Society’s Bulletin, the Prime Minister welcomed the SPP’s representatives warmly and promised

the events occurring in the country. See Silva, 227-228. Bell was openly critical of the new regime, especially with regard to religious issues, and was, himself, briefly arrested.

14. On this subject see Thorn, *The Locusts*.

15. Founded in 1894, the main purpose of the British International Association of Journalists was to provide British journalists with a link to the International Union of Press Associations, which had about 10,000 members from 24 countries.

his full support for what he described as a praiseworthy propaganda initiative, adding that “issues related to Tourism were deserving of his greatest sympathy, which he hoped soon to be able to demonstrate.” (Anon. 18)

Afonso Costa undoubtedly realised the political importance (and not just the impact on tourism) of the visit. In fact, travel journalism is also politically effective, due to its soft reputation and power, (McGurr 6) something that Costa must have immediately understood. The Society’s meticulous preparations were therefore able to count upon the support of municipalities, associations and clubs such as the Portuguese Photographic Society, The Industrial Association, the Yacht Club, and the Automobile Club of Portugal, amongst others.

On their arrival the twenty-five journalists¹⁶ were received by the committee of the SPP, by the Head of the Tourist Board (José de Ataíde) and by a representative of the Foreign Ministry (Ferreira de Almeida). However, contrary to expectations, the great majority of the journalists did not represent the major national London-based newspapers, as the Society had announced, but regional papers such as the Bristol-based *Western Daily Press*, *The Yorkshire Post* from Leeds, *The Berwickshire News*, *The Derry Standard* from Londonderry (Ireland), *The North Wilts Herald*, based in Swindon, *The Irish Times* of Dublin and even an American newspaper, *The New York Herald*. In fact, the more important national newspapers had declined the invitation so

16. According to the SPP’s *Bulletin*, the party was made up as follows: A. James Baker (Hon. Secretary of the Association) and Mrs. Agnes Anne Hallett Baker (*The Evening Standard*, London and *The Western Daily Press*, Bristol); W. L. Warden and Mrs. Warden (*The New York Herald*, New York City); A.G. Baker (*The Yorkshire Post and Leeds Intelligencer*, Leeds); Alexander Steven (*The Berwickshire News and General Advertiser*, Berwick-upon-Tweed, England); John C. Glendinning (*The Derry Standard*, Londonderry, Northern Ireland); H. Piper (*The North Wilts Herald*, Swindon); Mrs. Ethel Palmer (*The Sunday Times*, London); Mrs. Carlyle (*The Irish Times*, Dublin, Ireland); Mrs. Ethel Carven Hargrove (*Ladies’ Field*, London); B.W. Richardson (*The National Weekly*, London and *The Queen, the Lady’s Newspaper*, London); Sir James Henry Yoxall (President of the British International Association of Journalists); Joseph R. Fisher (*The Northern Whig*, Belfast, Northern Ireland); T.G. Bridges (*Daily Mail*, London); A.N. Ackermann (*The Engineering & Scientific Journal*, London); H.G. Woods (*The Evening News*, London); Charles Lincoln Freeston (*The Autocar*, London); John Linnen (*The Mansfield and North Notts Advertiser*, Mansfield); Frederick J. Gardner (*The Observer*, London); R.S. Crossley (*The Accrington Observer*); Mrs. Bradgate (*Lady’s Pictorial*, London); Miss Maxwell (*The Edinburgh Evening Dispatch*, Edinburgh, Scotland); and Mr. William Thomson and Mrs. Thompson (American travel writers).

that the reports on the tour appeared almost exclusively in regional papers.

Quite clearly, it was not the same curiosity concerning the Other, which for centuries had led British travellers to portray unfamiliar landscapes, people and customs in so many different ways, which motivated the British journalists. Their attitude was that of journalist-travellers with a job to do – a task commissioned, albeit indirectly, by a third party, the SPP, with the full support of the Republican Government, which expected to see the publication of articles which praised the country and the new regime.

Furthermore, the Society's Bulletin was quick to emphasise the "high, patriotic service" that it had performed by offering England the chance to form an opinion which was "closer to the truth", (Anon. 17) which, of course, suggested a prior impression which did not correspond to reality. As, according to the *Boletim*, Portugal was undergoing a process of profound renewal, England needed to be informed of the situation by its journalists, who would doubtless convey a favourable image to public opinion abroad. (Anon. 17, 23)

Moreover, in his speech at the magnificent banquet for the visitors given by the Lisbon City Council, the Mayor (António Xavier Correia Barreto) emphasised his wish that the journalists might convey a positive image of Republican Portugal, recognising that the press, "the most powerful weapon of propaganda of the day" (Anon. 24) was capable of projecting a favourable image which could influence public opinion and determine the future of the regime and the country, itself. Curiously, the same idea was conveyed by the editor of the *Berwickshire News*, Alexander Steven, suggesting that the press had adopted the role of diplomacy, promoting good relations between countries rather than intrigues or duplicitous attitudes:

The Press has taken today the place of Diplomats and Ambassadors in this great and good work: and the Press has it right in its power to do the job a great deal better, at much less cost, and without any of that mystery and intrigue which, it is asserted, too often pass for what is commonly called the World of Diplomacy. (Steven, "Portugal. Its People and its Pictures, 5)

With this in mind, I will try, in the next part of the article, to answer the following questions: How far did the journalists succeed in constructing a favourable image of the new Republic? Or did they, in fact, do no more than promote the country as a tourist destination, whilst choosing to ignore the political aspect? What was the real impact of these articles on British newspaper readers? What connection can be established between the visit of the party and the campaign in favour of the political prisoners and against the Republic?

4. The Image of Portugal in the English-speaking Press: Promotion of Tourism or Political Propaganda?

Above all, it was the journalists' conscious aim that their readers should identify with the particular portrayal of reality which they were being offered. This led them to produce propaganda of the country (and hence the regime) as I will endeavour to show.

The term "propaganda" here is used in one of the three senses identified by Douglas Walton, i.e. the production of texts inspired by a positive discourse-based on a communicative process designed to disseminate or reveal certain aspects of reality, which lead the public to act in a certain way. (91-126)¹⁷ Thus, as Anabela Carvalho notes, travel-journalists tend to use certain discursive strategies in order to achieve an effect or goal without necessarily being manipulative in the sense of an illegitimate alteration of a certain reality. (169)

17. In *Media Argumentation. Dialectic, Persuasion, and Rhetoric* (2007), Douglas Walton identifies three types of argumentative discourse: negative, neutral and positive. The first one includes demagogic discourse which leads individuals to commit actions which are ethically reproachable, based on "false" facts. Neutral discourse, by way of contrast, is essentially informative, employing techniques which are common to negative propaganda, but consisting of a communicative process which may be responsible for the dissemination of ideas, but not for the sale of products. The third category, the argumentary discourse of a positive nature, presents ethically valid arguments and shares ideas with the aim of enabling people to distinguish between options or to take a decision based on true facts. However, each of them is defined as a "one-sided argument" or to put it another way, displays only one view of a particular subject, declining to present an opposing view. At the time, the expression "propaganda", as it was used in the title of the SPP, was identified with the act of promotion or advertising.

The first news of the travel-journalists' visit to Portugal appeared in the form of a press-release in regional newspapers such as *The Scotsman* (Edinburgh), *The Manchester Courier*, *The Northampton Mercury* or *The Western Daily Press* (Bristol). Generally appearing under the heading "A Tour through Portugal", the news items were limited to the announcement that a party of journalists had left for a trip to Portugal at the invitation of the SPP.

In March 1913 a short news item appeared in the *Western Daily Press* (Bristol) under the heading "British Journalists in Portugal" announcing that Mr. James Baker, the Honorary Secretary of the British International Association of Journalists, was visiting Portugal, and mentioning the broad coverage which was being given to the tour by the Portuguese press, but adding little more. (Anon. [n.p])

The first article published after the return of the party appeared in the *Berwickshire News* on March 11th. Reporting in impartial terms, it described the journalists' itinerary and gave particular emphasis to the meeting with the President of the Republic, Manuel de Arriaga, and the warm reception afforded by the Portuguese people, which is also apparent from the many photographs published in the magazine *Ilustração Portuguesa*. The two examples which follow show the reception given to the party by the students of Coimbra University (Fig.1) and the arrival of the party at Portimão (Fig.2).

The article in the *Berwickshire News* read as follows: "The public receptions accorded the British journalists were of an enthusiastic and memorable nature at each place visited". (Steven 3) On April 15th, May 27th and July 15th, three other illustrated articles with further details of the tour appeared in the same newspaper, under the heading "Portugal, its People and its Pictures" describing the wonders of the country in the style of a tourist guide.

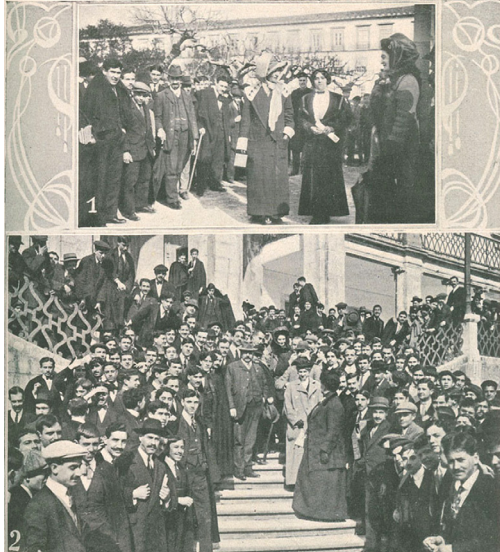


Fig.1 – The Reception at the Universidade de Coimbra.



Fig.2 – The Arrival at Portimão.

The second of the articles, illustrated with photographs of Buçaco (Fig.3), enabled the journalist to praise the military deeds of Wellington against the French invasion commanded by Massena, the centenary of which had recently been commemorated there by the deposed King D. Manuel, more precisely in September 1910, just a few days before the fall of the Monarchy.

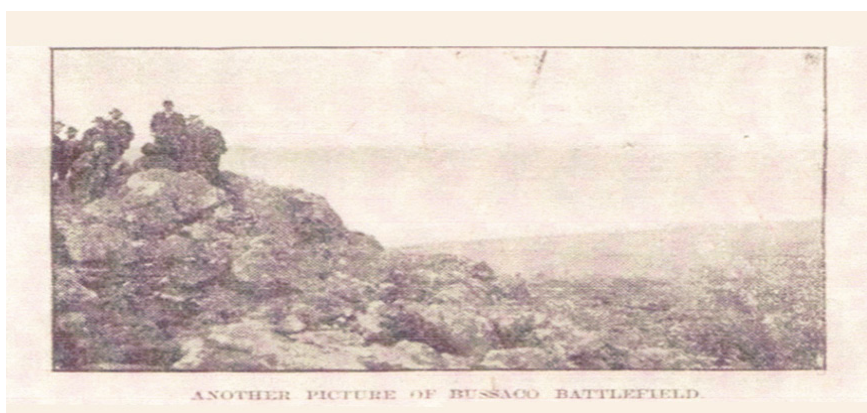


Fig.3 - "Another Picture of Bussaco Battle Field"

In the third article, illustrated with a photograph of young women in the traditional costumes of the Minho (Fig.4) Portugal was generously praised for its natural beauty and termed "The Garden by the Sea":

R LETTER BOX

CORRESPONDENCE TO THE EDITOR OF THE BERWICKSHIRE NEWS.

Dear Sir, I would like to see you in 1913... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

EYEMOUTH'S NEW SCHOOLMASTER

It is a pleasure to have been mentioned in the columns of the Berwickshire News... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

PORTUGAL—ITS PEOPLE AND ITS PICTURES.

[By the Editor of 'The Berwickshire News']



PORTUGUESE GIRLS IN NATIONAL COSTUME WHO WELCOMED THE BRITISH VISITORS.

One of the greatest pleasures that we are... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Oldhamstocks Church.

NON MEMORIE FORGOTTEN.

Rev. J. James Owen was ordained to the... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

TABLE TALK. A... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

There is a fashion's 'fizz' in the air... Birds' Crystal Jelly Powder. I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Berwick Councillor Retires from Business.

35 Years with the 'Pm'



Charles Lyell

Adventures of Frank Fairfield.

(JOSEPH POLLAN, F.R.I.)

Written By Himself.

CHAPTER XXVIII

VARIOUS CONSIDERATIONS

A business and a life's work are... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Eradic Infection.

British Faculty used the... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Berwickshire Gift to Berwick.

On the 15th inst. the... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Ornican Veteran Dead.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Parish Hops.

The... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Parish Hops.

The... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Parish Hops.

The... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

The Land in Australia.

It is a pleasure to have been mentioned... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy... I have been thinking of you very much lately... I hope you are well and happy...

Fig.4 - "Portuguese Girls in National Costume Who Welcomed the British Visitors".

The *Irish Times* also published a long article about the visit entitled "A Tour in Portugal. Some Spring Impressions. Sunshine, Wine and History". The writer, probably Mrs. Carlyle, included Portugal as an obligatory stop on the "tourist trail" of the beginning of the twentieth century: elegant and comfortable hotels; a warm and welcoming population in which "all classes believed that not only good manners, but policy, demand attention being paid to citizens of the Empire". (A Correspondent 9) The article went on to describe a country which was safe for any tourist, but particularly for British holidaymakers, the favourites of the Portuguese people; the beautiful countryside; the impressive monuments with their historical past; and the excellent summer resorts.

On March 24th, 26th and 28th 1913, John Glendinning of the *Derry Standard* drew the attention of his readers to Portugal as a tourist destination, emphasising the remarkable hospitality he had enjoyed, something which was unthinkable in Britain. On the other hand, very much in the style of travel journalism, he confirmed that the change of regime had not affected relations between Portugal and the UK, which was not the case, as it is now known. (7)

In April of 1913, the *North Wilts Herald* published three articles, probably written by H. Piper, which reported, in detail, on the whole of the ten-day tour around Portugal. The accounts reveal the journalist's enchantment with the country and its attractions. Everything was wonderful for the tourist: the people, the climate, the countryside, the monuments, the wonderful Algarve beaches and the magnificent receptions. He even went on to offer tips for potential visitors. It is worth remembering in this context that the places visited were previously and carefully chosen by the Society, which decided the itineraries and stopping-off places, and accompanied the journalists on all their visits.

The articles were clearly commissioned and, under the circumstances, must be viewed as propaganda in favour of the new regime, and, as such, a form of travel journalism. In fact, as Lynn McGaurr points out, travel journalists never interact directly with locals as they are monopolised by the tourism industry during their visits, meaning that readers are provided with representations that aim at creating an

interesting destination for them to visit. There is little discussion of political issues in destinations, the travel-journalists are reluctant to report on experiencing crisis, and the articles demonstrate a certain inability to construct a discourse of difference. Nevertheless, the genre always has a political potential. (7-8)

If the previous evidence is insufficient to confirm the propaganda role of the articles, in the final section of Piper's article, dedicated to a visit to the Penitentiary – a place which, under normal circumstances would never be part of a travel itinerary –, there is a reference to the fact that the journalists encountered better conditions than they had been given to expect. Indeed, as Bill Kovach and Tom Rosenstiel explain, travel journalism is not about “getting the facts right”, but about “giving the adequate context to make those facts coherent”. (41)

5. “Keep Reading and Keep Travelling”: What Conclusions?

Although both the SPP and the Republican Government assumed that, on their return home, the visitors would convey a new image of the Republic which contradicted what had been written about the treatment of political prisoners in the foreign press, this was not the case. The articles were few and far between and were drowned by many others published by the London-based national press on the Duchess of Bedford's campaign and the supposedly terrible conditions in which the prisoners were held, which appeared under sensational headlines such as “Political Prisons in Portugal”, “Prison Horrors” or “Tyranny in Portugal”.

In truth of fact, whilst ignoring the journalists' tour, the British and international press continued to publish regular articles about the Duchess' Campaign, the political prisoners and the meeting at the Aeolian Hall to demand an amnesty.¹⁸

18. The Aeolian Hall meeting, which took place on April 22nd 1913, and the later publication of the speeches which were made there (under the title *Portuguese Political Prisoners. A British National Protest*) were the high point of the British campaign.

Though it is now clear that the Society had in mind the British campaign against the Republic when it addressed the invitation to the journalists, as in the travel journalism of our own day, the visiting party clearly paid little attention to the political situation, whilst taking full advantage of this tour in the elegant style of turn-of-the-century tourism.

Contrary to the intentions of the organisers, the impact of the journalists' visit was far greater at home than it was abroad. The party of journalists was in fact received by the President of the Republic and the ten-day tour was given extensive coverage by the Portuguese press sympathetic to the regime. This included *A Capital*, *O Século* and especially *A Ilustração Portuguesa* which published many photographs of the journalists and the events they attended, which were taken by the famous photo-journalist Joshua Benoliel,¹⁹ who had been specially commissioned for the purpose.

There can be no doubt that it was intended as travel journalism but, in practice, it turned out to be merely for home consumption.

Works Cited

I] Primary Sources

- Anon. *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal* (1911): 33-34.
- Anon. "British Journalists in Portugal." *Western Daily Press* (1 March 1913): [n.p.]; (29 March 1913): 5.
- Anon. "Conferências na Inglaterra." *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal*, 7, no. 1 (January 1913): 14-16.
- Anon. "Os Jornalistas Ingleses em Coimbra." *A Ilustração Portuguesa*, 2, no. 367 (3 March 1913): 273.

19. Of Jewish origin, Joshua Benoliel (1873-1932) is hailed as the creator of photojournalism in Portugal. Benoliel covered all the great events of his day, such as the official visits of the Kings D. Carlos and D. Manuel II, the Revolution of 1910 and the presence of Portuguese troops in Flanders. He worked for periodicals such as *A Ilustração Portuguesa*, *O Século*, *O Ocidente* and *Brasil-Portugal*, amongst others.

- Anon. "Os Jornalistas Ingleses em Portugal. No Algarve." *A Ilustração Portuguesa*, 2, no.368 (10 March 1913): 298.
- Anon. "Portuguese Political Prisoners." *The Times*, no. 40407 (30 December 1913): 7.
- Anon. "Prison Horrors." *The Evening News* (5 April 1913): 2.
- Anon. "Prison Treatment in Portugal." *The Times*, no. 39826 (20 February 1912): 5.
- Anon. "Reported Ill-Treatment in Portuguese Prisons." *The Times*, no. 39824 (1 February 1912): 5
- Anon. "Pro Patria. Visita de Jornalistas Ingleses." *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal*, 7, no.1 (January 1913): 14-16.
- Anon. "A Visita dos Jornalistas Ingleses." *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal*, 7, no. 2-3 (February-March 1913): 17-31.
- Anon. [H. Piper?]. "British Journalists in Portugal. Sight-Seeing in the Capital." *North Wilts Herald* (18 April 1913): 7.
- . "British Journalists in Portugal. Some Impressions of a Recent Visit." *North Wilts Herald* (11 April 1913): 2.
- . "British Journalists in Portugal. A Visit to the 'Sunny South'. Some Impressions of the Country." *North Wilts Herald* (25 April 1913): 8.
- Bell, A.F.G. [Aubrey Fitz Gerald] "The Portuguese Amnesty. (To the Editor of the 'Spectator')." *The Spectator*, 113, no. 4488 (4 July 1914): 13.
- A Correspondent [Mrs. Carlyle?]. "A Tour in Portugal. Some Spring Impressions. Sunshine, Wine, and History." *The Irish Times* (24 March 1913): 9.
- Cunha, V. [Vicente] de Bragança. "The Portuguese Amnesty". *The New Age. A Weekly Review of Politics, Literature and Art* (12 March 1914): 584-585.
- Glendinning, J. [John] C.. "Portugal for the Tourist". *The Derry Standard* (24 March 1913): 7.
- . "Portugal for the Tourist. Second Instalment." *The Derry Standard* (26 March 1913): 7.
- . "Portugal for the Tourist. Third Instalment." *The Derry Standard* (28 March 1913): 7.
- Honorary Secretary of the British Protest Committee [Eva Mabel Tenison] (comp. by). *Portuguese Political Prisoners. A British National Protest. With a Preface by the Earl of Lytton, Adeline Duchess of Bedford and the Honble. Aubrey Herbert, M.P.* Fifth and Enlarged Edition. London: L. Upcott Gill & Son, 1913.

- Steven, Alexander. "The Berwickshire News Week by Week". *The Berwickshire News and General Advertiser*. Berwick-upon-Tweed (11 March 1913): 3-5.
- . "Portugal. Its People and its Pictures". *The Berwickshire News and General Advertiser*. Berwick-upon-Tweed (15 April 1913): 7; (27 May 1913): 5; (15 July 1913): 5.
- Tenison, E.M. [Eva Mabel]. "The Portuguese Amnesty. (To the Editor of the 'Spectator')." *The Spectator*, no. 44 (28 February 1914): 344-45.

II) Secondary Sources

- Briggs, Asa, and Peter Burke. *A Social History of the Media. From Gutenberg to the Internet*. Cambridge: Polity Press/Blackwell Publishers, 2002.
- Carvalho, Anabela. "Media(ted) Discourses and Society: Rethinking the framework of Critical Discourse Analysis". *Journalism Studies*, vol.9, no. 2: 161-177.
- Hanusch, Folker and Elfriede Fürsich (eds.) *Travel Journalism: Exploring Production, Impact and Culture*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.
- Hattersley, Roy. *The Edwardians*. London: Little, Brown, 2004.
- McGaurr, Lyn. *Environmental Communication and Travel Journalism. Consumerism, Conflict and Concern*. London/New York: Routledge, 2017 (2015).
- Pina, Paulo. *Cronologia do Turismo Português, 1900-1929. Colectânea de Factos e Opiniões*. Porto: Secretaria de Estado do Turismo/Direcção Geral do Turismo, vol. I, 1982.
- . *Portugal. O Turismo no Século XX*. Lisboa: Lucidus, 1988.
- Kovach, Bill and Tom Rosenstiel. *The Elements of Journalism*. New York: Crown Publishers, 2001.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da. "Da Monarquia à República. Aubrey Fitz Gerald. *Portugal of the Portuguese*. London: Sir Isaac Pitman & Sons, Ltd., 1915". *Regicídio e República. Olhares Britânicos e Norte-Americanos*. Eds. Manuel Filipe Canaveira e David Evans. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio 2010. 227-264.
- Terenas, Gabriela Gândara. "Politics or Tourism? The Visit of a Party of British Journalists to Portugal at the time of the First Republic". *650th Anniversary of Anglo-Portuguese Alliance: Tacking Stock of the Past and Envisioning the Future*. In print.
- Thorn, Gary. *The Locusts. British Critics of Portugal before the First World War*. Eastbourne: Sussex Academic Press, 2019.

Walton, Douglas. *Media Argumentation. Dialectic, Persuasion, and Rhetoric*.
Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Vieira, João Martins. *A Economia do Turismo em Portugal*. Lisboa: Publicações
Dom Quixote, 1997.

The Portuguese Mr. Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*

Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva
(CETAPS)

1. Orientalism and Modern Literature

There is little doubt that the works of modernist authors such as James Joyce and T. S. Eliot played a definitive role in the aesthetics and themes explored by contemporary writers. In the case of Gonçalo M. Tavares's *Uma Viagem à Índia*, published in 2010, one could argue that the text echoes both Eliot and Joyce due to its imagery of a disenchanted world and because of the way the book was composed. Some stanzas bring to memory the verses of Eliot's anti-epic poems and, in the same way as Joyce did with Homer's *Odyssey*, Tavares defies *Os Lusíadas*, uses it as hypertext and creates a contemporary version of Camões epic masterpiece. During an interview with TV Cultura, in 2011, Tavares acknowledged that the main character of *Uma Viagem à Índia*, Bloom, is named after Leopold Bloom, in homage to James Joyce's *Ulysses* (1922). Both writers explore epic masterpieces and try to bring them into their contemporary realities. Just like it would be wrong, reductive, and unjust to limit Joyce's *Ulysses* to an adaptation of the *Odyssey* to modern times, *Uma Viagem à Índia* does not rely entirely on Joyce and Camões. Tavares explores the culture and issues of contemporary

Western societies and some myths that characterise Portuguese identity and culture, like the legend of Pedro and Inês de Castro. In this brief study, I will address how both authors use “Oriental” features to escape reality and how the East is an essential motif for the main characters to evade the monotony of their worlds. Despite valid criticism, I will rely on Edward Said’s theory on *Orientalism*.

According to Said, “The Orient was almost a European invention, and had been since antiquity a place of romance, exotic beings, haunting memories and landscapes, remarkable experiences”. (1) Said argues that the British and French Empires established political dominion over their colonies and that the works of prominent European artists and intellectuals, like those of Flaubert, Goethe, Robert Louis Stevenson, and Lord Byron, helped create a collective Western imaginary of the Orient that had little to do with empirical reality. Instead of being a topographical site, the East became a myth and a mental construct that meant exoticism, mysticism, despotic power, richness, erotism, danger, and liberal sex interaction. Furthermore, depictions of the Orient brought forth divisive stereotypes in which the East represented the Other, considered as an inferior culture if compared to Western societies. The aesthetics used by Romantic authors to depict the Orient during the 19th century, such as those used by Lord Byron in *Turkish Tales* (1813-1816) or by Robert Louis Stevenson in *New Arabian Nights* (1882), were pivotal for the Western understanding of the East. The Oriental world became a distorted abstraction, an imagined site both dangerous and mysterious, barbarous yet sometimes appealing, that provided individuals with the opportunity to break free from the norms and rules of their own supposedly superior cultures. At the same time, the East represented the uncivilised world and the place for personal discovery and liberation from the shackles of Western societies.

From Said’s perspective, since the Orient was a mere imagination and not reality itself, what representations of the East allow us to study are the fears, urges, and constraints of Western societies and the relations of power between the East and the West. Similarly, for Orientalism to last and to “make(s) sense at all depends more on the

West than on the Orient, and this sense is directly indebted to various Western techniques of representation that make the Orient visible, clear, 'there' in discourse about it". (22)

2. Portugal and Orientalism

Portugal was one of the European countries that contributed to Western art and culture with representations of the Orient, especially of India and China. Portuguese nautical explorations to the East would inspire authors like Luís Vaz de Camões and Fernão Mendes Pinto to write books that dealt with dangerous sea expeditions and adventures in Oriental countries. *Os Lusíadas*, Camões' epic masterpiece, was published in 1572, and the travel writings of Fernão Mendes Pinto, *A Peregrinação*, would be published in 1614. These endeavours were pivotal in shaping Portuguese cultural identity to the present day and stand as literary representations of European Empires over the East before those of the British and French Empires. The West's fascination with Eastern civilisations grew, above all, from the 17th and 18th centuries onwards, in the case of The Netherlands, Great Britain, and France, which then began to establish trading posts and colonies on the Indian Subcontinent and the Far East, from where they would expel the Portuguese and Spanish.

By the end of the 19th century, the Portuguese Empire's influence over the Orient had diminished significantly, politically and economically. The French and British Empires expanded and took over most of the Orient. Despite that, Portuguese authors kept on writing about the East and assumed a somewhat nostalgic posture over Portugal's ventures in the past. Since other European Empires were hegemonic in Asia and over the East, the Orient, still an essential part of the Portuguese identity, became a foggy mental construct. In this sense, Portugal went through an identity crisis and reconsidered its idea of the Orient because the East was only reachable through the appropriation of cultural representations made by other European Empires.

I agree with Duarte Drumond Braga when he argues that Orientalism is essential to the understanding of the early writings of Portuguese modernist authors like Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro and Almada Negreiros. In his study, Braga analyses some of the literary productions published by these authors in the first issue of *Orpheu* and concludes that “o Oriente modernista português já nasce orientalizado, isto é, claramente construído ou, no mínimo, mediado por outros discursos orientalistas, como pela poesia finissecular francesa, mas também pela partilha de uma cultura esotérica.” (28) To some extent, Portuguese modernist authors show awareness of Orientalism and, in their approach to Oriental themes, they attempt to deconstruct the idealisation of the East. Pessoa, for instance, reflects on India and China in “Opiário” and questions if the mysticism and metaphysics attributed to the Orient are indeed in faraway lands or if they are only idealisations in his mind. Through Álvaro de Campos, Pessoa wonders if the efforts of visiting China and India are worth it, considering that the exoticism and peace of mind he hopes to find in the East are only part of his imagination.

As argued by Braga, the literary productions published by Mário de Sá-Carneiro and Almada Negreiros in the same issue of *Orpheu* show that the authors deliberately use cultural representations of the Orient made by other European Empires to mediate their connection with the East. In “Distante Melodia...”, it becomes clear that Sá-Carneiro is not depicting the Orient itself but rather the Orientalized French version of the East, one too distant for him to experience. In the case of “A Taça de Chá”, Almada Negreiros uses an ekphrasis to distance himself from the Orient. Negreiros creates a narrative based on imagery associated with China and Japan, with geishas, coloured idols and bamboo plants, and then reveals that his inspiration comes from the images printed on a teacup, a common good associated with the British and French Empires. (Braga 23-28)

These writers’ approach to Oriental themes deconstructs Orientalism, exposes the stereotypes associated with the Far East and presents it as a concept rather than a reality. This way, the Orient remains rooted in Portuguese culture but changes from a geographical place

into a symbol of mysterious transcendence, identity and soul crises and the frustrated search for spiritual healing. Despite the Portuguese acknowledgement of the Orient as an idealisation, or perhaps, precisely because of that, as Eduardo Lourenço states, “Para nós, todas as viagens são viagens à Índia”. (15)

3. Ireland and Orientalism

Ireland assumed an ambiguous geo-cultural position within the British Empire that interfered with the cultural representation of the East. After The Acts of Union of 1800, Ireland formally became a part of the British Empire. However, the numerous crises throughout the 19th century and the differences with the British Crown led to nationalist movements that found means of cultural expression in the Celtic Revival. While benefiting to some extent from being part of the Empire, Irish people also established an attitude of resistance towards the British. At the same time, Ireland was both an invader and a colony, which created an identity crisis among the Irish. According to Joseph Valente, and following his concept of metro-colonialism,¹ Joyce’s Dublin “was a border zone both joining and dividing an imperialist and an irredentist culture under the always contestable titles of United Kingdom and Irish nation respectively.” (327)

Publications from the early 19th century, like Thomas Moore’s *Irish Melodies* (1807-34) and *Lalla Rookh* (1817), and the translations of German, Persian, Arabic, and Irish works by James Clarence Mangan, became popular among the authors of the Celtic Revival having paved the way for efforts of the Irish Revival to, later on, search in Ireland’s Celtic past for the bases of Irish identity. Just as the East was mystical and mysterious, so were the authentic Irish people

1. According to Valente, British metro-colonialism occurs when “The nominally self-consistent metropolitan state, a prototypically strategic realm, contrived to aggrandize itself, in every sense, by simultaneously assimilating and othering the proximate areas of the Celtic fringe, thereby sustaining them as doubly/divisible inscribed portions of its own now fissured identity.” (327)

and their original language. Nationalist organisations and movements, like the Gaelic League of Douglas Hyde, sought the de-anglicisation of Ireland, tried to revive the Gaelic language and published books and newspapers written in Irish. By the end of the century, the Irish Literary Revival, led by prominent authors like W.B. Yeats, Lady Gregory and George Russell, took an interest in ancient heroic legends and folk culture and tried creating distinctly Irish literature. The mysterious and esoterically aesthetics of works by authors such as W.B. Yeats and George Russell share so many similarities with the nature of Oriental writings that Brandon Kershner describes Dublin as "a centre for the study of Eastern mysticism or speaks through a sixteenth-century Moorish antiseif". (284) Despite not agreeing with the main principles and aesthetics of the Revival, even Joyce would depict ancient Ireland as the "Island of Saints and Sages" (*Occasional, Critical, and Political Writing* 108) in his lecture at the Università Popolare in 1907.

It is fair to recognise that the Irish Revival had cultural and political purposes and that the conflation between Ireland's Celtic past and the East fit most of the revivalists' interests. In this sense, while exploring Oriental themes, the works of the Irish Revival authors sought more autonomy from the British Empire. Joyce was no unionist, but his vision of Ireland was much more of a prison than of a world of faery. He addresses Ireland's identity crisis but opposes the Revival's solution to find Irish idiosyncrasy in its Celtic past: "Just as ancient Egypt is dead, so is ancient Ireland." (125) Despite the vibrant cultural ambiance of Dublin at the time, he would describe the city as "the centre of paralysis" (*Selected Letters of James Joyce* 83) to Grant Richards and depict Irish people as sometimes complicit with the Empire and as "the most belated race in Europe." (*Occasional, Critical, and Political Writing* 50)

Joyce's approaches to Oriental themes may inherently criticise the British Empire but are also techniques for portraying a divided society and a way for characters to try to escape or confront dilemmas and the dullness of everyday life. For instance, the dismal surroundings of the narrator in "Araby" contrasts with the Otherness of the

bazaar, initially envisioned as a means of escaping his tedious reality and a way of fulfilling his youthful love. The narrator is disappointed both by his uncle's behaviour and by the fact that Araby does not meet the romanticised expectations he had made of it. The exotic and Oriental bazaar is just an ordinary place, colonised by the British presence and its expensive goods. In *Dubliners*, it is undoubtedly in "The Dead" that Joyce addresses the Irish identity crisis most profoundly. It is Miss Ivors' provocation, calling Gabriel Conroy a "West Briton", (*Dubliners* 163) which triggers his pride and leads to the argument that disrupts the Christmas party. Gabriel's Europeanism contrasts with Miss Ivors' Irish Nationalism and Michael Furey's provincial roots. Despite the numerous and sometimes contradictory interpretations of the main character's epiphany, it is clear that, by the end of the story, Gabriel fully embodies the problematics of Ireland's identity crises.

4. James Joyce's *Ulysses* and the Orient: A Day(dream) in Dublin

Oriental representations are so abundant in *Ulysses* that Kershner argues that the book has more direct allusions to *Arabian Nights* and pantomime shows, such as "Turko, the Terrible" and "Sinbad, the Sailor" than it has to Homer's *Odyssey*. (277) Even though none of the main characters has visited the Orient, one could argue that Stephen Dedalus and the Blooms have Orientalist traits. These Eastern features and Orientalist nature vary between characters and interfere with how they interact with Dublin society.

Stephen Dedalus embodies the figure of the artist in search of his talents, still struggling with his identity and being misunderstood by others. Even though he is Irish, Stephen remains almost a foreigner in his homeland, simultaneously conflicted and rejected by reality and the ones surrounding him. If this Otherness towards the world conveys a feeling of displacement and emphasises Stephen's Oriental features, his prophetic dream bestows upon him the kind of mystic power

associated with the Magical East or Celtic Ireland.² In the Proteus episode, while at the beach, Stephen recollects dreaming of “Open hallway. Street of harlots. Remember. Haroun al Racshid. I am almosting it. That man led me, spoke. I was not afraid. The melon he had he held against my face. Smiled: creamfruit smell. That was the rule, said. In. Come. Red carpet spread. You will see who.” (Joyce, *Ulysses* 58-9) The mysterious Eastern man from Stephen’s dream is Leopold Bloom, who helps and takes care of him throughout the night and welcomes him to his home. Thus, the first depiction of Leopold Bloom is as the mythical fifth Caliph of the Abbasid Caliphate in the 8th century, known for reigning during the peak Islamic Golden Era, when the Arts, Culture and Science flourished in the Caliphate, and for establishing diplomatic relations with Western Empires.³ Later, it becomes clear that the melon Stephen remembers from his dream is a reference to Molly Bloom, establishing another connection between the Blooms and Oriental motifs. Furthermore, it is significant to note that, in contrast to Stephen’s conflicting relationships with Westerners, his contact with the characters he orientalises in his dream is of greater affinity, trust and confidence. This way, it seems he imagines the Orient as more fondle than the West and Eastern people as more sympathetic than the Irish, which is typical Orientalist attitude.

In his turn, Leopold Bloom is also a character with Oriental features and prone to Orientalism. Bloom’s origins and attributes make him much more of an outsider in Irish society than Stephen Dedalus. In the novel, he is the figure whose Otherness interferes the most with the other characters. Despite being the son of Ellen Bloom, Catholic and Irish, and having been baptised three times, Leopold

2. One of the nicknames Buck Mulligan uses to address and mock Stephen is “the bard”, (Joyce, *Ulysses* 3) tying him to Ireland’s Celtic past.

3. Harun al-Rashid was a complex historical personality, so there are different perspectives on his character. On the one hand, he was a patron of Arts and Sciences and Baghdad became economically and culturally prosperous during his reign. On the other hand, Harun al-Rashid is also known for his cruelty and the luxury and extravagance of his court. The end of his realm began the war for succession between his two sons, which led to the Empire’s decline. In the *Arabian Nights* he is chiefly depicted from a positive perspective and is described as a just, generous and wise caliph. Despite that, his flaws are also subjacent in some of the stories. For example, in “The Tale of Attaf” his cruelty and ruthless behaviour are overwhelming and show how he can abuse his power.

is discriminated against by the other characters in *Ulysses* because his father was Jewish and Hungarian. Due to his Jewish origins, for most of his Dublin compatriots, he is too Oriental to be European and not Celtic enough to be Irish. How other characters single out Bloom negatively and sometimes mistreat him exposes the discrimination and prejudices of the Irish conservative society in 1904.⁴ Bloom's origins are not the only thing contributing to his Oriental profile. His quirky personality also sets him apart from other Dubliners. Different in his humour and the sober way he interacts with others, his insight and sensitivity are sharp enough to make him empathise and assume a more humane attitude towards people. If sometimes he is mistreated by fellow Dubliners, on other occasions, being Oriental works in Bloom's favour. In the "Nausicaa" episode, he remembers that Molly chose to be with him precisely because he was "so foreign from the others". (Joyce, *Ulysses* 496)

Just as he is an Oriental character to others in *Ulysses*, there are multiple times when Bloom leans toward Orientalism in his daydreams. We first meet Leopold Bloom in the "Calypso" episode. He leaves home to buy breakfast and then returns with the mail. It is unclear if he already suspects his wife is having an affair, but he gets more certain of it when Molly hides the letter from Blazes Boylan under the pillow. During the day, Bloom has to deal with his suspicions while also carrying out the dull tasks of everyday life. Balancing the two things has a decisive impact on Bloom's reveries. A pattern tends to repeat itself when he initially fantasises about the Orient. Generally, elements of the environment or mundane objects trigger his physical senses and cause him to daydream. Whenever he starts to reverie, he thinks of Molly Bloom and relates her to the Orient. In the "Calypso" episode, it is the warmth of the day that leaves him sleepy, leading Bloom to think of all sorts of clichés associated with the Orient: "strange lands", "awned streets", "turbaned faces going by",

4. Discrimination and anti-Semitism come to an extreme in the "Cyclops" episode, when Leopold Bloom argues with The Citizen, the character Joyce uses to portray chauvinistic Irish nationalism of the highest order.

“dark caves of carpet shops”, “Turko the terrible”, “Cries of sellers in the streets” and the “colour of Molly’s new garters”. (Joyce, *Ulysses* 68) Leopold Bloom appropriates all this Oriental imagery, borrows it to Dublin and uses it to transfigure its everyday life into the exotic and magical East.

There is, however, a significantly relevant aspect of this daydream that is important to underline. The last thing he fantasises about is “A girl playing one of these instruments what do you call them: dulcimers. I pass.” Then, Bloom seems to get hold of himself and thinks about his reverie, remarking that “Probably not a bit like it really. Kind of stuff you read: in the track of the sun.” (Joyce, *Ulysses* 68) Bloom does recognise that the way he imagines the Orient has probably nothing to do with empirical reality and that his image of the East derives from representations of books and cultural productions. If “Turko, the Terrible” is evidently a reference to the pantomime show,⁵ as Eishiro Ito points out, the image of a girl playing the dulcimers comes from Frederick Diodati Thompson’s *In the Track of the Sun* (1893). As asserted by Ito, the travel writing book Bloom alludes to has many photographs and illustrations, one of which is the image of an Asian girl playing the samisen on the title page (Ito). This way, in parallel to the Portuguese modernist authors, Bloom’s approach to the Orient seems to deconstruct Orientalism. The original East is not accessible to the character, so he can only imagine the Orient relying on others cultural representations of it, even if they have little to do with empirical reality. Just like Almada Negreiros, Bloom resorts to common goods and popular productions to convey an image of the East and, while doing so, exposes the Orient as a made-up concept rather than reality.

Still in the “Calypso” episode, while returning home after buying a kidney for his breakfast, a cloud covers the sky. Once again, the

5. According to John Hunt, “The ‘Turko the terrible’ that Stephen thinks of in *Telemachus*, and Bloom in *Calypso*, had been performed in Dublin for decades. Thornton notes that William Brough’s pantomime *Turko the Terrible; or, The Fairy Roses*, first performed in 1868 at London’s Gaiety Theatre, was adapted by the Irish author Edwin Hamilton for performance in Dublin’s Gaiety Theatre, first in 1873 and then many times more in the remainder of the 19th century.”

environment triggers Leopold Bloom's senses and makes him day-dream about the East. The Orient is not only related to wonder and adventure, it is also the place from which the Jewish population had to flee because of persecution. While the previous sunlight inspired him to think positively of the East, the cloud that covers the sky makes his mood gloomy. Instantly, Bloom starts describing a bleak world and thinks of the "dead sea in a dead land, grey and old", "poisonous foggy waters", "no fish", "the grey sunken cunt of the world", and "Desolation". (Joyce, *Ulysses* 73) Unlike Stephen Dedalus, Leopold Bloom is more practical and tries to counter negative thoughts rather than philosophising them. In order to reverse his depressive mood, Bloom thinks of Molly and "Be near her ample bedwarmed flesh". (74) This reverie is also important because it immediately precedes the moment Bloom picks up the mail, anticipating Blazes Boylan's letter and his suspicions regarding Molly's marital affair. If we analyse both of the daydreams highlighted in the "Calypso" episode, it becomes apparent that the Orient is, as Said suggests, an ambivalent mental construct that manages to represent both positive and negative states of thought.

Traditionally, the Orient is associated with transgression, narcotics and liberal sex. If we stick with Leopold Bloom, we get to see all kinds of representations of the East. In "The Lotus Eaters" episode, we get a depiction of narcotics. After breakfast, he plans to go to Paddy Dignam's funeral, but he has plenty of time to kill. He starts day-dreaming again, now triggered by the labels he sees through the window of the Belfast and Oriental Tea Company shop, associated with the British Empire. The thought of warm tea leads him to envision Ceylon in the Far East. While questioning himself about the likelihood of things being as he imagines, the stereotyped version of the Orient comes to his mind again: "the garden of the world", "those Cinghalese lobbing around the sun, in *dolce far niente*" (Joyce, *Ulysses* 86-87) intoxicated and sleeping for a long time, lethargic. As argued before, Bloom does not believe that the Eastern world is like that, but he establishes a parallel between this kind of inebriated state and the dull life in the West. He thinks of how Western societies have their

traditions and mores of escapism to attain the same purposes as the consumption of narcotics in the East. While at the mass, he mocks how Latin and religious ceremonies stupefy people and ponders on the addictive nature of gambling. Following his considerations on the difficulties of Christianising the "heathen Chinese that prefer an ounce of opium", (Joyce, *Ulysses* 98) one can argue that Bloom feels sympathy towards the Oriental way of living. At the end of the episode, he goes to the Turkish bath and, as idle as the Orientals he previously imagined, Bloom contemplates "the dark tangled curls of his bush floating, floating hair of the stream around the limp father of thousands, a languid floating flower". (107)

Bloom's fantasies are closely related to sex besides functioning as a means to cope with the suspicion of his wife's infidelity. The stereotyped Orient allows the reversion of traditional concepts and positions of power. It enables unconventional sex and grants the possibility of inverting the typical relationship roles between men and women in Western societies, subverting the patriarchy. This way, Leopold Bloom uses Orientalism to explore his sexual kinks and to eroticise Molly. On several occasions in the book, Bloom fetishises and accentuates his wife's sensuality associating her with Eastern features. In the "Nausica" episode, Bloom thinks Molly has "the blood of the south. Moorish" (Joyce, *Ulysses* 486) and, later on, after thinking about her childhood in Gibraltar, he recalls having a strange dream. In this dream, mentioned again in the "Oxen of the Sun" episode, Molly "had red slippers on. Turkish. Wore the breeches. Suppose she does" (497) and dresses a "pair of Turkey trunks". (519) Like Stephen Dedalus's dream, Bloom's has a premonitory character and prepares the reader for the "Circe" episode.

Here, as Dedalus and Bloom go to a brothel that functions like a harem, Orientalism reaches its apex. Bloom loses touch with reality and starts hallucinating, revealing his kinkiest fantasies alongside his insecurities and guilty feelings. He is put on trial and accused of being a voyeur, a "dynamitard, forger, bigamist, bawd and cuckold", (Joyce, *Ulysses* 595) then getting punished, beaten and sodomised. Bloom imagines Molly in different roles, as an odalisque wearing a

Turkish costume and a "white yashmak violet in the night", (570) as one of the witnesses that accuse him and as a judge who sentences him because of his faults. Orientalism allows the subversion of the traditional representation of men and women as well as of husband and wife, so Bloom's cuckold fetishism turns Molly into the master and him into the slave. She confesses her affair with Boylan and mocks him for being effeminate, a cuckold on top of taking pleasure in being dominated by women, retaining her power over him in his imagination. In the hallucination, Bloom escapes the brothel disguised as Haroun al-Rashid, confirming thus the premonitory nature of Stephen's dream.

Finally, Molly Bloom is also a character with Oriental traits. She is the daughter of Irish Major Brian Tweedy and Lunita Laredo, of Spanish descent. Molly's childhood in Gibraltar is one of the reasons Leopold associates her with the East and, in the interior monologue in the "Penelope" episode, she recognises that part of the reason her husband was attracted to her in the first place was because of her "being Jewish looking after my mother". (Joyce, *Ulysses* 916) Despite not being singled out as her husband by other Dubliners, her mother's origins raise questions about whether she might be of Jewish descent. In his analyses of the character, Phillip F. Herring argues that because of her mother's lineage, she has more of a right to claim her Jewishness than her husband. Herring recognises, though, that "in *Ulysses* any Jewish qualities Molly might have are swamped by the Spanish-Moorish-Irish emphases and her husband's role as Wandering Jew cum Odysseus". (Herring 507) However, since Lanita Laredo died when Molly was very young, she remains a mysterious figure, there are no certainties that she was Jewish and even her daughter thinks of her with little knowledge: "my mother whoever she was". (Joyce, *Ulysses* 904)

Regardless of her mother's identity and her husband's tendency to portray her as an Eastern woman, Molly identifies herself as Catholic Irish and Leopold even converted to Catholicism to marry her. Nonetheless, during her interior monologue, Molly also shows the tendency to feel attracted to the Orient. She remembers Gibraltar

as an exotic place and recalls her childhood kindly. After rejecting her other suitors, while thinking of her husband's qualities, Molly compares Bloom to the statue of "that Indian god he took me to show one wet Sunday in the museum". (Joyce, *Ulysses* 917) To some extent, the vivid and intense memories of the period of courtship with Leopold borrow a mythical component from Gibraltar and the Orient. Reversely, the emotional intensity with which Molly lived these moments also lends a certain exoticism and an Orientalist idealisation to Leopold Bloom. When she remembers her husband's first kiss and the moment he proposes to her, Molly describes the environment of Gibraltar and this period of her life in an idyllic way, from the "handsome Moors all in white and turbans like kings asking you to sit down in their little bit of a shop" to "how he kissed me under the Moorish wall", (932-33) where she emphatically says yes to Leopold Bloom.

Kershner is right when he points out the numerous allusions of *Ulysses* to the *Arabian Nights* and other works that explore Oriental imagery and themes. Orientalism and representations of the East are present in different ways in each character and allow exploring intricate themes, such as Ireland's relationship with the British Empire, distinctive social spheres in Dublin at the time and the fragmentation of Irish identity. Most of the time, the main characters resort to Oriental themes and Orientalist perspectives as a strategy to face their crises and counteract the monotony of their everyday life. The constant use of Oriental landscapes and motifs contributes to representing Dublin through an aesthetic that, despite its exoticism, remains realistic and portrays the city in the historical time of the narrative. Thus, how Oriental themes are explored in *Ulysses* distances Joyce's approach to the East from the Orientalist aesthetics used by the Celtic Revival.

5. *Uma Viagem à Índia* and the Orient: Bloom's Journey to India

The India of Gonçalo M. Tavares establishes a close relationship with the deconstructed Orient of the modernist tradition. More than a geographical place, India represents the ambivalent symbol of mysterious transcendence and spiritual healing. While dealing with an identity and a soul crisis, the rationalism and materialism of the Western world do not allow Bloom to find answers to his metaphysical problems or a means to heal his troubled spirit. Faced with the disenchanted West, he must turn to the East and its mystical knowledge to find healing or spiritual solace. From the beginning of the book, the romanticisation of the Orient prevails. Therefore, choosing India as the travel destination to search for "sabedoria/ e esquecimento" (Tavares, *Uma Viagem à Índia* 32) is directly related to the Orientalist view of the Eastern world. However, there are hints that Bloom already suspects India is not quite the soul rehabilitation centre he expects.⁶ Like Leopold, Bloom is a well-read man, so when he gets to his destination, he wonders if "a Índia, apesar de tudo/ ainda existe fora da linguagem". (306) The way he puts it strongly implies that Bloom is not looking for a geographical place but for the Orient described by its Otherness in Western literature and Fernando Pessoa's plane of transcendence and mysticism.

We learn about the heavy burden Bloom has to carry in Canto III and IV when the hero confides about his past to Jean M.. He left Lisbon after killing his father as revenge for orchestrating the assassination of Bloom's lover, Mary.⁷ He flees home and heads to India, acknowledging that the only hope for happiness is if he reshapes the way he thinks about the world. To do so, he needs to forget about his past and learn a different way of living. Since the story takes place

6. From Eduardo Lourenço's perspective, it is clear that Bloom already knows that he will not find what he is looking for in India. In his analysis, Lourenço argues that Bloom only confirms what he already knew: "Mas não volverá o mesmo. Agora sabe o que já pressentia. Que não viajamos para nenhum paraíso." (15)

7. The name of Bloom's lover may also be referencing *Ulysses*. The name Molly is Irish, but one of its possible origins might be a diminutive of Mary.

in 2003, there is no necessity for a long trip and Bloom could easily take a plane to reach India quickly. However, he needs to make room for Oriental wisdom and it takes him time to unlearn who he is. India is an idea rather than a geographical place, making it essential to have a long journey in order for him to empty himself of his past and his worldview: “Quero primeiro chegar à Índia por dentro/ – pensava Bloom –, construindo o esquecimento/ da vida anterior como se constrói com paciência um edifício.” (Tavares, *Uma Viagem à Índia* 232) Bloom’s inner journey begins when he leaves Paris and starts unlearning about himself and preparing for a life-changing revelation in India. To some extent, in order to understand the mystical East, Bloom borrows Pessoa’s depersonalisation process and Alberto Caeiro’s method of learning through unlearning: “O essencial é saber ver, / Saber ver sem estar a pensar,/ Saber ver quando se vê,/ E nem pensar quando se vê,/ Nem ver quando se pensa.// Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!)/ Isso exige um estudo profundo, / Uma aprendizagem de desaprender.” (Pessoa 58)

In Bloom’s perspective, there is no mid-term between the materialistic West and the magical East, where he hopes to find a new and different way of living: “queria conhecer a parte mística da Europa. / Mas a Europa não tem parte mística: foi/ já toda vendida a uns homens nas Américas/ que falavam um inglês que funciona”. (Tavares, *Uma Viagem à Índia* 230) Just as India is idealised in Orientalist style, most European cities Bloom passes through are portrayed in association with Western culture. For instance, when Bloom is in London, the British establish a plot to rob and murder him. As Lourenço points out, Bloom’s experiences in London resound the crime novel tradition of Agatha Christie and Sir Arthur Conan Doyle. (Lourenço 17) He dreams of Paris and borrows the title of Ernest Hemingway’s book to describe the city as “Paris é uma festa”. (Tavares, *Uma Viagem à Índia* 97) Paris is also the place for eroticism and sexual transgression, the latter as in the writing of Marquis de Sade. Referencing Sigmund Freud, Bloom falls ill in Vienna, leading a doctor to claim he is suffering from bad dreams whilst other professionals try to treat him using psychoanalysis. Bloom’s journey through Western cities allows

for a nostalgic revisitation of Europe's cultural imaginary and conveys that, in the past, Western culture was not limited to materialism. His journey marks the attempt to detach himself from European culture and, at the same time and paradoxically, an even greater bond with Western culture since his Orientalist stance is a product of it.

When Bloom arrives in India, he is eager to find evidence of spiritual transcendence: "O espírito existe. Bloom quer prová-lo./ Matou viu matar quem ama, sentiu tudo e o seu oposto. / O espírito existe e a anatomia falha desde os pés/ até à cabeça". (Tavares, *Uma Viagem à Índia* 293) He is so desperate to convince himself of spirituality that it meddles with how he sees his surroundings. Instead of getting a critical first impression of India, he finds magic in the noisy and crowded streets, sees poverty as mystical wisdom, thinks of the old man urinating next to him as a lesson to be learned and finds serenity in the food. Consequently, his misrepresentation of the world contributes to a humorous edge to the character and ridicules Bloom's Orientalist quest for transcendence. He is so deluded that Anish, a friend of Jean M., feels the need to tell him he is wrong and to present him with India's authentic reality: "vou falar-te da Índia. O que tu/ conheces são postais". (300) However, Anish argues that since living beings have comparable necessities, they behave alike even on different continents. His version of India is that of a country with no superior spiritual knowledge, in all the ways similar to other places in the globalised world. To overcome the crisis that led him to India, Bloom cannot accept Anish's description and therefore remains hopeful of encountering Eastern mysticism while exploring the city. On the other hand, during a city tour with Anish, a local guide describes Greek art and politics in a ridiculous outdated way to Bloom, which leads him to wonder: "Que sabe este sobre a Europa?" (310) This moment is significant because it shows that just as Bloom misconceives the East, Indian people also have wrong ideas about the West.

Despite all evidence, only after meeting Shankra, the sage, Bloom recognises that India has as much of a transcendent quality as any other place worldwide. While addressing Shankra, Bloom believes he is finally getting to his mystical revelation, which leads him to share

his past and the crimes he has committed. Shankra remains silent like a priest, listening to Bloom's traumatic story, and only speaks to ask him about the possessions he has brought to India. After Bloom resumes talking, the sage reveals his opportunistic nature and, rather than providing him with advice, proposes a book trade. On top of discovering Shankra is a fraud, Bloom is robbed of his possessions by the sage's followers. Only then Bloom recognises that: "Em todo o mundo o mundo é mundo. / Não há interrupções em forma de não-humanidade – pensa Bloom". (372) In a last turn of events before fleeing India, Bloom steals a rare version of the Mahabharata from Shankra and manages to recover his possessions. Bloom's interaction with Shankra is critical to the story. After confiding his past to Shankra and realising he is a fraud, Bloom understands there is no redemption for his guilt and recognises that he knew all along that he needs to accept his nature completely: "De facto, Bloom já o sabe há muito:/ somos inseparáveis do nosso pior./ Pode-se fingir durante anos,/ mas cada um é inseparável da sua maldade." (358) Furthermore, while talking to Shankra, he finally recovers his pride in being Portuguese and European and acknowledges that Europe might still have a future.

The end of the book is bleak and nihilistic. Alongside Anish, Bloom returns to Europe and meets Jean M. in Paris. Curiously, drug consumption, unconventional sex and crime, themes generally associated with the Orient, take place at a party organised by Jean M. near Paris. During an orgy with prostitutes, Bloom's thoughts become gloomy, and he concludes that there is no higher spirituality or transcendence: "Foi à Índia e veio, Bloom, e aí percebeu que/ não há Espírito. // Está vivo e, por isso, é menos ingénuo,/ não é santo nem sábio; é um corpo e move-se, nada mais". (401) Despite still having bodily pleasures, he gives up on his spirit and loses touch with ethics. Before leaving France and returning to Lisbon, he kills a prostitute and remains indifferent to his crime. As his journey ends, Bloom thinks life is tedious and meaningless and contemplates suicide: "Chegar ao fundo religioso/ pelo tédio e pela abjecta neutralidade, eis agora o que lhe resta". (447) A woman asks to talk to

him, maybe realising his suicidal intentions. He shrugs, concurring, knowing there is no cure or hope for a man who discovers that there is nothing but reality in life.

6. Final Considerations

Homer's *Odyssey* follows Ulysses back home, where the hero ends his journey by killing Penelope's suitors and rejoining his family. Historically, Camões' *Os Lusíadas* unfolds in a different context, 23 to 25 centuries later. Even though the Portuguese epic poem ends with Vasco da Gama's return to Lisbon, the narrative also portrays the expansion of the Portuguese Empire and the discovery of the sea route to India. Furthermore, one could argue that *The Odyssey* mainly celebrates Ulysses' return to Ithaca while *Os Lusíadas* leaves room for divine punishment if the Portuguese do not follow Christian and humanistic values.

Ulysses and *Uma Viagem à Índia* share connections in their approach to the epic classics but are also products of different times and contexts. Naturally, the books explore different themes and perspectives. However, they both use the journey theme to dig into their heroes' adventures and tribulations. On this basis, like Ulysses, the primary purpose that drives Leopold Bloom's journey is returning home, where he can maybe make amends with Molly. On the other hand, in *Uma Viagem à Índia*, Bloom's motivation is to discover the extent of the mystic and transcendental plane hinted at by modernist authors and find solace. Thus, while Leopold's final destination is always home, Tavares' Bloom relies on the validity of the deconstructed Orient, which he sees as the only means to find mystical knowledge and heal his troubled soul.

Both authors use Orientalism to develop the main characters, but they do it differently and with distinct purposes. In *Ulysses*, Bloom's Oriental traits are used to single him out from other Dubliners, working both in his favour, as in the case of Molly and Stephen Dedalus, and against him, as when he is a victim of social exclusion.

Furthermore, Leopold Bloom uses Oriental themes to escape the dullness of everyday life, explore his erotic fantasies and deal with his suspicion of Molly's infidelity. During the "Circe" episode, Orientalism gets to its apex and allows Bloom to confront himself with his insecurities and kinkiest fetishism. To some extent, Bloom depersonalises himself and comes out of the brothel feeling more confident and secure.

On the other hand, Gonçalo M. Tavares picks up Orientalism from the modernist tradition and unmasks it further to describe a world without mysticism or transcendency. Tavares' Bloom seeks redemption in the Orient and believes that only mystical knowledge can help him accept his traumatic past and reinvent himself. However, he realises there never was a mystical salvation in the Orient and deconstructs Orientalism completely. India is a place like any other in the world. Just as Leopold in the "Circe" episode, during his interaction with Shankra, he confronts himself with his inner feelings and hypocrisies, but does not come out stronger of the encounter. He finds that his journey was an effort to discover that there are no more magical Orients to look for or any place to go to heal spiritual crises.

The theme of the journey to the East and the usage of Orientalist features establishes a connection between the two main characters. In his analysis of *Uma Viagem à Índia*, Eduardo Lourenço argues that "todas as viagens são sempre um regresso ao passado de onde nunca saímos" and that Bloom's journey is "ao fim e ao cabo, a não-viagem que nós próprios somos". (15) This assessment applies to both protagonists because it is through their journeys that they find ways of confronting themselves with their natures and with who they really are. At the same time, Leopold Bloom goes home as the same and as a different man. He still eroticises the world and has the same problems to deal with, but now that he has faced himself, he embraces his identity and accepts who he is. When Tavares' Bloom gets to Lisbon, he still mourns Mary and is guilty of having murdered his father. He is the same man, but after his journey to India, Bloom knows he cannot avoid his nature or escape his problems by fleeing. Despite the different outcomes, their journeys serve as a means for them

to confront themselves and as attempts to accept reality for what it really is.

In their singular way, both authors move the Orientalist themes to Europe. During Leopold Bloom's day, the Orient becomes present everywhere in Dublin. Through his daydreaming, Bloom turns Dublin into an exotic place with all kinds of Oriental features, where narcotics, taboos and unconventional sex are present in everyday life. In his turn, Tavares' Bloom finds the same level of alterity in European cities, for instance, in the unique plants of Germany or the cryptic languages in Prague, as in India. The transgressive themes traditionally associated with the East occur in Europe, especially in France and Portugal, where he participates in orgies, experiences drugs and kills people. It is fair to recognise that neither of the authors' approaches aligns with the Orientalist point of view.

Finally, Tavares goes further than Portuguese modernist authors in deconstructing Orientalism because he does not limit himself to demythologising the East. Tavares' Bloom's search for Otherness and alterity leads him to stumble in a globalised world dominated by capitalism, with little diversity and no mysticality or mysterious places to discover. In this sense, he comes close to Claude Lévi-Strauss's perspective of a monocultural and massified world in *Tristes Tropiques*: "Il n'y a plus rien à faire: la civilisation n'est plus cette fleur fragile qu'on préservait [...]. L'humanité s'installe dans la monoculture; elle s'apprête à produire la civilisation en masse, comme la betterave. (Lévi-Strauss 36-7) However bleak and boring the reality is, maybe the answer is not to search for Otherness somewhere else, like in the idealised East, where there are no miracles or new formulas for spiritual healing. Perhaps the answer resides in looking for the Orient inside ourselves, as Leopold Bloom does, and accepting the tedious reality that is as tough as it ever was.

Works Cited

- Braga, Duarte Drumond. "Campos, Sá-Carneiro e Almada: Orientalismo no Primeiro Número de Orpheu." *Revista Desassossego* (06-2016): 17-29.
- Herring, Phillip F. "Toward an Historical Molly Bloom." *ELH* (1978): 501-21. JSTOR. <<https://doi.org/10.2307/2872649>>. Accessed 03-05-2023.
- Hunt, John. *Pantomime*. 2020. <https://www.joyceproject.com/notes/010077pantomime.htm>. Accessed 10-02-2023.
- Ito, Eishiro. *Orienting Orientalism in Ulysses*, 2008. http://p-www.iwate-pu.ac.jp/~acro-ito/Joycean_Essays/U_Orientalism.html. Accessed 06-05-2022.
- Joyce, James. *Dubliners*. New York: W. W. Norton & Company, 2006.
- . *Occasional, Critical, and Political Writing*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- . *Selected Letters of James Joyce*. Eastbourne: Faber and Faber, 1992.
- . *Ulysses: Annotated Student Edition*. London: Penguin Books, 2011.
- Kershner, R. Brandon. "Ulysses' and the Orient." *James Joyce Quarterly* (1998): 273-96. JSTOR. <<http://www.jstor.org/stable/25473906>>. Accessed 05-05-2022.
- Lévis-Strauss, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris: Librairie Plon, 1995.
- Lourenço, Eduardo. "Prefácio." Gonçalves M. Tavares, *Uma Viagem à Índia*. Alfragide: Caminho, 2010. 9-20.
- Pessoa, Fernando. *Poesia, Alberto Caetano*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- Said, Edward W. *Orientalism*. London: Penguin Books, 2003.
- Tavares, Gonçalves M. *Entrelinhas* TV Cultura, 20-11-2011. https://www.youtube.com/watch?v=yuYXhionwAw&t=192s&ab_channel=TVCultura.
- . *Uma Viagem à Índia*. Alfragide: Caminho, 2013.
- Valente, Joseph. "Between Resistance and Complicity: Metro-Colonial Tactics in Joyce's 'Dubliners'." *Narrative* (1998): 325-40. JSTOR. <<http://www.jstor.org/stable/20107160>>. Accessed 26-06-2023

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

Isabel Machado.
Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português.
Lisboa: Manuscrito, 2022.

Iolanda Freitas Ramos
(NOVA FCSH/CETAPS)

À Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa
Member of the Most Excellent Order of the British Empire
In memoriam

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e uma profissional experiente em comunicação social, Isabel Machado assinalou o 10º aniversário da publicação da sua primeira obra de ficção, *Isabel I de Inglaterra e o Seu Médico Português* (2012), com o relançamento da mesma, numa nova editora, com um novo título e uma nova capa. Embora um público-alvo geral, interessado não só na carismática monarca inglesa e na sua emblemática época, mas também na ligação a figuras e temáticas portuguesas, possa ter a expectativa de encontrar um protagonista diferente, um público mais especializado reconhece de imediato que o médico e o espião português de Isabel I são uma só pessoa, Rodrigo Lopes, lamentavelmente pouco estudado, tanto na Grã-Bretanha como em Portugal. Tal facto, por si só, justifica recuperar, em 2022, a sua intervenção nos meandros da

ciência e da política, visto que, tanto quanto foi possível apurar, as obras mais significativas continuam a ser as de Elliott Baker, *Doctor Lopez* (2001) e de Dominic Green, *The Double Life of Doctor Lopez: Spies, Shakespeare and the Plot to Poison Elizabeth I* (2004), às quais se pode acrescentar a entrada da autoria de Edgar Samuel no *Oxford Dictionary of National Biography* (2004). Importa igualmente ressaltar que o ano de 2022 assistiu tanto à celebração do Jubileu de Platina da segunda memorável monarca de nome Isabel, como ao seu falecimento, em 8 de Setembro.

Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português apresenta 58 capítulos agrupados em seis partes, destacando-se desde logo por via da primeira, “Isabel I e a crise portuguesa (1578)” e da quarta, “Queda de Portugal (1578-1581)”, o impacte do contexto português no âmbito da Inglaterra isabelina, bem como os cruzamentos históricos entre ambos os países. Quando confrontado com o texto inicial, o presente volume de 517 páginas acrescenta, no início, uma árvore genealógica simplificada da dinastia Tudor (10-11) e revela pequenas alterações na escrita e na edição do texto, não tendo a autora acrescentado informações sobre o objecto do seu estudo. Conforme a própria teve oportunidade de esclarecer em diversas acções de divulgação desta edição, tanto em livrarias como na residência do embaixador britânico, não encontrou novos dados sobre Rodrigo Lopes. Além disso, a sua investigação prévia foi devidamente sustentada numa pesquisa aturada em arquivos ingleses e portugueses, como os de Hatfield House e, na Torre do Tombo, os de D. António, prior do Crato, entre outros. Importa salientar que a obra integra uma bibliografia, tanto em língua portuguesa como inglesa, recorrendo a autores como Oliveira Marques, Veríssimo Serrão, A.L. Rowse, David Loades, Antonia Fraser, Alan Haynes, Jorge Martins e Esther Mucznik, indicando igualmente outras fontes, quer impressas, quer digitais. (515-517)

A acção, enunciada por um narrador heterodiegético e omnisciente, segue uma ordem temporal maioritariamente sequencial entre 1547 e 1603, focando-se na monarca que deu nome a toda uma época e no médico português que a assistia desde Dezembro de 1578. (283-286) Sendo filha de Henrique VIII e da controversa Ana Bolena,

Isabel I esteve envolvida, desde muito jovem, numa complexa rede de intrigas, o que a fez desenvolver uma admirável capacidade de sobrevivência e a tornou uma política hábil tanto a nível interno como externo, como se verificou no caso das diversas negociações que estabeleceu com França. O eventual casamento com o duque de Anjou (297-301) foi por ela utilizado com grande inteligência e astúcia como instrumento de manipulação política, revelando um claro exercício de poder no feminino, tanto no seu papel de rainha, como no de mulher.

Com efeito, durante o seu reinado de 45 anos, no qual conseguiu consolidar a Igreja Anglicana e estabelecer o início do Império Britânico, (495, 500) aquela que seria a última monarca Tudor teve de superar inúmeras crises, quer a nível privado, quer público. A corte foi palco de diversificadas conspirações, rebeliões e traições, evocadas pela autora, entre as quais se salientam as do Duque de Norfolk (249-254) e as de Maria Stuart. (375-379, 382-385) O enredo dá conta de facetas mais emotivas do carácter da rainha face aos que lhe eram mais próximos, sem menosprezar cenas íntimas, sobretudo em torno da sua passional relação com Robert Dudley, conde de Leicester, que viria a falecer em 4 de Setembro de 1588. (117-118, 263-264, 407) Ela própria, quando conhece o médico português e evoca o astrólogo John Dee, com quem tinha aprendido a olhar o mundo como um todo, se identifica com o elemento fogo e se define como “impulsiva, irritadiça, nervosa”. (290) Tendo como pano de fundo a Idade de Ouro quinhentista, a narrativa inclui descrições físicas de Isabel I ao longo do tempo (53-54, 170, 267, 496) e referências culturais, tais como a representação do poema de Edmund Spenser, *The Shepherd's Calendar*, em Dezembro de 1578, (283) e a acção do grupo de teatro “Os Homens da Rainha”, que na década de 80 não só difundiam propaganda anti-católica nas suas representações itinerantes, mas também contavam com informadores leais à monarquia entre o elenco de actores. (335)

Neste romance histórico, que privilegia uma perspectiva intercultural, ganham lugar de destaque os acontecimentos que antecederam e se sucederam ao desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer Quibir

e ao exílio em Inglaterra de D. António. Ambos mereceram o apreço de Isabel Tudor, como fica patente no banquete em honra do embaixador português Francisco Giraldes, em 9 de Julho de 1575, no qual manifesta a sua admiração pelo rei e pelo seu empenho em alargar o império português. (260-262) Por sua vez, sendo neto de D. Manuel I e “o último varão português da Casa de Avis”, (293) o prior do Crato era o pretendente à coroa portuguesa apoiado pela rainha e, sob a sua protecção, foi acolhido com grande entusiasmo em Eton College. As circunstâncias históricas faziam com que Portugal e a Inglaterra partilhassem a luta contra um inimigo comum, Filipe II de Espanha, que ameaçava a independência de ambos os países. O texto integra, aliás, a seguinte quadra popular portuguesa, expressiva do espírito da época: “Que o cardeal dom Henrique/ Fique no Inferno muitos anos/ Por ter deixado em testamento/ Portugal aos castelhanos”. (304)

Neste enquadramento, Rodrigo Lopes desempenhou um papel fulcral ao partilhar com a monarca inglesa, com o conselheiro William Cecil e com o chefe dos serviços de espionagem, Francis Walsingham, informações secretas sobre o que se passava na Península Ibérica, (15-18) conforme indicado na prolepse constituída por todo o primeiro capítulo, centrado no ano de 1578. (13-47) O seu potencial fica patente nas palavras de Dudley: “O doutor Lopes tem contactos essenciais para a rede de espionagem de Walsingham na Europa, tem primos e conhecidos em todos os portos”. (29)

Apesar de muitas das informações do período áureo isabelino poderem ser do conhecimento de um público mais académico, a narrativa é fluente e apelativa, conjugando a história social e política com o amor, o mistério e a aventura. Os leitores acompanham diversos acontecimentos, como a peste bubónica em Agosto de 1563, (223-225) bem como os percursos de diversas figuras históricas, incluindo Maria Tudor, Francis Drake e Walter Raleigh, com óbvio destaque para Isabel I, desde a ascensão ao trono até ao momento da morte. (162, 511) Por seu turno, não obstante a expectável liberdade criativa, muitos pormenores da vida pessoal e profissional de Rodrigo Lopes são dados a conhecer, possivelmente pela primeira vez, ao grande público.

Este judeu alentejano, nascido no Crato em 1525, foi estudante em Coimbra e em Salamanca. Filho do médico de D. João III, o cristão-novo António Lopes, pertencia “à nova geração de médicos, formados nas universidades da Europa”. (101) O amigo e colega Heitor Nunes convidou-o a juntar-se a ele em Inglaterra e, com cerca de 40 anos, chegou à capital inglesa acompanhado do primo, Jerónimo Lopes, assistindo ao cortejo para a coroação, em 15 de Janeiro de 1559. (179-182) A narrativa ficciona momentos do quotidiano e da intimidade das personagens, proporcionando o contacto dos leitores contemporâneos com informação bastante esclarecedora sobre a comunidade quinhentista de mercadores de origem judaica em Londres, incluindo os seus hábitos e costumes – como o próprio casamento, em 1563, pela Igreja Anglicana, de Rodrigo Lopes com Sarah, a filha do poderoso mercador de origem portuguesa Dunstan Anes, (221-223) – gastronomia, religião e rituais funerários. (288, 198 e 452, respectivamente) Nunes e Anes lideravam a comunidade de cristãos-novos de Londres, (21) e com Nunes e o primo Jerónimo, Rodrigo Lopes entra em 1576 no negócio da pimenta, “muito apreciada em Inglaterra”. (269) Na verdade, as comunidades de ascendência judaica, frequentemente graças a laços familiares, tinham fortes ligações a Antuérpia e a outros portos europeus, sobretudo devido ao comércio de especiarias. (104) A nível oficial, não havia judeus em Londres, nem sinagogas ou rabinos. (20, 198) A este respeito, é de notar a percepção expressa na narrativa: “Pragmáticos, os ingleses preferiam ignorar a forte suspeita de estarem perante filhos de Israel a perderem os lucros de que podiam usufruir através dos vários talentos daquela comunidade influente”. (20) Além disso, segundo a personagem Rodrigo Lopes, o que mais o impressionava nos ingleses era “a rapidez de resposta” (222) em encontrar uma solução quando se detectava um problema, uma atitude oposta à “tendência portuguesa para protelar”. (223)

Em suma, após fugir da Inquisição que perseguia os cristãos-novos em Portugal, e até cair em desgraça e ser executado em Londres como traidor, em 7 de Julho de 1594, (483-484) o Dr. Lopes notabilizou-se como médico no prestigiado hospital de São Bartolomeu,

uma instituição que permanece em pleno funcionamento nos dias de hoje. Numa época em que a ciência servia o propósito de Deus, (285) e apesar dos preconceitos e da discriminação que sentiu nos primeiros anos, a sua competência profissional fez-lhe ganhar a confiança de pacientes ilustres, começando por Dudley. Por intermédio deste, conquistara os poderosos Cecil e Walsingham, sendo por eles recomendado à monarca. Após quase duas décadas no exercício da profissão, foi convidado para exercer o cargo de médico pessoal da rainha, (286) com acesso privado a esta, tornando-se seu confidente e um súbdito leal até Robert Devereux, conde de Essex e novo favorito de Isabel, o acusar de estar envolvido numa conspiração a soldo de Espanha para eliminar a rainha por meio de veneno. Alguns antigos apoiantes portugueses da causa do prior do Crato, como Estêvão Ferreira da Gama e Manuel Luís Tinoco tinham começado a contemplar a aproximação aos espanhóis. Consequentemente, foram presos e acusados de serem agentes duplos. Os interrogatórios, levados a cabo no tribunal de Guildhall, que tinha sido o palco de muitos julgamentos na cidade de Londres, como os de *Lady Jane Grey* e *Thomas Cranmer*, resultaram na confissão de ligações a Rodrigo Lopes, (472, 478) bem como na consequente acusação e condenação deste “judeu maldito” (479) por espionagem a serviço de Espanha, apesar das dúvidas da própria rainha sobre a sua culpabilidade. (484, 491) Os três portugueses foram executados por traição.

A antiga aliança que unia Portugal e a Inglaterra não só está subjacente a todo o enredo, como é explicitada no volume, (345) sobretudo a fim de realçar o contributo daquele que conciliava as actividades de físico, mercador e mediador diplomático. (277) A colaboração do Dr. Lopes revelou-se vital, nomeadamente por ocasião do recrutamento para a chamada Armada Invencível, que integrava navios e marinheiros portugueses, contribuindo para a sua derrota. (386-388, 393-402) Contudo, a possibilidade de ser enviada para os Açores, com o objectivo de resistir aos espanhóis, uma armada inglesa que ajudasse as forças portuguesas, já reforçadas por apoio militar dos franceses, não se veio a concretizar e saldou-se na rendição da ilha Terceira. (347-348) O auxílio acabou por ser prestado, seguindo o

plano de invadir Portugal e colocar no trono o prior do Crato, tendo como contrapartida condições favoráveis no comércio com o império português. (415) De acordo com o relatado na narrativa de Isabel Machado, em Abril de 1589, Rodrigo Lopes integrou a expedição que partiu de Plymouth rumo ao norte de Espanha e depois Lisboa, com o propósito de impedir um novo ataque contra a Inglaterra. (419-423) A fortaleza de Peniche foi tomada, mas não a cidade de Lisboa. Assim, “(a) maior expedição militar da história de Inglaterra saldara-se por um total fracasso”. (433) Como é do conhecimento comum, o trono de Isabel I manteve-se, ao contrário da soberania portuguesa. Na verdade, o enredo serve-se de uma missiva fictícia do prior do Crato, dirigida ao conde de Leicester e datada de Junho de 1580, para evocar as últimas palavras de Luís de Camões: “Morro com a minha pátria”. (321)

A trama tece elementos de realidade e de ficção, visto que se trata de “um romance e não um livro de História”, tal como é referido na Nota da Autora. (513-514) Nesta, Isabel Machado reitera a possibilidade de Lopes ter inspirado a personagem Shylock na obra *The Merchant of Venice* (1598), de William Shakespeare, e integra como última informação a homenagem pública que Carlos, então Príncipe de Gales, prestou à comunidade judaica no Guildhall, em 2011, evocando a injustiça do caso do médico português, o único médico que foi executado em Inglaterra. Por conseguinte, pode acrescentar-se, na presente análise, que este romance histórico contribui para a actual reflexão tanto sobre as minorias étnicas e religiosas, como sobre as dinâmicas de exclusão e inclusão social.

Atente-se que, em termos paratextuais de caracterização visual, o volume de 2012 não continha ilustrações, sendo que existem onze figuras no actual texto. A primeira corresponde ao conhecido *The Ermine Portrait* (1585) de Isabel I, da autoria de Nicholas Hilliard, e as restantes são dedicadas a Dudley, Maria Tudor, Cecil, Walsingham, Maria Stuart, Filipe II, o prior do Crato, Walter Raleigh e o conde de Essex. Merece destaque a figura 2, uma gravura da época, recriando o Dr. Lopez, como era conhecido em território inglês, a conspirar com um espanhol para envenenar a rainha. Por não existirem retratos de

Lopes, a autora apresenta apenas parcas descrições físicas no texto: “(h)omem moreno, de estatura relativamente baixa”, “barba escura e farta, pontiaguda [...], olhos [...] de um castanho-claro”. (16, 19) Além disso, o volume inicial reproduzia na capa o supra-referido quadro de Hilliard, ao qual foi acrescentado, em segundo plano, uma representação em ponto pequeno de um eventual rosto de Lopes, ao passo que a imagem escolhida em 2022, apresenta uma jovem do nosso tempo, que personifica uma dama isabelina nas vestes e na postura. Decerto serve o propósito de atrair o olhar de novos e porventura jovens leitores, sem deixar de suscitar a curiosidade de um público-leitor mais convencional.

Autora de diversos romances históricos, entre os quais *Infante D. Pedro* (2021) e *A Rainha Santa* (2016), Isabel Machado escolheu anteriormente *Vitória de Inglaterra, A Rainha Que Amou e Ameaçou Portugal*, que conheceu uma segunda edição apenas três meses depois de ter sido dado à estampa, em 2014, para levar a bom termo outra abordagem intercultural. Espera-se que o seu interesse pelos Estudos Anglo-Portugueses, patente no volume aqui destacado e com o qual retomou as figuras com que iniciou o percurso como escritora, a inspire na prossecução de novas pesquisas que ofereçam aos leitores a possibilidade de revisitar, em termos literários e culturais, a mais antiga aliança do mundo.

**Neill Lochery. *Lisbon: War in the Shadows
of the City of Light, 1939-1945.*
New York: Public Affairs, 2012 (2011)**

João Paulo Ascenso Pereira da Silva
(NOVA FCSH/CETAPS)

Com a presente recensão temos por objectivo proceder a uma apreciação sumária da obra *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945* (2011), do consagrado historiador britânico Neill Lochery, Professor Catedrático no University College, London, onde é especialista em Estudos sobre o Mediterrâneo e o Médio Oriente (mais precisamente Hebrew and Jewish Studies). Sabemos igualmente que o autor, de origem escocesa, se doutorou na Universidade de Durham e esteve ao serviço do British Council, em Lisboa e Coimbra, na década de oitenta do século passado, datando desse período o seu conhecimento da língua e cultura portuguesas e o início da sua paixão por Portugal.

A partir de 2011 verificou-se, de facto, uma viragem no seu campo de pesquisa, tendo, desde então, publicado quatro volumes inteiramente dedicados à história contemporânea portuguesa, nomeadamente ao período compreendido entre a Segunda Guerra Mundial e 2017. Duas destas obras estiveram na origem de exposições realizadas, respectivamente, em Lisboa, no ano de 2012, na senda da publicação de *Lisbon*, e na cidade do Porto, em 2022, na sequência do lançamento do volume *Porto: Gateway to the World*. Por seu turno, ambas as

mostras dariam origem à publicação de catálogos, de grande interesse do ponto de vista textual e, sobretudo, fotográfico e iconográfico.¹ O autor, confessadamente um apaixonado por Portugal, partilha o seu tempo entre Londres, Lisboa e os Estados Unidos.

Poderemos considerar que este conjunto de seis trabalhos dedicados à história contemporânea do nosso país, todos eles traduzidos para português, se inscrevem numa vertente lusófila do seu percurso enquanto académico e autor, revestindo-se do maior interesse para todos os interessados no campo dos Estudos Anglo-Portugueses:

Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945. New York: Public Affairs, 2011. (Trad. Portuguesa: *Lisboa: a Guerra nas Sombras da Cidade-luz, 1939-1945*. Lisboa: Presença, 2011. Tradutor: Alberto Gomes)

Lisboa: Bottleneck of Europe 1939-1945 / Lisboa: Centro da Europa na Segunda Guerra Mundial – 1939-1945. Lisboa: Câmara Municipal, 2012. Catálogo de exposição. (Trad. Isabel Lucas)

Outside Looking in: City of Light, 1933-1974. Lisboa: Presença, 2013. (Volume publicado, numa primeira instância, em versão portuguesa de Manuel Alberto Vieira e Alberto Gomes, sob o título: *Lisboa: a Cidade Vista de Fora, 1933-1974*. Lisboa: Editorial Presença, 2013.)

Out of the Shadows: Portugal from Revolution to the Present Day. London: Bloomsbury, 2017. (Trad. portuguesa: *Portugal Saído das Sombras: da Revolução de 1974 até ao Presente*. Lisboa: Editorial Presença, 2017. Trad. Alberto Gomes e Manuel Alberto Vieira)

1. O catálogo alusivo à exposição que decorreu em Lisboa, em 2012, na sequência da publicação de *Lisbon*, em 2011, contém textos da autoria de Lochery e de António Costa, então Presidente da Câmara de Lisboa e anfitrião deste evento. A exposição, de que a mulher de Lochery foi curadora, decorreu no torreão poente do Terreiro do Paço, tendo, pela sua qualidade e novidade dos documentos em exposição, merecido a visita de cerca de 14.000 pessoas. Prevista para durar apenas um mês, acabaria, pelo seu êxito, por ser alargada por mais três semanas do que o inicialmente planeado. O título do respectivo catálogo, em edição bilingue, é: *Lisboa: Bottleneck of Europe 1939-1945* (2012), contendo sobretudo reproduções de dezenas de fotografias. A segunda destas exposições, intitulada *1941: Guggenheim and Fleming, Artists & Spies in World War II Portugal / 1941 – Guggenheim e Fleming, Artistas & Espiões na II Guerra Mundial*, decorreu em 2022 na cidade do Porto, com o patrocínio da Câmara Municipal, surgindo na sequência da publicação do seu último livro dedicado a Portugal, mais precisamente à sua nova paixão, a cidade do Porto. O respectivo catálogo, publicado pela Leya em 2021, numa edição bilingue, contém cerca de 100 fotografias e reproduções dos documentos mais recentemente utilizados pelo autor como suporte das suas últimas publicações.

- Porto: Gateway to the World*. London: Bloomsbury, 2020. (Trad. portuguesa: *Porto: a Entrada para o Mundo*. Alfragide: A Casa das Letras, 2020. Trad. Ana Filipa Oliveira)
- 1941: *Guggenheim and Fleming, Artists & Spies in World War II Portugal / 1941 – Guggenheim e Fleming, Artistas & Espiões na II Guerra Mundial*. Alfragide: Leya, The Lochery Project, 2022. Catálogo de exposição. (Trad. Pedro Branco)

Na obra sobre a qual nos pretendemos brevemente debruçar, Neill Lochery, num registo fluente, acessível e conciso, reconstitui e descreve o ambiente vivido entre 1939 e 1945 em Lisboa e na costa do Estoril, naquela que viria a tornar-se a nova cidade-luz (a segunda ou verdadeira Casablanca, que serviria de inspiração à longa-metragem de Michael Curtiz, estreada em 1942²), quando o *blackout* mergulhou Paris e a Europa na escuridão da guerra e das perseguições, e em que multidões de exilados procuraram na capital portuguesa um refúgio temporário e um lugar num navio ou no *Clipper* da Pan American, que os levasse até aos Estados Unidos ou, eventualmente, até à Palestina.

Trata-se de um trabalho do domínio da historiografia, assente numa aturada investigação realizada, sobretudo, nos arquivos de Lisboa e Cascais (nomeadamente na Torre do Tombo), nos National Archives de Londres, nos Estados Unidos, respectivamente no United States Holocaust Museum e nos United States National Archives, em College Park, Maryland, e, finalmente, no Rio de Janeiro, tendo o autor alegadamente consultado e reunido um total de 50.000 documentos (manuscritos, dactilografados e impressos), muitos deles inéditos, grande parte dos quais viria a visitar e reutilizar nos seus volumes subsequentes dedicados a Portugal.

O volume em análise está longe de constituir um ensaio puramente académico, destinado a um público restrito. Aquilo que Lochery constrói e nos oferece é uma autêntica “narrativa de viagem”

2. V. Lochery, 1.

a um passado recente, com características que por vezes nos recordam algumas das fontes a que o autor alegadamente também recorreu na sua pesquisa (romances históricos, narrativas autobiográficas e de viagem, diários, cartas, peças jornalísticas), tornando-se a leitura do seu texto acessível e agradável. O trabalho de Lochery, que se encontra mais próximo da história social, cultural e do quotidiano do que da história política e diplomática ou de um registo factual e analítico, excessivamente árido para o leitor comum, consegue eficazmente cativá-lo através de uma perfeita reconstituição dos ambientes e atmosferas³ de Lisboa (9-11) e da costa do Estoril, cenário em que se movem as mais diversas personagens históricas (diplomatas, espões, agentes de polícias políticas, contrabandistas e traficantes, VIPs, artistas e cabeças coroadas de toda a Europa, em busca de exílio) e em que Oliveira Salazar com a sua linha política autoritária, mas sinuosa e ambivalente, através da qual procurava satisfazer a um só tempo as potências do Eixo e os Aliados, constitui o actor principal e o fio condutor. (14-15) Nessa medida, as estratégias narrativas adoptadas por Lochery, que atribuem ao ditador uma completa centralidade, subalternizando as restantes personagens (quer sejam elas portuguesas ou estrangeiras), recordam igualmente, em determinadas passagens, aquelas que atribuímos às biografias “romanceadas”.

Somos, deste modo, confrontados com um estilo, técnicas narrativas e um registo discursivo atraentes, mas que divergem conjuntamente do cânone de uma historiografia puramente académica, pelo carácter ligeiro do discurso, que por vezes se reveste de uma certa ironia. Não podemos igualmente esquecer que *Lisbon* se transformou, no próprio ano em que foi lançado, num *best-seller*, em termos globais, tendo conhecido edições em Portugal, Brasil, Espanha e América Latina, Polónia, Austrália e Nova Zelândia e uma recepção entusiástica por parte da crítica, em todas as latitudes. Neste volume, o registo historiográfico dilui-se nalguns momentos num tom algo ficcionalizante e romanesco, em que o historiador assume, em paralelo,

3. Lochery recorre a esta estratégia de reconstituição de ambientes e locais, procurando talvez torná-los tangíveis e verosímeis.

o estatuto de narrador onisciente. Nesta medida, recorre à sua imaginação no intuito de colmatar lacunas, sobretudo para descrever a corrente de pensamento da sua personagem principal (Salazar), revelando a sua intimidade e tornando-o mais humano, indo muito para além de toda a informação que as fontes, incluindo o diário do ditador, lhe poderiam oferecer. (183-184)

É este o registo em que o autor enceta ou conclui alguns dos 30 capítulos em que se encontra estruturada a sua obra e que abrem, no geral, caminho a trechos efectivamente sustentados na documentação consultada, cujas datas são apenas mencionadas no corpo do texto, sem que, todavia, o leitor sinta nas mesmas qualquer dissonância ou obstáculo, parecendo diluir-se num todo construído e concebido harmoniosamente. Neill Lochery parece nalguns aspectos (e sobretudo pelo seu registo irónico e o recurso pontual ao “discurso relatado”) afastar-se em determinados momentos de uma historiografia canónica para se aproximar de uma “metaficção histórica,” reivindicando um espaço de liberdade criativa e interpretativa característico da “Nova História,” tal como é definida por teóricos como Hayden White, Linda Hutcheon ou Douwe Fokkema.

Importa a tal propósito registar que neste volume todo o aparato crítico tenha sido remetido para o final da obra e que o autor tenha evitado introduzir citações no corpo do seu texto ou destacadas, limitando-se a efectuar paráfrases livres e sínteses dos documentos em causa, remetendo os interessados para as referências agrupadas no final da obra,⁴ todas elas muito abreviadas. Esta técnica narrativa utilizada no geral pelo autor poderá ter-lhe sido imposta (ou não) pelos editores, no intuito de obterem a recepção mais favorável possível entre os leitores, sobretudo de um segmento do público não académico (objectivo primordial da historiografia *light* ou *best seller* e de boa parte das biografias publicadas no mundo anglo-saxónico).

Importa, por outro lado, destacar que, nas últimas duas a três décadas, não foi apenas em Portugal que o número de trabalhos

4. Remetendo basicamente apenas para o nome do arquivo, fonte e documento e, noutros casos, para o autor de um volume e paginação.

de investigação alusivos ao Estado Novo e ao nosso país durante a Segunda Guerra Mundial veio a crescer significativamente, sobretudo após ter sido oferecida aos historiadores a possibilidade de acederem ao arquivo Salazar, ao seu Diário, bem como ao arquivo da PIDE/DGS. Nos Estados Unidos, mas igualmente na Grã-Bretanha, o número de publicações que aludem ao papel de Portugal na época é impressionante. Destacaremos, entre outras, a monografia do americano Ronald Weber, professor universitário na University of Nôtre Dame, que lançou, no mesmo ano que Lochery, um volume em termos gerais semelhante nos seus objectivos a *Lisbon*, intitulado *The Lisbon Route, Entry and Escape in Nazi Europe*,⁵ e que quase o replica de forma especular. Trata-se, porém, de uma obra cujo objectivo não é unicamente a divulgação, mantendo-se muito mais fiel a um registo académico, e oferecendo nalguns planos, nomeadamente na questão dos refugiados e da sua passagem por Lisboa,⁶ bem como na análise dos destinos de Portugal a partir do final da Guerra, uma perspectiva mais rigorosa, exaustiva e ambiciosa.

Ambas as obras são de extrema importância para o campo dos Estudos Anglo-Portugueses, já que toda a abordagem do período histórico em epígrafe é efectuada tendo como pano de fundo a promessa de Salazar em respeitar a Velha Aliança, invocada pelo Reino Unido em contexto de guerra generalizada na Europa, e o compromisso do ditador em manter uma posição de neutralidade possível (que se revelaria com o passar do tempo cada vez mais flexível), procurando, sobretudo a partir da invasão da França, evitar antagonizar qualquer uma das partes beligerantes, num contexto inicial em que a Alemanha e as forças do Eixo se encontravam em notória vantagem e próximas de uma eventual vitória. Deste modo, grande parte do volume assenta numa descrição dos jogos de poder e de influência que ocorriam em território português e de sucessivos episódios em que diplomatas, espões e agentes secretos agiam nos bastidores, no intuito de convencer Salazar a decidir-se em favor de uma das potências beligerantes.

5. Lanham, Maryland; Plymouth, United Kingdom: Ivan R. Dee, 2011.

6. Identificando-os e dedicando-lhes uma abordagem mais individualizada.

No início do volume o ditador é apresentado, recorrendo a várias fontes (nomeadamente David Eccles,⁷ Malcolm Muggeridge⁸ ou Christine Garnier⁹), como o mais belo ditador da Europa e, entre os ditadores europeus, aquele que, através do seu zelo, frugalidade e inteligência soubera resgatar o seu país do caos económico e político, lugares-comuns que facilmente são encontrados nos relatos de viagem britânicos datados das décadas de 30, 40 e 50 (V. John Gibbons, Ralph Fox, Ronald Bodley e Roy Campbell). Lochery, num tom de algum sarcasmo, não deixa de aludir aos seus hábitos quotidianos e ao seu viver espartano, ao seu fervoroso apego ao Catolicismo, referindo-se igualmente, com ironia, a algumas das personalidades mais influentes na sua vida, nomeadamente o Cardeal Cerejeira e Dona Maria de Jesus, bem como a algumas das suas mulheres. Contudo, o autor não deixa, logo em seguida, de pôr em dúvida a natureza original das suas políticas económicas e a autenticidade dos dados económicos então disponíveis, tendo em conta tratar-se de um regime autocrático, em que o ditador chegaria a centralizar nas suas mãos diversas pastas a par do cargo de Presidente do Conselho, nomeadamente as dos Negócios Estrangeiros e das Finanças. Assim, enquanto algumas fontes como o Foreign Office o caracterizavam em tom laudatório como: “Salazar the Man [...] having the shrewdness and parsimonious habits of the peasant; the native caution of the village dweller who mistrusts the prattle of the marketplace and the motives of others; and the cold detached outlook of the scholastic church man who has been to appraise the puppet show of human endeavor sub specie aeternitatis [...]” (18) e o General Franco, em entrevista ao jornal *Le Figaro*, o designava como “[t]he most complete statesman, and one most worthy of respect, that he had known [...]”, (19) certo é que, não obstante tamanho sucesso, a maioria da população estava longe de se encontrar bafejada pelo desenvolvimento social e

7. *By Safe Hand: The Letters of Sybil and David Eccles, 1939-1942*. London: The Bodley Head, 1983.

8. *Like It Was: A Selection from the Diaries of Malcolm Muggeridge*. London: Collins, 1981. *Chronicles of Wasted Time: An Autobiography*. Vancouver: Regent College Publishing, 2006.

9. *Férias com Salazar*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira e Grasset et Fasquelle, 1952. *Salazar in Portugal: An Intimate Portrait*. New York: Farrar, Straus and Young, 1954.

económico aparente, traduzido na imponente fachada da política de obras públicas.

No capítulo II, Lochery passa a explicar sumariamente as razões que levariam Salazar, em Outubro de 1939, a considerar que, dada a fragilidade das forças armadas portuguesas, a sua incapacidade de fazer frente a um poderoso exército como o alemão e a ausência de apoio militar eficaz por parte do Reino Unido, a neutralidade seria a melhor das soluções para salvaguardar a integridade de Portugal e do seu império. Nesse mesmo discurso, proferido diante da Assembleia Nacional, Salazar prometeria não tirar partido económico dessa neutralidade e transformá-la futuramente numa fonte de lucro. (20-21)

Como é óbvio, os desafios políticos, económicos e diplomáticos iriam dentro em breve pôr à prova a neutralidade de Salazar, transformada num conceito bastante versátil, e levaria, a breve trecho, os Aliados a mudarem drasticamente a sua opinião acerca do ditador que, para todos os efeitos, passaria a ser encarado como um *double dealer* (108-117) e uma personalidade pouco fiável, cujas decisões, no que respeita sobretudo a exportação de volfrâmio, conheceriam constantes flutuações, conforme os destinos do conflito se iam decidindo nas diferentes frentes de guerra. Temendo, através de uma atitude drástica de bloqueio das exportações daquele mineral estratégico, uma invasão terrestre alemã da Península Ibérica ou uma invasão conjunta de Portugal pela Alemanha em aliança com a Espanha, Salazar irá, inadvertidamente, converter Lisboa num ninho de intrigas internacionais e de conflitos de bastidores, situação agravada pelo fluxo de refugiados que, sobretudo entre 1940 e 1941, transformaria a pacata e provinciana capital portuguesa numa cidade cosmopolita, (38-39) na nova centralidade europeia, onde nos cafés e nas ruas se escutavam os mais diversos idiomas e onde agentes da Gestapo, da PVDE, dos serviços de informação britânicos e de diversas agências humanitárias, que procuravam resgatar refugiados judeus e não judeus, se movimentavam e cruzavam.

A situação das dezenas de milhares de refugiados chegados em 1940, no preciso momento em que a Exposição do Mundo Português era inaugurada com pompa e circunstância na luminosa Lisboa,

provocada em larga medida pela decisão *in extremis* do cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, em conceder vistos de entrada em Portugal a refugiados judeus, bem como pela acção das agências humanitárias, viria a breve trecho a pôr de novo à prova a neutralidade de Salazar, que ordenaria à PVDE uma atitude vigilante, face a dois factores que assustavam nitidamente o ditador: a possibilidade de entrada em Portugal de agentes subversivos, nomeadamente comunistas, cuja acção poderia revelar-se perigosa para a estabilidade do regime, e o desagrado que a presença de tamanho número de refugiados causava na Embaixada Alemã e em Berlim. A postura de frieza e distância de Salazar em relação à perseguição dos judeus pela Alemanha, que se traduziria na frase – “trata-se de um assunto interno alemão, com o qual Portugal nada tem a ver”¹⁰ (51) –, geraria enorme celeuma entre os Aliados, que vinham gradualmente a manifestar a sua insatisfação face ao avolumar de suspeitas de anti-semitismo e simpatia pelas forças do Eixo que recaíam sobre o ditador. Tais conjecturas ficariam a dever-se à forma como o Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros decidiria castigar Aristides de Sousa Mendes e, mais tarde, o Embaixador de Portugal em Londres, Armindo Monteiro, suspeito de favorecer excessivamente os interesses britânicos e de aspirar substituir Salazar nos destinos do país.

No que respeita às agências humanitárias¹¹ que procuraram acompanhar os refugiados nos seus aventurosos e dramáticos percursos que os levariam à capital portuguesa, Lochery refere apenas a mais conhecida, a Emergency Rescue Committee, organização privada, sustentada por judeus norte-americanos milionários e apoiada politicamente por Eleanor Roosevelt, cujo coordenador na Europa foi Varian Fry, responsável por conduzir uma lista de muitas centenas

10. Paráfrase e tradução de nossa autoria.

11. V. igualmente Unitarian Service Committee, International YMCA, International Red Cross, Hebrew Immigrant Aid Society, The American Jewish Joint Distribution, American Friends Service Committee, Catholic Relief Services, HICEM. Todas estas organizações operavam em Lisboa, procurando mitigar as dificuldades em que se encontrava a maioria dos refugiados, encaminhando-os com a maior celeridade possível para os Estados Unidos.

de artistas, intelectuais e figuras públicas do sul de França até Lisboa. Lochery destaca, entre outras personalidades, Peggy Guggenheim e a sua *entourage* (em que se destacava o seu companheiro, Max Ernst), o pintor Marc Chagall e escritores como Arthur Koestler ou o resistente anti-nazi Berthold Jacob e a sua mulher. São estas as personalidades e casos paradigmáticos eleitos por Lochery, cujos destinos detalhadamente descritos viriam a divergir após a chegada a Lisboa, sendo bem representativos das profundas clivagens sociais que separavam aqueles que tinham a sorte de chegar à capital portuguesa incólumes. Assim, enquanto Peggy Guggenheim e Ernst seguiram, ao cabo de algumas semanas de espera, no *Clipper* da Pan Am,¹² com destino a Nova Iorque, Arthur Koestler, escritor de origem húngara que viria a obter a nacionalidade britânica, passaria pelas mãos da PVDE e por uma prisão inglesa onde ficaria internado e seria interrogado, após a sua chegada à Grã-Bretanha, até ser determinada a sua identidade e objectivos. Quanto ao casal Jacob, é sabido que, apesar de todos os esforços despendidos por Fry, Berthold acabaria por ser capturado pela PVDE, numa acção conjunta com um agente da Gestapo, tendo sido raptado e levado para Espanha, onde viria a desaparecer.

É difícil contabilizar ao certo o número de cidadãos estrangeiros que atravessaram a fronteira portuguesa e permaneceram no gargalo da Europa, em estadas mais ou menos longas, durante os anos da Guerra, mas certamente será bem mais elevado do que aqueles que viriam a receber os vistos passados por Aristides de Sousa Mendes, havendo estudos que apontam para centenas de milhares. É o caso de autores como David Wyman e Michael Marrus que apontam para cerca de 100.000, ou ainda de Douglas Wheeler, que obviamente pecando por excesso, situa este número em um milhão. (Weber, 13, 309) É deste modo que Arthur Koestler, autor da expressão “gargalo da Europa”, descreve a realidade dos refugiados na capital

12. Ligação de hidroavião da Pan American, que inicialmente unia Nova Iorque ao sul de França, com escala na ilha do Faial, nos Açores, e em Lisboa e que, após a invasão da França pela Alemanha, passaria a ter o seu *terminus* na capital portuguesa. Tratava-se de uma ligação regular de elevada qualidade, à qual apenas os mais afortunados tinham acesso. O estuário do Tejo servia de pista de aterragem a estes aviões anfíbios.

portuguesa: "Lisbon was the bottle-neck of Europe, the last open gate of a concentration camp extending over the greater part of the continent's surface [...]. And the procession of despair went on and on, streaming through this last open port, Europe's gaping mouth, vomiting the contents of her poisoned stomach." (*Scum of the Earth* 275, 279)

A crescente suspeição de *double dealing* (entendendo-se como tal duplicidade, falsidade e traição) viria a macular a reputação de toda população portuguesa e, nomeadamente, dos lisboetas, que, tal como o ditador, procuravam em pequena escala fazer negócio com os refugiados. (91) Em desespero, no intuito de conseguirem um alojamento temporário ou de obterem meios de sobrevivência, passagens para um navio ou os favores da polícia política, muitos foram aqueles que venderam todos os bens e valores que possuíam ou recorreram mesmo à prostituição.

Tal prática parecia então contaminar toda a sociedade portuguesa, desde a base ao topo, sobretudo na capital e no Estoril, onde os serviços secretos alemães e britânicos, facilmente recrutavam informadores e colaboradores, junto de diferentes camadas da população portuguesa, mas igualmente no norte de Portugal, onde as populações procuravam enriquecer através do lucrativo contrabando de volfrâmio.

Mas, a par de Salazar, a personalidade que recebe particular atenção por parte de Lochery é o banqueiro do regime, Ricardo Espírito Santo, uma das personagens centrais desta narrativa, igualmente suspeito de germanofilia, ao ter recebido na sua residência em Cascais, por sugestão do ditador, o Duque e a Duquesa de Windsor, em 1940, após toda uma epopeia que traria o casal até Lisboa. (77-84) Durante a acidentada viagem, o ex-monarca foi alvo de pressões simultâneas de Winston Churchill e do governo britânico e, por outro lado, do governo alemão, que procurou por todos os meios fazê-lo regressar a Madrid e daí até território alemão, onde encontraria exílio, num gesto de capitulação. Sabe-se que o governo britânico envidou todos os esforços para fazer seguir os Windsor a breve trecho para Inglaterra, tendo Eduardo VIII caprichosamente resistido durante cerca de um

mês de estada em Portugal, até ter sido coagido por Churchill a obedecer ou, caso contrário, a ser julgado em tribunal militar por desobediência. Os Windsor acabariam por ceder e partir para o destino que os aguardava nas Antilhas, mais precisamente nas Bahamas, colónia britânica de que o Duque se tornaria governador.

Neill Lochery não deixa, por outro lado, de recordar que Ricardo Espírito Santo e o BES, bem como outras instituições bancárias portuguesas, mantiveram relações comerciais com a Alemanha até ao final do conflito, aceitando depósitos em ouro contaminado, que havia sido pilhado em nações ocupadas a instituições ou a particulares. (210-215) Na verdade, é sabido que, quando as suspeitas se transformaram em certezas e as pressões dos Estados Unidos, ocorridas entre Julho de 1943 e Agosto de 1944, se avolumaram, e quando os destinos do conflito anunciavam a vitória dos Aliados, os alemães simplesmente levantaram os seus depósitos e transferiram-nos do BES para o Banco Lisboa e Açores, situado no outro lado da rua. (206-209) O BES encontrou-se nestas circunstâncias na iminência de ser colocado numa lista negra internacional criada pelos americanos, da qual apenas conseguiu escapar incólume por via das diligências do embaixador britânico Ronald Campbell, que conhecia as estreitas ligações de amizade entre Salazar e Espírito Santo e temia repercussões políticas e represálias. Deste modo, em Maio de 1944, o banqueiro viria ainda que lenta e relutantemente a aceitar cooperar com os Aliados, percebendo que a guerra estava perdida e que as transações comerciais com a Alemanha teriam de ser suspensas. (219-222)

A guerra diplomática de bastidores envolvendo Salazar e os representantes diplomáticos portugueses em Londres e em Berlim viria a agravar-se a partir do momento em que a vitória dos Aliados se avizinhava no horizonte e em que americanos e ingleses exigiam do ditador a concessão de facilidades para a criação e utilização de bases nos Açores, tentando acelerar o final do conflito. (185-190, 191-193) O mesmo poderá ser dito acerca de uma outra vertente, a económica, quando Salazar contrariamente a todas as pressões e bloqueios se recusava a cessar as exportações de volfrâmio para a Alemanha, transacções comerciais que só seriam suspensas dois dias antes do Dia D.

Tais posições, que causaram um profundo desagrado entre americanos e britânicos, viriam a culminar após a queda de Hitler, à qual o Presidente do Conselho português reagiu enviando uma mensagem de condolências e mandando colocar a bandeira portuguesa a meia haste. A inflexibilidade e temor manifestados por Salazar perante um previsível equilíbrio de forças internacional que já então se delineava no horizonte, demonstram que o ditador se encontrava atavicamente apegado ao passado, mostrando-se incapaz de se retirar da cena política ou de ensaiar qualquer tipo de abertura (mesmo aparente) de um regime que continuaria a liderar por mais 23 anos.

Num momento histórico em que de novo se agigantam todos os perigos, com o surgimento no horizonte político internacional de novos candidatos a líderes autoritários e totalitários, e em que vagas de refugiados, jamais vistas desde a Segunda Guerra Mundial, buscam no Ocidente um porto de abrigo, obras de historiografia como *Lisbon*, não obstante a sua natureza "heterodoxa" dos pontos de vista acadêmico e científico, revestem-se na realidade da maior pertinência, sobretudo junto das camadas mais jovens de leitores, cujo conhecimento dos momentos mais negros de um passado ainda recente é reduzido ou nulo.

ABSTRACTS

Luis Henrique Menezes Fernandes, “The Outcome of British Cooperation in Translating, Printing, and Popularizing the *Almeida’s Bible*: From the 17th to the 19th Century”

The first translation of the Bible into Portuguese was carried out during the 17th century in Dutch colonies in Southeast Asia. Its printing process began in 1681, when the New Testament was published in Amsterdam. However, it was only in the 18th century that this translation was printed in its entirety, mainly due to the support of a newly founded British institution: the Society for Promoting Christian Knowledge. Since then, a complex network of editions has developed around this translation. Throughout this process, British cooperation was crucial, particularly from the early 19th century onwards, through the initiative of another London-based institution – the British and Foreign Bible Society –, when the Almeida’s Bible became truly popular. In this article, we aim to explain the nature and significance of British influence in this process, from the origin of the translation to its literary consolidation, and also evaluate its results, both positive and negative, within the Portuguese-speaking world.

Jorge Bastos da Silva, “The Reception of Milton’s Work in Portugal – Some Contributions (I)”

The present article attempts to make four points regarding the reception of the work of John Milton in Portuguese literary culture: (a) as a matter of introduction, it highlights the range of critical issues involved in Portuguese editions / translations of Milton, and stresses the relevance of his work in the conspectus of Anglo-Portuguese literary connections; (b) it surveys a number of references made by José Agostinho de Macedo to Milton and other British authors; (c) it examines a review of António José de Lima Leitão’s 1840 translation of *Paradise Lost* published in the Lisbon magazine *O Ramalhete* by Francisco António Martins Bastos; (d) it poses a question regarding the possible catholicization of Milton’s work in its Portuguese reception.

Rogério Miguel Puga, “Macau in Victorian Visual Culture and Geopolitics: Representations of the Opium War and British Presence in China in Robert Burford’s Panorama and Guide *Description of a View of Macao* (1840)”

Until 1842, Macau was the only gateway for Westerners to China, as well as their home and a privileged space for Sino-Western cultural exchanges. From the 19th century onwards, the enclave was represented by several English-speaking painters and photographers, notably in the rotunda of Leicester Square Panorama. Between 1840-1841, a land/riverscape of the Macau peninsula was displayed in London at the height of the Opium War, a conflict that would force China to give the British a Macao of their own. The timing of the exhibition in London, the British imperial metropolis, is not innocent. The panorama and its guide influence the visitor’s virtual ‘journey’ and inscribe the British presence in China in the history of Macau through the images of European warships in the Pearl River Delta and of British characters and spaces in the city administrated by the

Portuguese. The present article analyses the historical context of this ideological and colonial travel performance aimed at the domestic (London) public while interpreting the panorama and the guide as strategic visual and written information about the Portuguese colony in China that had been coveted by the British and remained neutral during the Opium War.

Rui Moura, “Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness”

In 1827, a book was published in London with the lengthy title *An Historical View of the Revolutions of Portugal Since the Close of the Peninsular War: Exhibiting a Full Account of the Events Which Have Led to the Present State of That Country, by an Eye-Witness*. This work was anonymous and received excellent reviews in the British Press. The author’s name is easily guessed by the clues expressed in the Preface of the book. Only one Englishman fulfils all the criteria: Major John Murray Browne (1792-1828). This is a unique document, written by a foreigner with extensive knowledge of the country and the people of Portugal and highly connected with the King’s court. The book reveals a most exciting period in the history of Portugal. It covers the period that followed the Peninsular War, with the country wholly devastated, up to the 1820 revolution. It continues by analysing the years that followed (1820-1827), with revolutionary and counter-revolutionary events. The political aspects of the Constitution of 1822 and the Portuguese Charter of 1826 are also described.

Teresa Pereira, “A ‘grande republica fundada por Washington’: Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em *O Panorama*”

Adopting an approach located within the field of imagology, the following paper examines the images of North America conveyed by two different sets of articles published by the Portuguese periodical *O Panorama* about Harriet Beecher Stowe, author of *Uncle Tom’s Cabin* (1852), and the Civil War (1861-1865). While the pieces of writing that mention Stowe completely omit slavery in relation to the United States, the ones which reference the Civil War state that the conflict was caused by the North American desire to abolish its peculiar institution. In order to understand the different attitudes described above, adopted by *O Panorama*, the essay attempts to answer the following research questions: What type of images of the United States were created as a result of the decision to not mention slavery in association with Stowe and to not omit it in connection with the Civil War? and Why did *O Panorama* choose to convey such images of the United States in the Portuguese context?.

Miguel Ribeiro Pedras, “The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict”

In 1896, the tension between Great Britain and Germany almost reached a boiling point after the British failed attempt at a revolution in the Transvaal. At the time, the strain in Southern Africa was palpable, with both the Boer republic and the Portuguese colony of Mozambique trapped between Britain’s and the German Empire’s ambitions. However, the war that could have been was stopped by an unlikely character, the Portuguese Foreign Minister, Luís de Soveral. Portuguese ambassador to Britain and a close friend of the then Prince of Wales (future Edward VII), Soveral lived in the British capital for ten years and had been leading the Portuguese Legation in London since 1891, when he was invited to take on the role of Portugal’s

Foreign Minister in 1895. In this article, I intend to reconstruct and reflect on the facts and political actions taken during this incident. I then analyse the role and actions of Luís de Soveral when faced with a potential armed conflict in Southern Africa, close to the Portuguese colony of Mozambique. The significance of Soveral's involvement in this conflict of titans was unknown to most at the time and would only be brought to light years later.

David Evans, “The Influence of Contemporary Social and Political Factors in the Translation of Kipling’s Poem ‘If’ into Portuguese: A Tentative Chronology (1910-1960)”

Written in 1895 and first published in 1910 in Kipling’s collection of stories, *Rewards and Fairies*, and that same year in *The American Magazine*, the continuing appeal of Kipling’s poem “If” is apparent from the countless framed copies which are hung in schools and other public places around the world and from the many different versions to be found on the internet. Remarkably, and despite the profound changes in attitudes and moral codes which have occurred since Edwardian times, Kipling’s sermon-like eulogy of the supposedly masculine virtues of stoicism, determination and leadership is still popular today, over a century later. It is also, unquestionably, one of the most-translated, adapted and parodied pieces of poetry in the history of literature. This article is a first attempt to reveal the translations which were made into Portuguese in the first half-century after its publication and to trace the political and social motives which inspired its translators and publishers.

Gabriela Gândara Terenas, “Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20th Century (1913)”

Travel journalism, which has been exhaustively studied by authors such as Folker Hanusch and Elfriede Fürsich, covers texts written by journalists who have been specifically invited by public or private institutions to visit a particular country and to produce accounts of their experiences for publication in the periodicals they work for, so publicising the country as a tourist destination. At the beginning of the twentieth century this term was still unused. However, this paper will attempt to show that, in view of the unusual circumstances and the context of political turmoil in which a group of British journalists visited Portugal at the invitation of the Sociedade Propaganda de Portugal, the texts they published, which were intended essentially for the promotion of tourism, are paradigmatic examples of travel journalism.

Miguel Oliveira, “The Portuguese Mr. Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*”

Accepting reality and identity as a challenge humans have always tried to escape, we prefer looking for Otherness elsewhere and imagining a place free from social constraints. The need for such a place in Western societies gave birth to the Oriental myth. Edward Said suggests Orientalism as a concept describing Western prejudices towards the distorted East. This essay aims to study Orientalism and Oriental representations in *Ulysses* (1922), by James Joyce, considering a possible relationship with *Uma Viagem à Índia* (2010), by Gonçalo M. Tavares. We aim to study how Oriental themes influence the narratives and understand the role of journeys in accepting reality and identity.

Biographical Notes

David Evans has lived in Lisbon since the second half of the sixties. The greater part of his professional career was spent at the British Council in Lisbon where he retired as Director of English Studies. Last year he finished a Doctorate at Universidade Nova in Modern Literatures and Cultures. In addition to working as an artist and translator he is a research member of CETAPS and as such has taken part in many Conferences and other academic meetings. He was one of the founders and a former President of the English-Speaking Union in Portugal.

Gabriela Gândara Terenas is a Full Professor and the Executive Coordinator of the Department of Modern Languages, Cultures and Literatures at NOVA FCSH, where she has taught many different subjects, including Anglo-Portuguese Literary and Cultural Studies, Translation Studies, History of Britain, English Literature and Culture, and North-American Literature and Culture. Her special area of interest is Anglo-Portuguese Studies, a field in which she has published more than fifty studies, including articles, chapters of books and the two following books: *Entre a História e a Ficção: as Invasões Francesas em Narrativas Portuguesas e Britânicas* (Lisboa: Editora Caleidoscópico, 2012); and *O Portugal da Guerra Peninsular. A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)* (Lisboa: Edições Colibri, 2000/2nd edition: 2010). Within the area of Anglo-Portuguese Studies she coordinates

the Research Project “Cross-Cultural Anglo-Portuguese Discourses and the Press (20th Century)”.

Iolanda Ramos is an Associate Professor at NOVA University of Lisbon and a researcher at CETAPS on the projects “Mapping Utopianisms” and “Anglophone Cultures”. She has published mainly on Cultural Studies, Utopian Studies, Food Studies, Victorian Studies and neo-Victorianism. Among her publications are “Steamfunk: Remembering Black Futures in Nisi Shawl’s *Everfair*” (with Judith Rahn, in *Black Neo-Victoriana*, Brill, 2022), “Alternate World Building: Retrofuturism and Retrophilia in Steampunk and Dieselpunk Narratives” (*Anglo Saxonica*, 2020), and *Matrizes Culturais: Notas para Um Estudo da Era Vitoriana* (Colibri, 2014). Her doctoral thesis on John Ruskin’s social and political thought was published by the Gulbenkian Foundation in 2002. Her research interests cover 19th- to 21st-century culture and include speculative fiction, identity, gender, visual and cross-cultural issues. Email: iolanda.ramos@fsh.unl.pt Ciência ID: <https://www.cienciavita.pt/portal/411B-1B4C-4374>

João Paulo Ascenso Pereira da Silva is Assistant Professor in the Department of Modern Languages, Cultures and Literatures at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, where he teaches English Culture, 18th and 19th century English Literature and Anglo-Portuguese Studies, since 1992. He holds both an MA and a PhD (Universidade Nova de Lisboa) in Anglo-Portuguese Studies and his main research fields are Anglo-Portuguese literary and cultural relations in the Augustan, Romantic and Victorian Ages as well as 18th, 19th and 20th century travel writing on Portugal. His most recent fields of interest are Media Studies and Media History. He has participated in national and international academic venues and published dozens of papers and several book chapters. Both his MA and PhD dissertations (entitled *Memórias de Portugal, a Obra Lusófila de John Adamson* and *Temas, Mitos e Imagens*

de Portugal numa Revista Inglesa do Porto: the Lusitanian 1844-1845) were respectively published in 1990 and 2001, the latter one by the Calouste Gulbenkian Foundation. He is co-author of the volume *an Account of the Kingdom of Portugal /Relação do Reino de Portugal (1701)*, which was edited by the Portuguese National Library in 2007.

Jorge Bastos da Silva is the author and editor of several books, among which: *Em Torno de Walter Scott. Problemáticas de Identidade*, 2021; *Anglolutosofilias. Alguns Trânsitos Literários*, 2018; *English Literature and the Disciplines of Knowledge, Early Modern to Eighteenth Century: A Trade for Light*, 2017; *Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, 2014; *A Instituição da Literatura. Horizonte Teórico e Filosófico da Cultura Literária no Limiar da Modernidade*, 2010; *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações*, 2005.

Luis Henrique Menezes Fernandes holds a PhD in History from the University of São Paulo. He has served as a collaborating professor at two Brazilian universities, being responsible for several disciplines in the Humanities. Currently, he is an integrated member of the Center for Portuguese Literature at the University of Coimbra, where he conducts a research work supported by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT).

Miguel Alarcão holds a BA in Portuguese and English Studies (1981), a MA in Anglo-Portuguese Studies (1986) and a PhD in English Culture (1996), awarded by NOVA FCSH, where he lectures as Associate Professor. He was also Colloquial Assistant in Portuguese at the University of Birmingham (late 1980s), Director of the Central Library (2001-2009) and Co-Coordinator of the Faculty's earliest research group on Medieval Studies (1999-2004). Author of *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837)*, 2001 (out

of print) and *'This royal throne of kings, this sceptred isle': Breve Roteiro Histórico-cultural da Idade Média Inglesa (Séculos V-XV)*, 2014, plus 5 co-editions and around 80 articles in *Festchriften*, proceedings and academic journals.

Miguel Ribeiro Pedras is a PhD student in Contemporary History at NOVA FCSH with the thesis *The Marquis de Soveral: Political and Diplomatic Action (1891-1910)*. He is a researcher at the Institute of Contemporary History (IHC/NOVA FCSH) and the author of the book *Viajar com os Reis de Portugal: Seis Séculos de Jornadas ao Estrangeiro da Família Real Portuguesa* (A Esfera dos Livros, 2020).

Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva is a PhD student in Modern Languages and Cultures at NOVA FCSH and a member of CETAPS. He was part of the panel of the conference "U100: Centenary of Ulysses, by James Joyce" in May 2022. He received the merit award for best graduate of the Languages, Literatures and Cultures course at NOVA FCSH in 2017. E-mail: miguel_oliveira228@hotmail.com

Rogério Miguel Puga has a PhD in Anglo-Portuguese Studies and he is an Associate Professor at NOVA FCSH where he coordinates the Undergraduate Programme in Languages, Literatures and Cultures. His research interests are Contemporary English Literature, Travel Writing, Anglo-Portuguese Studies and Post-Colonial Studies.

Rui Moura is a retired Major-General of the Portuguese Army. He had a career in both operational and staff positions, with several overseas deployments, and was a teacher at the Army and Armed Forces War Colleges. In 2008, whilst commanding Regimento de Infantaria 14, in Viseu, he researched and wrote the Regimental History and, since then, he has written and lectured extensively on Military

BIOGRAPHICAL NOTES

History and on the Napoleonic Wars, both in Portugal and the UK. His publications include several biographies, namely of lieutenant-colonel James Ward Oliver and general Pamplona Corte Real, Count of Subserra. He is an associated member of the *Portuguese Military Review*, the Sociedade de Geografia de Lisboa, the British Historical Society of Portugal, and is Vice-President of the Friends of the British Cemetery, Elvas. Some of his papers can be found at <https://independent.academia.edu/RuiMoura2>

Teresa Pereira holds a MA and a PhD in Modern Literatures and Cultures from NOVA FCSH, and she is a researcher at the Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS). In both her MA and PhD, she comparatively studied literature and video games, and received the award “Melhores Mestres” for the work she developed during her Master’s and a FCT PhD Studentship to write her PhD thesis. Teresa Pereira has just finished a second MA in Teaching English and Spanish as Foreign Languages and her main research interests are Game Studies, Literary Studies, Cultural Studies, English and North-American Studies, Anglo-Portuguese Studies, Foreign Language Education, and Intercultural Citizenship Education.

Publication Ethics and Publication Malpractice

The editor of the journal is responsible for deciding which of the articles submitted to the journal should be published. The editor may be guided by the policies of the journal's editorial board and constrained by such legal requirements as shall then be in force regarding libel, copyright infringement and plagiarism. The editor may confer with other editors or reviewers in making this decision. The editor will at any time evaluate manuscripts for their intellectual content without regard to race, gender, sexual orientation, religious belief, ethnic origin, citizenship, or political philosophy of the authors. The editor and any editorial staff must not disclose any information about a submitted manuscript to anyone other than the corresponding author, reviewers, potential reviewers, other editorial advisers, and the publisher, as appropriate. Unpublished materials disclosed in a submitted manuscript must not be used in an editor's own research without the express written consent of the author.

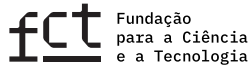
Peer review assists the editor in making editorial decisions and through the editorial communications with the author may also assist the author in improving the paper. Any selected referee who feels unqualified to review the research reported in a manuscript or knows that its prompt review will be impossible should notify the editor and excuse himself from the review process. Any manuscripts received for review must be treated as confidential documents. They must not be shown to or discussed with others except as authorized by the editor. Reviews should be conducted objectively. Personal criticism of the

author is inappropriate. Referees should express their views clearly with supporting arguments. Reviewers should identify relevant published work that has not been cited by the authors. Any statement that an observation, derivation, or argument had been previously reported should be accompanied by the relevant citation. A reviewer should also call to the editor's attention any substantial similarity or overlap between the manuscript under consideration and any other published paper of which they have personal knowledge. Privileged information or ideas obtained through peer review must be kept confidential and not used for personal advantage. Reviewers should not consider manuscripts in which they have conflicts of interest resulting from competitive, collaborative, or other relationships or connections with any of the authors, companies, or institutions connected to the papers.

The authors should ensure that they have written entirely original works, and if the authors have used the work and/or words of others that this has been appropriately cited or quoted. An author should not in general publish manuscripts describing essentially the same research in more than one journal or primary publication. Submitting the same manuscript to more than one journal concurrently constitutes unethical publishing behavior and is unacceptable. Proper acknowledgment of the work of others must always be given. Authors should cite publications that have been influential in determining the nature of the reported work. Authorship should be limited to those who have made a significant contribution to the conception, design, execution, or interpretation of the reported study. All those who have made significant contributions should be listed as co-authors. Where there are others who have participated in certain substantive aspects of the research project, they should be acknowledged or listed as contributors. The corresponding author should ensure that all appropriate co-authors and no inappropriate co-authors are included on the paper, and that all co-authors have seen and approved the final version of the paper and have agreed to its submission for publication. All authors should disclose in their manuscript any financial or other substantive conflict of interest that might be construed to influence

the results or interpretation of their manuscript. All sources of financial support for the project should be disclosed.

When an author discovers a significant error or inaccuracy in his/her own published work, it is the author's obligation to promptly notify the journal editor or publisher and cooperate with the editor to retract or correct the paper.



Financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto: UIDB/04097/2020

